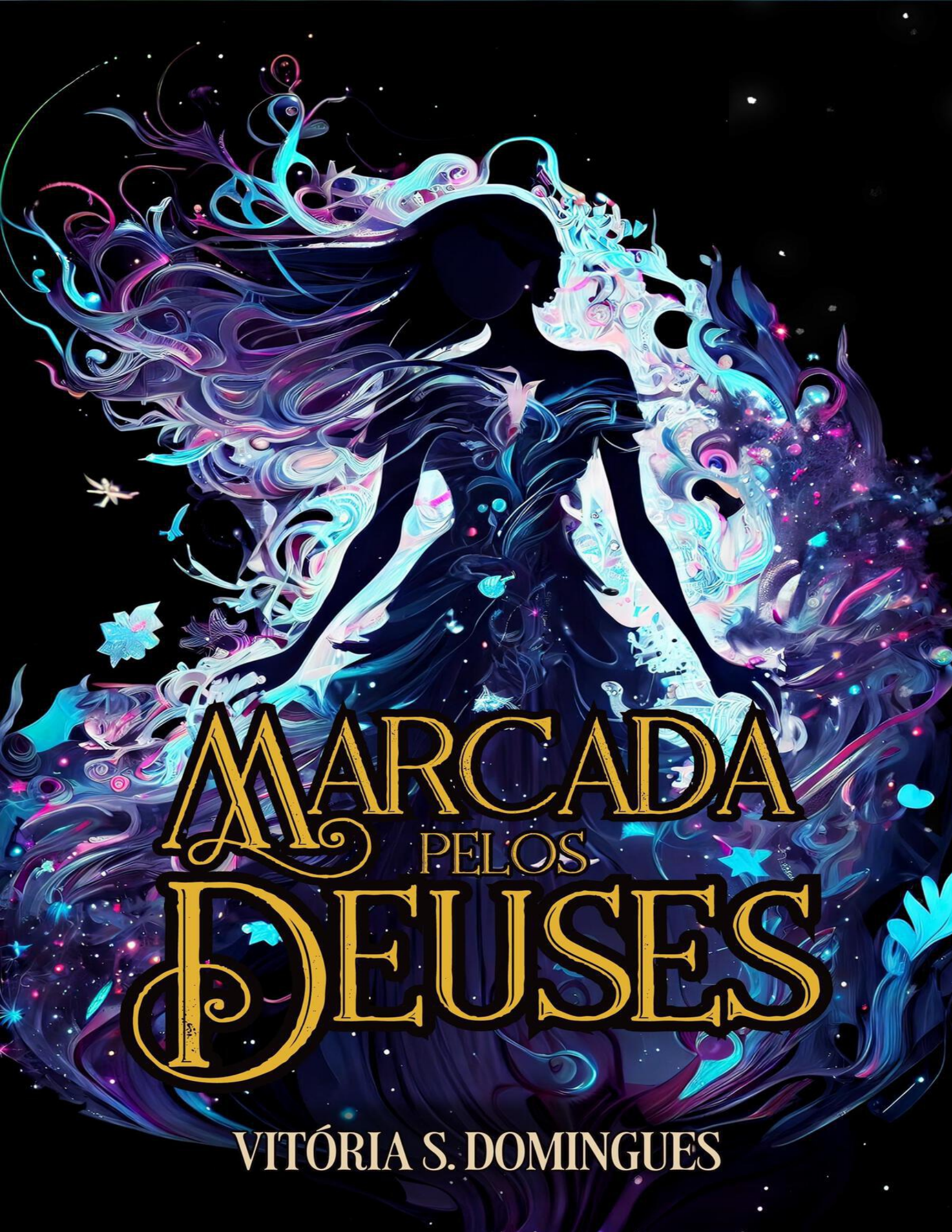
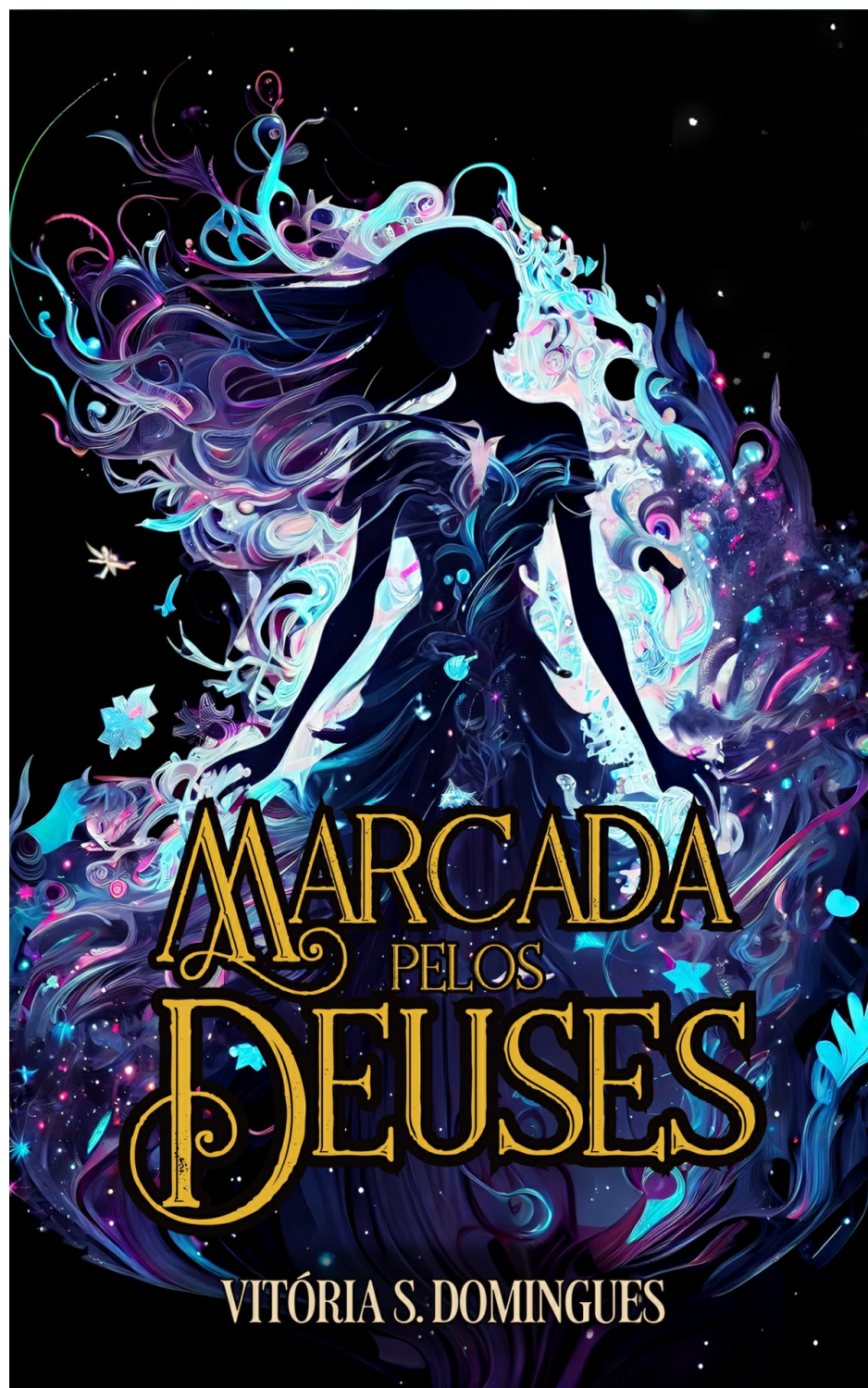




MARCADA PELOS DEUSES

VITÓRIA S. DOMINGUES





MARCADA PELOS DEUSES

MARCADA PELOS DEUSES

1ª Edição.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: @glancelloti.art

Beta: Laura F. Galvão.

Ilustração: Taíssa Emanuely

Revisão: Stephany Cardozo Gomes

Diagramador: Andresa Rios

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO DA LÍNGUA PORTUGUESA.



DEDICATÓRIA:

*Dedicado a vocês que lutam diariamente
contra seus próprios monstros. Eu sei que cansa,
mas não desistam.*

AVISO:

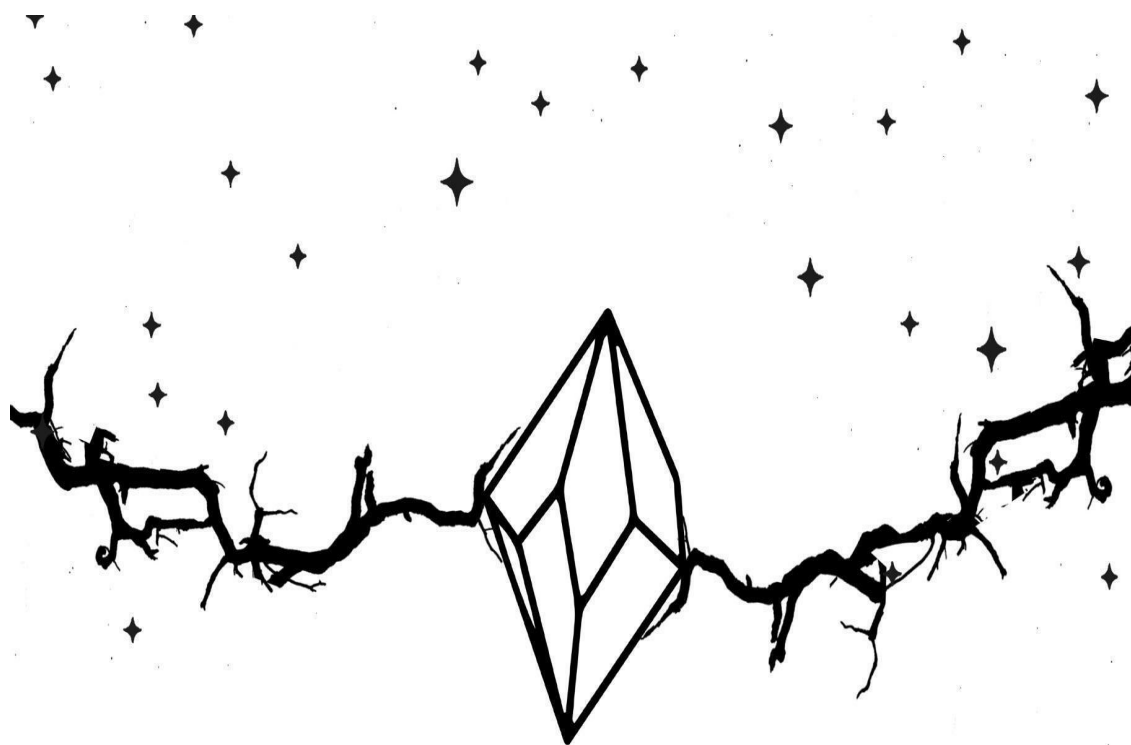
Quero começar agradecendo por você ter dado uma chance ao meu primeiro livro, foram muitos anos sonhando e finalmente está entre nós e espero que você goste.

Agora vamos aos avisos: O livro não é recomendado para menores de 16 anos, contém palavras de baixo calão, violência física e mental, temos personagem que sofre de depressão e ansiedade gerando cenas de ataque de pânico além de tentativa de suicídio.

SE QUALQUER UM DESSES GATILHOS NÃO TE FIZER BEM, NÃO COMECE A LEITURA. SUA SAÚDE MENTAL É MAIS IMPORTANTE.

Mas se vocês estão de acordo com os temas, espero que gostem e lembrando:

Marcada Pelos Deuses é uma história puramente fictícia, os personagens podem parecer muito reais para mim, no entanto nenhum deles foi baseado em nenhuma pessoa real e qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.



PRÓLOGO

sol e lua

Ela estava presa novamente.

As paredes fechavam ao seu redor, enquanto o único som que se ouvia eram seus joelhos batendo no chão ao cair. A luz vinha da única janela do quarto, o qual ela conhecia tão bem, e seus olhos miravam os dedos de suas mãos sem realmente focar em nada, sentindo o chão frio e o vento gelado.

— Por que todos eles têm medo de você, minha querida?

A voz veio de um canto escuro da parede, as sombras pareciam brincar naquela escuridão, e seu peito se apertava ainda mais ao pensar que elas estavam em busca de cobrir cada pedaço da sua alma.

— Quem é você? — foi com sacrifício que aquela pergunta saiu de seus lábios, quando sua garganta parecia arranhada, como se ela gritasse há horas.

E ninguém ouvia.

— Você esqueceu a voz do seu pai, criança? — A criatura das sombras saiu de lá, e a garota ergueu o rosto, para se deparar com aquele sorriso dourado que tanto sonhou em reencontrar.

— Pai?

Ele aumentou o sorriso e abriu os braços para ela ir até ele, letárgica, ela se ergueu aos poucos do chão, seus joelhos tremiam, como se para segurar-lhe no lugar.

Então veio a voz, chamando seu nome.

— Devika!

Tudo parou na mesma hora. Seus movimentos eram lentos, e seu rosto virou parcialmente para a porta.

— Devika! — a voz repetiu, vinda do outro lado da porta de forma desesperada e rouca.

Devika. Ela. Conhecia essa voz e a quem pertencia.

— Você não precisa dar atenção a ninguém mais, não precisa ajudar, eu estou aqui agora, minha filha.

A voz soltou um rugido de pura agonia, e o barulho de algo batendo contra a porta fez seu peito tremer e reagir, Devika começou a se virar.

Ela sabia quem ele era, conseguia ver seu sorriso brilhante e aquecido. Ele era sol e beleza, enquanto ela era apenas tempestade e escuridão, mas talvez, ainda assim...

— Devika, abra a porta, por favor — a voz sussurrou como se ecoasse dentro dela mesma.

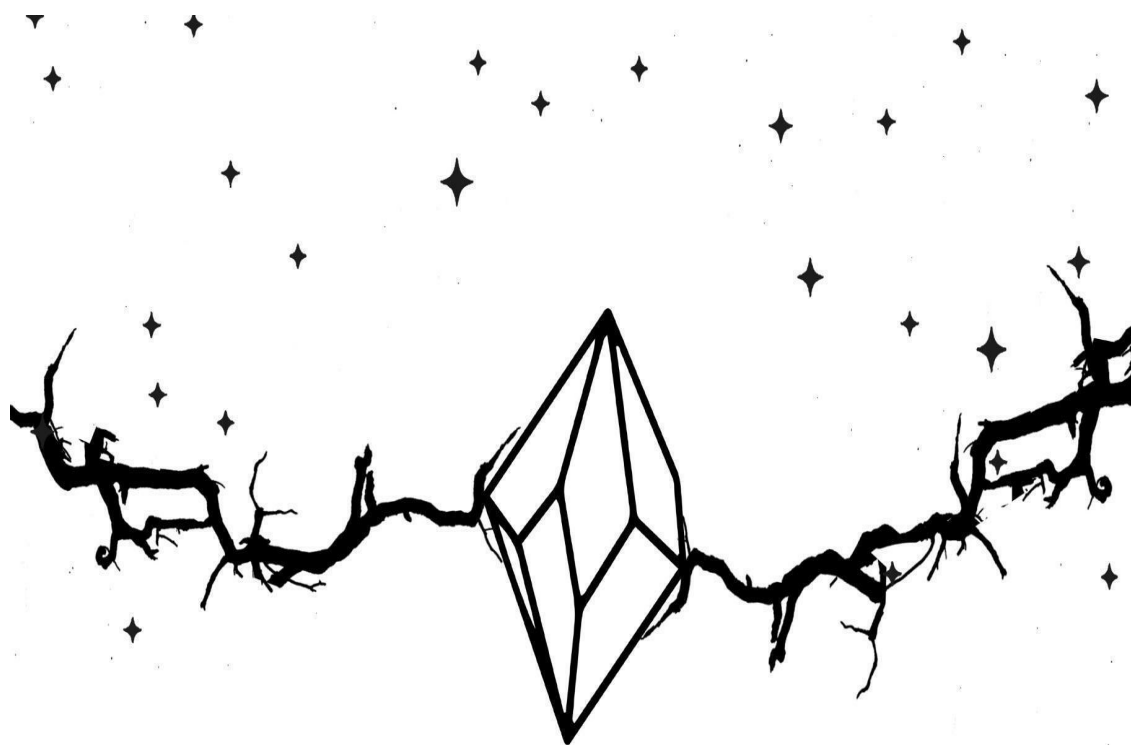
— Por quê? — ela soprou, via de canto de olho seu pai se aproximando.

— Porque sem você, eu não tenho razão para voltar. — Sua sincera confissão quebrou algo dentro de si, e ela deu aquele primeiro passo, para que, de alguma forma, conseguisse responder a ele.

Seu pai agarrou seus braços, suas sombras lembrando-a de onde ela vinha.

A dor veio de dentro dela, o peso do seu corpo a levou ao chão quando ela percebeu que tudo que foi imposto a ela simplesmente não valia a pena, nesse segundo, quando a dor que sentia, vinda do lado de fora, era demais para ela conseguir seguir em frente e simplesmente desaparecer.

E foi nessa hora, que a luz mais brilhante estourou, pronta para iluminar o mundo.



CAPÍTULO 1

Em uma torre

A luz vinha da pequena janela do quarto que ela conhecia muito bem.

Estava banhada pela pequena luz azulada que vinha diretamente da lua, parecia ser uma noite bonita, onde ela poderia ouvir músicas e dançar até o dia começar. Conseguia sentir o cheiro das comidas ao redor da praça, das gargalhadas e do vento fresco batendo em suas bochechas enquanto seu pai a jogava tão alto, que ela achava que poderia alcançar a lua.

Mas ao piscar os olhos, ela viu que tudo aquilo não passava de uma ilusão. A brisa fresca tinha desaparecido, sendo substituída pelas sombras, que eram sua maior companhia na maioria dos dias.

Exceto hoje. Percebeu isso quando ouviu o tintilar pesado das chaves ao baterem contra a porta, e a luz das tochas no corredor revelaram uma jovem garota que tinha a sua idade, a luz do corredor fazia sua pele negra parecer dourada, os cachos negros e pesados caíam de forma organizada em uma trança no rosto bonito de lábios grossos e olhos esverdeados, sua belíssima

amiga fora vendida pelo pai para ficar naquele lugar e ser a única companhia autorizada para Devika.

— Dev — a menina disse com urgência, ao encostar a porta suavemente e correr até ela.

Devika estava sentada na poça que era seu longo vestido, as mangas longas e folgadas escondiam seus braços brancos e delicados, seus cabelos dourados e sempre rebeldes quase tocavam no chão quando ela estava sentada, e apesar de normalmente se levantar para receber a amiga, hoje ela se sentia especialmente cansada.

— Devika! — repetiu Aleena, com sua voz urgente mais firme. Ela correu até a cama no canto do quarto de Devika, abrindo o baú que continha apenas vestidos, como o que estava usando agora, e jogou vários na bolsa que só nesse momento Devika percebia estar nas mãos dela.

A loira finalmente levantou, seus olhos piscando de forma confusa e rapidamente observando ao redor, para entender o que havia de errado. Seus olhos notaram os dois guardas que costumavam ficar em sua porta sentados de maneira desleixada no chão: desacordados.

— Aleena — ela enfim despertou, correndo até a amiga, apesar de ter uma estatura menor que Devika, a garota sabia que Aleena conseguiria derrubar um homem com o dobro do seu tamanho, exatamente como fez com os guardas. — Aleena, pare, o que está acontecendo?

— Você vai fugir hoje.

Devika soltou uma risada baixa e sem muito humor.

— Você sabe que não consigo.

E não porque não tinha tentado. Ela estava naquele local há quase dez anos, saindo para fazer apenas as coisas que seu tio a obrigava a cumprir, em troca da segurança de sua família, razão essa pela qual Devika ainda estava naquele lugar.

Viva.

— Hoje você conseguirá. — Aleena parou de arrumar suas coisas, suas mãos calejadas apertaram as mãos de Devika, que notou as lágrimas acumuladas no rosto da mesma.

— O quê? — Devika afastou suas mãos, que começaram a tremer, sentindo como se seu pior pesadelo tivesse acontecido, a menina deu um passo para trás. — Onde estão Edlynne e minha mãe?

— Não, Dev... — recomeçou Aleena.

— Onde estão elas? — Devika não tinha gritado, sua voz mal passando de um tom mais alto que o sussurro, mas as luzes no corredor começaram a tremeluzir.

— Dev!

A voz da sua doce irmã veio de trás dela, virando o corpo, Devika viu sua irmã mais nova parada à porta, doce, pequena e linda como sempre, a luz de sua vida, e Devika relaxou mais, quando abriu os braços para Ed correr até lá, no entanto, reparou que a mão da pequena segurava alguém. Devika ergueu o rosto de Edlynne para a pessoa que lhe acompanhava, encontrando um rosto muito parecido com o de sua irmã, apenas mais velho, e nessa hora, a loira quase desabou

no chão.

— Mãe?

A mulher soltou a mão de Edlynne, dando um sorriso delicado para a menina ao passar para frente, ela correu até Devika, esmagando a filha em um carinhoso abraço, conforme chorava e beijava cada canto do rosto estupefato de Devika.

— Como você cresceu, minha criança, minha doce criança — a mulher falava, se afastando apenas o bastante para ver o rosto de Devika e ergueu as mãos, para limpar as lágrimas que começavam a escorrer dos olhos da filha. — Desculpa a demora.

— Mãe! — soluçou Devika como nunca, como não chorava há mais de sete anos, desde o dia em que seu tio colocou a poção de sono em sua mãe, para que elas nunca mais ousassem tentar fugir. — O quê? Como?

— Mulheres, eu sei que essa reunião era mais do que esperada, mas não temos tempo. — Aleena apressou, colocando a bolsa nos ombros de Devika, e em seguida buscou uma capa, jogando para Devika vestir. — Temos que ser rápidas, por mais que os dois guardas da porta demorem para acordar, a próxima ronda não vai demorar a passar.

Devika acenou com a cabeça, enxugando as lágrimas, ela deu um beijo no rosto de sua mãe e correu até Edlynne para segurar em sua mão, já preparada para o que quer que Aleena estivesse planejando. Ela não ligava para o que fosse, com sua família ao seu lado, ela ousaria tentar e dar essa última chance, pelo bem delas.

Aleena passou na frente delas depois de fechar a porta do quarto e seguiu pelo corredor, andando a passos rápidos até uma estátua no fim dele e acenando para Devika lhe ajudar com um grande empurrão. Ed tomou um pequeno susto, se agarrando mais à mão da mãe, quando uma escadaria foi revelada no chão, e Aleena as empurrou, para que todas descessem.

Acendendo uma tocha, sua amiga passou novamente na frente e pediu para todas a seguirem de forma silenciosa, o barulho de seus sapatos batendo em terra e pedras abafava o barulho dos animais que deviam viver naquele subsolo. A luz da única tocha fazia sombras na parede que fariam a maioria das pessoas temer o que tinha lá, em um reino onde pesadelos se tornavam realidades, era compreensível, porém para Devika, as sombras lhe davam uma sensação de paz e familiaridade que trazia um certo conforto, porque as sombras nunca assustaram a ela.

As luzes sim.

No fim do corredor, elas sentiram o vento primeiro, antes de verem a luz, que começava a clarear e afugentar as sombras, Aleena já estava na frente, a tocha aos seus pés, conforme ela desfazia um nó na corda do pequeno barco que esperava na água escura.

Devika não fez perguntas quando ajudou sua mãe e Edlynne a entrarem no barco e olhou para Aleena, esperando uma explicação.

— Seu estúpido tio estava pronto para te vender para o rei de *Hórus* em troca do título que ele tanto deseja. — Aleena jogou a bolsa de Devika no barco e terminou de soltar os nós. — Eu não estou sozinha, Dev, desculpa nunca te contar, eu não queria te dar esperanças, mas vinha procurando uma forma de te tirar daqui e sabia que não sairia sem sua família. — Ela acenou para que Devika entrasse no barco, e assim ela o fez, tentando absorver tudo. — Consegui a poção do despertar há pouco mais de duas semanas, tive que acelerar o processo, mas vai dar tudo certo — murmurou, mais para si do que para Devika, e ergueu uma mão para segurar a da

sua amiga mais preciosa. — Esse barco vai passar pelas beiradas da cidade, ele vai parar em Strongmeadow, lá, vão achar você e te ajudar. — Aleena deu um empurrão no barco com o pé, os olhos de Devika arregalaram, e ela correu até a beira do barco. Aleena sorriu. — O que eu sempre falo a você?

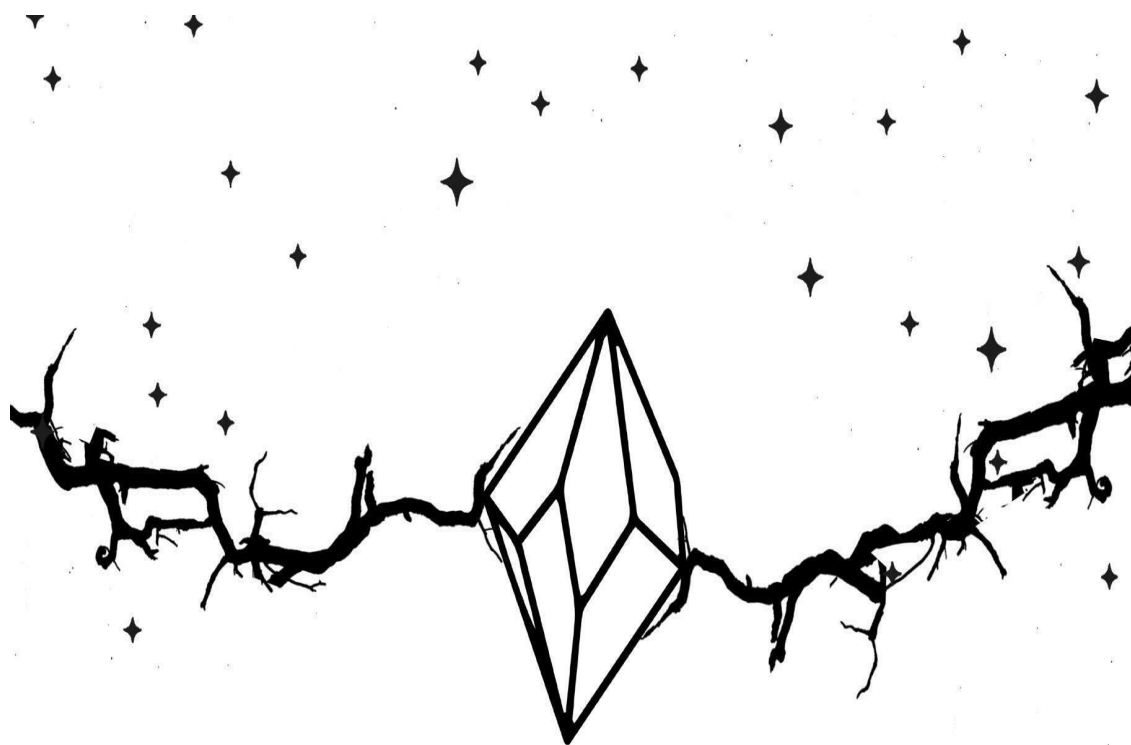
— Que fomos destinadas a nos encontrar.

— E com o destino não se brinca, eu vou te encontrar, Dev. — Apesar do sorriso e do olhar firme, Devika sabia que sua amiga estava louca para chorar, como sempre fazia ao ler livros com finais tristes.

Devika fixou os olhos acinzentados na amiga e acenou com a cabeça, e aquele sorriso que era direcionado a poucos, brotou em seus lábios rosados.

— Eu vou te esperar.

Aleena gargalhou, deixando uma lágrima escorrer, e acenou para as três mulheres quando o barco começou a navegar com a ajuda de Devika forçando o remo, a luz da noite fazendo seu trabalho para esconder e protegê-las. Aleena limpou as lágrimas ao acenar com a cabeça e virar de volta para o castelo, a fim de cumprir o resto do plano que deram a ela.



CAPÍTULO 2

A lua

Devika estava ajoelhada no chão, seus cabelos dourados não tão longos quanto atualmente cobriam seu rosto, enquanto lágrima após lágrima era derramada no chão e em seu vestido. Em seus braços, estava a pequena Edlynne de três anos, chorando junto dela, que gritou quando uma mulher mais velha tentou tomar a menina de seus braços, fizeram tanta força ao redor da caçula, que a ferida recém-aberta em seu braço voltou a sangrar.

— É culpa sua, minha sobrinha — seu tio falou, imponente e sério atrás dela, observando aquela cena que ele considerava patética. — Você não soube esconder o que sentia e perdeu por causa disso. — O homem andou até a adolescente de pouco mais de treze anos e parou ao seu lado, observando a irmã adormecida na cama, o corpo pequeno de Devika tremia de raiva, ao passo que as lágrimas silenciosas caíam e ela abraçava Edlynne como se fosse uma boia salva-vidas. — Não se preocupe, enquanto você fizer o que eu mandar, ela continuará viva. Sem mais tentativas de fuga, princesa, você ainda tem um membro da família acordado.

Dessa vez, Devika não teve como lutar conforme seu tio a segurava pelos braços, e a

mulher arrancava Edlynnne da irmã mais velha, o choro da criança foi como uma facada no coração de Devika, que sabia que não poderia fazer nada. A energia que corria pelo seu corpo não servia para ela, era uma maldição que lhe entregaram sem sua permissão, usada como moeda de troca para favorecer seu tio e deixá-la cada vez mais esquecida. Essa energia não servia para nada, mas serviria para manter sua família viva.

— Devika? — a voz delicada de sua mãe sussurrou em seu ouvido, sacudindo a filha mais velha, e Devika abriu os olhos, notando o céu que começava a clarear. Ela sentou de forma sonolenta, havia remado durante horas, focando apenas no horizonte, até que sua mãe a lembrou que a correnteza faria o resto, já que só tinha um caminho a seguir, e sugeriu que a filha dormisse. Devika se lembrava de ter recusado, porém pegara no sono mesmo assim. — Estamos chegando. Devika notou Edlynnne dormindo no colo da mulher e abriu um sorriso.

— Ela nem sequer acha a situação estranha — falou baixinho, para não acordar a menina. — Não se lembra de você acordada, ainda assim, está no seu colo.

— Eu sou a mãe dela, afinal. — Ela ergueu a mão livre para tocar em Devika. — E sua também.

Devika abaixou os olhos, incrivelmente envergonhada, à medida que as palavras do tio ecoavam em sua mente, se ela tivesse escondido melhor o que acontecia, sua mãe não tentaria, inutilmente, fugir com as filhas, nem teria ficado, durante anos, presa em uma magia, adormecida e perdendo o crescimento de Edlynnne.

— Desculpa — Devika soprou.

— Devika, olhe para mim — sua mãe pediu, e a menina ergueu os olhos, voltando a ser apenas uma criança. — Eu nunca deveria ter procurado ajuda do seu tio, deveria ter pegado você e Ed muito mais cedo e vivido com vocês longe de tudo. — Ela pausou e olhou para o amanhecer, Devika sabia o que viria a seguir sem nem precisar perguntar. — Mas sem seu pai, eu me perdi um pouco. Me desculpa, minha pequena.

Devika sabia daquilo, porque ela também tinha se perdido um pouco, seu pai era o centro da sua pequena família, sempre sorrindo e as protegendo dos monstros das sombras. Quando pequena, ele usava seus poderes para brincar com Devika, que estava começando a alcançar os seus, até que certo dia... Ele apenas se foi.

Sua mãe estava grávida de cinco meses na época, e quando Edlynnne nasceu, ela recebeu uma carta do seu irmão, falando para ela voltar para casa com suas filhas que ele ajudaria a procurar o marido dela.

Só basta dizer que ele não ajudou.

— Vamos aceitar as desculpas, e ninguém precisa se culpar, o que acha? — brincou Devika, fios de cabelo voando ao vento à medida que escapavam da longa trança.

— Trato fechado.

Devika sorriu novamente e olhou para frente, não muito longe, ela já conseguia ver sinais de fumaça adentrando a floresta que as ladeava. A aldeia de Strongmeadow não deveria estar muito longe. Para sorte de Devika, provavelmente ninguém naquela cidade reconheceria seu rosto, afinal, todos que se beneficiaram em cima dela eram filhos da puta da nobreza. Enquanto sua mãe despertava Edlynnne, ela decidiu olhar o que Aleena tinha separado nas duas sacolas que estavam com elas, sua amiga não tinha explicado muita coisa, porém Devika confiava nela com a

vida. Aleena estava com ela desde que tinha onze anos, quando o pai de Aleena vendeu a filha para o rico em ascensão, que era seu tio, em troca, claro, de um frasco do sangue de Devika.

Jogando o pensamento para um canto de sua mente, ela revirou a bolsa, encontrando uma bolsinha pesada de moedas – que Aleena, para conseguir, provavelmente roubou coisas da mansão para vender -, algumas roupas e uma adaga, que Aleena havia tentado lhe ensinar um pouco sobre como usar. A própria menina tinha aprendido a se defender com os guardas do seu tio ou da cidade, que não resistiam ao charme dela, apesar disso, Devika supunha que tinha uma parte da vida de sua amiga que ela não conhecia, já que ela conseguiu ajuda e contatos para organizar essa fuga para elas.

— Onde estamos? — Devika escutou a voz de sua irmã perguntar e virou para a menina com um sorriso.

— Vamos entrar numa jornada em busca do nosso lar — falou em um tom de mistério e brincadeira. Os cabelos da mesma cor que os de Devika, mas muito mais cacheados, que foram puxados à sua mãe, emolduravam o rosto angelical da criança quando ela sorriu, como se soubesse de toda a verdade.

— Nunca mais vamos ver o tio Henrick?

— Se depender de mim, nunca mais — sua mãe afirmou com raiva, e Devika escondeu a risada, lembrava de seu pai dizer, quando mais nova, que ela tinha o temperamento da mãe. Será que ainda tinha? Seu tio não tinha destruído esse lado dela também? — Devika, o que sua amiga quis dizer com encontrar alguém?

— Não tenho certeza — respondeu honestamente. Provavelmente, ouviria quem quer que fosse a pessoa por causa de Aleena, pediria para ela dar um recado à amiga e então continuaria sua viagem para o mais longe possível da casa de seu tio e de todo aquele reino. Ela ficou de pé, para buscar o remo e levar o barco até a margem, dali, não deveria ser uma caminhada muito longa até a aldeia, e ela estava com fome. — Vamos achar um lugar decente para descansar.



Havia tanta gente mesmo sendo tão cedo, que Devika se sentiu confusa e sufocada. As vozes e conversas vinham de todos os lados, a aldeia não era grande e nem parecia tão estruturada quanto outras que vira quando mais jovem, entretanto parecia ser preciosa para os moradores, que conversavam em frente à única padaria que elas viram e que já estava com uma fila bem grande. Na pequena praça, que tinha no seu centro uma árvore grande com um jardim bem cuidado, comerciantes começavam a montar suas barracas com comidas e mercadorias para vender para os viajantes que usavam essa cidade como passagem ou para os moradores ansiosos por novos objetos e roupas. Devika não esperava chamar atenção, visto que ninguém conhecia seu rosto, mas esquecera quão parecida era com seus pais, que diziam ter partido diversões corações na juventude. Com seu corpo esguio e longo no vestido que a fazia parecer mais nobre do que realmente era, seus longos cabelos dourados, mesmo trançados, brilhavam com o sol que despertava, e seus olhos lembravam nuvens tempestuosas, ela não queria chamar atenção e não tinha tempo para pensar se ela era, de fato, bela como seus pais e Edlynne, então, acenando para as duas mulheres, avistou uma placa de estalagem e entrou com sua família, sendo recebida pelo

cheiro fresco de café da manhã recém-feito.

Uma senhora com quase oitenta anos, que era do tamanho de Edlynne, saiu da cozinha ao ouvir o barulho de sinos na porta e sorriu para as visitantes.

— Olá, olá, que família linda. Como posso ajudá-las, queridas?

Sua mãe a poupou de conversar e passou na sua frente com um sorriso caloroso, Devika achava que não saberia exatamente como falar, sem parecer curta e grossa.

— Olá, bom dia. Eu queria um quarto para mim e minhas filhas, de preferência, algum que tenha banheiro com água quente. Estamos viajando há dias — acrescentou dramaticamente. — E se puder mandar um café da manhã caprichado para o nosso quarto, ficaria eternamente grata.

— Oh, nossa! Como recusar algo pedido dessa forma? — A senhora sorriu para elas e subiu num banquinho para alcançar as chaves do quarto, ela pegou uma com o número 11 e entregou para Noamh, sua mãe. — Só subir as escadas e seguir até o final do corredor.

— Muito obrigada.

Sua mãe sorriu para Devika, piscando o olho, e bagunçou o cabelo de Edlynne, segurando sua mão e sinalizando para que elas subissem até o quarto. Todas as portas do corredor estavam fechadas, porém Devika conseguia sentir o cheiro de comida e também as energias, que não passavam de um sopro nos hóspedes de lá, o que era comum, afinal, fontes de poderes mais fortes só vinham de Herdeiros e Descendentes - que eram, em sua maioria, nobres ou guerreiros - , por isso, ela estranhou quando sentiu uma energia fora do comum. Franziu a testa e um segundo depois, não sentiu mais nada.

— Dev! Dev! Olha o tamanho dessa cama — sua irmã gritou no final do corredor, puxando sua atenção de volta para elas, e Devika sorriu, andando apressadamente para entrar no quarto, que realmente deveria ser o melhor da estalagem. Ela sabia que tinha bastante moedas, mas não sabia se seria o suficiente. Vendo seu olhar preocupado, sua mãe apontou para a bolsa que levava agora no chão.

— Não se preocupe, enquanto Aleena me atualizava de tudo, tratei de pegar o bastante para o bastardo do meu irmão começar a pagar a dívida dele comigo. — Devika soltou uma risada, se sentando ao lado dela na cama, Edlynne já corria para o banheiro, a fim de encher a banheira. — Devika, você pode relaxar um pouco, estamos seguras.

— Por agora — a menina cortou de forma mais rude do que pretendia, entretanto, ao olhar para sua mãe, viu que ela entendeu e sorriu calmamente para a garota. — Eu só quero estar longe de tudo que me lembre do que eu sou.

— E quem você é, minha filha?

A resposta estava na ponta da língua e ao mesmo tempo, muito longe, e por sorte, ela não precisou responder, porque bateram na porta avisando que era o café da manhã, e com o ronco de sua barriga, as duas riram e foram receber a comida.



Devika tomava seu banho relaxadamente, ouviu quando sua mãe e irmã avisaram que estariam no andar de baixo da estalagem, para saber mais sobre a região. Devika queria acompanhá-las, mas sua mãe lhe deu uma bronca, dizendo que era uma mulher velha e sabia cuidar de si e das filhas, e Devika não teve escolha a não ser se afundar na banheira. A água morna relaxava seus nervos tensos, e a luz natural que entrava no banheiro era leve o bastante para não lhe incomodar. Seu olhar repousou nas marcas roxas em seus braços e nas pequenas cicatrizes, ela deveria sentir algo como dor ou mágoa olhando para essas marcas, porém tudo que sentia era raiva.

Valia à pena? Procurar vingança? Acabar com seu tio e todos os nobres que a usaram? Devolver cada dor que ela sentiu durante esses anos? A maior parte do seu corpo dizia que sim, valia muito a pena, e se fosse apenas ela, muito provavelmente realizaria essa vontade.

Contudo, não arriscaria o bem-estar da sua família novamente.

Afundando na banheira, a fim de molhar os longos cabelos, Devika se perguntou se deveria cortá-los, mas uma das poucas coisas que gostava em si mesma, eram seus cabelos. Quando seu tio a deixava de castigo por qualquer que fosse a razão, presa no quarto sem poder ver Aleena ou Ed, ela costumava fazer penteados em seus cabelos, pensava em formas em que os deixaria em diversas situações: e se fosse numa livraria? Em um baile? Um dia na praia? Caçando seu tio e lhe deixando em pedaços? Ah, esse era seu favorito.

No entanto, pensaria nisso uma vez que estivesse segura, seu plano imediato era achar o lugar mais seguro possível para morar com sua família. Devika não saía daquele lugar fazia muitos anos, e Aleena contava histórias de como o mundo estava do lado de fora, criaturas foram banidas dos reinos e obrigadas a morar nos lugares mais desertos, Herdeiros eram jogados para seguirem como guerreiros, a maioria tinha um núcleo de energia tão pequeno, que mal conseguia acessar o poder interno para realizar algum tipo de habilidade mágica, mas os melhores eram enviados para o Exército Vermelho do Imperador.

Já os Descendentes, aqueles que tinham relação direta com os deuses adormecidos, eram extremamente raros e mal passavam de lendas.

O que era bem verdadeiro, segundo Aleena, era aquilo que vivia nas sombras e caçava durante a noite, em busca de mais poder e de encontrar algo que apenas o Imperador sabia exatamente o que era. Entretanto, tudo isso era uma preocupação para depois, ela não era habilidosa o bastante com adaga, porém era muito inteligente e já lera milhares de livros durante esses anos, que a ajudariam a criar armadilhas e quem sabe, até poções para proteger as pessoas que amava. Contudo, seu Poder... Aquilo não. Ela não usaria de novo, jamais, porque só o pensamento de ter que acessar aquilo, causava arrepios e desespero, e não precisava deles para viver em um local seguro com sua família. Um passo de cada vez, e ela continuaria adiante.

Um pequeno barulho do lado de fora chamou-lhe atenção, ela teria pensado que era sua família, mas sentiu o seu centro de energia esquentar em aviso e ao olhar para a porta, podia perceber que quem quer que fosse, era bastante poderoso.

Levantando da banheira, Devika puxou sua lingerie, vestindo rapidamente, o vestido de seda curto colou nela graças ao corpo ensopado, seus cabelos molhados, que batiam pouco abaixo da sua cintura, grudaram em seu rosto e costas, ainda assim, ela pegou a adaga que tinha levado consigo para o banheiro e segurou, enquanto andava silenciosamente até a porta.

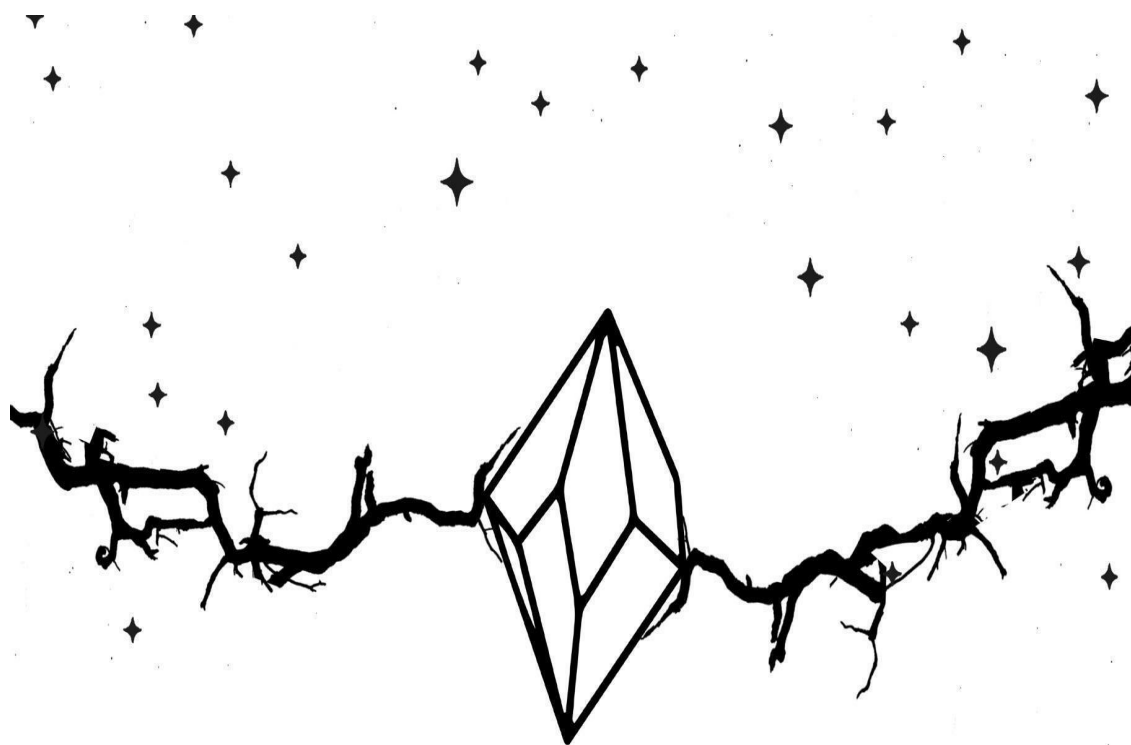
Ouvia vozes do lado de fora, e o que antes era apenas uma pessoa, parecia ser mais de uma. A primeira voz, dona da energia que lhe chamou atenção, falou algo que fez a outra pessoa sair do quarto, e então, se fez silêncio.

De repente, a energia pareceu ter desaparecido, e ela poderia afirmar que não tinha mais ninguém no quarto, mas seu instinto dizia que não era verdade.

Abrindo a porta devagar, saiu do banheiro pé ante pé, mas antes que saísse totalmente, notou um vulto ao lado da porta e ergueu a mão com a adaga, sem pensar duas vezes, em direção à pessoa, que foi extremamente habilidosa, ao passar por debaixo do braço dela e seguir para sua frente. Devika tentou atacar com a adaga novamente, só que a pessoa foi mais rápida, segurando no pulso de Devika, cuja mão continha a adaga, e o prendendo contra a parede, sob sua cabeça, e a outra mão segurou seu outro braço, usando seu corpo como escudo, para que ela não conseguisse fugir.

Devika trincou os dentes e olhou para cima – porque a pessoa era mais alta do que ela –, e seu olhar balanceou quando encarou o homem mais lindo que já tinha visto em sua vida, e ele era puramente luz, sonho e violeta.

— Estava procurando por você, Devika.



CAPÍTULO 3

O sol.

Ele ainda estava muito perto. Seu corpo era duro e resistente contra o fino tecido molhado que ela usava, Devika via as armas que ele estava usando, mas acima de tudo, sentia seu cheiro: era como grama fresca em um dia de verão, aconchegante e irresistível, os cabelos rebeldes e negros caíam na sua testa e tocavam sua bochecha, os lábios grossos estavam erguidos levemente em um sorriso, e seus olhos, seus olhos violetas pareciam que estavam lendo-a demais.

Devika não gostou daquilo.

— Como você sabe quem eu sou?

— Como não? — Ele sorriu, era desconcertante. — “Linda como um anjo, mas os olhos são como tempestade” — o homem misterioso citou, e Devika franziu a testa, porque já tinha escutado aquela frase antes.

— Aleena te mandou?

Ele acenou com a cabeça.

— Você chegou mais cedo do que o esperado, mas por sorte, a gente também se adiantou.

— A gente? — a menina questionou e em seguida, lembrou que ainda estava sendo segurada por ele. — Você pode me soltar agora?

— Você vai tentar enfiar a adaga em mim novamente? — retrucou de volta, Devika apertou os olhos, e ele riu, se afastando e erguendo as mãos, porém assim que deu um passo para trás, seus olhos desceram para o corpo dela, como se só agora se desse conta do quão pouco vestia. Ele pigarreou e apontou para o banheiro. — Se você quiser, pode se vestir.

Devika também tinha esquecido desse detalhe, e apesar das bochechas terem ficado ainda mais rosadas, ela fechou a cara e disse:

— Obrigada pela permissão — resmungou, pegando um robe, jogando sobre o corpo e amarrando na frente. — Estou decente o bastante, pode me explicar.

O homem já estava sentado no pequeno estofado perto da janela, uma perna dobrada, e a outra batendo no chão com suas pesadas botas, ele parecia tranquilo, entretanto seu olhar estava atento na rua.

— Me chamo Kalon — ele começou, voltando o olhar para ela e dando um sorriso leve. — Meus amigos e eu procuramos por um sinal de você há anos, alguns meses atrás, por meio de informantes, conhecemos Aleena, que nos disse que sabia onde estava a pessoa que procurávamos.

— Aleena não confia em qualquer um tão facilmente.

— É verdade, tivemos que provar que somos confiáveis. — Assentiu com a cabeça. — Ela pediu uma poção para despertar alguém que estava adormecido graças à mágica. — Ele olhou para Devika como se a analisasse, esperando que a menina confirmasse se essa poção era para ela ou não, no entanto, Devika não disse nada, contudo, se perguntou quando sua família voltaria para o quarto e esperava que o estranho não estivesse mais lá. — Certo, mulher de poucas palavras. — Ele assobiou, brincalhão, e Devika bufou, cruzando os braços e esperando pelo resto. — Aleena nos contou onde você estava e que seria difícil te tirar de lá, mas na verdade, foi bem fácil descobrir uma passagem secreta e criar um caminho seguro para que você chegasse até a gente.

— Certo... obrigada?! — ela perguntou, incerta, e Kalon deu uma pequena risada. Quando ele abriu a boca para responder, a porta foi aberta, e um outro garoto entrou.

O garoto jovem e bonito era esguio como uma espada e parecia tão afiado quanto, os cabelos negros eram lisos e estavam arrumados categoricamente para trás, revelando brilhantes olhos azuis, ele tinha uma energia bondosa, ainda assim, Devika recuou um passo para trás, e Kalon ficou de pé na mesma hora.

— Calma, ele é um amigo também.

— Também? Eu nem sei se você é.

Os dois presentes riram, e o de olhos azuis fez uma curta reverência para ela.

— Basilius Phelan, mas pode me chamar de Bas — ele falou com um sorriso doce, que não foi retribuído por Devika. — Só vim avisar que sua família está bem, elas estão com dois dos nossos.

Aquilo fez os olhos da loira arregalarem, e ela se apressou em correr até Bas, já apavorada, porém ele ergueu as mãos com tanta delicadeza, que ela parou.

— Está tudo bem, não vamos machucá-las. E nem a você, Devika.

— Que coisa chata. — Ela suspirou, virando-se para Kalon, que tinha parado bem atrás dela. — Vocês vieram por causa de quem eu sou? A reencarnação da grande deusa? A Salvadora?

Aquilo os pegou desprevenidos. Eles deveriam esperar que ela não soubesse quem era ou o que as antigas profecias diziam sobre? “Aquela que tiraria o mundo das Trevas e traria luz novamente.”

Devika soltou uma risada.

— Como...?

— Como eu sei? Vocês acham mesmo que eu não saberia o que tem dentro de mim? O que já me falaram? — ela não contou exatamente o que falaram para ela, nem como a maioria não era nem um pouco gentil consigo. — Era só isso? Bom, é fácil, voltem para onde vieram e me deixem em paz.

— Devika, você não entendeu... — começou Basilius suavemente, entretanto ela deu de ombros.

— Eu não preciso entender, não tenho absolutamente nenhuma intenção de ser A Salvadora de ninguém. — Ela deu meia volta para o banheiro, a fim de poder se arrumar corretamente. — Agora se me dão licença, vou me arrumar. Tenham um bom dia.

E fechou a porta do quarto.



Devika colocou mais um daqueles vestidos que ela costumava usar, cobrindo os braços e arrastando no chão, era louca para comprar um par de calças, já que seu tio nunca a deixava usar outra roupa que não vestidos nobres, porque a queria apresentável sempre que a forçava a usar seus poderes.

O que aqueles meninos disseram ainda estava em sua cabeça, porque deveria ter agradecido mais propriamente, perguntado de Aleena e pedido para eles guardarem um recado para a amiga. Contudo, foi o fato de que eles estavam ali pelo *que* ela era, que despertou uma fúria nela.

Estava cansada de pessoas ao seu redor que apenas a usavam, sem remorso e sem pensar no que tudo aquilo fazia com ela. Durante todos esses anos de amizade com Aleena, sua amiga nunca tinha pedido uma vez sequer para que Devika usasse seus poderes para benefício próprio.

E enquanto Aleena tinha todo o direito de odiar Devika por causa desses poderes - ela foi vendida por causa deles, afinal de contas -, Aleena apenas ofereceu compaixão e sua amizade em retorno. Devika queria ter essa mesma compaixão para si própria, porque às vezes odiava tanto o que era, que ficava difícil respirar.

Deixando esses pensamentos de lado, Devika focou no que podia fazer, que era manter sua família segura e feliz, todo o resto poderia vir depois. Descendo para encontrar com sua família no restaurante da estalagem, viu sua mãe e irmã conversando animadamente sobre algo que ela ainda não conseguia escutar e de canto de olho, detectou as energias poderosas, era estranho que não conseguisse perceber de longe, mas preferiu ignorar os quatro garotos reunidos numa mesa, todos olhando para ela quando apareceu.

— Qual é a da animação? — Dev perguntou, dando um beijo no rosto de cada uma, ao sentar com elas.

— Dev, vai ter um festival aqui hoje, e falaram que terá fogos! — Edlynne jogou as mãos para cima de forma empolgada, e Devika não pôde evitar sentir aquela chama de tristeza, ao lembrar que não apenas ela, mas Edlynne também ficou presa sua vida toda.

Sua mãe apertou sua mão, como se soubesse o que a filha mais velha sentia.

— Então vamos ficar aqui mais uma noite e curtir bastante — Devika respondeu, apertando o nariz da irmã, que soltou uma risada alegre.

— Está tudo bem, querida? — sua mãe perguntou, notando que Devika estava mais alerta e olhando continuamente para a mesa dos quatro garotos. Sua mãe acompanhou o seu olhar e riu. — Eles são bem bonitos, deveria falar com eles.

— O quê? — a loira perguntou, confusa e em seguida arregalou os olhos, negando com a cabeça. — Não, mãe, eu só estava...

— Paquerando? — sua mãe completou, e a menina ficou tão em choque, que não soube o que dizer. — Está tudo bem, meu amor, quando eu era jovem atraía bastantes olhares também.

— Não é... — começou a retrucar Devika, porém percebeu o olhar da sua mãe, que escondia por trás do sorriso a sua tentativa de normalizar a vida das filhas. Devika sorriu delicadamente. — Você está certa, talvez eu fale com um deles mais tarde.

— Essa é minha garota — Noamh sorriu e virou para Edlynne. — Você ainda não, ok?

— Não o quê? — perguntou a menina, com a boca cheia do ensopado de carne, e as duas riram.

Era aquilo que Devika queria. Apenas aquilo.



Durante a noite, aquela cidade rústica e pequena se tornara realmente bonita, com as lanternas penduradas por todo o centro, um grupo de cantores estava perto da árvore central, tocando músicas animadas, e várias pessoas com roupas simples dançavam ao redor, mais felizes do que nunca.

O cheiro da comida também era algo de outro mundo. Seu tio costumava alimentar Devika bem, por causa da perda de sangue – ele a odiava, mas a queria viva -, porém, raramente era algo que cheirava tão bem assim ou tinha um gosto tão divino quanto o doce que ela comia no espeto agora.

Edlynn corria na frente das duas mulheres, segurando um pequeno palito mágico que na ponta acendia uma brilhante chama dourada durante vinte minutos, custou duas moedas de prata, entretanto valeu a pena.

— Parece que te notaram, Dev — sua mãe comentou, e por um segundo, o coração da menina disparou de medo.

Seu tio tinha a rastreado? Encontrou-a tão rapidamente? Como fugiria de novo?

Ao se virar, suas preocupações fluíram como uma folha no vento, ao notar que quem estava se aproximando com um sorriso despreocupado era Kalon.

— Boa noite, senhoritas — ele falou educadamente, focando o olhar apenas em Devika. — Gostaria de pedir uma dança.

— Ela adoraria — sua mãe cortou a menina, antes que ela falasse algo, empurrando as costas dela para cima de Kalon, que segurou nos cotovelos dela para equilibrá-la. — Qualquer coisa, a gente se vê no quarto. Olha só, Edlynn está me chamando. Se divirta, querida.

Enquanto olhava incrédula para sua mãe nada discreta e que disparava na frente, escutou a risada harmoniosa de Kalon ao seu lado.

— Ela foi bastante sutil.

— Você percebeu? — brincou Devika, só para em seguida fechar a cara, o que ela estava fazendo? — O que você quer?

— Eu não já disse? Dançar com você.

Devika trincou os dentes, encarando os olhos exóticos do menino, e tentou notar se seus amigos estavam por perto, mas só conseguia sentir a ele, que estendia a mão para ela com inocência, como se não quisesse nada mais do além de que ela aceitasse.

— Uma dança — Dev aceitou, com um suspiro.

O sorriso que Kalon deu foi bem convencido, porém ele entrelaçou seus dedos com firmeza e a conduziu para onde as pessoas estavam dançando, a sensação da mão dele tocando

nela era diferente, um pouco estranha, visto que as únicas pessoas, durante muitos anos, que a tocavam com carinho assim, eram Aleena e Ed. Contudo, esse estranho a segurava com o mesmo carinho.

Assim que pararam por lá, um de frente para o outro, Devika lembrou de um detalhe: ela não sabia dançar. Nunca tinha dançado, exceto com seu pai quando era pequena, no chalé onde moravam. Kalon percebeu sua hesitação e jogou a cabeça para o lado, dando um curto sorriso.

— Não sabe dançar? — perguntou.

— Nunca pude tentar — respondeu Devika entre dentes, envergonhada.

— Está tudo bem, é bastante simples. — Kalon segurou em seus braços com delicadeza, colocando-os ao redor do pescoço dele, e as mãos do rapaz foram parar em sua cintura, enlaçando-a e a deixando tensa, apenas por um segundo, até ver o olhar dele suave. — É só se balançar com a música, quer saber um segredo? A maioria das pessoas não sabe o que está fazendo quando dança. — Aquilo tirou um tímido sorriso de Devika, que tentou esconder olhando para baixo, porém Kalon soprou uma risada em seu rosto, falando: — Então ela sabe sorrir.

— E agradecer — completou, antes que perdesse a coragem, a conversa estava tranquila, e ela queria falar aquilo logo. — Obrigada por ajudar Aleena a nos tirar de lá. — Ela tomou coragem, erguendo os olhos para ele, só para perceber que o garoto estava lhe observando esse tempo todo. — Vocês, hm, sabem quando Aleena vai entrar em contato de novo?

— Esperamos que em breve, ainda não ouvimos nada, mas Aleena disse que encontraria conosco assim que fizesse o que tinha que fazer.

— O quê?

Kalon ficou em silêncio durante dez segundos, e então girou Devika no lugar, a puxando novamente para ainda mais perto, seus lábios descendo para sussurrar:

— Ela não disse. — Ele riu, se afastando e fazendo a loira rolar os olhos. — Mas se você ficar com a gente, vai encontrá-la novamente.

Aquilo era uma proposta tentadora. Devika não queria que a única opção fosse nunca mais ver sua melhor amiga, queria que Aleena soubesse onde encontrá-la e, quem sabe, pudesse vir morar com sua família, em uma bolha onde Devika usaria a merda dos seus poderes apenas para manter todas seguras.

— Devika — sussurrou Kalon outra vez, sua voz em um tom mais sério, apesar de ainda existir uma sombra de sorriso em seus lábios. — Várias pessoas esperam por você há muito tempo, meus amigos e eu existimos apenas para proteger você. Esse é nosso destino e razão. Se você permitir...

— Não. — Negando com a cabeça, Devika quebrou o contato dando um passo para trás, seu olhar muito sério e decidido ao encarar Kalon, que pareceu perdido de repente. — Apenas não.

Ela virou-se para ir embora, mas nessa mesma hora, esbarrou com alguém.

Se Kalon era o homem mais lindo que ela já vira, esse estava pé a pé com ele.

O homem negro à sua frente tinha cabelos totalmente brancos e compridos, que pareciam macios ao toque, porém estavam trançados e presos com pequenas argolas douradas, que combinavam perfeitamente com as cores dos olhos maduros e sérios. Seu corpo parecia de um

guerreiro tanto quanto o de Kalon, e ele era apenas dois centímetros mais baixo que o moreno, ainda assim, mais alto que Devika.

— Chega, Kalon! Vamos pegar a princesa e levá-la.

Ele ergueu a mão para segurar no braço de Devika, que deu um passo para trás, encostando-se em Kalon, o rapaz segurou em seu ombro com uma mão, e ergueu a mão livre, para fazer o segundo parar.

— Soren, não é dessa forma que a queremos do nosso lado.

O segundo – Soren – revirou os olhos tediadamente e abaixou o olhar com ar de superioridade para Devika.

— Você acha que temos quanto tempo, agora que ela está aqui, Kalon? Seja um líder e dê a ordem certa.

— Soren! — repreendeu Kalon, sua voz muito mais séria e poderosa do que Devika tinha ouvido antes.

— Como vocês têm tamanha energia? — ela perguntou, chocada.

Os dois olharam para ela.

— Você consegue sentir?

— Mas deveria estar bloqueado...

— Vocês são loucos — ela disse, apenas se afastando dos dois. — Deixem a mim e minha família em paz.

Dizendo aquilo, ela se afastou o mais rapidamente que podia, escutando-o longe, Kalon falando para Soren deixá-la em paz.

Por favor, Devika pediu silenciosamente.



A festa durava já fazia algumas horas, Devika avistou sua família de longe, no entanto, não queria ir até elas porque sua mãe pareceu tão empolgada quando mandou a filha dançar e se divertir, que ela decidiu fingir que fez justamente aquilo, quando na verdade, passou o resto da noite tentando evitar aqueles garotos e se isolando nos lugares menos propícios.

Certa hora da noite, ela foi procurar sua família para que voltassem para o quarto, estava cansada e apostava que elas também. Procurou durante algum tempo entre as várias barracas e pessoas, acabou que não achou e chutou que elas voltaram para a estalagem, como combinado, assim, decidiu voltar também, mas algo dentro dela chamou-lhe a atenção.

Olhando ao redor, notou que a praça já estava bem mais vazia, e pela escuridão, deveria

passar da meia noite. Outro dia já tinha começado, e as pessoas se recolhiam para seu descanso diário. Apertando os olhos para entender o que era essa sensação, conseguiu visualizar uma espécie de energia em um beco escuro, não havia nada além de trevas lá, porém ela suspeitou que poderia ser um desses garotos que estavam atrás dela e correu até lá, para ordenar que eles ficassem longe, mais uma vez.

Contudo, quanto mais se aproximava, mais estranha era essa sensação, não parecia natural e não parecia certa, e a energia que ela sentia, tinha algo claramente errado.

— Kalon? — ela chamou na entrada do beco, tentando enxergar algo além das sombras.
— É um de vocês?

Um segundo.

A única resposta que ela teve foi um vento frio.

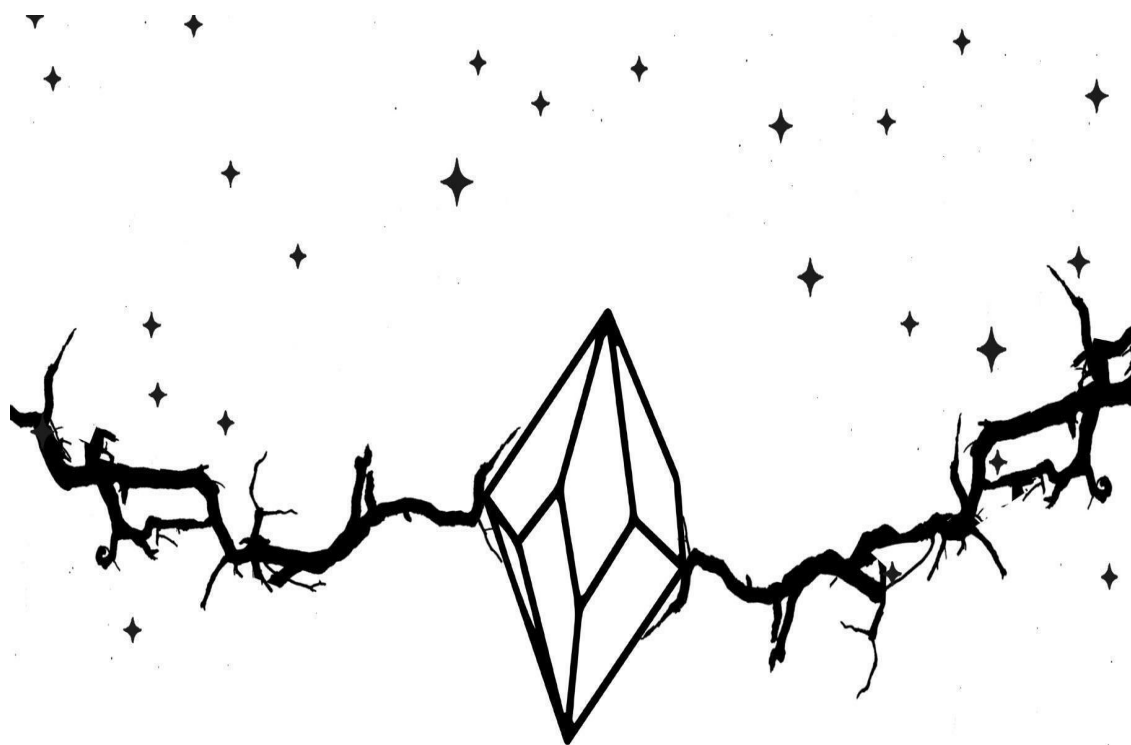
Dois segundos.

O vento parou. As sombras que cobriam o beco começaram a recuar para o centro, como cobras se arrastando para o ninho, e a sombra do centro começou a crescer. Primeiro vieram as pernas, grossas como troncos de árvores, e no lugar de pés, haviam garras do tamanho de seu antebraço, o tronco veio em seguida, meio deformado, com sombras escapando para os lados, onde nasceram braços enormes e cheio de garras, e por fim, veio a cabeça, formando uma criatura com o dobro do seu tamanho, a cabeça parecia com uma cabeça de cavalo, com o longo focinho. A boca se abria em dentes formados pelas sombras, e em sua cabeça formavam dois chifres de cervo, que descascavam e deixavam pequenas gotas de escuridão cair no chão.

Devika paralisou, o grito que não conseguiu soltar preso em sua garganta, ao ver aquilo que só poderia ter sido tirado de um pesadelo, atrás dela, conseguia notar o beco fechando em uma fumaça preta, que a escondia do lado de fora, e quando ergueu o rosto para encarar o bicho-papão, seus olhos, que eram apenas duas bolas brancas sem vida e sem fundo, a encararam como se soubesse exatamente quem ela era.

Ela não conseguia mexer as pernas, tentou andar para trás, mas sabia que apenas esbarraria na parede escura e tinha medo do que havia ali dentro e em sua frente...

Quando virou o rosto, o bicho-papão corria para cima dela, e o grito preso, finalmente escapou.



CAPÍTULO 4

Uma escolha necessária.

Os olhos bem fechados esperavam pelo que viria a seguir, mas nada veio.

Abrindo um de cada vez bem devagar, notou uma luz brilhante e violeta tomar conta do beco, Kalon estava ajoelhado no chão à sua frente e segurava uma espada, que brilhava com a energia que ele mandava para ela, afastando o monstro de perto de Devika. De trás da criatura, vieram duas pessoas: uma, ela reconheceu como Basilius, e a seguinte, ela ainda não sabia quem era, contudo, ele parecia uma chama com seus cabelos vermelhos curtos e esvoaçantes, e olhos da mesma cor, ele tinha uma cicatriz em uma das bochechas e era extremamente ágil com as adagas cobertas de energia vermelha que ele lançava nas costas da criatura.

Kalon a olhou por cima do ombro, as feições ferozes e o olhar afiado quase vazando luz púrpura.

— Você está bem? — Como Devika ainda não tinha encontrado a voz, ela apenas acenou com a cabeça. Kalon deu um sorriso duro e ainda assim, bonito. — Que bom, não se mexa.

Vamos terminar em alguns segundos.

Ele partiu para junto dos amigos, girando a espada habilidosamente em suas mãos, saltou até o braço do monstro que avançava para ele e deu um corte certeiro. A fumaça se dissipou no ar, porém o braço estava começando a se reconstruir.

— Rápido, o núcleo.

Basilius correu, ultrapassando a criatura, que apesar do tamanho e de ser assustadora, era muito lenta. Suas mãos brilhavam com a energia as utilizando, ao invés de armas, como escape, ele escalou a lateral do beco, se segurando na grade de uma janela, e ergueu a mão livre para tocar no rosto da besta.

Devika não sabia dizer o que aconteceu em seguida, porque a criatura parou de andar e abriu a boca grotesca como se soltasse um grito, porém nada foi escutado. Kalon deu um passo para trás, deixando o outro companheiro passar à frente e arremessar uma adaga diretamente para o centro da besta, onde encontrou uma luz cinza brilhante. Basilius desfez o contato no mesmo segundo, pulando para o chão com agilidade, enquanto Kalon erguia as mãos, formando uma pequena bola de luz que foi aumentando e aumentando, e que ele arremessou contra a criatura, que começou a se desfazer. A bola de energia rodeou as sombras e então se fechou sobre elas em uma explosão silenciosa, desaparecendo como se nunca tivesse sequer aparecido lá.

— Você poderia ter sido mais rápido, Kal, mas acredito que fomos bem para um *Void*, que é a criatura mais lenta que poderia existir — o desconhecido comentou, ele não parecia exatamente provocar Kalon, era mais como se estivesse ditando um fato.

— Dareen, eu fui extremamente pontual, só estava prestando atenção em Devika — ao dizer o nome dela, os três se viraram para a menina, ainda caída no chão, suas mãos tremiam levemente, e seus olhos estavam arregalados, Kalon se aproximou dela, se agachando em sua frente e erguendo a mão para ela segurar. — Por que você não usou sua habilidade, Devika? Apenas um pouco de sua luz seria o bastante.

Ela não soube o que responder. O que diria? Que tinha medo de seus poderes? Que usá-los a fazia lembrar-se de como foi forçada a utilizá-los para o benefício de outros? Aquele tipo de vida, ela não queria, daria esses poderes para qualquer um que quisesse, em troca de paz.

— Ela está assustada, Kalon — falou Basilius com gentileza, se aproximando dela também, ele segurou em seus ombros, a ajudando a ficar de pé e em seguida, colocou o sobretudo que vestia sobre seus ombros. — Está tudo bem, Devika. Aquele tipo de criatura suga sua energia para manter sua força, provavelmente vem sugando há bastante tempo para ser daquele tamanho — explicou.

— Sua energia é bastante forte e não está camuflada, foi fácil te achar — completou aquele que chamaram de Dareen, ele observou Devika de cima a baixo. — Kalon não te explicou tudo, correto?

— Você está me culpando? — Kalon exclamou, fingindo mágoa ao olhar para o amigo e ficando de costas para Devika, entretanto ela enxergou que em suas mãos, ele ergueu uma pequena garrafinha de água para Devika.

Pegando timidamente a garrafa, a menina deu dois grandes goles e limpou a boca, finalmente se recompondo.

— Obrigada — falou alto o bastante para que os três escutassem e olhassem para ela. — Eu tenho que voltar...

— Soren está de olho em sua família, não se preocupe. — Kalon a informou, e para seu espanto, se jogou no chão, sentando em sua frente e cruzando as pernas. — Você quer ouvir a gente agora?



Acabou que eles foram para a praça, agora deserta, Devika estava se sentindo sufocada naquele beco – não que ela tivesse confessado para eles, apenas sugeriu que sentassem à beira da árvore. Não havia mais uma pessoa sequer fora de suas casas, como se todos tivessem se recolhido na mesma hora, Dareen foi o primeiro a reparar no seu olhar e disse:

— Mesmo em lugares pequenos como esse, criaturas como o *Void*, podem aparecer durante a noite. Dado o tamanho daquele, deveria estar se alimentando de moradores dessa cidade há algumas semanas.

Devika acenou com a cabeça, ela não queria parecer muito ignorante, mas a verdade é que sabia ainda menos do que pensava sobre mundo do lado de fora.

— As pessoas... Elas ficam bem se tiverem sua energia sugada?

O silêncio respondeu o bastante.

— Talvez alguém como você ou a gente — Basilius ofereceu algum consolo. — É energia demais para sugarem de uma única vez, você teria tempo para conseguir escapar.

Ela não acreditava naquilo, quando sentou na beira de um tronco, dobrando suas pernas e trazendo para seu peito, o vestido não estava a aquecendo o suficiente, e mesmo com o casaco de Bas, ela ainda sentia como se estivesse vazia. Seria aquilo consequência de encontrar com o monstro ou apenas sua alma assustada?

— O que vocês querem de mim? — perguntou finalmente.

— Esses monstros existem por causa dos portais do submundo que estão abertos — Kalon começou a explicar, ele tinha sentado na frente dela sobre a grama e a olhava tão atentamente, que Devika não conseguia duvidar do que ele falava. — Você conhece os boatos de que o Imperador é um dos poucos deuses que não foram dormir? — Quando ela balançou a cabeça negativamente, Kalon sorriu bondosamente, não julgando a menina. — Acontece que não é bem mentira, quando os deuses adormeceram e deixaram o Império com seus Descendentes, um deles enganou os outros e continuou no mundo mortal. O agora Imperador, Abaddon, tem a habilidade de lidar com os mortos e brincar com o mundo dos vivos, seus poderes vêm em grande parte dos 4 portais do submundo. Esses portais ainda não estão completamente abertos, ainda assim, ele já consegue trazer criaturas como a que você viu hoje, ele traz as almas dos seus soldados mortos de volta e prende suas mentes, para que obedeçam apenas a suas ordens. Acreditamos que ele deseja trazer o próprio submundo para o reino dos vivos e ter controle absoluto sobre todos, para então acordar os deuses e destruir todos eles. — Kalon suspirou, olhando para a lua, Devika fez o mesmo, vendo que a lua era minguante hoje e estava escondida por algumas nuvens, porém aquilo pareceu trazer alguma tranquilidade para eles. — E aqui, entra você, Devika. A Salvadora. Você é a única que consegue fechar esses portais e tem a chance de enfrentar Abaddon, e sair viva. — Antes que ela dissesse algo, Kalon apontou para si mesmo e

seus amigos. — Acredite, somos bastante fortes. Treinamos desde criança para te guiar e proteger, mas não temos a habilidade que você tem, ninguém tem.

— Quem são vocês? — ela perguntou, por fim.

— Somos os Descendentes dos quatro deuses originais, existe uma cidade que ainda está protegida, que foi feita para você. Viemos de lá.

Devika tomou um grande suspiro, afundando o rosto em suas mãos. A escuridão era um tanto reconfortante, e apesar do silêncio fazê-la lembrar

dos dias sem visita em seu quarto, ela sentia as presenças daqueles garotos forte demais para se sentir, de fato, sozinha. E queria muito negar, dizer que não sentia essa conexão e confiança com esses garotos, entretanto uma parte bem distante sua sussurrava para que ela não se afastasse deles.

— Me deem alguns dias — ela pediu por fim, erguendo o rosto e ficando de pé, tirou o casaco, entregando delicadamente para Bas. — Eu tenho que pensar.

E sem esperar que eles falassem algo, tendo uma grande confiança que eles estariam por perto para que nada ruim acontecesse, ela seguiu seus passos em direção à pousada. Cada passo era mais difícil que o anterior, Devika realmente acreditou que ao sair daquela prisão, poderia viver em paz, mas era claro que não. Aquela responsabilidade que nasceu com ela, estaria por perto até o dia em que ela desse seu último suspiro.



Kalon viu quando Devika se afastou, acenando com a cabeça para Bas, que desapareceu nas sombras para seguir a menina, e não demorou muito para que Soren se juntasse a eles, pulando de cima da árvore. Kalon sentiu a presença do amigo desde que começou a conversar com Devika, porém sabia que ele estava tanto de olho na família da jovem, quanto também sentia muito pouca vontade de participar da conversa.

— Você não contou tudo — Soren falou como cumprimento, encostando-se contra a árvore.

— Eu... Não pude — murmurou o líder dos quatro. Não quando ele viu Devika pessoalmente, não quando o primeiro encontro deles estava marcado em sua memória, e as várias pequenas cicatrizes que ele fingiu não ver nos braços delicados dela não saíam da sua cabeça. Aleena não entrou em detalhes sobre como Devika vivia, mas Kalon sentia uma vontade muito grande de retribuir aqueles machucados em dobro na pessoa que os causou.— Eu achava que você não acreditasse em profecias, Soren.

— Soren não acredita naquilo que não convém a ele — Dareen provocou, assobiando alto para seu gavião descer até ele. O lindo pássaro-recado pousou nos braços do seu dono, recebendo

petiscos, e foi fácil notar que não havia nenhum recado nele. — Nada. — Dareen suspirou, o mandando de volta para os céus, o gavião sabia para onde ir.

— Estamos perdendo tempo, Abaddon vai descobrir em breve que Devika está andando por aí com sua energia desprotegida parecendo um farol e vai atacar enquanto ela ainda é fraca.

Kalon se lembrou da cena no beco, quando o *Void* estava a centímetros de Devika, e ainda assim, nenhuma faísca de luz saiu da menina. Se ela tinha dito que já sabia quem era, já deveria ter acessado seus poderes, então por que não os usou?

Eles teriam que ter paciência para ganhar a confiança dela, aquilo não era um problema para eles – talvez para Soren -, mas ele temia que o Ancião Mestre fosse dar o mesmo tratamento que deu a ele, para Devika, e aquilo ele não permitiria, se foi criado para protegê-la. Era o que faria.

— Vamos dar um dia para ela — ele declarou, por fim. — Demos sorte que conseguimos encontrar com Aleena antes dos rebeldes. Senão, eles provavelmente a levariam para a boca do leão, antes que Devika pudesse dizer uma palavra.

Dareen balançou a cabeça negativamente, porém não disse nada, fazia uns dois anos que ele conversava sobre a ideia de entrar em contato com os líderes dos rebeldes, para que se organizassem melhor e os ajudassem, entretanto o Ancião Mestre era perpetuamente contra, afinal, os rebeldes atacavam sem organização e quase sempre acabavam virando comida para sombras ou presos sabe-se lá em que local, para onde o Imperador os levava.

— E sobre o pai dela? — Soren perguntou distraidamente, contudo, Kalon sabia que essa era a forma do amigo de mostrar que se importava com algo.

— Eu vou contar, mas se ela quiser vir conosco, quero que seja escolha dela e não por causa de algo que contamos.

Soren balançou a cabeça em negativa, dando um impulso para começar a andar, provavelmente caçaria sombras que ainda estivessem na cidade.

— Você é muito bonzinho, Kalon. Está na hora de aprender a usar tudo ao seu alcance.

Kalon não respondeu, não porque era verdade e sim, porque era mentira. Ele não era bonzinho. Ele era egoísta e covarde, usando sua máscara de líder para proteger seus amigos e cumprir seus deveres, ao invés de enfrentar toda a causa do seu vazio.



Quando Devika voltou para o seu quarto, apenas sua mãe ainda estava acordada,

esperando por ela enquanto fazia carinho nas costas da filha mais nova. Ela sorriu para Devika com as sobrancelhas erguidas e uma cara de sapeca.

Devika soltou uma risada.

— Pare de fazer essa cara, só conversamos — falou a loira, sentando na cama de solteiro do quarto. — Na verdade — pigarreou, sem saber por onde começar —, eles querem minha ajuda, eles sabem quem eu sou.

Toda a alegria do rosto de sua mãe murchou, e ela acenou com a cabeça, como se esperasse isso.

— Não teríamos como correr para sempre, não é? — Segurando nas mãos da filha, as apertou com delicadeza. — Quem são eles?

O que ela queria saber, na realidade, era: vão fazer como o seu tio? Usá-la e fazer sua família de moeda de troca?

— Aparentemente, são guerreiros muito fortes, se o núcleo de energia deles quer dizer algo. — Devika suspirou. — Eu não acho que eles são pessoas ruins, algo me diz que deveria acreditar neles.

— Você lembra quando treinava com seu pai quando pequena? — Noamh falou de repente, e Devika franziu a testa, acenando com a cabeça. — Ele criava toda uma história, para você se divertir enquanto treinava, uma de suas histórias favoritas era sobre uma princesa perdida que tinha quatro guarda-costas que eram seus melhores amigos, e juntos, vocês protegiam o mundo todo.

Sua mãe sorriu, emocionada com a lembrança, e apesar de ser algo muito vago na cabeça de Devika, por um segundo, ela se perguntou se seu pai sabia de algo mais. Ele sempre foi muito misterioso com sua família, ele dizia que elas eram o bastante para ele, mas às vezes, falava certas coisas que pareciam enigmáticas. E a última vez que ela o viu...

“Eu vou proteger seu futuro, Devika, em um piscar de olhos, estarei de volta com vocês.”

A lembrança do seu pai a fez piscar os olhos, deixando algumas lágrimas escorrerem, e sua mãe se jogou contra a filha, tomando-a em seus braços e sussurrando:

— Seja qual for sua escolha, estaremos com você.

Escolha era uma palavra engraçada. Nunca em sua vida, ela teve escolha para nada, os deuses adormecidos a escolheram por qual que fosse a razão, seu tio escolheu usar e abusar de sua sobrinha, Aleena escolheu salvar sua melhor amiga e dar a oportunidade de uma escolha. Contudo, se toda sua vida foi encaminhada para esse segundo, sua “escolha” seria de fato uma escolha ou algo já predeterminado?



Uma mãozinha pequena tocava em seu rosto, e Devika abriu os olhos, sorrindo para o olhar cor de mel de sua irmã mais nova, a menina estava sonolenta e tinha se aninhando ao lado da irmã mais velha, Devika viu por cima dos cachos da menina, que sua mãe ainda estava dormindo e em seguida, abraçou mais Edlynne.

— Por que acordou cedo?

— Não é tão cedo, bobinha — Edlynne falou no mesmo tom sussurrado. — E estamos fora da casa do tio, temos tanto pra fazer.

Devika sorriu.

— E o que você quer fazer hoje?

— Hmm... — Ela pareceu seriamente pensativa. — Queria continuar viajando, mas mamãe disse que me levaria para comer bolo hoje, então está empatado.

— É mesmo? — falou Devika, segurando a risada. — E a sua irmã? O que ela faz?

— Devika devia fazer algo muito legal também, eu tenho mamãe agora, e você não precisa mais ficar comigo.

Franzindo a testa, Devika levantou o rosto de Edlynne para que a olhasse nos olhos, a menina parecia tranquila apesar da frase.

— Você não gosta que eu fique com você?

A menina negou rapidamente com a cabeça.

— Não é isso, eu amo ficar com você. Mas o tio dizia que você nunca saía do quarto por minha causa — ela murmurou baixinho. — Então quero que você saia bastante.

Devika poderia matar seu tio agora mesmo. De verdade.

— Edlynne — Devika começou, com um tom de voz para não deixar dúvidas. — Tudo que aquele homem dizia era puramente mentira. Ele prendeu a gente. Tirou nossa mãe da gente porque ele era egoísta, nada do que aconteceu é culpa sua.

Edlynne acenou com a cabeça, aceitando sem pestanejar as palavras de Devika, e aquilo era ainda mais doloroso, porque apesar de ter tentado de todas as formas proteger Edlynne do que acontecia, tinha falhado nisso.

— Mas está tudo bem agora, estamos juntas — Ed falou com aquela pureza que apenas uma criança poderia trazer. — E Devika sempre me levava para ver a mamãe e contar histórias, e agora é muito mais divertido poder fazer tudo com ela.

— Ai, meu coração. — Elas ouviram a voz de sua mãe exclamar e as duas ergueram a cabeça, vendo a mulher correr para a cama ao lado, deitando entre as filhas e as espremendo na cama. — Eu estava fingindo dormir, mas como posso, com uma filha doce dessa?

Edlynne começou a soltar várias risadinhas quando sua mãe encheu o rosto dela de beijos, e Devika sorriu para as duas, tomando, naquela hora, sua decisão.

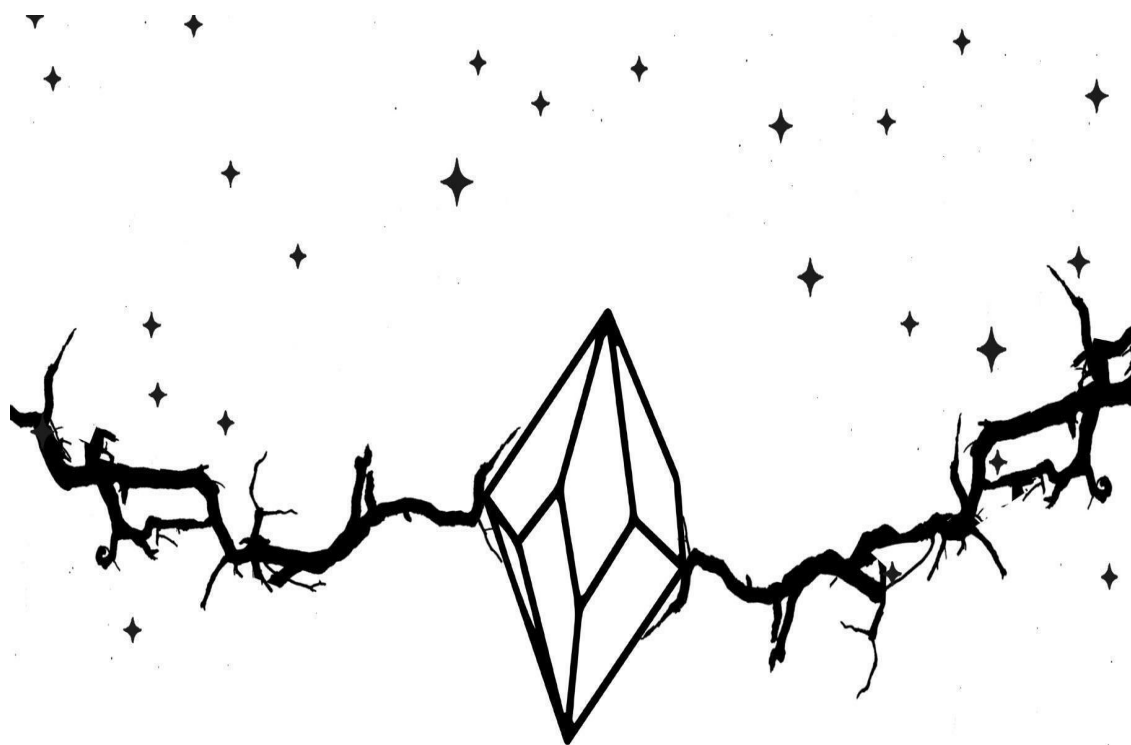
Sua vida poderia não significar nada, no entanto, aquelas duas significavam tudo.



Bateu na porta do quarto ao lado do seu e como esperava, ela foi aberta por um Kalon ainda mais descabelado que o normal e com a camisa semiaberta, se ele se assustou com Devika descobrindo qual era o quarto ou não, ficou calado e esperou o que a menina tinha a dizer.

— Vocês precisam proteger minha família acima de tudo, acima de mim — ela falou, e Kalon acenou com a cabeça, como se soubesse que tinha mais: — E se algum dia encontrarmos meu tio, eu tenho o último suspiro dele.

— Você tem minha palavra — foi tudo que ele falou, e era mais do que o suficiente.



CAPÍTULO 5

Rumo ao novo.

Edlynne tinha se tornado muito próxima dos garotos em apenas três dias de viagem. E era de todos mesmo, até de Soren, que era muito mais fechado e rabugento do que o resto.

Ela e sua mãe tinham aceitado essa viagem com quatro estranhos sem nenhuma hesitação. Sua mãe sabia que eles eram fortes e as protegeriam, para ela, aquilo era o bastante.

Para Edlynne, era uma diversão, ela nunca andou com tanta gente, e Dareen, especialmente, era o favorito dela, porque ele parecia saber de tudo, e a menina o enchia de perguntas que ele nunca cansava de responder. Sua mãe estava completamente à vontade com todos, com um dia de viagem, mandou os quatro garotos pararem na beira do lago para tomarem banho e depois esperar que elas fizessem o mesmo. Ela e Basilius faziam almoços e jantares muito saborosos para o grupo com as comidas que achavam ou compravam nos pequenos vilarejos. Durante à noite, eles preferiam pousar em qualquer aldeia por onde passavam, por ser mais seguro dormir entre quatro paredes.

Devika não tinha se aproximado muito deles, na maior parte do tempo observava as interações, sem saber ela mesma como interagir com as pessoas. Contudo, por alguma sorte, aqueles meninos eram muito pacientes – muito provavelmente, foi ordem de Kalon, que era claramente o líder, mas ela aceitava.

Kalon este, que explicou para ela qual era o plano: estavam a quatro dias de viagem até a fronteira do reino de *Hórus*, onde eles encontrariam a entrada para a misteriosa cidade deles.

Ela não tinha perguntado muita coisa sobre a cidade, sobre eles ou sobre qualquer que fosse o grande plano e o papel dela nisso. Às vezes, mal tinha forças para dar um passo após o outro, quanto mais ter que pensar em todo o resto.

Era noite, e exclusivamente hoje, tiveram que acampar em uma floresta, porque não acharam um vilarejo a tempo de escurecer. Soren encontrou uma caverna, que afirmou estar segura, e montaram acampamento lá. Devika estava sentada ao lado de Dareen, cortando os legumes para o jantar, ela gostava de estar perto do ruído, porque sua presença era silenciosa e calma, perfeita para ela.

— Não vamos morder, sabe? — o quieto, decidiu falar hoje. Devika olhou para ele sem entender. — Desde que conseguimos lembrar, nos disseram que nascemos para proteger A Salvadora, que ela seria nossa, e a gente seria dela. — Aquela deveria ser a frase mais longa que Dareen já disse, que não fosse uma explicação ou fato científico. — Esperamos por você e queremos te conhecer, eu sei que parece um pouco bobo...

— Não é bobo — Devika tratou de dizer rapidamente, aqueles olhos vermelhos que continham a sabedoria de milhares de livros a encararam de forma surpresa, a cicatriz em sua bochecha era chamativa, mas ao mesmo tempo, parecia ser feita para ele. — Essa cicatriz, como você recebeu?

Ele deu um sorriso tímido e curto, porém que iluminou seu rosto de tal maneira, que Devika percebeu pela primeira vez a beleza dos deuses nele.

— O deus da criação — disse Dareen, falando sobre um dos quatro principais deuses que ajudaram a criar e proteger o Império. — Eu nasci com a genialidade dele, mas também com a desatenção. — Ele tocou na cicatriz. — Criei uma criatura robótica aos seis anos para me ajudar a limpar meu quarto, e certo dia, ela se descontrolou. — Ele soltou uma risada, e Devika o acompanhou, visualizando o pequeno garotinho gênio. — Não é muito emocionante, mas me ensinou uma lição.

— Não fazer criaturas?

Dareen ergueu novamente os olhos para ela e sorriu, abaixando a cabeça e voltando a cortar os legumes.

— Devika — sua mãe chamou sentada perto da fogueira, onde conversava com Basilius e tinha uma sonolenta Edlynn no colo. — Kalon foi pegar água já faz quinze minutos, por favor, apresse aquele garoto.

Devika se levantou, entretanto Soren foi mais rápido ao falar:

— Eu vou.

— Soren, querido, sente sua bunda de volta no chão e acabe de catar os feijões, por favor.

Com aquela ordem, o guerreiro não teve escolha a não ser se sentar novamente, Devika segurou uma risada e acenou para que os outros dois guerreiros não se preocupassem.

O sol estava começando a se pôr, então ela não tinha que se preocupar com as sombras, além disso – apesar de ser difícil de acreditar –, já tinha observado o bastante daqueles quatro garotos para saber que eles falavam a verdade sobre proteger a ela e sua família, enquanto estivesse perto deles, não tinha o que temer.

Andar na floresta era sempre um sacrifício com o vestido pesado e as mangas longas que grudavam em galhos partidos, ela já teria dado um jeito em suas roupas se as manchas roxas já tivessem desaparecido, porém estavam começando a ficar amarelas agora, não queria assustar ninguém ou responder perguntas que ela não estava a fim de responder. Devika tentou sentir para que lado estava a energia de Kalon, mas era muito difícil, já que os garotos estavam camuflando o tempo todo, para evitar chamar monstros. Nas horas vagas, Basilius tentava ensinar para ela como fazer o mesmo, entretanto a menina ainda não conseguia.

Uma luz etérea apurpurada vinha de um ponto mais a frente, entre as árvores, Devika já tinha relacionado aquela cor com Kalon, e seus pés não hesitaram em seguir até lá para encontrar o jovem.

Kalon estava sentado no chão, uma perna esticada, a outra dobrada e com uma panela cheia de água ao seu lado, a cabeça do garoto pendia em seus ombros, os cabelos cobrindo o rosto, e ele parecia adormecido, a aura roxa ao seu redor, como se estivesse o protegendo. Era quase como a cena de um sonho, e ela se sentiu um tanto mal, se perguntando se ele não estava dormindo ultimamente por culpa dela e pensou que deveria sair de perto, e deixar o menino dormir, no entanto, antes que percebesse, se ajoelhou na sua frente e ergueu a mão para tirar o cabelo da frente do rosto de Kalon.

No segundo em que tocou nele, Kalon despertou, os olhos exalavam a luz violeta e estavam completamente alertas e perigosos quando ele segurou no pulso da loira.

— Kalon? — ela chamou.

Ele piscou e fácil assim, voltou ao normal, espantando-se por encontrar Devika na frente dele.

— Devika? — falou, chocado, olhando para onde segurava e soltando rapidamente, ele levou a mão atrás da nuca com um sorriso envergonhado. — Desculpa, eu achei que aqui era um bom lugar para tirar um cochilo de cinco minutos.

— Você não dorme bem? — ela perguntou, os dois ainda no chão, enquanto se olhavam. Na verdade, Devika quem observava o garoto, era a primeira vez que ele mantinha os olhos tão longe dos dela, como se estivesse de fato envergonhado por ter sido pego no flagra com algum segredo. Quando ele não respondeu, a loira ergueu a mão gentilmente, tocando no centro de sua testa e empurrando a cabeça dele para cima, encontrando os olhos dele surpresos. — Eu também tenho pesadelos, talvez um pudesse vigiar os sonhos do outro.

Aquilo tirou um sorriso brando dele, Kalon acenou gentilmente com a cabeça, o que fez Devika retribuir o sorriso, que foi observado muito atentamente pelo guerreiro. Ele apoiou a mão no chão para ficar de pé, oferecendo para ela em seguida.

— Sabe, tecnicamente, eu deveria ser capaz de controlar os sonhos de todo mundo — ele disse, ao passo que carregava a panela com uma mão e sinalizava para Devika acompanhá-lo.

— O deus do sono? — chutou Devika, também um dos quatro deuses originais, ele era responsável por todo subconsciente dos seres que viviam nesse mundo e era mais conhecido por conceder sonhos bons para aqueles que mereciam, e trazer pesadelos para aqueles que não.

— Viu? Se você conversar com a gente, descobre várias coisas. — Ele parou de andar, parecendo lembrar-se de algo e querer dizer, o conflito foi rápido, e Devika não tinha certeza se realmente aconteceu, porque em seguida, ele virou para ela com um daqueles mil sorrisos que ele tinha. — Vamos? Estou morrendo de fome.

Ela pontuou que ele que decidiu tirar um cochilo no meio do nada, e Kalon apenas deu de ombros, despreocupado, dizendo que se ele não tinha esse direito como líder, o título não servia.



De longe, Devika conseguia ver o reino de *Hórus*, graças, principalmente, às fumaças no céu, que Dareen apontou serem o sinal clássico de que tinham chegado em *Hórus*, a cidade dos criadores. Eles não entrariam na cidade, ainda bem, porque Edlynne e Devika já tossiam com a poluição, mesmo estando longe. Apesar de durante esses dias terem viajado com uma carroça sendo puxada por dois cavalos, Kalon falou que o resto do caminho teria que ser feito a pé, porque não queria deixar rastros até a cidade deles, assim sendo, eles liberaram os cavalos e pegaram todos os pertences da carroça.

— Vocês ainda não contaram detalhes sobre essa cidade — comentou Devika, que já começava a cansar com a caminhada, andando entre Soren e Kalon. Os olhos dourados de Soren dispararam para o líder, e Devika bufou. — Você não gosta de mim, Soren?

O garoto engasgou na mesma hora, tirando uma gargalhada de Kalon, que parou de andar para que não perdesse a resposta de Soren.

— E então, Soren? — provocou Kalon. Alguns passos na frente, estava Dareen, com Edlynne em suas costas, e Basilius, ao seu lado, segurava a maioria dos pertences, já sua mãe, não perdia os passos graças à magia do sono, que apesar de tê-la feito dormir durante anos, manteve sua saúde perfeita como antes.

Soren olhou de cara feia para Kalon, porém murmurou baixinho:

— Não é que eu não goste de você. — Olhando para ela de canto, ele quase cuspiu, mas de alguma forma, parecia gentil. — Eu só não te conheço.

— Eu também não — Devika respondeu e sorriu, retornando a andar. — Mas podemos nos conhecer.

Não houve resposta para aquilo, entretanto, Devika sentia Kalon satisfeito com a interação deles, ele deveria estar preocupado com todos se dando bem, afinal, tinha explicado um pouco sobre como estariam, em breve, fazendo longas viagens juntos. Devika ainda não tinha contado exatamente, para a família, o que ela faria após chegarem nesta cidade segura, a verdade é que não sabia como entrar nessa conversa.

Nem mesmo ela tinha certeza se queria estar ali, não sabia se ligava para o mundo o suficiente para salvá-lo, quando o mundo a deixou apodrecer naquele quarto durante dez anos, deixou seu pai desaparecer (às vezes, se perguntava se ele não tinha se abandonado), deixou seu tio controlar as vidas de sua mãe e sua irmã. Devika não devia nada ao mundo, o mundo que devia a ela e ainda assim, estava aqui, caminhando para algo, apenas para proteger seu mundo.

Ela poderia fugir? Poderia desaparecer? Se esse era seu único objetivo de vida...

— Você está bem? — A voz de Soren a trouxe de volta para a realidade, ele estava a olhando, um pouco preocupado e desconfiado, Kalon parou de andar, a pergunta e o tom da voz do amigo deveriam dizer mais para Kalon, do que para ela.

— Estou.

Ele não perguntou mais ou insistiu, não teve tempo também, porque a voz de Basilius chegou até eles:

— Chegamos.



— Vocês estão de gozação? É uma brincadeira?

Devika os encarou com as mãos na cintura, porque o “chegar” deles, era apenas um grande penhasco, tendo como fim um riacho correndo a mais de 20 metros de onde estavam. Além disso, apenas verde e pedras.

Bas deu um sorriso para ela e negou com a cabeça.

— Você confia na gente? — ele perguntou e não obteve resposta de nenhuma das mulheres presentes, tirando uma risada dele. — Vou te provar, então.

Falando aquilo, ele deu um passo para frente, Devika arregalou os olhos, em choque, enquanto Edlynn ofegava, e elas esperavam a queda profunda, no entanto o que aconteceu, foi que Bas simplesmente desapareceu.

— Só atravessar. É fácil. — Dareen, que ainda segurava Ed, deu um passo para a frente, mas Devika e sua mãe ergueram as mãos, para ele parar.

— Eu vou na frente — sua mãe disse, apertando os olhos para os meninos, só que a mulher não previu que sua filha mais velha passasse à sua frente sem dizer uma palavra e atravessasse com confiança. — Devika!

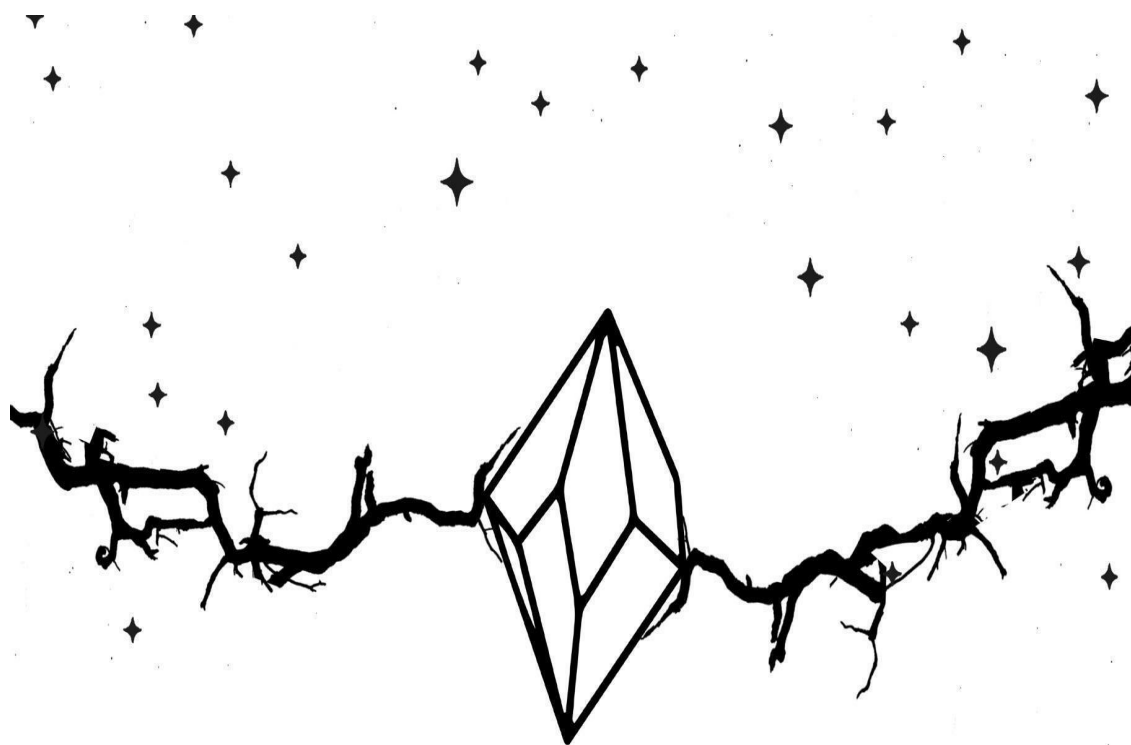
O que viu, deixou a loira sem palavras.

Seus pés tocavam o chão firme, uma larga e grande ponte de pedra acinzentada era rodeada por um lago diferente do que vira antes: bonito, alto e pacífico, ela conseguia ver a

margem do lago, onde pessoas pareciam estar fazendo algo por lá. Na sua frente, além de Bas, ela encontrava o fim da ponte, que dava para a cidade mais linda que já vira em sua vida. O verde vibrante da natureza que passava por toda a cidade chamava sua atenção, havia milhares de construções de diversos tamanhos, com telhas marrom, e flores rosas em suas janelas e portas. De longe, ela conseguia ver escadarias perfeitamente limpas, que seguiam para várias direções da cidade, pássaros de todas as cores e tamanhos sobrevoavam a cidade, e para fechar a fotografia que parecia pintada, ao fundo da cidade, havia um castelo com janelas douradas e mármore branco. Era tudo simplesmente lindo.

Bas olhou para ela.

— Bem-vinda à Reverie.



CAPÍTULO 6

Destinada.

Após sua mãe dar um pesado tapa entre os ombros de Devika e ter dito para ela não fazer aquilo novamente, a pequena família observou em choque aquela cidade maravilhosa.

— Por que ela está escondida? — Devika perguntou, finalmente. — Estudei muitos livros e nunca vi citação dela em lugar nenhum.

— E não é para ter mesmo — Kalon respondeu, parando ao seu lado, ele olhou para sua cidade natal com carinho e continuou: — O Alto Sacerdote designado pelos deuses pediu um presente secreto quando eles foram embora, algo que ninguém pudesse encontrar, além daqueles que ele quisesse. Durante anos, ele selecionou a entrada, encontrou Descendentes dos quatro deuses originais e os trouxe para serem os líderes, e protetores dessa cidade, ele contou histórias e fechou promessas. Ele fez essa cidade para você, porque sabia que um dia você viria. Esse homem era seu pai.

— O quê?

— O quê?

Devika e sua mãe exclamaram juntas, em choque. Olhou para sua mãe, esperando que ela explicasse algo, se era verdade ou mentira, só que os olhos da mulher estavam totalmente perdidos.

— Aquela profecia, que fala que você é A Salvadora, também diz quem seu pai era e que ele sabia qual era seu destino, antes mesmo de você nascer.

— Não faz nenhum sentido — Noamh falou, antes que Devika fizesse a próxima pergunta, a mulher de olhos cor de mel como os da filha mais nova, olhou para as duas. — Quando eu conheci seu pai, ele era apenas um vendedor viajante. Quando ele se apaixonou por mim, minha família achou que era por causa do dinheiro, mas eu nunca duvidei dele. Vivemos nossa vida durante muitos anos antes de você nascer, e ele me contava absolutamente tudo, mas isso... — Ela parecia magoada, querendo negar a todo custo, Devika olhou para Kalon, esperando que ele afirmasse que era uma verdade e quando fez, a menina decidiu consolar sua mãe e terminar com essa conversa.

— Se ele escolheu você, no lugar desse mundo, é porque te amava muito e queria apenas você. Ele deveria ter uma razão para não ter contado nada.

A mulher mais velha ainda estava em choque, mas vagarosamente acenou com a cabeça. Edlynne também parecia preocupada com a mãe e abraçou a cintura dela.

— Devika contava muitas histórias do papai e de como ele amava a gente, se é amor, não tem que se preocupar com mais nada — falou docemente, sua mãe sorriu para ela, e Basilius se aproximou, tocando no ombro da mulher.

— Olhe para suas filhas, elas são frutos do amor, essa é toda a verdade que você precisa.

Aquela frase mudou o olhar da mulher, que assentiu de forma mais confiante, tranquilizando Devika quanto a se ela tinha feito a escolha certa ao tê-las levado para aquele lugar.

— Vamos conhecer nosso novo lar.



Eles pararam no que Bas chamou de Segunda Praça, onde havia uma estátua de uma mulher orando com o rosto para o céu, os olhos fechados e um sorriso nos lábios, fazendo-lhe parecer em paz. Ao redor da estátua, pequenos montes de grama faziam um caminho com bancos de pedra em frente a eles, onde havia crianças e adultos de todos os tipos sentados, comendo ou conversando. Rodeando a praça, havia muitas casas pequenas com suas janelas abertas, deixando o sol da tarde entrar, assim como estrutura de lojas, que vendiam desde o que pareciam ser artefatos mágicos, como poções para fazer a pessoa rir ou algo chamado “Toque do sono: Diretamente do deus do sono. Durma a noite toda”, até lojas de roupas. Kalon foi buscar uma carruagem para eles, e Edlynne andava animada por toda a praça, puxando Daaren por todo o caminho, Devika sorriu, caminhando com calma ao redor, para observar as coisas mais de perto. Uma loja de roupas com um vestido em destaque chamou sua atenção, não era nada demais, ele

descia até o chão em uma saia leve, azul como o céu, a parte de cima era em um tom prateado, combinando com o azul, com pequenas flores bordadas em um decote reto que seguia até a manga fina e esvoaçante, que penderia dos seus ombros, revelando seus braços e seu colo. Era lindo e simples... E suas cicatrizes ficariam à mostra.

— É a sua cara — Kalon soprou em seu pescoço, fazendo a loira se assustar e olhar para ele estreitando os olhos, o guerreiro deu um sorriso bonito e vibrante, e deu de ombros. — A carruagem chegou.

— Certo — ela concordou, sem olhar uma última vez para o vestido, seguindo para a carruagem relativamente grande e que estava chamando bastante atenção na praça. — Você não tinha como ser mais discreto?

— Ser discreto não combina comigo — Kalon disse, enquanto Soren e Dareen sentavam na parte da frente da carruagem para guiarem os cavalos, e sua família seguia para entrar juntamente de Bas, o moreno deu um sorriso de canto para Devika quando ergueu a mão para ajudá-la a entrar.

A viagem não durou mais do que vinte minutos, a carruagem era rápida, e Devika aproveitou esse tempo para observar mais da cidade e quantas pessoas viviam lá pacificamente, havia crianças com dons usando magia na rua, água flutuando acima de suas cabeças, animais demais perto de um, vendedores de comidas na rua usavam de seus dons com a chama para esquentar a comida, e mesmo que houvesse guardas andando entre as pessoas, ninguém tinha medo deles. Até onde ela sabia, por todo o Império era proibido usar qualquer tipo de magia, se você não fizesse parte do exército imperial, o que fazia as pessoas com dons viverem escondidas e tristes por abafarem seus dons naturais, mas ali, as pessoas pareciam alegres.

Porque seu pai nunca as levou para lá? Aquela seria uma boa cidade para se criar uma família, e se essa gente foi feita para protegê-la, qual era a pegadinha?

De longe, elas avistaram os portões enormes e dourados que cercavam o castelo. Edlynnne exclamou um “uau”, se inclinando para fora da janela com sua mãe soltando uma reclamação preocupada, porém Devika olhou para suas mãos em seu colo, se perguntando se trocou uma prisão por outra, a felicidade delas era a grande razão de estar lá, entretanto não tinha como não pensar que, e se entrasse ali e não saísse nunca mais? Teria que ser forçada a usar seus poderes novamente?

— Você não tem noção de quanta gente está louca para te conhecer — Bas falou docemente, chamando a atenção de Devika para ele. O menino sorriu. — Não se preocupe. Quando eu vim para cá, eu achava que estava sozinho. — Dessa vez, ele olhou para Kalon, que acenou com a cabeça, um sorriso carinhoso brotando em seus lábios. — Mas encontrei uma família.

Devika não disse que já tinha uma família para proteger, ela não queria outra.

A carruagem desacelerou, e olhando pela janela, viu que tinham chegado. O jardim da frente era grande e bem cuidado, e ao redor do castelo havia uma floresta, dando a entender que aquele era o final da cidade. Se existia algo dentro da floresta, ela não tinha noção e não achava que queria saber.

Dareen e Soren foram na frente, abrir a grande porta de entrada, enquanto Kalon e Bas ajudavam as mulheres a descer da carruagem e pegar as poucas bagagens que carregavam consigo.

— Dareen vai se certificar de que não esteja ninguém pela entrada agora, vocês não precisam disso logo que chegarem — Kalon informou. — O Ancião Mestre vai falar com você no momento em que quiser, Devika. — A menina concordou com um fraco aceno, e sem dizer mais nada, ele fez um gesto para que entrassem.

A entrada era, por si só, algo de outro mundo, com suas paredes altas, suas cores neutras e móveis e decoração brilhantes e limpas, tudo tinha um cheiro muito bom e era bastante claro. A escadaria circular subindo por ambos os lados levava para os andares de cima, e uma grande porta dupla estava no centro delas.

— Ali é o salão de baile — explicou Bas. — Subindo, temos o andar dos funcionários, o andar seguinte é da guarda de honra e a biblioteca, e no último andar ficam nossos quartos, e agora o de vocês também.

— Guarda de honra? — perguntou Devika, conforme eles seguiam para as escadas.

— Você não achou que não tivéssemos nosso exército, não é? — Kalon brincou. — O Ancião Guerreiro é o encarregado do primeiro exército, mas a cada dez anos, temos um torneio para encontrar os mais fortes, que viverão aqui no castelo e protegerão você diretamente. Até hoje, era apenas o título, afinal, é a primeira vez que, de fato, temos a deusa da luz aqui com a gente.

— Eu não sou uma deusa — Devika falou, mais bruscamente do que queria, e recebeu olhares que variavam desde preocupação à pena. Ela não disse mais nada à medida que subia os últimos degraus, enquanto os garotos apontavam os vários lugares, e, apesar de ser enorme e ter espaço para centenas de pessoas, a forma como eles diziam era como se apresentassem a casa deles, e era uma sensação que Devika tinha muito pouca lembrança, a de ter um “lar” para chamar de seu.

— Senhora Noamh, Edlynne, vocês podem ficar com os dois quartos no final do corredor. Vão ver que têm uma vista linda para os jardins — Dareen falou, naquele tom educado e sério. — Vou mandar alguém vir atender vocês, e se precisarem de algo, é só falar.

— Estou mesmo louca por um banho — sua mãe disse e segurou na mão da filha mais velha. — Você vai ficar bem?

Devika sorriu.

— Eu acho que vou dormir até amanhã.

A mulher retribuiu o sorriso, não acreditando exatamente, mas dando espaço para a filha. Ela abraçou a caçula, aumentando o tom de empolgação da voz conforme saíam com Dareen para conhecerem seus quartos.

Logo que elas saíram, Kalon abriu as portas duplas do quarto onde estavam parados na frente, fazendo um gesto para que Devika entrasse.

E era lindo.

A sala de entrada tinha uma lareira e cadeiras estofadas e macias, assim como uma pequena estante já repleta de livros, que Devika com certeza acabaria lendo todos. Entrando no quarto, a cama dossel era o triplo da sua cama anterior na casa do seu tio, com lençóis que pareciam macios e frescos, uma porta levava para o banheiro, onde um banho quente devia estar preparado para ela, e a melhor parte, era a enorme janela de vidro que levava para a varanda de

portas duplas. A vista para os fundos do castelo mostrava uma enorme floresta que não parecia ter fim, e Devika teve que respirar fundo, repetindo algumas vezes em sua mente: “você não está presa”.

Ela girou sobre os pés, olhando para os presentes.

— Eu quero falar com o Ancião Mestre. — Ela não sabia quem era essa pessoa, porém pela maneira como eles se referiam a ele, deveria ser o principal líder dessa cidade e deles.

— Devika, você deveria descansar... — começou Bas, mas ela negou com a cabeça.

— Eu já sei quem eu sou, e vocês querem que eu feche os portões para o submundo. Como?

Bas e Soren olharam para Kalon, o líder deles estava de braços cruzados e pensativo, enquanto olhava nos olhos de Devika, que ela esperava estarem passando para ele toda a firmeza que queria passar, não exatamente a firmeza que sentia.

Kalon deu um sorriso que deveria significar muita coisa, entretanto ela ainda não tinha aprendido a decifrar, quando ele falou:

— Tudo bem. Vamos.



Eles voltaram para a entrada da mansão, seguindo dessa vez para o salão de bailes, que haviam apontado para ela antes. Dareen se juntou a eles no meio do caminho, garantindo que direcionou funcionários para cuidar de sua família e guardas protegiam o castelo.

O salão de baile era maior do que parecia por fora. Com várias entradas ao decorrer dele dando para a lateral do castelo, e dos fundos, a luz que entrava era avermelhada, indicando já ser fim de tarde, e um enorme lustre estava pendurado bem no centro, onde um símbolo de sol estava no chão. Devika estava observando o entrelaçar bem feito do círculo, quando a porta foi aberta novamente.

Um homem, com seus quase cinquenta anos, entrou, usando roupas elegantes que gritavam nobreza, com um sobretudo branco sobre os ombros arrastando no chão. Os cabelos dele eram curtos e de um castanho claro, ele parecia ser bonito, se não fosse pela cara tão assustadora, e os olhos, que eram da exata mesma cor dos de Kalon, não eram calorosos como os do guerreiro, e Devika sentiu a súbita vontade de mandá-lo se afastar.

— Então, essa é ela.

— *Devika* — proferiu Kalon.

Olhando surpresa para o tom do guerreiro, notou que Kalon mantinha o olhar preso no Mestre e não nela, e a forma como ele estava tenso, apitou algo em sua cabeça. Já o Mestre, acenou com a cabeça e olhou para Devika de cima a baixo.

— Você consegue usar seus poderes?

Devika deveria dizer a verdade: que nos últimos dias, ela tentara acender nem que fosse uma chama de luz, mas simplesmente não conseguia. Desde o encontro com o *Void* em Strongmeadow, ela não sabia mais como acessar seus poderes e a verdade, é que não queria.

Sendo assim, apenas disse:

— Não.

O homem apertou os olhos.

— Eu sei que você é ela, sinto sua energia enorme e não acho que meus guerreiros teriam errado. Você treinará com o Ancião Conselheiro, aprenderá a acessar todo seu núcleo de energia e a usar seus poderes para o bem.

“Se você tem um poder assim, não deveria usar para o bem das pessoas?”

A voz de Henrick brotou em sua mente, e Devika não queria rir, de verdade, porém não evitou quando o som escapou dos seus lábios, tendo como resultado todos os olhares sobre ela e um olhar raivoso do Ancião.

— Qual a graça, criança?

— Quem é que faz as regras se um poder é usado para o bem ou para o mal? *Como* ele é usado fala muito mais alto do que palavras bem e mal.

Só porque alguém tem luz, não quer dizer que ela é boa. Devika não disse aquilo em voz alta, especialmente quando o Mestre já a encarava bastante estupefato.

Ela sentiu quando os guerreiros presentes deram um passo para mais perto dela, querendo, provavelmente, dizer algo sobre aquele diálogo, mas seguindo a hierarquia que era imposta lá. E foi assim que o Mestre continuou:

— Muito que bem, se é o que você pensa, acho que só o futuro pode trazer alguma resposta.

— Eu não tenho tempo para o futuro, eu quero essas respostas agora.

Foi a vez do homem sorrir de alguma piada que Devika ainda não sabia a resposta. Ela sentiu quando o vento do salão pareceu parar de correr e a energia do homem se tornou cada vez mais forte e visível, uma nuvem de fumaça violeta surgiu da palma de suas mãos, e antes que qualquer um deles pudesse fazer algo, foi soprada diretamente para o rosto de Devika.

Devika afastou o braço do rosto, que automaticamente se ergueu para protegê-la da onda de poder arremessado contra ela, o xingamento na ponta da sua língua para ser direcionado àquele babaca, porém, assim que piscou os olhos para clarear a visão, o homem não estava na sua frente.

Nem os guerreiros.

Ela estava no que parecia ser o fim e o começo do mundo ao mesmo tempo. Um templo estendia seus pilares ao redor dela, e o chão era tão brilhante, que ela conseguia ver o seu reflexo e o do céu acima dela. Na sua frente, havia uma enorme lua em pleno céu claro, tão perto que ela sentia que poderia alcançar, entretanto foi a sensação de que não estava sozinha que a fez virar de costas e encontrar um corredor com uma porta fechada no final.

— Olá?

Ela sabia que aquilo não era exatamente real, não era a primeira vez que tinha contato

direto com magia, e aquilo era algo muito além de sua compressão. Queria xingar o Mestre, porque não tinha concordado com aquilo, e mesmo que suas mãos tremessem levemente com o medo de não retornar à realidade, sabia também que, enquanto ela fosse valiosa para aquele povo, tinha a vantagem da situação.

A menina seguiu vagarosamente até a porta, seus passos sendo o único som que era escutado, ela ergueu a mão para a maçaneta, mas um som de pingar de água chamou sua atenção, e uma voz chegou até ela:

— Você não pode abrir essa porta. — A voz ecoava por todo o templo, porém quando Devika se virou, suas costas bateram contra a porta no susto, ao ver uma mulher parada bem atrás dela.

Os cabelos dourados da mulher desciam até seus pés, flutuando ao seu redor, e era a única coisa que cobria seus seios e partes íntimas, ela brilhava tão intensamente, que era difícil encará-la durante muito tempo.

Aquela era Leocádia. A deusa da luz.

A lenda dizia que Leocádia e seu marido, Nyx, viveram sozinhos no mundo durante muitas eras e cansados de ficarem sozinhos, decidiram que era hora de terem suas criações, iguais a eles e que chamariam de filhos, e enquanto ela carregava no ventre aqueles que se tornariam os quatro deuses originais, ela teve um sonho: o mundo estava povoado de pessoas de todos os tipos e raças, havia sentimentos, alegria, tristeza, paixão, raiva, amor, e ela sabia que tinha chegado a hora de criarem tudo aquilo. Nyx, que era apaixonado por Leocádia como se tivesse a conhecido há apenas um dia, e não milênios, realizava todos seus desejos, e aquele não foi diferente. Eles, juntamente de seus filhos, criaram tudo aquilo que hoje existe e muito mais.

No entanto, eles não esperavam que os humanos fossem gerar seus próprios sentimentos, além daqueles com que ela tinha sonhado, e sem sequer ter certeza de onde nasceu, a mais pura maldade estava lá, espreitando das sombras e aterrorizando seus amados humanos. Nyx concedeu mais um desejo para a sua mulher: ele criou o submundo, um local para onde poderiam mandar as criaturas mais perversas e mantê-las presas lá, mas aquilo tomou muito da sua força vital, e conforme os anos foram passando, Nyx já não poderia mais ficar na terra e teria que partir para o seu descanso. Sem poder imaginar a vida longe de Nyx, a deusa declarou que o mundo não precisava mais dos deuses, que eles poderiam descansar no jardim eterno e deixar tudo nas mãos dos seus Descendentes, e que se um dia, eles precisassem de ajuda novamente, ela voltaria.

— Você não sou eu — foi a primeira coisa que Devika conseguiu dizer.

A entidade sorriu para a criança, ela não negou e nem confirmou, enquanto abria os braços, e o templo desaparecia ao redor delas, não havia nada além de nuvens e luz, e Devika, apesar de tremer de pavor, não saiu do lugar.

— Eu sou uma parte de você, e você é uma parte minha — a deusa respondeu, sua voz ecoando novamente em todo lugar e lugar nenhum. — Você surgiu de uma promessa e um destino que foi criado muito antes de você nascer.

— Fechar os portais do submundo.

— Proteger o que você desejar — corrigiu a deusa. — É verdade que há mais de 50 anos os portais do submundo começaram a serem abertos, no começo, não passava de um escape de

uma sombra ou outra, mas em breve, até mesmo deuses que foram banidos, estarão de volta.

— E o que eu devo fazer?

A deusa sobrevoou ao redor dela, por onde ela passava, surgiam no ar pequenas luzes de artefatos, Devika não conseguia entender quais eram suas formas, apenas que eram poderosos.

— Para cada portal, há uma chave que me foi dada pelo meu parceiro e que apenas com a dose correta de pura luz, conseguiria abrir ou fechar. Você precisa achar as quatro chaves antes do seu 21º aniversário. É quando Abaddon não terá mais como ser derrotado.

— Como eu vou achar essas chaves?

— Sua alma foi marcada, e seu poder abusado, você não acredita mais nele e não acredita mais em ninguém. Você selou seu poder sem sequer perceber e brinca mais com as sombras do que com a luz — a deusa declarou, em um tom profetizado. — Para lutar contra, você precisa acreditar.

— Em quê?

Acreditar. Aquilo era uma piada? Deixaram Devika durante dez anos presa naquele quarto, nas mãos de Henrick, nas mãos dos poderosos, que olhavam para ela e viam nada mais do que um objeto. Nunca uma mão foi erguida para ela.

Sua família era seu desejo de proteger.

Aleena, ela não sabia se voltaria a encontrá-la, mas era seu desejo protegê-la também.

O que restava para ela acreditar?

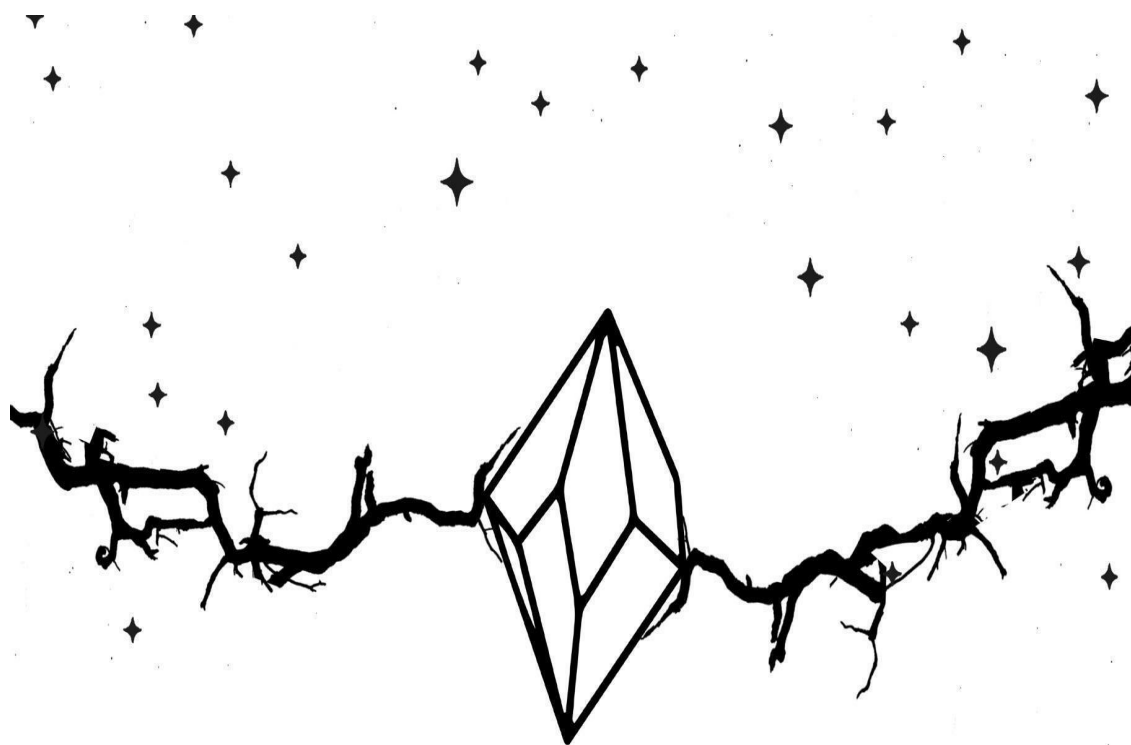
Devika.

Uma voz bateu na porta de sua mente, um eco e um sussurro de alguém que ela tinha acabado de conhecer.

— Você vai saber onde procurar. Não se preocupe.

— Espere, eu...

Ela não conseguiu dizer mais nada porque a gravidade tomou conta, e o grito saiu de seus lábios quando ela despencou para o vazio abaixo.



CAPÍTULO 7

Por trás do sorriso.

Kalon viu quando o Mestre começou a concentrar seu Poder, em qualquer outra situação, ele estaria especialmente em alerta, provavelmente tiraria Devika dali antes mesmo que ele fizesse o primeiro movimento, mas aquele era seu líder, e a não ser que ele quisesse receber um castigo na frente de Devika, era melhor acreditar.

Soren foi mais rápido do que ele quando a loira desabou no chão, desacordada. O garoto se ajoelhou no chão, segurando o corpo de Devika em seu colo, ela parecia viva, mas Kalon não evitou o olhar enfurecido para o bastardo do seu pai, porque não bastava ele ter que aguentar em silêncio tudo que passava nas mãos do homem, ele ainda tinha que vê-lo machucando alguém que jurou proteger?

— O que você *pensa* que está fazendo?

— O meu trabalho.

— Atacar Devika sem nenhum aviso?

O Ancião apertou os olhos, o temperamento mal controlado era uma marca dele, e apesar de todos conhecerem, apenas Kalon conhecia as consequências e já fazia muitos anos que não tinha mais medo disso, só que agora, vendo Devika no chão... Era estranho que ele quisesse protegê-la disso? Sim, ele foi criado para proteger a reencarnação da deusa, porém em sua mente, desde que viu as pequenas cicatrizes em seus braços e o olhar perdido que ela tentava esconder de sua família, foi um pouco como se olhar no espelho.

— Você se preparou para protegê-la, e eu para ativar sua mente, cuidado com o seu tom, garoto. — Seu tom de voz não deixava espaço para mais nenhuma pergunta. — Levem-na para o seu quarto, ela vai acordar em breve.

Falando aquilo, ele virou as costas e saiu do salão sem mais explicação.

Soren deixou escapar um xingamento.

— Seu pai é um verdadeiro desgraçado — ele disse, Bas tentou controlar uma risada, falhando miseravelmente.

— Não é surpresa, talvez devêssemos ter alertado Devika antes — ele disse, olhando preocupado para a menina.

— Ela está bem — Kalon declarou, virando-se com as mãos estendidas automaticamente, para tirá-la do chão, exceto que Soren não notou isso e mais uma vez, foi mais rápido, ao ajeitá-la nos braços e ficar de pé. Kalon pigarreou. — Vamos subir.



Soren deitou a menina adormecida com cuidado em sua cama, Bas cuidou para que tudo estivesse fechado e ela tivesse tudo que precisaria ao acordar, e um a um, saíram do quarto, deixando Kalon por último, porque sabiam que ele usaria de seus poderes para conferir se ela estava bem.

Se aproximando da loira, ele esticou as mãos, tocando suavemente sua testa, que estava um pouco quente, e fechando os olhos, para se concentrar apenas o bastante e passar por suas barreiras mentais, Kalon viu uma fusão de luz e poder, não havia perigo além da própria mente confusa e turbulenta da menina, seja lá com o que ela sonhava, acordaria mais confusa do que nunca. E apesar de ele querer sentar em seu quarto e esperar, poder apenas falar que ele entenderia se ela estivesse com medo e que poderia confiar nele. *Neles*. Contudo, sabia que acabaria a assustando e pressionando ainda mais, ele sabia disso, só que se sentia muito responsável por ter a levado para lá, quando pediu tantas vezes que fosse embora e a deixasse em paz.

Olhando para a garota adormecida, se perguntou se não deveria ter feito o que ela tinha pedido, principalmente, porque sabia que estava ali apenas para proteger sua família. Kalon se

odiou um pouquinho mais por não ter dado a devida escolha à Devika. Dedilhando os dedos por sua testa, até alcançar as mechas que caíam na frente do seu rosto, ele colocou para trás, e um suspiro saiu dos seus lábios:

— *Desculpa.*

Se tivesse escolha, tiraria cada uma das pessoas daquele lugar e usaria seu corpo como escudo para que pudessem viver em paz. No entanto, ele não era forte o bastante.

“Você é uma decepção, por isso sua mãe foi embora e nos deixou. Deixou você.”

O pensamento intruso veio antes que pudesse evitar, deixando uma risada seca escapar, quando ele se afastou de Devika e virou de costas. Ele era ridículo.

Saindo do quarto em silêncio, Kalon colocou um sorriso nos lábios para os amigos, dizendo tranquilamente:

— Ela está sonhando, está segura.

— Eu preciso tomar um banho e dormir bastante, estou de folga, líder. — Soren brincou, já seguindo para o seu quarto, Bas ergueu a mão para chamá-lo e deixou escapar fracamente:

— A gente não devia ficar de guarda?

Basilius era o mais novo deles, deveria ter a mesma idade que Devika, mas não deixava de ser tão poderoso quanto o resto deles. Kalon apoiou uma mão em seus ombros.

— Vai descansar, Bas, está tudo bem — ele disse, e o menino fez beijo, porém concordou com a cabeça, se afastando. Sobrando apenas ele e Dareen. — Você também DD.

— A amiga dela — Dareen começou. — Nova voltou, não havia mensagem novamente. Você acha que...?

Kalon negou com a cabeça.

— Eu realmente espero que não, pelo bem de Devika. — Dareen pareceu concordar daquele jeito sem palavras dele. — Antes de se recolher, você pode pedir à cozinha para mandar uma refeição pra cá? Eu vou ficar aqui fora um pouco.

Como esperado, Dareen não fez perguntas ou questionamentos quando assentiu, se dirigindo à escada. Kalon soltou um grande suspiro quando se sentou em um dos divãs no corredor, abrindo o seu casaco e os primeiros botões da camisa, colocando suas espadas gêmeas ao seu lado.

Ele também precisava de um banho e uma boa refeição. Precisava descansar. Entretanto, durante a noite costumava ser muito difícil dormir. Eram muitas mentes adormecidas que sobrecarregavam a sua, e sim, ele poderia desligar seu poder, mas a sensação de vulnerabilidade era muito grande.

Ele escutou o som de passos antes de ver quem era, contudo, tinha um bom chute quando sentiu o cheiro de perfume doce que era marca de Gemma.

A mulher, que era tão alta quanto ele, encostou-se à parede à sua frente, os músculos definidos do corpo esguio apareciam por baixo da blusa fina que usava. Os cabelos curtos e ruivos cobriam um dos olhos azuis.

— Demorou dessa vez, encontrou A Salvadora? — ela perguntou, fingindo interesse,

Kalon sabia que na verdade, ela queria algo mais dele.

— Você sabe que sim — ele disse, cruzando os braços e a observando.

Gemma era uma das guerreiras mais fortes da cidade, seu núcleo de energia era incansável como ela, e como Herdeira – ou seja, recebeu o dom sem ter sangue dos deuses em suas veias -, ela tinha a habilidade de ouvir a mente das pessoas, o que era bastante útil em uma luta. No entanto, péssimo quando ela pegava o escudo mental de Kalon distraído e usava aquilo para seduzi-lo direto para a cama, e sim, tinha funcionando algumas vezes, mas Kalon se odiava todas às vezes depois daquilo, porque ele sabia que não significava nada para nenhum dos dois.

— Eu não vim pedir para a gente transar. — Gemma falou, ofendida, e Kalon bufou, erguendo o escudo quando percebeu que ela ouviu seu pensamento. — Chato.

Kalon sorriu para ela.

— Se está curiosa para ver Devika, vamos reunir todos vocês em breve. — Ela acenou com a cabeça, ainda parecendo que tinha mais a dizer, e Kalon completou, adivinhando seus pensamentos dessa vez: — Dareen não está machucado e desceu agora pra cozinha, se você correr, esbarra nele *sem querer*.

— Babaca. — Gemma deu língua para o líder, porém sorriu em seguida. — Bom ter você de volta.

— Boa noite, Gemma.

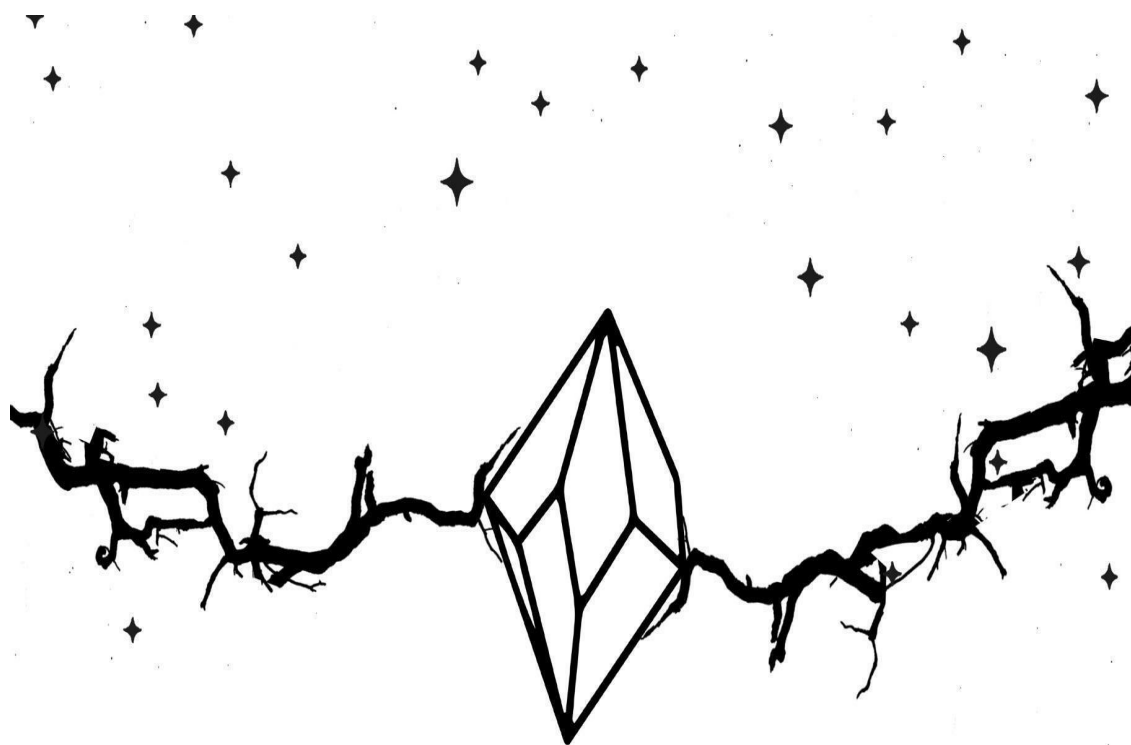
Ela não disse nada quando virou de volta para as escadas, e foi no mesmo segundo, que Kalon sentiu o despertar de Devika. Ele ficou de pé, andando até a porta do quarto, suas mãos pararam na maçaneta, ao perceber que ele não deveria entrar, se Devika quisesse sair do quarto, ela abriria a porta.

Ele conseguia ouvi-la se mexendo na cama, ficando de pé e começando a conferir todas as portas. Conferir o quê? Se estavam trancadas? Ele esperava que Devika confiasse um pouco neles, todavia, supôs que fosse ser difícil mesmo.

Viu as sombras de seus pés se aproximarem da porta, ela girou a chave que eles tinham deixado para dentro do quarto, mas não a abriu. Ficou parada ali durante alguns longos segundos, a respiração pesada, e em seguida, se afastou.

Kalon deu um sorriso triste para dentro do quarto e seguiu para o seu, por mais que desejasse, não cabia a ele forçar com que Devika desabafasse as coisas que deveriam correr dentro dela.

Se ele nunca falou com ninguém, não tinha como dar o exemplo.



CAPÍTULO 8

Por trás dos sonhos.

Após o pânico de acordar e achar que estava novamente presa em um quarto sem poder sair, Devika se acalmava na banheira de água quente, ela não saiu do quarto, porque viu a sombra de alguém do lado de fora e não queria conversar ou responder perguntas.

Na verdade, ela não queria fazer nada, era tentador se afundar na banheira e apagar o mundo lá fora, esquecer que existia, como esqueceram que ela existia. Sua família estava segura ali, não as expulsariam. E apesar dos garotos não falarem nada nesses quatro dias em que viajaram juntos, eles não receberam notícias de Aleena, então das duas, uma: ou ela estava morta ou ela decidiu seguir com a vida longe da aura turbulenta e exaustiva que era Devika.

Ela não queria acreditar naquilo, mas os pensamentos intrusivos às vezes falavam mais alto do que a racionalidade. E lidar com seus sentimentos era a coisa mais difícil para Devika. Durante todos esses anos, ela só tinha que estar viva. Não desobedecer ao seu tio. Sorrir para Edlynne e seguir adiante.

Um dia.

Mais um dia.

Dez anos.

Ela olhou para a água que brilhava nas cicatrizes em seus braços, seu tio nunca se importou em ter cuidado ao fazer cortes nela, para vender seu sangue como poções de cura temporária, a energia que seu sangue dava para quem bebia, poderia parecer como se curasse qualquer coisa que tivesse, porém, na verdade, alimentava seu núcleo de energia, o tornando energético e ativo. Vivo, ironicamente.

Contudo, acabava que era como uma droga e quanto mais você bebia, mais você queria e voltava pagando o dobro, o triplo, qualquer coisa que seu tio pedisse, em troca do poder da “Alta Sacerdotisa” que vivia com ele, e talvez Devika não culpasse as pessoas que nunca a viram ou ao seu poder ao vivo, julgando-as como ignorantes, só que o mesmo não valia para aqueles que estavam lá quando ela era forçada a usar seu poder ao vivo.

Ela afundou na banheira.

Os olhos fechados na escuridão, a água silenciando todos os barulhos ao seu redor, e ela não ouvia sequer seus pensamentos. Abrindo os olhos, sua boca abriu em um susto, e a água entrou em seus pulmões quando ela viu um rosto na superfície.

Devika levantou com tudo, pingando água para todos os lados e olhando ao redor, mas não havia nenhuma alma além da dela naquele banheiro. Suspirando, puxou a toalha que tinha deixado perto dela e se enrolou, ficando de pé, andou até o espelho que tinha no banheiro, notando seus olhos pálidos e cansados, e desviou o olhar, sem querer se encarar muito. Colocou a camisola mais leve que achou no armário daquele quarto e se jogou novamente na cama, esperando que o mundo esquecesse dela.



Devika estava na antiga casa onde morava com seus pais quando pequena.

Obviamente sonhando, então.

A casa pequena ainda parecia a mesma, com o cheiro de violetas do jardim de seu pai, e pães quentinhos de sua mãe saindo do forno. Seus pés pequenos corriam pelo fundo da casa, pequenas ondas do seu poder de luz saíam de suas mãos em formas de borboletas, flores, folhas e nuvens, fazendo a jovem menina rir com cada uma delas.

— E um dragão? — seu pai perguntou com uma voz tenebrosa, pegando a menina por trás e colocando-a em seus ombros, ela riu, se agarrando nos cabelos loiros dourados como os dela.

— Um dragão ainda não consigo, papai, talvez uma pantera.

— Está tudo bem, quando não souber o que fazer, seu pai vai ensinar. — O homem andou com ela até o balanço meio torto que ele tinha feito na árvore do jardim, colocando a filha lá, Devika ergueu o rostinho, tentando ver os olhos de seu pai que eram iguais os seus, porém a luz do sol bloqueava as feições do seu rosto. — Mas você só precisa seguir o que sente aqui dentro. — Ele tocou em seu coração e bagunçou os cabelos da filha.



Ao abrir os olhos, Devika encontrou o céu estrelado da noite, o vento frio tocava em suas bochechas, e seu corpo estava em algo que parecia ser grama, porque pinicava seus braços e pernas nus. Sentando, ela olhou ao redor, notando realmente se tratar de uma clareira cercada por enormes árvores, o ponto onde estava parecendo ser o único local por perto que tinha esse espaço sem nenhuma árvore. Se apoiando no chão para ficar de pé, ela notou que estava com a fina camisola que tinha colocado ao dormir, seus pés descalços estavam doendo, e ela via marca de cortes e sangue recente neles.

Como diabos ela tinha ido parar lá?

Olhando em volta, notou, não muito distante, uma pedra alta em pé, ela emitia uma fluorescente luz prateada, e parecendo um bom começo para saber porque veio para nesse lugar, foi naquela direção, só para notar mais uma coisa: pequenas luzes prateadas brilhavam ao seu redor, apertando os olhos, ela achou ter visto algo humanoide com pequenas asas batendo.

— Não se preocupe com eles, são apenas fadas. — Virando o rosto e quase caindo para trás com o susto, viu que em cima da pedra tinha um menino, que brilhava totalmente em prateado, desde os cabelos até os pés. — Você é A Salvadora, então.

Devika realmente tentava manter a compostura e não gritar, e sair correndo sem olhar para trás. Aquilo era extremamente surreal. Tinha um ser desconhecido e que parecia um fantasma em sua frente, além disso, ela tinha, aparentemente, virado sonâmbula e andado para longe do castelo.

Aquilo era assustador. Só que ao mesmo tempo, era também... Curioso? Aquela chama que chamava por vida, e ela nem sabia que ainda existia dentro dela, piscou com esse sentimento de curiosidade.

— E você é?

Ele sorriu, sapeca.

— Vejo que tem muitas perguntas. — Ele flutuou sobre a pedra, as pernas ainda cruzadas. — Vou te responder algumas de graça.

— Eu não falo com estranhos — respondeu Devika, virando de costas para descobrir o caminho de volta para o castelo, sim, aquilo era curioso, só que ainda era perigoso. Ela não pretendia se meter em encrenca logo no primeiro dia em que tinha encontrado um lugar seguro

para sua família. Talvez depois. Contudo, o menino apareceu na sua frente, e ela deu um passo para trás. — O que é?

— A luz que está dentro de você não é seu desejo, e ainda assim, as sombras parecem se fechar cada vez mais — ele disse, enigmático. — Se vai salvar ou destruir, o que será?

— Salvar ou destruir o quê? — ela não evitou da pergunta escapar, mas ele riu, ficando apenas alguns centímetros acima do chão, batia na altura dos seios dela, a criança ou o que quer que ele fosse.

— Além das ondas prateadas é onde começa sua jornada, conhecimento vai vir para você. Oh, o que eu vejo? Sentimentos confusos você tem, criança, vai aceitar a mão e cair junto?

— O quê? — exclamou, totalmente confusa, será que ainda estava sonhando? Fazia mais sentido do que aquilo ser real.

Ele flutuou ao seu redor, parando atrás dela e forçando-a a se virar.

— Agora, como pagamento, por que não dar um pouco de força para a minha casa?

Devika não sabia como responder, já que ela não tinha entendido nada do que aconteceu ali, preferiu apenas sair daquele lugar o mais rápido possível, porque os pelos de sua nuca começavam a arrepiar. Entretanto, assim que deu um passo para longe, mãos seguraram sua cintura, olhando por sobre o ombro, via vários braços enormes e sombrios saírem daquela pedra, as mãos segurando em seus braços, pescoço e cintura.

— Eu não sei quem você é, mas quer me soltar? — ela falou entre dentes, fazendo força para continuar andando, mas as mãos a puxaram mais para perto das pedras. — Me solta agora!

Um raio de luz violeta passou por cima de sua cabeça, e o grito animalesco veio ao redor, quando os braços foram cortados com a energia, Kalon segurou Devika pela cintura, colocando-a atrás dele, e com a espada luminosa erguida pela mão que não a segurava.

— Eu vou te dar apenas cinco segundos para sair da minha vista, *Rune*, ou eu vou destruir sua casa em pedacinhos.

A criança sorriu, os cantos da boca subindo mais alto do que o normal, quando ele se transformou em um tornado e entrou de volta na pedra, que parou de brilhar.

— Você está bem? — Kalon virou-se de frente para ela, segurando em seus ombros enquanto a olhava da cabeça aos pés, seus olhos notaram o sangue em seus pés. — Você está machucada.

— Estou... Kalon! — A frase foi interrompida quando o moreno a tomou em seus braços, segurando-a com firmeza contra seu peitoral. — O que pensa que está fazendo?

— O castelo não está tão perto, vai ser mais prático dessa forma ou você vai se machucar mais ainda. — Ele a segurava com firmeza, apesar da garota se sacudir, e o menino completou: — Bom, vai ser mais fácil se você parar de se debater.

Como os braços dele eram duros como ferro, ela suspirou, passando os braços ao redor do seu pescoço.

— Boa garota.

— Eu vou te dar um soco — resmungou, o fazendo rir. — O que era aquela criança?

— Não era criança nenhuma, mas um espírito da floresta, ele está conectado àquela pedra e sobrevive com a energia dos seres vivos. — Kalon começou a andar com ela, Devika tirou um segundo para observar o perfil bonito do garoto, mas além da beleza, como ele conseguia passar essa sensação de segurança para ela? O menino a pegou em flagrante o espionando e deu um sorriso, Devika sentiu suas bochechas ficarem vermelhas, ainda assim, continuou o observando. — Como você veio parar aqui?

— Eu não sei, uma hora estava dormindo e então acordei nesse lugar.

Ele acenou com a cabeça, virando o rosto para frente, curiosamente, parecia que tinha ficado com mais vergonha do que ela de terem os olhares fixados durante tanto tempo.

— Você me acordou, seu sonho era, de alguma forma, muito intenso e diferente, fui até seu quarto, mas você não estava lá, e sentia você cada vez mais distante, até que você acordou, e eu perdi a direção. Desculpa a demora para te encontrar.

Devika negou com a cabeça, seus cabelos roçando contra o queixo e peito de Kalon, a fazendo observar o contraste loiro contra o tecido escuro da camisa que ele usava. Não vestia todo aquele uniforme que ela passou a ver nesses últimos dias, achou que ele veio apenas usando a roupa de dormir e sua espada. E aquilo a lembrou: ela estava apenas com um vestido muito fino e seus braços totalmente à mostra. Ela recuou, colocando os braços contra seu peito, Kalon abaixou os olhos para ela de maneira confusa.

— É mais seguro se você se agarrar em mim.

— Você não vai perguntar das minhas cicatrizes? — ela sussurrou.

— Perguntar o quê? Você lembra que eu já as vi no nosso primeiro encontro, correto? — ele disse, e a loira arregalou os olhos, tirando uma risada dele. — Está tudo bem, Devika, todos nós temos nossas cicatrizes. — Sua voz era como uma canção em seus ouvidos, calma e deliciosa, e Devika se esqueceu de ter vergonha ou medo, se esqueceu até que estava sendo carregada por ele, que suas mãos fortes e calejadas, seguravam a cintura dela e seus joelhos com firmeza. — Não vou mentir e dizer que não fico com curiosidade de ouvir sua história ou de causar o mesmo dano em quem fez isso com você, mas é sua história, e você vai contar quando quiser.

Devika não disse nada durante os próximos dez passos que Kalon deu, o vento da noite era tranquilo, e às vezes, ela via as pequenas luzes que aquela criatura disse serem fadas, ouvia sons que deveriam pertencer a qualquer ser que tinha naquela floresta, mas ali, com Kalon, ela sentia que nada ia lhe acontecer.

Esse era mais um sentimento que crescia nela como uma pequena semente, era estranho, porém seja lá o que o futuro reservava para ela, de certa forma, sabia que estaria segura perto dos quatro.

— Eu gostaria que vocês tivessem me encontrado antes — confessou baixinho.

Kalon deu mais meio passo, antes de parar de andar, Devika ergueu o rosto para ele, querendo entender o que aconteceu ou se havia algum perigo por perto, já que o olhar do guerreiro estava focado na sua frente. Aquilo durou duas curtas respirações, e ele abaixou o rosto para ela, sussurrando:

— Desculpa.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Pelo quê?

— Proteger você é o único dever que eu tenho, eu devia ter sido melhor, mais rápido, ter ficado mais forte mais cedo, eu...

Devika não hesitou quando ergueu uma de suas mãos para tocar na bochecha dele, suas unhas curtas roçando ali, onde ela sentia sinais de que ele deveria fazer a barba.

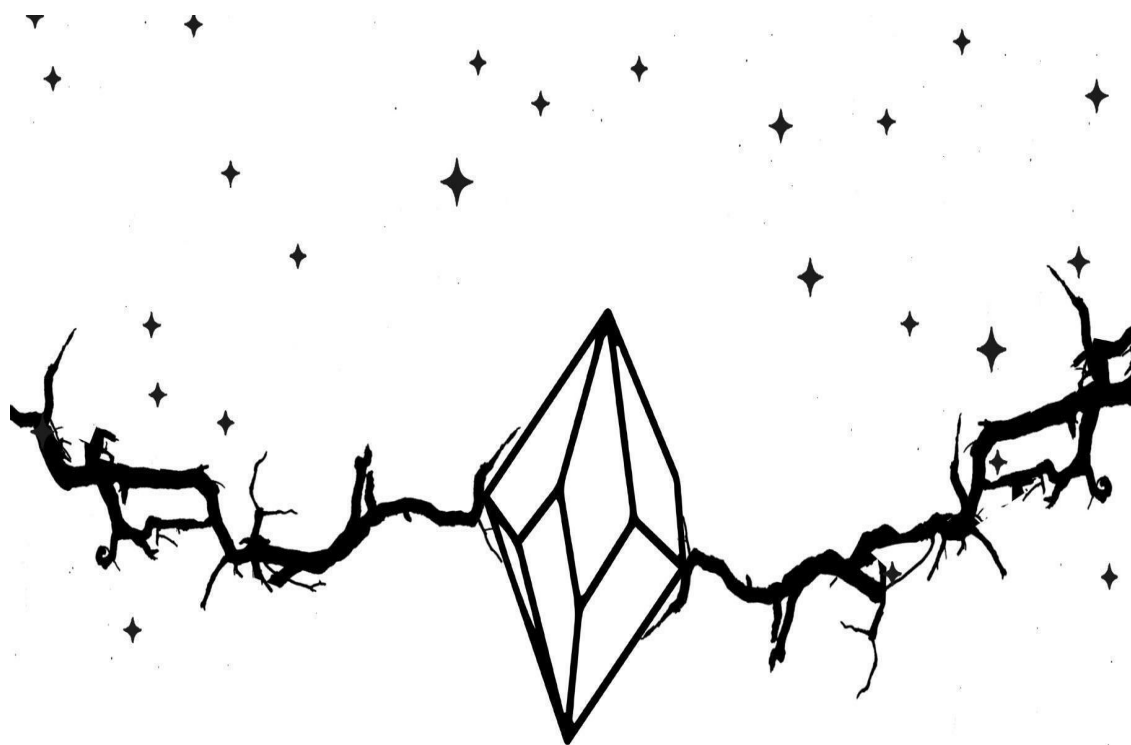
— Eu não quero ser uma obrigação para ninguém, Kalon. — Sua voz era séria e firme, Devika sabia o que era sentir um peso enorme em suas costas e não queria ser a razão de levar o mesmo sentimento para alguém. — Se sua gentileza, seus sorrisos, sua proteção forem apenas uma responsabilidade, eu não quero nada disso. *Tome de volta*. — Mais uma vez, Devika tentou sair do aperto dos seus braços, achou que agora, ele a deixaria sair, só que Kalon a apertou mais firme, erguendo o corpo para mais perto do seu, seus rostos quase se tocavam, e ele não olhou para ela quando disse:

— Não.

— Como é?

— Deveria ser uma obrigação, é verdade, mas não é. — Kalon virou o rosto para ela, não havia sorriso presente, o que era uma raridade, porém ele estava tão lindo, que parecia um anjo caído. — Eu juro.

Ela não tinha palavras para responder aquilo e preferiu assentir minimamente, quando os passos retornaram com os dois em silêncio, mas com uma espécie de paz desconhecida.



CAPÍTULO 9

Que comece.

— Devika, chegamos.

A garota abriu os olhos, sonolenta, não tinha percebido que havia pegado no sono e acima de tudo, nos braços de Kalon. Se ela não estivesse morrendo de vergonha agora, nada mais a mataria.

O garoto sorria, como se soubesse o que ela estava pensando, e olhando ao redor, percebeu que não estava em seu quarto e sim, em uma grande sala que parecia ser de treinamento, com bonecos por toda a parte, alvos e até mesmo uma estrutura grande sobre uma ponte de madeira não muito grossa, que deveria ser para treinar agilidade. A sala era tão grande quanto o salão, se não maior, e o teto era um grande domo de vidro, que revelava o céu estrelado.

— Eu vou buscar a chave reserva do seu quarto e pegar algo para limpar seu pé — Kalon informou à pergunta não feita por ela, e Devika acenou com a cabeça, até onde lembrava, sua porta estava trancada, e se saiu com a chave, não lembrava onde tinha deixado.

Quando ele saiu, deixando-a sozinha, os pensamentos de Devika vagaram para o que aconteceu na floresta. Como tinha ido parar lá? E o mais importante, havia alguma razão?

As coisas que aquela criança/espírito disse para ela foram totalmente estranhas e não pareciam ter lógica. Ele falou sobre a luz que ela não desejava, talvez se referindo ao Poder dela, e não era nenhuma mentira, mas o que o resto significava?

Tudo aquilo era completamente ridículo, Devika mal conseguiu manter sua família segura desde que seu pai foi embora, ela sequer tinha conseguido salvar a si própria e agora, era a esperança de tantas pessoas. A forma como Kalon olhava para ela com tanta esperança e certeza de que ela vai ter sucesso era enlouquecedora, porque Devika sentia o desejo de ser essa pessoa que ele via, só que ela não era.

— Eu não esperava ter que competir pelo salão de treinamento em plena madrugada.

Devika ficou de pé com o susto, ao escutar uma voz estranha, um homem alto estava parado na porta, a luz do corredor era muito fraca para ela conseguir ver suas feições, entretanto ele não hesitou em entrar no cômodo. O corpo forte declarava ser um guerreiro, não um funcionário, os cabelos lisos e escuros estavam molhados e jogados para trás, revelando que ele tinha tomado banho muito recentemente, os olhos castanhos eram bonitos, porém muito sérios.

— O que temos aqui? Nunca te vi antes — ele disse, dando passos cada vez mais para perto de Devika, as mãos estavam enroladas em ataduras, e ele não usava uma blusa, mostrando o corpo sarado com algumas cicatrizes. — Sua energia...

— Devika, meu nome — ela disse, antes que ele continuasse a análise. — Você pode retribuir a educação falando o seu.

Ele sorriu.

— Caelum. — Os olhos treinados passaram para o corpo dela, parando nos pés machucados. — Você está machucada?

— Está tudo bem — cortou, dando um passo para trás. — Eu estava esperando alguém, mas posso esperar lá fora, se você quiser treinar.

Ela não se sentia à vontade sozinha com um estranho, quando conheceu os garotos, era como se eles fossem conhecidos de longa data, e a estranheza foi fácil de ser deixada para trás, contudo, aquele era somente um estranho, e o fato de que Devika estava sozinha com ele, e a única saída era atrás do mesmo, a fazia sentir certa pressão no peito, e antes que aquilo piorasse, ela seguiu a passos rápidos para passar por ele e chegar na saída.

— Espera.

Caelum segurou em seu braço para impedir que ela continuasse, nesse mesmo segundo, Devika sentiu a energia de Kalon por perto e seus passos de volta.

— Desculpa a demora, não sabia exatamente onde estava o kit de primeiros soc.. — Sua voz morreu quando seus olhos a encontraram com o estranho, ele viu a mão de Caelum a segurando e apressou o passo, puxando o ombro do outro com força para trás, que foi obrigado a soltá-la. — Você poderia ser mais educado com quem não conhece, Caelum?

— E você poderia ser menos bom moço, Kalon? — Ele aumentou o sorriso, sem perder o equilíbrio e se afastando sutilmente. — Suponho que essa deva ser a tão famosa Salvadora.

Kalon não respondeu, mas Devika sim.

— Se vocês vão falar de mim como se eu não estivesse aqui, eu vou me retirar.

— Não — os dois falaram ao mesmo tempo, e Kalon completou: — Você está machucada.

— São uns cortezinhos, por favor, vou sobreviver. — Ela suspirou, finalmente se jogando no lugar onde estava sentada antes, seu corpo estava pedindo por descanso, e sua mente queria gritar, ela não sabia qual era a daqueles dois, porém não tinha forças para separá-los. — Esqueçam, façam o que quiserem.

— Não tem problema, Caelum já está de saída, certo? — O tom da voz de Kalon não deixava espaço para questionamento, e apesar de Caelum parecer um pouco mais velho que ele, apenas riu e ergueu as mãos.

— Claro, *líder*. — Com um sorriso frio, ele olhou para Devika. — Até logo, Devika.

Ela acenou com a cabeça, e os dois que ficaram observaram Caelum se afastar silenciosamente e fechar a porta atrás dele, tirando a única luz que entrava na sala, que agora dependia apenas do brilho das estrelas e da lua.

Kalon bufou, se jogando com um baque e sentando aos seus pés.

— Aquele babaca — murmurou, e Devika ergueu a sobrancelha. — Digamos que em comum, só temos os mesmos pais, e não é algo para se orgulhar.

Ela riu, entendendo finalmente.

— Então ele é seu irmão? — perguntou, conforme ele abriu a caixa de primeiros socorros para tratar dos pés dela, Devika estava pronta para se oferecer, porém ele foi mais rápido, colocando um pé dela sobre o joelho dele e aplicando um remédio que fez a menina sibilar, Kalon ergueu o rosto para ela com um sorriso brincalhão.

— Achei que era só um cortezinho — provocou.

— Não vou me dar ao trabalho de responder — retrucou Devika e viu que ele sorria à medida que tratava os machucados. — Por que vocês não se dão bem?

Kalon deu de ombros.

— Caelum é mais velho, mas eu que recebi o Poder da Descendência, ele sempre me odiou por essa razão. — Sua voz era tranquila, só que Devika podia apostar que havia uma mágoa por trás disso, como a irmã mais velha, nunca passou por sua cabeça ter qualquer outro sentimento por Edlynne que não fosse proteção e o mais puro amor, e por isso era difícil acreditar em todo esse ódio.

— Você o odeia? — Kalon demorou um segundo para responder e sussurrou um baixo “não”. Ela sorriu. — Eu aposto que ele também não.

Dessa vez, não houve resposta, e quando ele terminou, dando um tapinha em seus tornozelos, sorriu para seu trabalho, ficando de pé e oferecendo a mão para ela.

“vai aceitar a mão e cair junto?”

A lembrança da voz do ser na floresta a fez hesitar, confusa sobre porquê lembrou disso nesse momento. Kalon a observava, esperando, e antes que gerasse perguntas, ela colocou a mão sobre a dele.

Subiram para seu quarto, onde ele a entregou a cópia da chave e provocou a menina, dizendo para ela não perder essa novamente, Devika apertou os olhos para ele e fez um gesto para que a deixasse em paz.

E aquele sorriso voltou para os lábios dele.

— Boa noite, Devika.

— Boa noite, Kalon.

Ao se jogar na cama, se sentia quente e muito acordada. Percebeu que essa era a primeira vez que conversava com alguém nesse nível de amizade que não era Aleena, e o olhar, atenção e zelo de Kalon, a faziam se sentir assustada. Assustada porque não tinha espaço para colocar em sua vida mais uma pessoa a qual tivesse que proteger, a qual pudesse desapontar, e aquilo era tão cansativo, que Devika desejava que pudesse, de alguma forma, desaparecer, como se nunca tivesse existido.

Quando ela dormiu, não sonhou novamente com seu pai, no lugar disso, havia um mar prateado, que brilhava por vários quilômetros. Uma cidade portuária com muitas gaivotas voando e descendo para pegar comida, chamava sua atenção ao longe, a visão do seu sonho continuava a seguir adiante na cidade matutina, passando tão rápido pelas casas e pessoas, que ela mal conseguia formar uma visão de algo, até que ela viu uma grande área aberta, com pedras e pequenas moitas espalhadas ocasionalmente. Um brilho muito forte vinha à frente, e quando ela se aproximou...

E ela acordou.

“Além das ondas prateadas é onde começa sua jornada.”

E foi assim que ela soube onde estava a primeira chave.



Basilius havia acordado Devika ainda cedo, ele estava acompanhando de uma funcionária, uma mulher com cabelos loiros curtos, os olhos cor de mel eram bondosos, e deveria ter quase quarenta anos.

— Devika, essa é Olivia. Ela vai ser sua assistente pessoal, qualquer coisa que você precisar, pode pedir a ela.

Devika olhou para a mulher, que mantinha a cabeça baixa educadamente, a última e única assistente que Devika já teve foi Aleena, sua melhor amiga, que ela não sabia onde se encontrava nesse segundo. Se estava bem e segura. Tudo porque tinha se envolvido com ela.

— Agradeço, mas não preciso, posso cuidar de mim sozinha — Devika falou simplesmente, caminhando para a porta a fim de mostrar a saída e o encerramento da conversa.

Bas engasgou, confuso.

— Devika...

— Lady, se você me permite, o que vai fazer quando seu sangue descer? Você ainda não conhece a cidade e não vai saber onde encontrar o que precisa. E se por acaso precisar de um remédio contraceptivo? — As bochechas de Devika coraram, e a mulher sorriu bondosamente. — Acredito que você precise sim, de uma assistente.

Devika não sabia como responder àquilo, além de com a verdade.

— Estar perto de mim é perigoso.

Ela sentiu os olhos azuis de Basilius em seu rosto, porém seu foco agora estava em Olivia, que deu de ombros.

— Estar viva é perigoso, ainda mais em uma casa cheia de guerreiros temperamentais. Eu vou ficar bem. — Não esperando Devika concordar, a mulher cheia de energia empurrou a menina para o banheiro. — Vou ver que roupas você trouxe e te trazer algo, enquanto toma um banho, e o que diabos aconteceu com seus pés? Basilius me contou que você vai encontrar com o Conselheiro hoje, vai precisar estar bem alimentada para isso, vou mandar o café subir...

A mulher continuou a falar conforme empurrava Devika para a banheira, que não soube o que responder a não ser seguir as ordens de Olivia.



Olivia percebeu que Devika tinha trazido consigo somente vestidos e dizendo que em breve fariam compras, entregou para ela uma versão mais leve do que Devika costumava usar. As mangas compridas e soltas estavam lá, mas seu colo estava descoberto, o tecido da saia era leve e não atrapalhava muito seu andar. Entregou sandálias para Devika, a fim de proteger os machucados que se curavam, e fez uma trança única e longa nos cabelos dourados da menina. Basilius, para crédito dele, esperou pacientemente na sala de entrada do seu quarto esse tempo todo. Quando ela estava terminando de se arrumar, ouviu as conversas e risadas que vinham do lado de fora, indicando que os outros garotos tinham chegado também.

— Eles sempre têm que andar comigo? — Devika perguntou, enquanto Olivia dava os últimos retoques.

— Eles treinam desde que têm cinco anos para proteger você. Não vão sair do seu lado nunca mais.

Desde os cinco anos? Aquilo era ridículo, por que colocaram essas crianças para treinarem tão pequenas?

Lembrou, não pela primeira vez, o que os garotos tinham dito. Que aquela cidade foi criada pelo seu pai para ela, e a versão do homem amoroso e bondoso não batia com a versão de um rei, será que ele tinha colocado uma regra para esses guerreiros treinarem desde cedo? Ele sempre ensinou à Devika como usar seus poderes, mas os ensinamentos eram mais brincadeiras

do que a sério, e enquanto ela pôde aproveitar seus anos como criança, esses meninos tinham que estudar armas e golpes? Devika teve uma súbita vontade de gritar com os deuses, que fizeram variadas escolhas e deixaram o futuro nas mãos daquelas crianças. Nas mãos dela.

Talvez ela estivesse com vontade de gritar com seu pai também, que nunca explicou nada para ela e não estava ali para ajudá-la a entender o poder que tinha, trazendo de volta aquela sensação de que seu poder era uma benção, não uma maldição.

Quando chegou na sala e viu os rostos sorridentes dos quatro guerreiros que começava a conhecer, aquele sorriso que você só dava quando estava perto das pessoas que amava como sua família, que às vezes sabiam mais segredos seus do que aqueles que compartilhavam seu sangue, a normalidade daquilo apertou o peito de Devika, e de repente, ela queria, mais do que tudo, fazer parte desse grupo, ser um deles, poder estar em um local com essas pessoas que não a julgariam, que não a deixariam cair novamente, e que se caísse, a ajudariam a se levantar.

Aquilo era um sonho durante esses dez anos, um sonho que ela lia apenas em livros, Aleena tentava fazer tudo ao seu alcance para estar ao lado dela, mas muitas vezes, seu tio tinha o prazer de proibir a amiga de aparecer durante dias, apenas para torturá-la.

Contudo, aqueles quatro garotos, que apareceram do nada com a promessa de estarem lá por ela... Devika não queria obrigação, ela queria verdade.

Será que ela podia se permitir realizar tal desejo? Não queria que aquilo fosse tirado dela no segundo em que seus dedos fossem capazes de alcançar, não queria que fosse apenas uma pegadinha, e ela estivesse ali apenas por causa *do que* era, e não de *quem era*.

Devika não percebeu quando deixou uma lágrima escorrer, porém, eles sim, os meninos pararam de sorrir e ficaram de pé. Basilius foi o primeiro a se aproximar dela.

— O que aconteceu?

Enxugando a lágrima ridícula que escapou, ela negou com a cabeça e deu um sorriso.

— Olivia aplicou muito perfume em mim. Me deu alergia.

— Que audácia! — Eles ouviram a voz de Olivia e sorriram, mais leves agora que sabiam que não era nada de mais, mas Bas segurou em sua mão com delicadeza, puxando-a para mais perto do grupo.

— Vamos então? Você vai adorar conhecer o Conselheiro.

— Bas, não diga mentiras para Devika — falou Kalon, olhando para ela, um sorriso leve em seus lábios. — Você não vai adorar não.



Eles seguiram até os jardins, agora que estava de dia, Devika via que era ainda maior do que pensava inicialmente. E ainda mais bonito também.

Perguntou de sua família para Olivia antes de sair do quarto, e ela disse que as duas ainda dormiam, entretanto informaria que Devika já estava já acordada e que vai encontrar com elas mais tarde.

Eles seguiram até uma grande construção que ficava na lateral do jardim, suas vigas lembravam um templo, exceto que era totalmente fechado, e Devika não conseguia adivinhar o que tinha dentro ou quem morava lá. Não gostou de não ver janelas ou algo que pudesse lembrá-la do lado de fora, contudo, esfregando as mãos no vestido, entrou junto dos seus guerreiros.

Assim que entrou, um suspiro de alívio escapou de seus lábios ao ver que o local era mais arejado do que pensou. Havia um grande jardim dentro da casa, onde uma mesa estava posta com variadas frutas sobre ela.

— Conselheiro? — chamou Kalon em voz alta.

— Oh! Vocês chegaram.

Devika virou o rosto para onde escutou a voz, havia uma pequena fonte de água térmica do outro lado da casa, um homem estava de costas, se banhando ali, os cabelos eram ainda mais longos que os de Devika e flutuavam atrás dele, mas quando ouviu ser chamado, ele virou o rosto, ficando de pé rapidamente.

Devika desviou os olhos.

— Conselheiro, pelos deuses, você está nu!

— Claro que estou, Dareen, estava tomando banho — falou, como se fosse óbvio, um barulho de pés derrapando no chão, e um baque alto fizeram Devika virar a atenção para ele, vendo que o Conselheiro agora estava no chão. — Ai!

Suspirando quase em uníssono, Dareen e Kalon caminharam até ele para ajudar o homem a ficar de pé, Kalon esticou o braço, pegando uma roupa que estava pendurada ali perto e entregou para o homem se vestir.

Devika finalmente prestou atenção nele. O homem tinha uma aparência jovem e frágil, cabelos loiros muito longos corriam por suas costas, os olhos cor de mel moldavam o rosto doce, e um sorriso bonito apareceu nos lábios inocentes dele, quando correu até Devika e agarrou suas mãos.

— Finalmente! Eu esperei tanto tempo por você, minha querida.

— Ok? — ela falou, sem saber o que responder e fuzilando os guerreiros com os olhos, eles deveriam ter explicado mais coisas sobre esse Conselheiro, antes de levá-la para conhecer o homem. — Hm, Conselheiro?

— Você pode me chamar de Cassiel, querida. — Ele a arrastou até a entrada do seu jardim, puxando-a para se sentar ao lado dele no chão, havia uma pequena altura da estrutura da casa para o jardim. — Eu sempre me perguntei porque seu pai foi embora tantos anos atrás.

Aquilo atíçou a curiosidade de Devika.

— Você conheceu meu pai?

O homem, Cassiel, acenou com a cabeça.

— Éramos melhores amigos, ele me recrutou quando essa cidade ainda estava começando a crescer e pediu minha ajuda para criá-la. — Devika o olhou, confusa, quantos anos aquele homem tinha? Ele riu, parecendo ler seu pensamento. — Eu sou mais velho do que pareço, é verdade. Acontece que seu pai disse que não queria a imortalidade, então ele não ligava de dar um pedaço dela, se eu fosse ser fiel a ele.

— Espera, você disse o quê?

— Ah, a história do seu pai, o favorito dos deuses — o Conselheiro cantarolou. — Claro que eu o conheci alguns anos depois dos deuses terem adormecido, mas ele sempre foi um homem muito sábio e gentil. Certo dia, trinta anos atrás, ele chegou até mim e disse: “Está na hora de eu me apaixonar”. E foi embora.

Devika conhecia pouco da história de amor de seus pais, ela apenas se lembrava de quando era criança, dizia que nunca queria sair de perto deles, os chamava de rei e rainha, enquanto ela era a princesa. Seu pai falava que um dia ela encontraria o mesmo amor que eles compartilhavam, e a menina fazia cara de nojo.

Hoje em dia, ela não achava possível alguém ter tanto amor quanto seus pais tinham um pelo outro.

— O que você sabe sobre o fato do meu pai ter criado esse reino para mim?

— É exatamente o que você disse, ele criou para você. Ele nunca disse que seria a filha dele, no começo, ele apenas sabia que como a profecia dizia, a deusa reencarnaria quando as trevas comessem a retornar. Durante anos, ele e a sua guarda pessoal caçavam os seres das sombras e protegiam o que era possível. Seu pai, apesar de gentil, era muito poderoso. Foi quando o Imperador Abaddon matou seus amigos e guerreiros, que seu pai perdeu as esperanças de conseguir sozinho. Ele se refugiou nesta cidade e proibiu os moradores de saírem, a primeira vez que alguém saiu novamente foi há trinta anos, e foi ele.

Devika olhou para a grama verde, tinha um pequeno passarinho passeando por ali, ele parou por um segundo e em seguida, saiu voando. Livre.

Será que seu pai tinha se sentido livre alguma vez? Ou ele apenas fez as coisas que o destino planejou para ele?

Será que Devika teria que fazer o mesmo ou ela teria escolha?

— Sinto muito por não ter mais coisas para te contar, mas eu estou aqui para te ajudar a ter acesso aos seus poderes e te treinar em toda minha capacidade.

— Me treinar? — Virando o rosto para ele, Devika ergueu uma sobrancelha. — Como assim me treinar?

— Bom, você tem quatro guerreiros para te proteger, mas é sempre bom saber alguns truques, né? — O homem ficou de pé na sua frente, os pés descalços roçavam na grama. — Vamos, me mostre o que sabe.

Devika olhou para os meninos, querendo saber se o homem estava falando sério. Kalon riu.

— Eu já vi você usar uma adaga, deve saber algo.

— Quase nada, Aleena apenas me ensinou o bastante para o caso de... — Ela não

completou a frase, não queria ter que dizer para eles que era para o caso de seu tio ou alguém tentar fazer alguma maldade com ela enquanto dormia. Seu tio era bastante seletivo com quem colocava os olhos na sobrinha, no entanto, quando estava fazendo festas e bêbado, ele mandava guardas levarem Devika para seu círculo íntimo, onde obrigava a menina fazer truques baratos com seu Poder.

O silêncio ao seu redor era o suficiente para mostrar que os presentes deixavam a imaginação correr solta quanto ao que ocorreu com Devika. Ela queria dizer que não era o que eles estavam pensando, mas a humilhação e a violação, apesar de diferente, não tinha acontecido? Ela não tinha palavras para consolá-los, porque ninguém nunca a consolou.

— Muito bem então, me mostre mesmo assim. — Cassiel bateu palmas, querendo jogar o silêncio para longe, e pegou uma adaga de sabe-se lá onde, colocando na mão da menina, ele sorriu com carinho. — Me ataque.

Devika suspirou e como queria tirar a visão dela sendo fraca da mente dos guerreiros, decidiu atacar. Avançou primeiro para a costela, porém Cassiel desviou com facilidade, Devika seguiu, fazendo de conta que atacaria seu peito e mudando o percurso no meio do caminho para acertar o pescoço dele, ele foi um milésimo de segundo mais devagar dessa vez, quando agarrou o pulso dela e prendeu suas costas contra seu corpo. A outra mão estava livre, mas então, uma energia transparente tomou seu pulso, impossibilitando-a de se mexer.

— E agora? O que você faz?

Trincando os dentes, ela sabia que não tinha muito o que fazer, Cassiel estava pegando leve ao segurar sua mão, porque ele poderia usar sua própria adaga contra ela. Só que ela não queria desistir, pensando nisso, jogou sua cabeça para trás com força, acertando o nariz do Conselheiro, que acabou soltando-a com a surpresa, ela virou de frente para ele, enquanto os garotos riam do homem, que agarrava o nariz e choramingava baixinho.

— Ok, por essa eu não esperava.

Devika sorriu, se agachando na frente de Cassiel e tirando as mãos dele do rosto para ver o dano, sem sequer pensar, ela virou a adaga que segurava em sua mão para si mesma.

Contudo, alguém agarrou seu braço, antes que ela se machucasse.

— O que pensa que está fazendo? — A voz de Kalon soou preocupada ao seu lado, o Conselheiro parou de choramingar, observando a loira.

— Eu não consigo usar meu Poder, mas meu sangue vai acelerar a cura dele.

— Devika, não. — Kalon tirou a adaga de sua mão, a puxando-a para ficar de pé. — Você não precisa fazer isso.

Ela ergueu o rosto para Kalon, seus olhos focaram nos meninos atrás dele, que a encaravam entre espanto e tristeza. Ela não achava que eles sabiam sobre suas cicatrizes, Kalon não teria contado, e Devika não conseguia pensar no que tinha feito de tão errado. Seu tio não usou o sangue dela como bem entendia durante tantos anos? Ela não poderia fazer o mesmo?

— Devika — o Conselheiro chamou, se aproximando deles, ele passou a mão na frente do nariz, consertando o mesmo com um crack. — Esses guerreiros podem não te conhecer totalmente ainda, mas eles prefeririam morrer, a ver você machucada. — E lendo sua mente, ele continuou: — Não é pena ou mesmo obrigação, é apenas o que eles são.

Ela não sabia o que responder sobre aquilo. Fazia anos que não tinha ninguém que

tomava conta dela, ela nem lembrava como era e o que significava.

Devika podia não saber como retribuir aquele sentimento ainda, entretanto, poderia dar algo em troca. Virando-se para os quatros, ela disse:

— Eu sei onde está a primeira chave.

Ela contou para os quatro e o Conselheiro sobre o que aconteceu quando o Mestre a desacordou, em seguida, o encontro com a criatura na floresta, o que ele disse (não tudo), e seu sonho.

— Como você pode ter certeza que está em *Loch*? — perguntou Soren. — Não pode apenas ter sido um sonho por conta do que aconteceu?

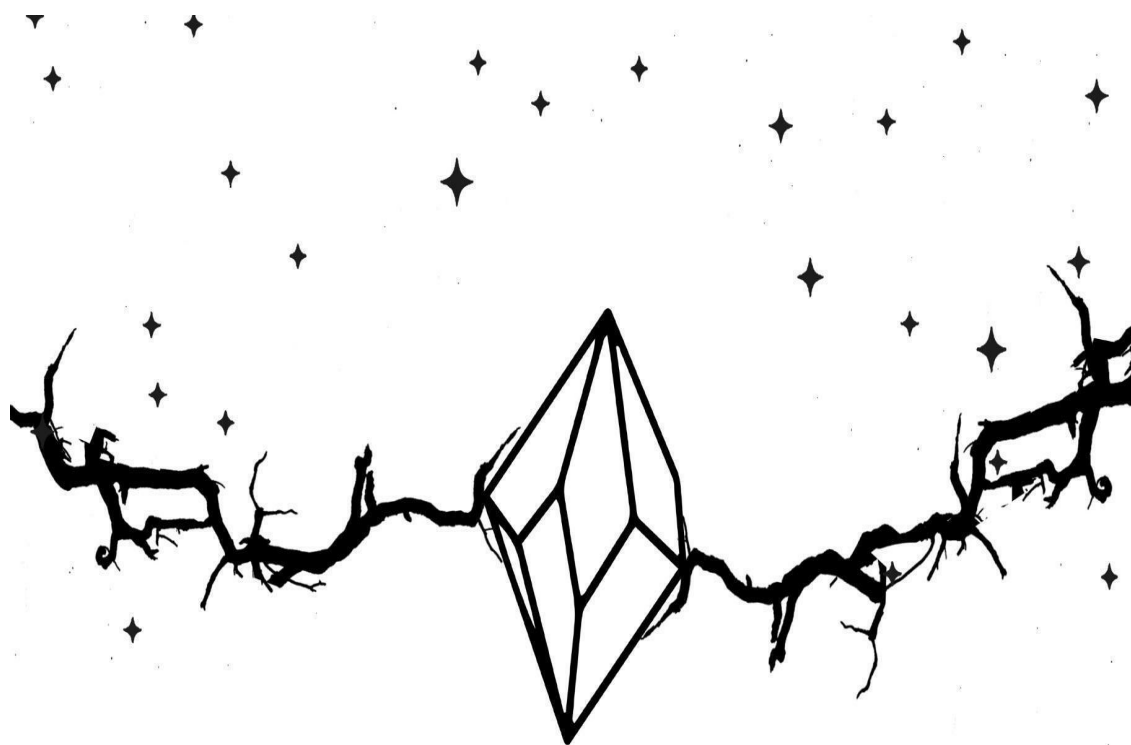
— Não. — Ela já tinha pensado nisso. — Primeiro, eu não conheço o mar de prata e nem sei como é Loch, como eu posso ter visto tão claramente, como se estivesse lá? Além disso, algo dentro de mim grita que é para lá que eu devo ir.

Soren não debochou daquilo e ficou calado, pelo que Devika era grata, porque sentia que o garoto gostava de contrariar absolutamente tudo. O que ele tinha de beleza, tinha de rabugice.

— A questão agora é quando partimos — falou Dareen, pensativo, provavelmente já calculando todas as opções. — Devika ainda não tem acesso aos seus poderes, ela precisa treinar defesa básica, a apresentação para os outros guerreiros do castelo vai ser hoje, e tenho certeza que Devika gostaria de passar mais tempo com sua família.

— Você disse que falta pouco menos de um ano para o seu 21º aniversário, acho que conseguimos todas as chaves até lá...

— Não, vocês precisam partir logo — Cassiel cortou a fala de Kalon, fazendo todos o olharem confusos, ele olhou para Devika com um olhar que parecia de pena. — Recebi notícias hoje, a cidade de *Belwall* foi atacada. A mansão onde Devika estava virou cinzas, o Imperador Abaddon já sabe sobre você.



CAPÍTULO 10

Partindo aos pedaços.

Devika teve que sair da casa do Conselheiro quando ele disse aquilo. O ar estava asfixiante demais, mesmo que o lugar não estivesse completamente fechado, ela ainda se sentia sufocada, como se estivesse afundando em uma poça profunda e não conseguisse alcançar a beirada. Não conseguiu andar até muito longe, parando ao lado de uma árvore, apoiou a mão nela, olhando para o chão com a respiração pesada. Suas pernas tremiam.

— Você está bem? — Bas tinha se aproximando dela, ainda mantendo um braço de distância, ela não precisava erguer o rosto para saber que os outros também estavam lá.

— Aleena... Está viva? — ela questionou.

Silêncio.

— Não sabemos, ainda não tivemos notícias — respondeu Dareen, com cautela.

A loira desabou na grama. A respiração cada vez mais pesada, enquanto lágrimas grossas caíam, antes que ela sequer percebesse que chorava. Sentia os garotos ao seu redor, sem saberem

o que fazer, mas mantinha os olhos bem fechados.

Ela não podia.

Achou que querer vingança contra seu tio seria o suficiente, achou que colocar sua família em um local seguro traria paz para ela, achou que escolher abrir uma porta para esses garotos fosse trazer alegria. Contudo, ela simplesmente não podia!

Ela odiava aquela cidade onde viveu tantos anos e várias vezes desejou que queimasse até virar cinzas, mas haviam tantas pessoas inocentes vivendo lá, pessoas que não sabiam da sua existência... E Aleena. Onde estava sua melhor amiga? Aquela que sempre pedia para que Devika respirasse fundo que o amanhã seria melhor, aquela que a deixava chorar em seu colo, vez após vez.

O que mudou agora, que não aconteceu durante dez anos? Ela fracassou em proteger sua família e fracassou consigo mesma, foi covarde e desistiu, e só porque Aleena, mais uma vez, lhe deu uma onda de coragem e esperança, que Devika conseguiu sair daquele lugar.

E nesse momento, Aleena estava, muito provavelmente, morta, e a primeira coisa que Devika pensava era que queria desistir de novo. A luz que tinha dentro dela não acendia mais, e no fundo, ela sabia que era porque estava tão profundamente na escuridão, que não havia como sair de lá.

— Devika. — A mão quente de Kalon repousou na sua nuca, ela o sentiu tirar a trança longa de suas costas, pousando em seus ombros, para que o vento da manhã soprasse nela. — Respire devagar. — Ela tentou, porém ainda era muito difícil. Ela já teve esses ataques outras vezes, onde não conseguia chorar, porque o desespero era tão grande, que parecia que a morte tinha chegado, e apesar de já ter tido esse pensamento, era assustador quando acontecia. Kalon fazia um carinho em sua nuca com o polegar, e uma onda de relaxamento passou pela menina, ele certamente estava usando um fio de seu Poder, entretanto, ela não se importava, era relaxante. — Eu não sei o quão longe sua mente foi, mas você está aqui conosco, e prometemos fazer o possível para que tudo dê certo.

— Você não pode prometer isso — ela soprou.

— Verdade — Bas concordou. — Mas eu sei o que é se sentir sozinho, e a única coisa que me ergueu dessa solidão, foi encontrar pessoas que eu amasse e me amassem em retorno.

— Seja qual for o peso em seus ombros, dívida com a gente — Dareen disse, apesar do tom sempre muito neutro, certa gentileza aparecia em sua voz.

— Devika, abra os olhos — mandou Soren.

Ela fez o que ele pediu, com certa dificuldade e ainda tentando controlar a respiração. A primeira coisa que viu foram os olhos preocupados de Kalon à sua frente, sua mão ainda segurando sua nuca. No entanto, ele não era o único, os outros três garotos também estavam ajoelhados no chão ao seu redor, esperando pacientemente que ela se erguesse, levasse quanto tempo fosse.

Ao ver a sinceridade nos olhos daqueles garotos que pareciam ter vivido uma vida inteira antes de encontrá-la, apesar de não serem mais do que dois ou três mais velhos do que ela, Devika abaixou o rosto novamente, e seu peito se partiu quando o soluço escapou de seus lábios, esperava o julgamento deles, esperava que eles dissessem que a reencarnação da deusa era fraca, mas nada veio, além do silêncio companheiro.

Demorou um pouco para Devika se acalmar, porém, assim que ela enxugou as lágrimas e ficou de pé, sua voz saiu firme.

— Obrigada — falou. — E me desculpa.

— Não tem porque pedir desculpas, você precisa ver Soren depois que bebe, ele se debruça em lágrimas, falando que nos ama — brincou Kalon, recebendo o dedo do meio de Soren como resposta, Devika sorriu, mesmo que apenas para mostrar gratidão.

— E agora? O que faremos?

— O Conselheiro acha que deveríamos partir o mais rápido possível, mas eu não acredito que Abaddon conseguiria rastrear a chave sem você, ele vai ficar em alerta, mas não vai poder fazer nada — Dareen informou, cruzando os braços e já calculando as opções. — Mas não sei que armas ele mantém escondidas, e se os rebeldes descobrissem essa informação, eu também não sei se eles nos dariam a chave.

— No final das contas, o que você prefere fazer, Devika? — perguntou Basilius.

Ela preferia ser outra pessoa, como essa opção não foi dada, pensou no que deveria ser feito.

— Vamos ter uma festa durante a noite inteira hoje, até o amanhecer, para celebrar o Solstício de Verão, achei que seria uma boa forma de você conhecer os outros guerreiros — Kalon disse, erguendo o rosto para o céu ensolarado, e sorriu para Devika. — Por que simplesmente não aproveita hoje, e amanhã pensamos no que fazer?

A loira acenou com a cabeça, novamente agradecida, porque aquela sensação de estar sempre sozinha começava a ser quebrada.



Devika encontrou sua mãe e irmã em uma parte do jardim onde havia uma mesa para chá e flores rosas ao redor, além das duas, Olivia estava presente também com mais duas meninas, que deveriam ser pouco mais novas que Devika. Uma era uma garota negra baixinha, os cabelos estavam presos em uma única trança, e ela fazia várias demonstrações para Ed de seus poderes, atravessando a mão na xícara e sacudindo os dedos do outro lado. A segunda garota tinha cabelos castanhos claros quase loiros e curtos, os olhos vermelhos eram brincalhões enquanto acendia uma chama em seus dedos, competindo com a amiga em quem aparecia mais.

— Devika. — Sua mãe acenou quando a viu com um sorriso no rosto. — Venha, venha, junte-se a nós. — Noamh ficou de pé, puxando a filha para um abraço e sorriu, mostrando as duas meninas. — Essas são Faith e Dawn, meninas adoráveis, disseram que fazem parte da guarda desse castelo, dá para acreditar?

Observando as duas, viu-as fazerem uma curta reverência com a cabeça, reconhecendo quem Devika era. Em retribuição, deu um sorriso para as meninas.

— Vocês parecem muito novas para serem guerreiras — provocou Devika, de forma brincalhona.

— Temos dezenove anos — Faith disse. — Apesar do tamanho.

— Você precisa conhecer os gêmeos, eles são os mais novos aqui no castelo — Dawn disse, ajeitando os cabelos claros, para depois sorrir para Edlynne. — Depois de você.

— Eu mal posso esperar pra crescer e ver que tipo de poder eu tenho.

Devika sorriu, porém olhou para sua mãe. Edlynne não tinha nenhum sinal de ter qualquer tipo de poder ou energia dentro dela, mas se o pai das garotas era esse homem tão poderoso, será que algum dia Edlynne teria poderes?

— Foque nos estudos, por enquanto — sua mãe disse, apertando o nariz da filha caçula, e virou para Devika. — Olivia estava dizendo que como vamos morar aqui por um tempo, Edlynne pode se matricular numa escola na cidade, e eu, com certeza vou procurar algum emprego.

Devika poderia ter dito que ela não precisava disso, se estava dando sua vida para salvar toda essa gente, e se esse castelo e cidade eram originalmente do seu pai, e feitos para ela, ninguém de sua família precisaria trabalhar. Contudo, ela sabia que a mãe amava ter as mãos ocupadas e tinha certeza que elas estariam protegidas com o tanto de gente ao redor.

— Ed, já que sua irmã chegou, vem comigo buscar um bolo na cozinha — falou Olivia docemente, adivinhando o pensamento da loira, que sorriu agradecida.

Assim que elas saíram, as duas guerreiras que restaram, ficaram de pé.

— Vamos à cidade comprar nossa roupa de hoje.

— Você é bem-vinda se quiser se juntar — completou Dawn com um sorriso amigável, Devika acenou.

— Obrigada.

As duas não pressionaram mais e acenando para Noamh, saíram de perto.

— O que foi, querida?

— Talvez eu tenha que viajar durante um tempo — Devika disse, se servindo de um copo d'água. — Eu dei minha palavra quando vim para cá e preciso cumprir com meu dever.

— Eu sei disso desde que você nasceu, mas por que está tão triste? — Sua mãe colocou a mão sobre a dela, virando para cima e entrelaçando seus dedos, Devika tentou sorrir, mas acabou apenas suspirando. — Você está preocupada com a gente? Vamos ficar bem, tem muitas pessoas boas aqui, e mesmo se não tivesse, eu estou aqui, vou proteger Ed.

— Eu sei disso. E me prometa uma coisa: se acontecer qualquer coisa errada, pegue Edlynne e vá embora. Se escondam. Encontre um pássaro mensageiro e mande mensagem para mim, e...

— Devika — sua mãe a parou. — Eu sou a mãe, eu sei o que fazer. — Quando sua filha mais velha se acalmou, ela sorriu carinhosamente. — Agora me fala, qual o problema?

— Eu não sei se sou capaz de tudo que esse povo pensa que eu sou.

Devika se importava com eles em um nível que começava a reconhecer, não queria decepcionar aqueles garotos, que esperavam que ela fosse ser uma grandiosa deusa.

— Quando você era pequena, seu pai disse para mim que um dia você encontraria pessoas que te protegeriam por conta do que tem dentro de você. — Aquilo era claro, ela teria proteção, porém não era apenas... — Sabe o que mais ele me disse? Que um dia, quando você se encontrasse sozinha, eles estariam ao seu lado, esperando que você notasse. Acredite em mim, eu vi esses garotos por uma semana andando atrás de você, eu sei que é pouco tempo para qualquer pessoa normal poder dizer o que estranhos pensam, mas eu não vi nada além de bondade neles. — Erguendo o rosto da filha, para que a olhasse, ela continuou: — Você esperou por mim durante dez anos, eu vou esperar com prazer o tempo que for necessário para minha filha voltar. Até lá, eu vou me confortar lembrando que ela não está sozinha. Você deveria fazer o mesmo.



Olivia entrou em seu quarto após escurecer, Devika tinha decidido se recolher com um dos livros que viu na estante e tentar se distrair, esquecer-se um pouco do mundo, porque seus pensamentos estavam sendo demais para ela conseguir organizar, quando estava presa, ler um livro sempre a fazia se sentir em paz e um pouco livre, vivendo vidas e aventuras através das palavras, que traziam diversos sentimentos. E como Kalon mesmo tinha dito para eles pensarem no resto no dia seguinte, Devika decidiu seguir o conselho dele e tirar algumas horas apenas para acalmar sua mente. Contudo, quando viu Olivia, chutou que estava na hora de se arrumar para a festa.

— O que você está segurando? — perguntou Devika, deixando o livro com cuidado na poltrona e ficando de pé, ao ver que Olivia segurava uma caixa.

— Um presente — anunciou, tirando a tampa.

Apesar da embalagem ser simples, dentro, Devika encontrou um vestido que ela já tinha visto antes, era o mesmo que tinha visto quando chegaram na cidade.

— Quem te entregou? — perguntou Devika, porém Olivia apenas deu de ombros, com um sorriso que queria dizer que era segredo.

— A pergunta é: vai usar?

Devika olhou para o vestido, Kalon foi a única pessoa que prestou atenção nela vendo a roupa e também o único que sabia sobre suas cicatrizes. Ela sabia que aquilo não era uma pressão ou uma obrigação, mas sim um recado, de que ela poderia se sentir segura lá, e a mensagem a aconchegou como as palavras dos livros faziam.

— Vou sim.

Com um bater de palmas, Olivia chamou mais duas serviçais para entrarem no quarto, e começaram a arrumar Devika em uma longa junção de esfrega-esfrega, depilação e seguindo para a maquiagem. O estômago da menina estava roncando a essa altura da noite, já que tinha pulado o jantar, e ela ainda estava apenas com as roupas de baixo, como seus cabelos dourados já tinham algumas ondas naturais, Olivia pegou apenas duas mechas e fez duas tranças longas na frente para prender atrás, deixando seu rosto mais à vista, não usaram muito pó em seu rosto, e em seus lábios apenas uma cor um pouco mais escura que o rosado que era visto. Por fim, foi a vez do vestido, que pareceu ser da medida exata de Devika, marcava sua cintura e favorecia seu colo, era o tecido mais leve que ela já tinha usado em toda sua vida, e o fato de que seus braços, após tanto tempo, estavam expostos dessa forma...

Ela olhou para as cicatrizes claras que tinha ali, várias, de diversos tamanhos e em ambos os lados, e quando Olivia olhou, e em seguida voltou-se para suas sandálias com muita naturalidade, Devika deixou um sorriso aparecer. Estava em uma cidade onde existiam muitos guerreiros, talvez essas cicatrizes, fizessem dela, um deles.



Devika tinha pedido para Olivia avisar aos meninos que encontraria com eles na festa, queria entrar da forma mais discreta possível, e com quatro guerreiros altos e lindos não seria a maneira correta.

A festa seria no jardim, que tinha espaço o bastante para todos os moradores do castelo, incluindo os empregados. Seguindo pela lateral do castelo, a fim de analisar a cena antes de aparecer, Devika notou que a aura da festa tinha a energia mais deliciosa que ela já vira.

Havia várias bolas de chama flutuando ao longo do jardim e iluminando cada passo das pessoas, um conjunto de músicos estava entre duas grandes árvores, tocando músicas animadas que mantinham todos os convidados se mexendo. Vários dos convidados usavam roupas leves como a de Devika, algumas mulheres tinham até mesmo vestidos curtos, que revelavam as pernas, os homens também estavam sem camisa, e muitos deles usavam máscaras de animais, que marcavam apenas seus olhos. Como a festa tinha começado após as dez, Edlynn não estaria participando, e Devika achou que foi uma boa escolha, visto que via várias pessoas fumando cachimbos que soltavam fumaças coloridas e que ela nunca tinha visto antes. O primeiro que ela viu foi Soren, ele estava sentado em frente à uma árvore, os braços cruzados, e os cabelos soltos esvoaçando atrás dele, os braços negros descobertos tinham pequenos brilhos dourados, e apesar de não estar interagindo com ninguém, parecia tranquilo.

— Não vai dançar? — Devika perguntou ao se aproximar dele, o garoto ergueu o rosto e a observou da cabeça aos pés, seus olhos demonstraram o mínimo choque ao notarem seus

braços, mas tudo que ele fez foi negar com a cabeça e olhar para frente.

— Essas festas costumam perder o controle, prefiro me manter atento — comentou, porém ele parecia relaxado demais para estar, de fato, atento. Soren acrescentou, pegando Devika de surpresa: — Você está bonita.

— Quer dizer que eu não estava antes? — provocou, as bochechas dele ficaram rubras, e ele pigarreou sem jeito.

— Soren! — Ouviram um grito, e um garoto um pouco mais baixo que Devika se aproximou.

Ele era esguio, parecendo habilidoso, a pele negra era de um tom mais escuro que a de Soren. Os cabelos eram raspados do lado, ganhando volume apenas no topo da cabeça e deixando uma única mecha cacheada caindo em sua testa, apontando para aqueles lindos olhos cor de mel quase amarelos.

— Você sabe onde está Bas? Eu sei que ele anda fugindo de mim, mas avise a ele que é lindo demais para eu permitir... — Ele parou de falar, quando viu que Soren não estava sozinho. Um sorriso apareceu nos lábios grossos. — Falando em gente linda. Olá, minha flor.

Devika não escondeu o sorriso.

— Não estava procurando por Bas?

— Claro e vou continuar procurando, assim que souber seu nome. — Ele ergueu a mão para ela. — Sou Adron, por sinal.

— Devika. — Colocando a mão sobre a dele, um beijo foi depositado nas costas de sua mão.

— Nossa querida Salvadora, eu suponho — ele disse, e Devika acenou timidamente com a cabeça. — Estou a seu eterno serviço.

— Não confie muito nele, Adron gosta de falar — Soren resmungou, ficando de pé. — Deve ser por causa disso que Bas está fugindo de você.

— Golpe baixo, Soren. — Ele não parecia realmente incomodado. — Aceita ajuda para se ver livre dele, Devika?

A menina sorriu, mas negou.

— Não, obrigada. Estou bem.

Adron concordou e se despediu deles, saindo tão rápido quanto apareceu, Soren observou a loira por dois segundos, antes de perguntar:

— Está bem em ficar comigo mesmo?

Ela o olhou, confusa, e deu de ombros.

— É melhor do que me jogar no meio desse monte de gente — ela disse e confessou: — Nunca estive em uma festa.

Devika notou o olhar de Soren pesar, talvez aquela não fosse a primeira vez que ele pensava sobre o passado da menina, e aquilo não a enfureceu, não passou pela sua cabeça que ele estava com pena dela. Pelo contrário, ela sentiu que apesar da pose de raiva, Soren estava tentando.

— Aleena nos contou que você esteve com seu tio desde pequena. — Não era uma

pergunta, então ela não disse nada, Soren continuou: — Eu estive longe durante um bom tempo, antes do Mestre me encontrar.

— O Mestre é... bom? — Devika não conseguiu encontrar outra palavra para o que queria saber sobre o Ancião Mestre.

Soren riu.

— Bom é relativo. Ele é útil — disse e apontou com o queixo para frente. — Lá vem Dareen com os primos encenqueiros, se você me der licença, não tenho paciência para eles.

Antes que ela acrescentasse algo, Soren desapareceu em meio às pessoas, Devika soltou uma risada e virou o rosto para Dareen, que de fato vinha com duas das pessoas mais jovens que ela encontrou naquele castelo. Os rostos de ambos eram muito parecidos, a pele cor de caramelo, e cabelos cor de chocolate curtos no garoto, e longos na menina, eles agarravam os braços do primo, que parecia já acostumado com aquele afeto.

— Devika, estava te procurando — Dareen disse, e os grandes olhos castanhos dos gêmeos encararam a menina. — Esses são meus primos e membros da guarda: Maleko e Maya. — Sacudindo seus braços, Dareen os repreendeu: — Cumprimentem a Devika.

— Olá.

— Prazer.

Devika sorriu para os dois, deveriam ser os membros mais jovens da guarda então. Não tinham mais do que dezessete anos.

— Vejo que o primo de vocês é seu favorito.

Aquilo tirou sorrisos deles.

— Dareen é o melhor — a menina falou.

— Ele treina a gente pessoalmente, mesmo sendo apenas sete anos mais velho.

— Estávamos com muitas saudades, ele falou que ficaria fora apenas duas semanas, mas passou um mês.

— Verdade, Damion e Gregor chegaram agora há pouco, eu soube que Damion está na enfermaria.

Confusa com os nomes, Devika olhou para Dareen.

— Também são membros da guarda, eles saíram para limpar a aldeia mais perto daqui, da cidade dos soldados reencarnados do Imperador, parece que Damion acabou se machucando.

Se perguntando se seria muita intrusão falar que gostaria de visitar esse Damion, que fazia parte da sua guarda, porém, antes que ela falasse algo, Dareen acrescentou:

— Eu ainda não vi Kalon, ele provavelmente está com o Mestre. — Seu tom de voz soou preocupado, o olhar sábio já estava calculando todas as possíveis situações, e aquilo preocupou Devika. — Maleko, Maya, por que vocês não ficam com Devika, enquanto eu vou procurá-lo?

Ambos os gêmeos foram rápidos em negar, a voz de um sobressaindo a do outro.

— Eu vou — ofereceu Devika, com um sorriso. — Preciso falar com ele mesmo.

Ela achou que o menino queria falar algo mais, contudo, já estava andando em direção à mansão, que estava com a maioria das luzes apagadas. Entrando na casa por uma porta lateral aberta, notou o silêncio profundo em comparação com o lado de fora, que tinha sons de todos os lados. Não tinha noção de onde começar a procurar Kalon por aquele enorme castelo.

Andando vagarosamente, ela tentou sentir a energia do menino, havia aprendido a reconhecer cada uma daquelas poças de energia que os garotos tinham. Eles contaram para ela que do lado de fora da cidade costumavam camuflar, para que inimigos não pudessem rastreá-los, e que por essa razão, ficaram muitos surpresos que Devika ainda conseguia sentir.

Ela sempre conseguiu, sentia o poder de seu pai desde que conseguia se lembrar, nunca pensou que fosse tão poderoso, porque não tinha comparação com nenhuma outra. Alguns anos depois, quando estava jogada no centro do escritório do seu tio, recebendo vários pedidos ridículos sobre o que fazer com seu Poder, ela sentiu a energia de um homem no fundo da sala, quando seus olhares se encontraram, ele deu um sorriso para Devika, desaparecendo através da parede, e quando ela ficou de pé, em choque, e correu atrás, seu tio agarrou o pescoço dela com força, a jogando-a de volta no chão. Ela não ousou erguer o rosto para ninguém novamente.

Aquelas lembranças são as coisas que a atormentam todos os dias. Seu tio não era ninguém. Não tinha sequer uma chama de Poder e ainda assim, Devika nunca teve coragem o bastante para enfrentá-lo. Durante esses dias que passou a conviver com esses quatro garotos, ouviu várias vezes sobre confiar neles, contar com eles, que eles poderiam ser seus primeiros amigos, além de Aleena. E o problema disso tudo não era eles, e sim ela, Devika não via como conseguiria se abrir sobre sua vida e contar essas coisas que a tornavam tão patética e digna de pena.

Ouviu um som vindo de uma das últimas portas do corredor em que estava, espantando esses pensamentos, focou em procurar Kalon e andando até lá, passou por várias janelas que davam para a parte da frente dos jardins, ao longe, as luzes da cidade brilhavam fortemente, a fim de espantarem a escuridão da noite. Estava distraída, pensando em como desejava ter tempo para conhecer cada pedaço da cidade, quando uma voz alterada chegou até ela.

— *Primeiro, você fica fora durante mais tempo que o esperado, decide, sem minha autorização, mandar dois guerreiros para Bywood, sabendo que é a fronteira com a nossa cidade! Se vamos começar a criar murmurinho sobre nossos nomes, você deveria ter ido pessoalmente.*

— *Mestre* — Kalon falou baixo, mas com firmeza. — *O principal era trazer Devika para cá. Damion se machucou de leve, e eles conseguiram liquidar todos os soldados de lá.*

Um som alto ecoou pelo corredor. Devika conhecia aquele som, e arrepios percorreram seu corpo enquanto se aproximava mais, viu que uma fresta da porta estava aberta, e era por essa razão que o som saía. Kalon estava ajoelhado em frente ao Mestre, usava o fardamento, o que queria dizer que tinha estado em serviço durante o dia todo, sem sequer ter parado para se arrumar para a festa. O rosto recém-vermelho, porém ele não tocava na bochecha e continuava encarando o homem à sua frente.

— *Não é Devika, é A Salvadora, não se engane Kalon, você é apenas uma arma que eu tive que criar para ter um Descendente.* — Circulando Kalon, Devika viu quando o Mestre pegou um dos atizadores da lareira e parou atrás do jovem. — *Ver seu rosto é sempre muito difícil, o mínimo que você pode fazer é não me decepcionar.*

Devika já tinha escutado aquela mesma frase tantas e tantas vezes ao decorrer dos anos, ela sabia exatamente o que o Mestre faria com o atizador, onde bateria para não deixar uma marca, e ao ver os olhos de Kalon perdidos e focados no chão, as mãos fechadas em punhos em seus joelhos, só que sem se mover. Aquilo a partiu.

Aquilo era ela. Diversas vezes, e ao passo que não pôde fazer nada sobre si própria, poderia fazer algo agora, porque se recusava a ver aquela cena ocorrer diante de seus olhos.

Devika empurrou a porta com o máximo de força que conseguiu, parando na frente de Kalon e erguendo a mão para ele, o olhar de surpresa no rosto do menino foi a primeira reação que ele mostrou desde que ela o encontrou nessa sala.

— Vamos.

— Salvadora — o Mestre falou, surpreso, abaixando a mão, o atizador roçando no chão atrás dele.

Ela não o respondeu e sacudiu os dedos, para Kalon segurar.

— Vamos, Kalon.

O moreno parecia estar em choque, seus olhos mais arregalados do que o normal, não ter sinal de sorriso em seu rosto não parecia natural. Ele ergueu a mão para Devika com cuidado, e quando ela apertou, ele ficou de pé e acenou com a cabeça, saindo da sala com ela, nenhum dos dois olhou para trás, enquanto Devika puxava Kalon sem saber exatamente para onde andava.

Kalon desacelerou os passos quando chegaram perto da entrada para o jardim, onde a festa ocorria.

— Devika.

Ela virou para ele, seus olhos deviam estar revelando um pequeno pânico, porque Kalon parou de falar e esperou o que ela tinha a dizer.

— Por quê? Por que você deixaria, Kalon?

Apesar do tamanho e da força, Kalon pareceu se encolher com aquela pergunta. Ele com certeza não queria que Devika, ou ninguém, tivesse o visto naquela posição, e ela sabia disso, porque a pior coisa era quando seu tio fazia o mesmo com ela em frente à uma plateia.

— Ele é o Mestre — respondeu, Devika ouvia o que ele queria dizer com aquela resposta: “Ele é meu pai.”

Devika ainda segurava a mão de Kalon na sua. Uma mão que ele ofereceu diversas vezes para ela, desde que a conheceu, sempre com um sorriso no rosto, e apesar de querer muito gritar com ele (com ela mesma), ela sentia que devia oferecer o mesmo.

Não um sorriso, mas a mão.

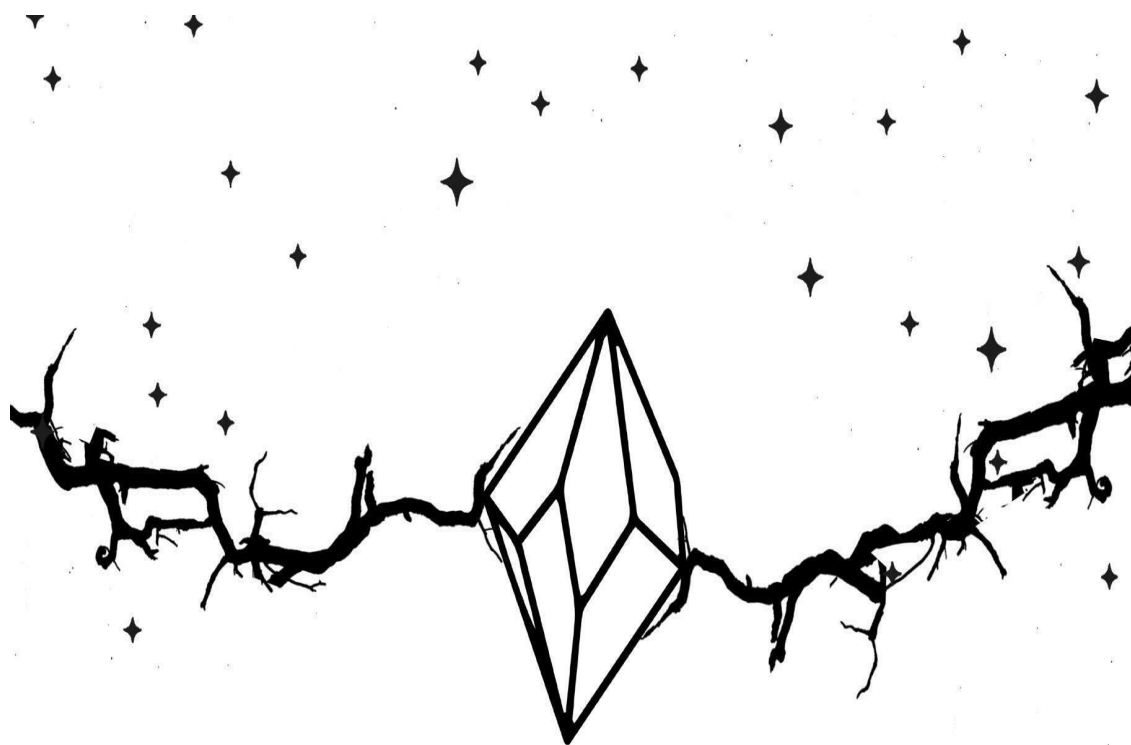
Ela apertou a dele de maneira firme e o olhou.

— Você disse que são **meus** guerreiros, então ninguém pode erguer um dedo contra vocês. Se alguém tocar em você, eu quero que destrua essa pessoa, e isso não é um pedido. É uma ordem.

Kalon brotou aquele sorriso bonito em seus lábios novamente, ele ergueu suas mãos, que ainda estavam entrelaçadas, e encostou os lábios nas mãos dela, os olhos violetas erguidos para

ela.

— Como você desejar.



CAPÍTULO 11

Antes de tudo, planejar.

Devika foi apresentada ao resto dos membros da guarda que ainda não conhecia: Gregor, o velocista que era namorado de Faith. Taddeo e Damion, que eram mais musculosos do que tudo, e a ruiva Gemma, que pareceu observar Dareen durante muito mais tempo do que o necessário.

Alguma hora da noite, encontrou com Basilius e sua mãe, ambos conversavam com o Conselheiro e um homem de estatura mediana, a cabeça toda raspada e uma cicatriz na mesma, ele era carrancudo, mas quando viu Devika, sorriu parecendo uma criança.

— Você deve ser a tão aguardada Salvadora.

— Ela parece preferir Devika, Othello — comentou o Conselheiro, agarrando as mãos de Devika e a puxando para perto. — Minha querida, eu queria te pedir desculpas por antes...

— Está tudo bem — ela cortou, antes que ele entrasse em detalhes demais com sua mãe

ali perto.

— Othello é o Ancião Guerreiro — falou Basilius. — Ele treinou toda a nova geração de guerreiros do primeiro exército e alguns dos nossos também, até eles virem para o castelo.

— É maravilhoso ver esse bando de fracotes se tornarem alguém.

Sua mãe riu, estava com pessoas mais próximas à sua idade, o que deveriam ser os primeiros amigos adultos que ela tinha em anos. Devika ficava feliz sabendo, que tanto ela quanto Edlynnne, seriam bem cuidadas na sua ausência.

Quando essa certeza tomou sua mente, ela soube que não tinha porque adiar mais tempo o que precisava fazer. Já não sabia como seria sua vida dali em diante, mas honestamente, ela ligava? Toda sua meta de vida era achar um lugar para sua família viver de forma segura e feliz, e achou.

Acenando com a cabeça discretamente para Bas, eles saíram de perto do grupo.

— Eu sei que Dareen pensa que eu deveria treinar, mas eu nunca vou conseguir aprender o que vocês sabem, mesmo que fiquemos aqui até um mês antes do meu 21º aniversário — Devika comentou com Basilius.

— Eu concordo, Soren também, falamos com Kalon, mas ele disse para esperar até você tomar uma decisão. — Bas caminhava ao seu lado, os cabelos jogados para trás pareciam sugar a escuridão da noite. — Eu sei que pode ser assustador, mas estaremos com você ao longo do caminho. Você nunca precisará tocar em uma arma.

Havia amargura em sua voz, ela tinha notado que Bas não andava com armas como os outros garotos, porém algo dizia que tinha uma história por trás.

— Qual o plano de vocês? Uma vez que eu conseguir fechar os quatro portões para o submundo, o que vão fazer com o Imperador?

Basilius suspirou, parando de andar.

— É algo que sempre discutimos. — Ele olhou para Devika, querendo dar-lhe atenção. — Quem vai ser aquele a dar o último golpe? Concordamos que ninguém vai sozinho enfrentar Abaddon, mas quem vai conseguir? — Bas deu de ombros suavemente. — Não temos como prever o futuro.

Devika sabia que tinha uma enorme quantidade de poder dentro dela, se conseguisse acessar tudo, poderia ela mesma dar um fim nessa história? Teria essa coragem ou força? Prevendo o que ela estava pensando, Bas sorriu e acrescentou:

— Você não precisa se forçar a nada.

— Você acha que eu sou fraca, Bas? — Sua pergunta foi honesta e sem julgamento, entretanto ele foi rápido em negar.

— Jamais. — Foi a primeira vez que Bas olhou para as marcas no braço da menina. — Acredito que você enfrentou seus próprios demônios e os ainda enfrenta, isso por si só, já é uma grande força. — Sentando-se na beira de uma árvore, Devika percebeu que eles já estavam bem afastados da festa, a música mal sendo ouvida. — Meus poderes sempre vieram dos sentimentos, para falar a verdade, tendem para os pesadelos, foi assim que consegui parar aquele *Void* — confessou, e sabendo que tinha mais, Devika continuou o escutando. — Quando mais jovem, eu gostava de tocar piano, certo dia, enquanto eu tocava, meus pais começaram a gritar comigo, eu

não entendi o ódio repentino, mas era como se eu fosse uma assombração em sua casa. Naquele dia, eles me abandonaram, Cassiel foi quem me encontrou, sozinho, e me trouxe para cá, eu só fui entender o que eu podia fazer ao crescer. — Devika não tinha palavra de consolo para dar ao menino, como dizer que sentia muito por tamanho trauma, pelo qual ele deveria se culpar até os dias de hoje? Ela gostaria de ser melhor com as palavras, ter mais prática em conversar com as pessoas e poder ajudar a tirar essa tristeza de Bas, nem que fosse um pouco. — Tamanho Poder às vezes tem seu peso, o fato de que você não tem acesso aos seus poderes, talvez seja uma bênção, só precisamos de uma luz sua, o resto, poderemos fazer.

A loira ficou em silêncio por alguns segundos, pensando em como responder Bas, de uma forma que ele pudesse entender o que ela pensava em relação a eles.

— Eu não sei o que vai acontecer, não sei o que esperar de mim ou de vocês, mas eu sei que se vamos estar nessa juntos... Se vocês vão ser meus *amigos*, eu vou junto de vocês para qualquer que seja o buraco.

Bas olhou para ela, um sorriso bondoso aparecendo.

— Amigos, gosto disso — ele falou, ficando de pé e recebendo uma risadinha de Devika.

— Já que somos amigos, qual a sua e de Adron?

Basilius riu, muito mais alto dessa vez e começou a fugir da pergunta, andando para longe dela, enquanto Devika seguia atrás dele, fazendo mais e mais perguntas.



Devika encarava os olhos do homem à sua frente.

Ele encarava de volta.

Ela apertou os olhos.

Ele fez o mesmo.

— Eu estou ficando entediado — resmungou Kalon, jogando o pescoço para trás.

Devika não o respondeu, mas suspirou para Cassiel.

— Já falei que não consigo, e por mais que seus olhos sejam bonitos, encará-los não vai me fazer usar meus poderes.

— E eu falei que estava tentando fuçar sua mente, que está precisando organizar, por sinal. — Devika ergueu a sobrancelha, e o homem ergueu as mãos. — Muito bem, muito bem. Eu não sei porque você conseguia usar seus poderes e agora não consegue mais, mas eu tinha que tentar, antes de mandar vocês para essa viagem.

— Viagem essa que eu deveria estar sabendo como será e não aqui com você, Cassiel — ela disse, esticando as pernas, que estavam cansadas de ficarem dobradas. — Eu vou ficar bem, se eu ver algum inimigo ou monstro, eu vou simplesmente correr e deixar os meninos lidarem com eles.

Falou como se fosse fácil e em um tom de brincadeira, porém Kalon acenou seriamente com a cabeça, querendo afirmar que esse era o plano.

— Devika, eu só quero que você lembre que é, literalmente, o único ser vivo nesse planeta que vai conseguir fechar os portões. Tome cuidado.

Ela desviou o olhar, entretanto não disse nada, era um aviso comum que recebia desde que estava no meio desse povo, ainda assim, era difícil aceitar que ela fosse, de alguma forma, “especial”, e desistir era cada vez mais tentador, mas também impossível.

— E, além disso, como você sabe um pouco sobre como manusear uma adaga, a use. Tente concentrar seu poder nela, essa é a tarefa que eu dou para você.

— Sim, senhor. — Bufou Devika, ficando de pé. Ela olhou para Cassiel de cima. — E a tarefa que eu dou para você é: mantenha minha família a salvo ou eu vou queimar esse mundo.

Aquilo talvez tivesse sido dito em um tom de brincadeira, no entanto, ela não sabia o que poderia acontecer se perdesse as duas.

— Eu gosto da energia. — Ele sorriu, e a menina revirou os olhos, vendo Kalon dar um pulo para ficar de pé e acompanhá-la. — Kalon?

— Sim?

— Já que vamos viajar, será que eu podia pedir umas roupas mais práticas? De repente, umas calças? — Quando Kalon não segurou a risada, Devika fez beijo, achando que ele estava curtindo com a cara dela. — O quê?

— Olivia já está separando algumas roupas mais práticas para você, mas Devika, você tem a liberdade de fazer o mesmo.

— Ah! — Ela lembrou. — Por que essa cidade é minha?

Kalon riu mais uma vez.

— Sim, também, mas mesmo que não fosse, seu pai deixou um cofre bem gordo para a família dele.

Ela franziu a testa, quando era criança, não lembra de viver em meio à riqueza, pelo contrário, viviam de forma bem simples, contudo, seu pai tinha dinheiro o bastante para deixar guardado para elas? Tinha planejado todo o futuro dela, todo reforço, segurança e bem-estar, e ainda assim, ele tinha desaparecido quando ela mais precisava?

Não era a primeira vez e não seria a última que ela se perguntava o que teria acontecido com o homem.

Não expôs seus pensamentos quando eles foram encontrar com o resto dos meninos na biblioteca. O local fazia Devika desejar passar mais tempo naquele castelo, com estantes que iam até o teto lotadas de livros, e um espaço bem iluminado, graças às grandes janelas, as grandes mesas acadêmicas dividiam as sessões, e em uma dessas estava Dareen, com um mapa aberto na sua frente. Soren estava encostado na cadeira com os pés na mesa, e Bas parecia um aluno muito

comportado, ouvindo o que Dareen dizia.

— Vocês podem relaxar, meus súditos, eu estou de volta.

Quando nenhum deles respondeu, Devika deixou uma risada escapar e com um olhar de canto, ela andou até Dareen, observando o mapa que mostrava os quatro maiores reinos do Império: **Hórus, Freyr, Loch e Onbás** (o maior de todos os quatros e o local onde morava o Imperador).

— A única forma de chegar à Loch é atravessar o Mar de Prata, eu me preocupo um pouco, porque Devika não consegue camuflar seu núcleo, mas é um risco que teremos que correr, e pessoas normais não podem sentir a energia, de qualquer forma.

— Eu não acho que Abaddon seja uma pessoa normal — comentou Soren, se balançando para trás.

— Soren! — exaltou-se Bas, claramente com receio de que fosse assustar Devika, ele olhou para ela. — Eu não acho que ele vai vir direto para você, logo de cara.

Ela deu de ombros.

— Eu sei que é um risco, mas eu não consigo temê-lo, porque não o conheço — foi sincera, se falassem que seu tio estava atrás dela, Devika teria muito mais medo do que do Imperador. Ela chegou perto do mapa. — O local que eu vi era afastado da cidade, havia um penhasco.

— Eu acredito que seja ao sul do castelo de Loch, na floresta das ninfas, mas a última notícia que eu tive de lá foi que o *Vazio* havia alcançado, e não tinha sinal de magia pura.

— Vazio? — questionou Devika.

— Alguns lugares que têm uma grande fonte de magia pura, se tornaram símbolo da resistência contra Abaddon. 15 anos atrás, ele começou a focar a energia dos portões abertos para lá, não passa de um local gelado, escuro e repleto de criaturas como aquele *Void* que você viu. Talvez piores — explicou Dareen.

— E o que aconteceu com as ninfas?

Ela viu que Dareen olhou rapidamente para Soren, antes de suspirar e balançar a cabeça negativamente, se aquilo era um sinal de que ele não sabia ou que elas não existiam mais, Devika não tinha certeza.

— Passar pelo castelo — murmurou Kalon, pensativo. — Não seria perigoso demais para Soren?

Soren?

Olhando para o menino, ele parou de se balançar, sentindo a súbita atenção nele, e jogou os pés no chão, se inclinando para frente e explicando para Devika.

— O atual rei de Loch meio que é meu irmão e me deseja morto.

— Como assim “meio”? — ela quase gritou.

— Vou corrigir, não é meio, é totalmente. — Ele ficou de pé para olhar o mapa e apontou para um ponto do outro lado do castelo. — Se a gente conseguir ser discretos e não chamar atenção, podemos seguir por esse caminho, é mais distante do castelo e da floresta. Agora, o que tem nesse penhasco? É a grande pergunta.

— Eu vou pegar dinheiro no cofre e preparar mantimentos.

— Muito bem — concordou Kalon, de braços cruzados. — Bas, vá com Soren para fora da cidade, preparem um transporte e tenham certeza que está seguro. Ao entardecer, Dareen, Devika e eu encontraremos com vocês. A cidade portuária mais próxima fica a dois dias de viagem, de lá, vamos pegar um barco para Loch. — Ele olhou para Devika. — Deveria passar o resto do dia com sua família.

E foi exatamente o que ela fez.



Após tomar um longo banho, Devika foi olhar as roupas que Olivia tinha separado para ela: e de fato, tinha vários pares de calças, em um tecido resistente muito parecido com a roupa que os garotos usavam. Tinha também várias blusas com o tecido mais grosso e protegido, provavelmente um tipo de armadura para usar. Optando por uma das calças, ela colocou uma blusa esverdeada de ombros caídos e mangas longas, colocando um daqueles corpetes por cima. As botas subiam até seus joelhos e eram muito confortáveis, prendendo seus cabelos em uma trança, Devika pegou apenas mais umas coisas, que tinha com ela há muito tempo, e jogou na bolsa também, seguindo para o jardim da frente, que era onde Olivia disse que sua família estava.

— Devika, onde você escondeu essas curvas? — Adron comentou em alto e bom tom quando a menina se aproximou, fazendo seus olhos se arregalarem, Kalon e Dareen estavam com ele, e cada um olhou para o lado oposto, os dois usavam calças e botas também longas, o sobretudo que eles usavam estava fechado, porém Devika conseguia ver as espadas de Kalon. — O quê? Vocês também ficam muito deliciosos.

Não era nenhuma mentira, já que as roupas pareciam se mover e fluir com seus movimentos, não era apertadas, apenas justas o bastante para dizer que quem vestia aquilo eram guerreiros treinados.

— Eu acho que minha filha precisa andar mais tempo com você, Adron — sua mãe disse, vindo até Devika sorrindo e abraçando-a. — Você está linda, querida.

— Obrigada. — Ela olhou ao redor. — Cadê Edlynne?

— Ela foi correndo escrever uma carta para cada um de vocês, já, já aparece. — Cruzando seus braços, levou Devika até os garotos, arrancando a bolsa dos ombros dela e jogando para Kalon. — Eu não preciso dizer que vou arrancar as bolas de vocês, se minha filha não voltar, né?

— Mãe!

— Sim, senhora.

Todos os três jovens falaram ao mesmo tempo, e Noamh sorriu, satisfeita.

— E eu vou me encarregar pessoalmente da proteção delas, Dev — Adron disse, apesar dos olhos brincalhões, ele estava firme. — Eu posso não parecer, mas sou muito bom no que

faço.

Devika assentiu, agradecida.

— Vamos andando até o portão, rapazes — Kalon disse, entendendo a dica do silêncio que se formou e puxando Adron pelo braço, antes que ele dissesse algo, ele olhou para Noamh. — Voltaremos.

Ela sorriu.

— Acho bom. — Assim que eles se afastaram, sua mãe virou-se de frente para ela. — Cassiel me contou que você não consegue acessar sua luz, e bom, eu vi seus braços ontem na festa. — A mulher parecia pronta para tocar fogo na pessoa que causou aquilo, ainda assim, sorriu com carinho para a filha, colocando uma mecha do cabelo de Devika atrás da orelha. — Lembre-se minha filha, não é porque Henrick tentou destruir seu espírito, que significa que ele conseguiu. Se aqueles garotos precisam ser sua família temporária, tente encontrar a felicidade nas pequenas coisas durante sua jornada.

Devika não disse que não sabia como ser feliz, que não sabia se podia encontrar felicidade, ao invés disso, ela assentiu com a cabeça, quando Edlynne correu, se jogando contra seu corpo.

— Dev! Volte o mais rápido possível, tá? — a menina pediu, Devika sorriu, a afastando para olhar seu rosto e encontrando os olhos marejados da menina, ela empurrou vários papéis em sua mão. — É um para cada um de vocês, mas a sua é a mais especial.

— Eu não esperava menos — brincou, dando um beijo na testa de Edlynne. — Eu vou voltar em breve, espero que quando eu chegar, você tenha uma nova história para mim.

Nas vezes em que seu tio proibia Devika de ver Edlynne por alguns dias, a menina tinha feito um trato com Edlynne, que toda vez que passasse mais de um dia sem ir vê-la, Ed começaria a criar uma história, para que quando fossem se encontrar, pudesse contar em detalhes para Devika.

Se afastar delas agora, por sabe-se lá quanto tempo, era extremamente difícil. Queria ter a tranquilidade delas e a forma como conseguiam sorrir de verdade apesar de tudo, Devika encontrou o melhor sorriso que conseguiu dar para elas, o amor era verdadeiro, no entanto, ela não sabia se era capaz de encontrar o seu caminho para a felicidade.

— Amamos você — sua mãe disse, segurando no ombro da filha mais nova.

— E eu, vocês — murmurou quase em segredo para cada uma delas. Elas ficariam bem, era o único mantra que repetia em sua cabeça.

Dando mais abraços e beijos em cada uma, Devika seguiu até os garotos, sem coragem o bastante para olhar para trás.



Viajaram por dois dias seguidos sem muitos problemas, revezando entre quem estaria acordado para ficar de vigia e quem fazia a comida da vez. O grupo conversava, brincava e contavam pequenas histórias sobre suas vidas ou lendas, para arrepiar os cabelos de suas nuças durante a noite.

A maior parte do tempo, Devika se mantinha em silêncio, observando-os. Era engraçado como Soren sabia brincar com eles, tendo bastante orgulho de sua aparência deslumbrante. Dareen passava a maior parte do tempo lendo e quando falava, suas palavras eram sempre certas e metódicas, Bas era o coração do grupo e estava sempre atento ao bem-estar de cada um. E se Bas era o coração do grupo, Kalon era a alma, com aqueles mil e um sorrisos que dava o tempo todo, e o olhar esperto sempre que escutava qualquer som diferente.

E eles faziam Devika desejar cada vez mais que os tivesse conhecido antes.

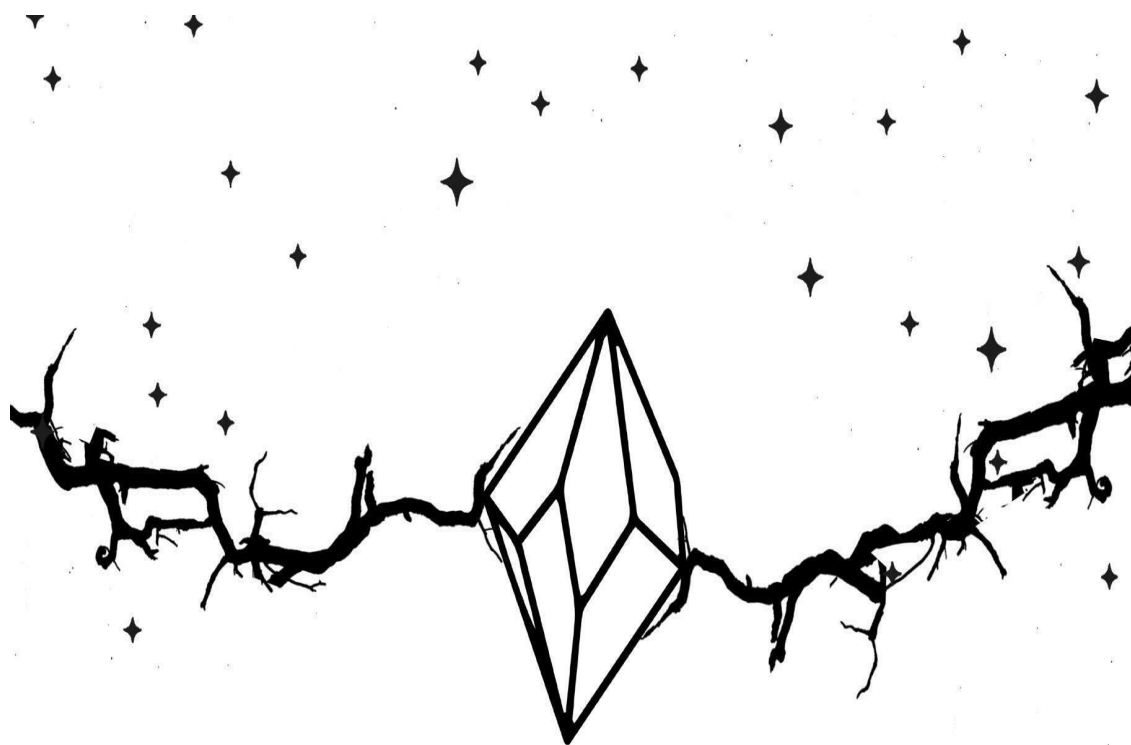
Quando Dareen disse que eles estavam chegando, a primeira coisa que assustou Devika, não foi o barulho, e sim o silêncio. Enquanto se aproximavam, em alerta, ela logo viu a intensa luz vermelha e as fumaças, indicando que aquela aldeia estava pegando fogo.

— Eu não sinto nada por perto — sussurrou Dareen.

Devika também não sentia, energia boa ou má, não havia absolutamente nada.

Quando chegaram na entrada da aldeia, o grito de pânico ficou preso na garganta de Devika, conforme olhava para as cabeças empaladas em estacas de madeira afiadas, o sangue ainda escorria no chão. A náusea percorria seu estômago, enquanto Soren e Bas mantinham suas costas protegidas, e Kalon e Dareen estavam na sua frente, mas mesmo que eles quisessem protegê-la de ver aquilo, não tinha como deixar de notar as mensagens escritas com sangue e terra nas paredes de casas, no chão, nas carruagens queimando o que pareciam corpos, a mensagem se repetia em todos os lugares e era a mesma:

“Estou esperando por você, Devika.”



CAPÍTULO 12

Chegando perto.

Devika vomitou.

Basilius segurou seus cabelos, enquanto a menina colocava tudo que tinha comido para fora, suas pernas tremendo, e as mãos de Bas em seus braços a mantinham firme.

— Como? — Ela ouviu Soren perguntar. — Como ele sabia que viríamos para essa aldeia?

O silêncio era gritante, e Devika limpou a boca, quando sussurrou:

— Ela não foi a única, não é?

Bas entregou uma garrafa de água para ela, mas ninguém respondeu.

— O navio que eu chamei não estava atracado, precisamos seguir até o porto e esperar por ele lá.

Kalon andou até Devika, analisando seu rosto, ofereceu a mão para ela se endireitar e

perguntou:

— Se você quiser, eu posso colocá-la para dormir até estarmos no navio. — Não existia julgamento ou pena na sua voz, ele entendia porque ela tremia e apenas queria oferecer uma saída fácil, sabendo que teriam que passar por toda a aldeia, onde com certeza teria mais corpos e mensagens.

— Não, eu quero ver.

Ele concordou e fez um gesto para que comesçassem a andar.

Ela queria ver, pois apesar de ter vivido a maior parte de sua vida presa em um local escuro e vivendo seu próprio pesadelo, sendo assombrada à sua própria forma, o mundo do lado de fora também vivia seu pesadelo, e se aquilo era apenas uma amostra do que acontecia, ela entendia porque os garotos pareceram tão urgentes quando foram atrás dela. Eles queriam salvar a humanidade, a magia e a bondade, porque era o que eles eram: bons.

Devika ainda queria se esconder e fugir, mas ver aquilo... Quantas crianças como Edlynnne tinham ali? Quantas mães como a sua também? Seu pai criou aqueles guerreiros para protegê-la, por que queria que ela salvasse essa gente ou por que amava a filha e a queria segura?

Andar por aquelas ruas foi uma das coisas mais difíceis que ela já fez, quando chegaram ao cais, o mar que seguia à frente fazia parecer que estava em um local pacífico e tranquilo.

— Por quê? — ela perguntou para ninguém exatamente. — Por que ele faz essas coisas? O que ele quer?

— Eu acho que apenas ele pode responder essa pergunta — disse Kalon, parando ao seu lado, Devika tinha se sentado assim que chegou no cais. — A maldade existe no mundo desde que ele é mundo, pessoas sempre vão querer algo à custa do bem-estar de outras. Algumas são más porque a vida as tornou assim — ele deu uma pausa, talvez estivesse pensando no pai dele —, outras são más porque sentem prazer, eu não sei dizer, a única coisa que você pode controlar é quem você é e o que faz. Vai participar para fazer desse mundo um lugar melhor ou vai ajudar a destruir?

— Alguns também só porque não são piores do que os piores, não quer dizer que são bons — Soren acrescentou sombriamente, Devika olhou para ele e negou com a cabeça.

— Vocês jamais machucariam uma pessoa inocente — Devika afirmou, se tinha certeza de algo, era daquilo. — Mas pessoas inocentes já me machucaram, eu não sei se teria a mesma compaixão que vocês, se tivesse uma escolha.

— Se alguém te machucou, eu faria essa escolha por você.

Surpresa, Devika olhou para Kalon, que não tinha tirado os olhos dela, e ele sorriu, ao dar uma piscadela.

Devika bufou, não queria sorrir agora, ele deveria saber disso, porque a forma como se colocava atrás dela, querendo abafar a visão de toda aquela destruição, era perceptível, e Devika agradecia silenciosamente, mas a verdade é que ela já tinha aquela visão marcada em sua mente de uma maneira que tinha destruído mais um pedacinho dela.

— Estão chegando — anunciou Dareen, apontando para um navio relativamente grande que se aproximava.

Devika suspirou, ficando de pé e vendo o navio se aproximar, aquela seria sua primeira

viagem além mar, estaria conhecendo – se é que podia chamar assim – um reino totalmente diferente. Ela queria estar esperançosa de que existia um futuro melhor, que ela seria capaz, porém, como acreditar em si mesma, quando não conseguiu proteger uma aldeia pequena como essa?

Ela não tinha protegido sua única amiga.

Olhando para a aldeia, a fumaça que começava a desaparecer no céu, Devika só tinha uma certeza: não poderia deixar mais ninguém morrer por ela e começaria com aqueles garotos.



— Pelos deuses, o que aconteceu nessa cidade?

Uma verdadeira pirata apareceu na frente de Devika, a mulher de pele negra tinha os cabelos raspados rente ao couro, e os olhos verdes brilhavam enquanto olhava para a cidade, ela estava coberta de joias nas mãos, nas orelhas, no nariz e nos lábios. Em seu ombro, estava um pássaro pequeno e amarelo.

— Você deve ser Nerissa — falou Kalon, se aproximando.

— Nossa, meu querido! Se eu não fosse comprometida, adoraria ouvir sua voz embaixo de mim — a cantada descarada para Kalon, fez os olhos de Devika arregalarem com a coragem da mulher, os olhos verdes dela navegaram pelos meninos e pousaram em Devika. — Esqueça o que eu disse. Olá, deusa.

Por um segundo, Devika achou que ela tinha sido reconhecida, mas quando Kalon e Bas riram, ela entendeu que era apenas mais uma cantada.

— Por favor, chega de dar em cima da minha equipe — pediu Dareen, pegando uma bolsa, que pelo barulho deveria ser de dinheiro, e jogou para ela. — Metade agora, e o resto quando chegarmos em segurança à Loch.

— Sendo assim, sejam bem-vindos à Atlantis.



Após apresentá-los à tripulação e aos locais principais do navio, onde ela pontuou que era proibido entrar na câmara da capitã e no armazenamento no porão, por fim, Nerissa deixou-os

onde tinha os quartos.

— Eu pedi três quartos, se você preferir ficar sozinha em um...

— Eu vou dormir com Kalon! — clamou Devika, depressa.

Os garotos travaram na fala, sem saber o que responder, ela percebeu as bochechas deles ficarem vermelhas, porém não tinha dito nada demais. Kalon coçou a nuca, meio sem jeito, e murmurou sem olhá-la nos olhos.

— Se é o que você quer...

— É só que sempre que estou perto de você, durmo mais tranquila, mas hm, a gente poderia se reunir para jantar todos os dias, todo mundo? — Ela não queria que eles achassem que estava escolhendo um favorito.

Soren foi o primeiro a soltar uma gargalhada.

— Não foi dessa vez, líder — ele disse, abrindo a porta de um dos quartos. — Aqui, Devika, esse tem duas camas de solteiro.

Kalon deu um tapa na cabeça de Soren, o afastando da porta e fazendo um gesto para Devika entrar, a menina entrou com um sorriso, achando graça da reação dos garotos e do moreno.

Assim que Kalon fechou a porta, ele colocou as bolsas que carregavam no chão. O quarto não era muito grande, apesar de ter duas camas de solteiro, apenas uma pequena cômoda as separava, o banheiro parecia ser pequeno também, ainda assim, Kalon disse:

— Quer tomar um banho? Está tarde, deveríamos dormir.

Devika concordou, eles tinham comido algo pouco antes de chegarem na cidade, e apesar de ela ter vomitado a maior parte, não sentia fome ainda.

Pegando sua bolsa, seguiu para o banheiro e fechou a porta. Ali, tinha uma pequena janela com vista para o mar escuro, a lua refletia nas ondas, e Devika pensou em como sua vida estava mudando tão depressa.

Tinha um espelho turvo em cima da pia, onde Devika conseguia se ver, ela supunha que era bonita – algo que seu próprio tio já jogara na sua cara algumas vezes, como a beleza dela não servia para nada. No entanto, por trás da sua aparência, ela não sabia quem era, não achava que tinha um valor e com certeza, nenhum alto o bastante para compensar todas as vidas daquela aldeia.

Após algumas horas longe de Reverie, e sabendo que sua família estava bem, se perguntou, ocasionalmente, se não deveria procurar Abaddon e negociar algum tipo de paz, e após ver todos aqueles corpos marcados com violência, estava disposta a entregar sua vida em troca de segurança para aquelas pessoas. Não é que quisesse pular de boa vontade na toca do lobo, nem que se odiasse tanto a ponto de querer desistir da vida facilmente assim. Porém, existia uma voz em sua cabeça, muito parecida com a dela, que dizia que ela não era tão especial assim, para sobreviver enquanto outros eram sacrificados por sua causa, não seria capaz de proteger ninguém, e todas essas pessoas que achavam que tinham encontrado a grande Salvador, acabariam se decepcionando.

Talvez fosse por essa razão que relutava tanto em se deixar se aproximar dos garotos, uma vez que deixasse seu coração se abrir para eles, uma vez que os deixasse entrar e declarasse que agora, uma parte daquele coração era deles... Quando os desapontasse, e era inevitável,

doeria muito mais nela, do que neles.

Uma impostora. Devika via a palavra escrita por trás de seus olhos prateados.

Acaba que chega uma hora, após ouvir tantas vezes que não era capaz de nada, você começava a acreditar naquilo.



Devika saiu do chuveiro usando uma camisola preta longa, o que deixava sua pele ainda mais pálida. Ela parecia desanimada e mal deu boa noite para Kalon, antes de se ajeitar na cama de costas para ele.

Ele sentiu que ela demorou um pouco para conseguir dormir, queria conversar com ela, sabia que sua tristeza se devia, grande parte, ao que testemunhou hoje, mas aquilo não era sua culpa e acontecia há mais tempo do que ela deveria imaginar, porque aquela guerra começou antes mesmo de ela nascer. Kalon tentou dar a tranquilidade que ela estava procurando, porém o poder do sono só funcionava com o toque, e ele não achava que Devika aceitaria de boa, ele deitando ao lado dela. Apesar de que, dado ao fato do quão alheia Devika era sobre ser uma mulher atraente, ela provavelmente não levaria na maldade, mesmo que Kalon deitasse debaixo das cobertas com ela.

Ele não prometia o mesmo, então, se manteve muito bem parado na sua cama.

Contudo, o que veio à sua mente não foi a imagem de Devika com aquela camisola molhada que ele a viu na primeira vez, não, foi o puro pânico no olhar da menina, quando viu o que o seu pai estava prestes a fazer com ele, o que **já fez** com ele. Kalon era um guerreiro, tinha muitas cicatrizes ao longo do corpo e já quebrou alguns ossos quando era menos habilidoso, porém ele sabia que a grande maioria das cicatrizes em suas costas foi feita por seu pai durante toda sua vida. O engraçado era que as agressões doíam menos do que as palavras.

Ele nunca deixou seus amigos verem o que acontecia, apesar de eles suspeitarem porque o Mestre nunca pegou leve com ninguém, ele evitava essa conversa como Gregor, quando usava sua velocidade para ver sua namorada. Então, quando Devika foi a primeira pessoa a encontrá-lo naquela posição, aquilo o pegou de surpresa, entretanto, mais do que tudo, foi o fato de que ela não hesitou em parar na sua frente e segurar sua mão.

Kalon colocou um braço sobre os olhos, tentando reviver aquela cena e o que sentiu aquecer em seu peito, e não soube o que pensar disso.

Era um tanto enlouquecedora essa coisa que começava a surgir dentro dele, a forma como usava a desculpa de que tinha que estar perto dela para protegê-la, quando aquilo começava a ser uma vontade, não uma tarefa.

E por sorte – talvez não -, ele sentiu a energia assustadora do sonho de Devika, o que o fez sentar com tudo na cama, a última vez que sentiu um sonho forte dela, ela tinha parado no meio da floresta. Sobre a luz fraca que entrava pela janela, viu que Devika estava de barriga para cima, os cabelos bagunçados ao seu redor, e a coberta jogada até quase suas coxas, sua respiração estava pesada, e seus olhos apertados, foi quando Kalon viu uma aura negra começar a sair de seu corpo, que ele pulou de sua cama, correndo até ela e tocando em seu rosto.

— Devika — chamou, o choque de seu poder ao tentar entrar no subconsciente da menina fez seu corpo vibrar, ao fechar os olhos, ele não via nada além de escuridão, até que no meio de tudo aquilo, uma mão se erguia. Kalon abriu os olhos e gritou, empurrando seu poder de forma a tentar despertá-la. — *Devika, acorda!*

Quando ela abriu os olhos de uma vez, o céu prateado que eram seus olhos, estava mais escuro, e ela não parecia realmente estar lhe vendo, ela piscou e então o notou.

— Kalon?

Kalon a ajudou a sentar na cama, puxando a garrafa de água que estava na mesa entre as camas e entregando um copo para ela.

— O que houve? — ele perguntou, segurando no copo que oferecia, seus dedos se tocaram por um breve segundo, e além da frieza em sua mão, Kalon percebeu como custou recuar suas mãos, ao contrário de entrelaçar seus dedos nos dela e aquecê-la.

— Eu não sei, eu não lembro — Devika murmurou, olhando para a água no copo. — Eu só sei que estava com medo.

— Já aconteceu algo assim antes?

— Às vezes.

— É por causa disso que queria dormir comigo? — Kalon perguntou com carinho, e quando ela concordou, ele brincou: — Nossa, e eu achando que era porque sou o mais bonito dos quatro. — Ela sorriu, mas ainda parecia abalada. Sua mente percorreu vários caminhos, em busca de algum que pudesse tirar a cabeça dela daquele pesadelo. — Eu ainda não agradei você por ter parado meu pai naquele dia.

Aquilo trouxe uma chama de raiva aos olhos da menina, e apesar de Kalon não querer sorrir, não pôde evitar.

— Seu pai é um merda — ela falou, sem filtros, e Kalon riu. — Ele lembra meu tio.

— Seu tio... Ele fazia o mesmo com você? — O sorriso saiu dos lábios dele na mesma hora, e apesar de saber das cicatrizes no braço, para abusar do Poder de Devika, Kalon se perguntava diariamente se tinha mais.

Devika não respondeu de imediato, provavelmente estava calculando se deveria falar ou se aquilo mudaria como ele a via. Kalon não a apressou e se não fosse dessa vez, ele mostraria que nada do que seu tio fez com ela, faria Kalon pensar mal da garota.

— Ele tinha raiva de mim — começou a falar baixinho, lutando consigo mesma para entregar a ele uma verdade. — Às vezes dizia que era porque alguém como eu não deveria ter recebido tal presente dos deuses, às vezes ele dizia que era minha culpa que ele não tinha a irmã, o único parente vivo, ao seu lado. — Ela travou, Kalon percebeu as unhas dela afundarem com força nos braços, e antes que ele percebesse, tinha colocado a sua mão sobre as dela, Devika

ergueu o rosto e sorriu. — Variações dessas coisas, que eram acompanhadas de punições.

Mesmo esperando por aquilo, a revelação fez o sangue de Kalon ferver, se o tio dela ainda estivesse vivo, Kalon o faria desejar estar morto e entregaria sua própria espada para Devika arrancar a cabeça dele.

— Você sabe que está com a gente agora, não é? Vamos cuidar de você. — Era ridícula a vontade que sentia de dizer que *ele* cuidaria dela, e levou para o fundo da sua mente essa sensação.

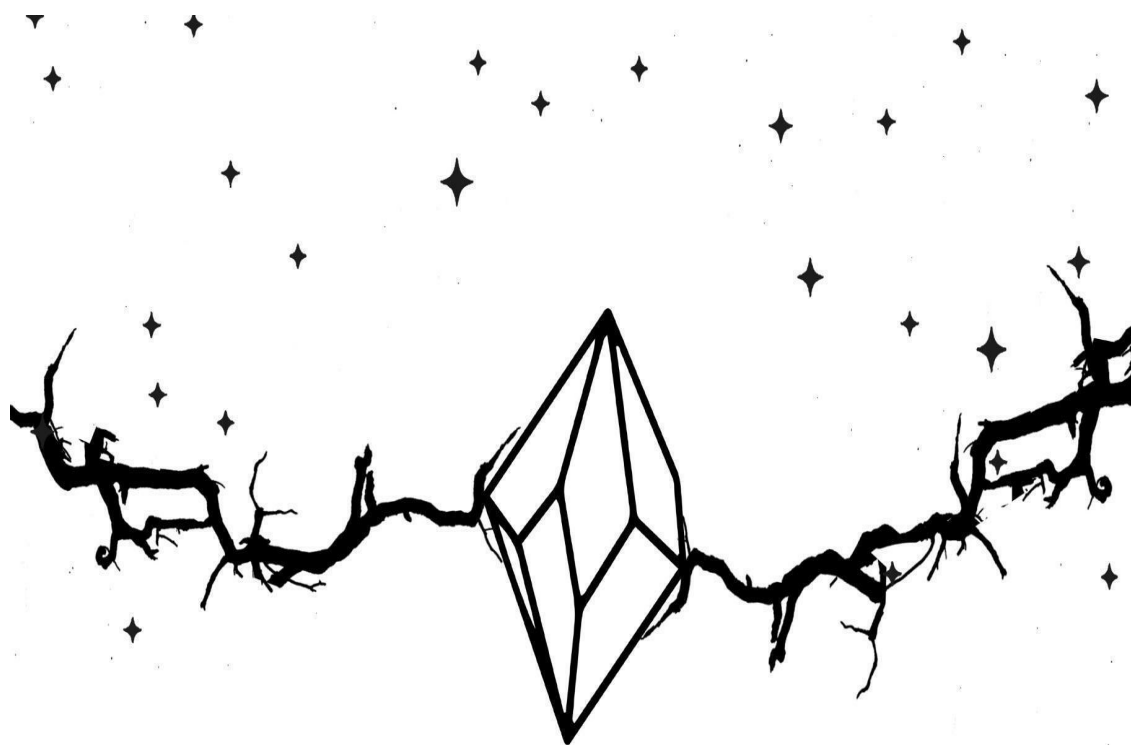
Devika sorriu mais calma, e Kalon percebeu que ainda estavam na mesma cama, não sabia como sair ou dizer que poderia ficar acordado até ela dormir, porém não precisou, porque Devika disse:

— Você pode chegar sua cama mais para perto? Eu sei que parece bobagem, mas...

— Não parece — Kalon foi rápido em dizer. — E posso, vai ser como se estivéssemos acampando.

Ela riu quando Kalon tirou a mesa que separava suas camas e as juntou, os dois deitaram ao mesmo tempo, virados um para o outro. Kalon abriu a palma de sua mão, se concentrando em criar uma bola de energia, que em combate era usada para derrubar grupos maiores ou uma pessoa forte, mas tudo que ele fez foi jogar a energia violeta para flutuar sobre suas cabeças, e um sorriso tranquilo apareceu na loira, quando ela fechou os olhos.

Kalon, mais uma vez, demorou a dormir, os pensamentos vindo de todas as direções em sua mente, o deixando sobrecarregado e confuso, porém um deles fez seu sangue gelar, ao lembrar dos olhos escurecidos de Devika, e uma antiga profecia veio à sua mente, o mantendo acordado por muito mais tempo.



CAPÍTULO 13

No olho do furacão.

Quando Devika acordou, o barulho do chuveiro anunciou que Kalon já estava acordado, a bola de energia que ele tinha liberado durante a noite estava flutuando ainda, mas muito mais fraca. Ela lembrou o que tinha acontecido de madrugada e levou as mãos ao rosto, de repente envergonhada, como se a luz do dia trouxesse à tona seus pensamentos.

O que ela estava pensando ao pedir para Kalon dormir tão próximo dela?

A porta do banheiro foi aberta, e ela ergueu o rosto, vendo o moreno sair com uma toalha presa abaixo da sua cintura, seu peitoral marcado com muito treinamento e algumas cicatrizes estava totalmente exposto, e o rosto dela ficou ainda mais vermelho, enquanto via Kalon enxugar os cabelos com outra toalha, assim que sentiu a atenção, ele olhou para Devika e sorriu.

— Ah, você está acordada. — Ele se curvou para buscar as roupas que tinha deixado em cima de sua bolsa. — Está com fome? Os outros já devem ter acordado, vamos nos juntar a eles. — Quando ela continuou sem responder, Kalon jogou a toalha sobre os ombros e ergueu a

sobrancelha. — Devika? — chamou, a menina piscou os olhos, erguendo para seu rosto, e ele sorriu maliciosamente. — Perdeu a fala?

— De onde vieram essas cicatrizes? — perguntou, e Kalon bufou uma risada.

— Bom. — Ele entrou no banheiro para se trocar, porém deixou a porta aberta. — A maioria, das lutas, combates, dois anos atrás esbarrei com alguns membros do Exército Vermelho, enquanto procurava por você, claro que eu derrotei todos.

— Claro — concordou Devika, ignorando o que ele disse sobre estar procurando ela há tanto tempo.

— Mas eles me deixaram muito mal também, essa maior na barriga, veio de um deles.

Ela concordou, mesmo que Kalon não estivesse vendo. Pensou que queria que suas cicatrizes tivessem essas histórias legais, onde ela saía como heroína e não apenas como uma garota assustada.

— Vocês estão acordados? — A voz de Bas veio junto de uma batida, e Kalon gritou uma afirmação, conforme ele abria a porta.

— Espero que Kalon não esteja pelado — comentou Soren, entrando no quarto, vendo Devika na cama e então, as duas juntas, ele ergueu ambas as sobrancelhas.

— Eu tive um pesadelo.

— Sabe o que é pior? Eu acredito — Soren disse, andando até a porta do banheiro, onde Kalon já estava saindo e fechando os botões da camisa, ele parou em frente a Soren, e trocaram um olhar, entretanto não disseram nada.

Dareen se manteve na porta e disse para Devika:

— A capitã nos chamou para tomar café com ela, por que não se veste? Te esperamos.

Eles saíram um a um, Kalon por último, piscando para ela antes de fechar a porta.

Devika suspirou, se jogando contra seu travesseiro e se perguntando porque a visão de Kalon quase nu pairava em sua mente, acendendo alguma coisa desconhecida nela.



— Meus convidados de honra. — Nerissa disse, quando eles entraram no refeitório lotado, havia em torno de vinte a trinta pessoas, a mesa da capitã era a mais distante e a única redonda, e ela acenou com a mão para eles se aproximarem. Ao lado dela, tinha uma mulher baixinha, os cabelos curtos e lisos eram loiros, e os olhos azuis bonitos a faziam parecer inocente, já as várias adagas presas em sua cintura e pernas diziam o contrário. — Essa é Mairsile, minha companheira e segunda no comando. — A mulher pequena acenou em

cumprimento. — E esse é meu outro convidado, Octavian.

O homem loiro de aparência elegante sorriu para eles, os olhos muito verdes observaram Devika, e os lábios, atrás da taça que segurava, se ergueram.

— Vejo que vou ter uma linda companhia pelos próximos dias — Octavian disse.

— Verdade, eu sei que sou muito atraente — Kalon falou, sentando ao lado dele e puxando a cadeira do seu lado para Devika. — Você carrega consigo uma espada, eu adoraria treinar com alguém diferente.

— Eu logo vi que vocês são guerreiros — Octavian disse. — Mas não parece o fardamento do Exército Vermelho, então quem são vocês?

— Mercenários — cortou Dareen, antes que Kalon respondesse à provocação. — Não trabalhamos para ninguém, fomos contratados pela milady para protegê-la em sua viagem.

— Convincente — Octavian disse. — Nerissa, querida, como você os encontrou?

— Da mesma forma que encontrei você, Octavian, por acidente e em troca de dinheiro. — A mulher olhou para os outros presentes. — Certo dia, um grupo de piratas estava tentando roubar o que a gente ro... — ela travou e sorriu — *conquistou*, e Octavian, que era refém do navio atacante, ajudou a gente.

— Quando ela fala que eu dou dinheiro, é que tenho que trabalhar em troca da estadia — confessou Octavian, e Nerissa deu um tapa em seu ombro, tirando um sorriso dele.

O resto do café da manhã foi amigável, eles trocaram histórias sobre a jornada deles, Bas contou sobre o que aconteceu na aldeia (um ataque dos homens do Imperador), e mais marujos chegaram perto para ouvir os detalhes, contando que já tinham passado por aldeias ou cidades onde havia boatos de terem rebeldes, e foi dada uma lição neles, muitos dos sobreviventes viravam escravos e eram enviados para campos de contenção.

Ouvir tudo aquilo fazia Devika refletir, ela sabia que muito dos homens do Imperador eram almas aprisionadas pelo homem e controladas por ele, mas o Exército Vermelho era conhecido por ser cheio dos únicos Herdeiros e Descendentes restantes do reino, eram pessoas com almas e vidas próprias, e apesar de algumas terem sido forçadas a treinar desde pequenas, muitas escolhiam aquilo. Torturar sua própria raça. Como Devika poderia dizer aqueles que deveriam ser salvos e os que não?

Seus pensamentos pararam quando notou alguém a observando, erguendo os olhos prateados, viu Octavian sorrindo ao conversar com seus companheiros, porém o olhar dele se prendia o tempo todo nela, de forma descarada, a deixando um tanto desconfortável com a atenção. Devika já tinha lido alguns livros de romance que Aleena contrabandeava para ela – seu tio nunca a deixou ter contato com ninguém, qualquer nobre que a achava atraente e tentava se aproximar era imediatamente expulso da mansão – e supôs que Octavian era bastante bonito – não tanto quanto seus quatro acompanhantes –, entretanto ela não sentia aquela chama que era descrita nos livros.

Espantou esses pensamentos, porque não tinha nenhuma utilidade, e se levantou com seus guerreiros quando todos terminaram o café e decidiram dar um tempo no convés do barco.

— Octavian pareceu bastante focado em você — comentou Soren, andando ao seu lado,

era raro o garoto negro ser o primeiro a puxar conversa com ela.

Devika olhou os outros três que andavam à sua frente, conversando, buscando saber se eles escutaram, no entanto, pareciam alheios à conversa.

— É ciúme, Soren? — brincou Devika, o menino rolou os olhos dourados.

— Não vale a pena, ele não é pra você.

Devika observou o olhar sério e calmo de Soren, estavam a caminho da cidade natal dele... Algo veio à sua mente.

— Se você é de Loch, o seu deus é...

— Erix, sim, o deus do amor.

Um dos quatro maiores deuses, o querido filho da deusa da luz tinha boatos de ser um eterno amante de todos, quando reinava, ele celebrava os casamentos e uniões, e naquelas uniões perfeitas, ele os agraciava com sua aparição. Em resumo, totalmente o oposto do que Soren parecia ser.

— Eu não estou pensando em algo assim — ela foi honesta, não sabia o que era amar uma pessoa dessa forma e não achava que ela era digna de alguém vê-la com esses olhos. Essa pessoa saberia quão quebrada ela era por dentro? Se soubesse, não achava que poderia ser aceita de verdade.

— Devika — chamou Soren, ela piscou os olhos para ele. O garoto abriu a boca, tentando encontrar palavras para colocar seus pensamentos em ordem, mas seus ombros desabaram, e ele olhou para frente novamente. — Só fique longe de Octavian, ok?



Após o almoço, a tempestade veio.

Os cinco estavam no convés jogando baralho, Devika foi a primeira a reclamar de frio, mas eles acharam apenas estranho, já que estava um dia ensolarado, e perguntaram se ela não queria descansar. Alguns minutos se passaram, e então o marujo da equipe, que estava em cima do mastro, gritou:

— Nuvens de tempestade se aproximando.

Eles ficaram de pé para olhar o que estava acontecendo. E de fato, nuvens muito escuras e grandes se aproximavam rapidamente, já não dava para ver mais nada através delas, alguém tocou um trompete no barco, para avisar do perigo.

— Bas, leve Devika para seu quarto — mandou Kalon. — Vamos descobrir o que está acontecendo.

— Eu não vou a lugar nenhum sem vocês — ela foi firme, quando as palavras saíram de sua boca no automático, e a pequena verdade por trás disso fez sua garganta travar. O barco começava a balançar muito forte, e em poucos segundos, a chuva começou a cair, Basilius segurou Devika com uma mão, enquanto com a outra se apoiava na borda do navio.

Eles não tinham tempo para discutir, Kalon fez um gesto para o seguirem e foi até a

capitã, que gritava ordens.

— Capitã, o que está acontecendo?

— Eu não tenho noção — ela foi honesta. — Mas se continuar assim, não sei o que pode acontecer. Baixar velas! O vento está muito forte, vamos esperar a tempestade passar — ela gritou e olhou para eles. — Se vocês estão de bobeira, vão ajudar empurrando os barris para dentro, eles são um perigo nessa tempestade.

Kalon assentiu com a cabeça e deu uma olhada para Devika, antes de mandar os meninos fazerem o que a capitã pediu, ele disse para Devika:

— Fique por perto, venha me ajudar.

Ela assentiu e correu até ele, mas sentia uma sensação muito estranha. As nuvens fechavam ao redor do barco, e a chuva torrencial que caía já tinha encharcado suas roupas, a deixando pesada, a maré estava muito alta, erguendo o barco de uma forma que não deveria ser possível. Todos trabalhavam juntos no convés, retirando as velas e qualquer coisa necessária ou perigosa. Uma enorme onda entrou no navio, puxando vários membros da tripulação, a parceira da capitã quase caiu no mar, porém Dareen foi rápido, agarrando-a pelo braço e a trazendo para dentro.

— Todos entrem! Agora! — mandou Nerissa.

Kalon assentiu para Devika, puxando-a pela mão e conferindo se os outros três também estavam se aproximando, Devika escutou um barulho alto de metal se desprendendo, e Basilius gritou para ela tomar cuidado. Olhando para trás, ela viu que um dos ganchos de metal que prendia o mastro, estava solto e voando em sua direção, Kalon a abraçou com força, a protegendo do impacto na mesma hora, entretanto o som que ela escutou por cima dos raios a fez encolher, assim que se afastou do moreno, o viu cambalear e cair de joelhos no chão.

— Kalon! — ela gritou, segurando-o, os olhos dele mal ficando abertos. — Soren!

O garoto, que era o último a entrar dentro do navio, não hesitou ao escutar seu nome e virou-se para eles, correndo até o amigo e o erguendo do chão.

— Vamos, vamos! — mandou, e Devika empurrou os dois para dentro antes de entrar e fechar a porta atrás de si, bem na hora que uma onda forte voou no convés.

— Kalon! — Bas gritou, se ajoelhando ao lado deles, Devika virou o rosto, vendo que o menino estava desacordado, sangue escorria de trás de sua cabeça.

— Levem os feridos para a enfermaria, reforcem as portas, Mairsile venha comigo, vou tentar manter o navio em cima das ondas.

Tinha muita gente correndo para todos os lados, o caos era completo, e o navio balançava demais, Dareen mandou que fossem para seus aposentos, ao invés da enfermaria, que ele trataria de Kalon.

Devika tentava não tremer muito, mas era difícil com o navio balançando, e quando via Kalon desacordado, o garoto tinha a protegido do que era capaz de causar sua morte, e agora, uma das poucas pessoas boas que ela tinha conhecido estava ferida por sua causa.

Inútil.

A palavra ecoou em sua mente quando Soren e Bas depositaram Kalon na cama, Dareen foi direto para a bolsa de Kalon, buscando o kit de primeiros socorros, e Devika parou em pé no

meio do quarto, sem saber exatamente o que fazer. Até que ela lembrou, seu sangue.

Olhou ao redor procurando sua bolsa, que estava com sua adaga, porém antes que se aproximasse, Basilius parou na sua frente, colocando uma toalha sobre seus ombros.

— Somos resistentes, ele vai acordar logo, logo — Bas falou, notando para onde o olhar da menina estava mirado. — Você não precisa fazer nada, Devika.

— Não é só o que eu faço? — ela murmurou, contudo, não deu tempo de ele responder e desistindo da adaga, seguiu para sua cama, que estava agora separada da de Kalon, observando-o.

Dareen terminou o curativo na cabeça de Kalon e tirou a camisa molhada do líder, Soren tinha ficado de pé, andando até a janela.

— Está absolutamente tudo escuro. Mas ainda estamos sobre as ondas, então acredito que seja um bônus. — Ele virou-se para os amigos e Devika. — O que diabos está acontecendo? É o Imperador?

— Eu não acho que ele tem domínio dos mares — Dareen disse. — O navio tem dois botes salva-vidas, se precisarmos, pagaremos um para a gente. Melhor ficarmos juntos até tudo se acalmar.

Basilius concordou, sentando em uma cadeira, que por coincidência estava muito perto da bolsa de Devika, Soren sentou debaixo da janela, no chão mesmo, e Dareen se sentou entre a cama de Kalon e Devika. Aqueles olhos vermelhos e espertos analisaram a menina por longos segundos, até ele falar:

— Kalon está perfeitamente bem e ele faria aquilo por qualquer um — comentou. — Caso esteja se culpando.

Devika não respondeu, porque não sabia o que responder. Eles esperavam que ela fosse essa “Salvadora”, e como isso funcionaria, se ela não conseguia nem sequer mantê-los seguros?



— Por que essas caras de luto? Eu estou morto?

Já era noite quando Kalon despertou, fazendo todos se erguerem e se aproximarem dele, Dareen verificava sua temperatura, e Devika continuou sentada em sua cama, enquanto vários xingamentos saíam da boca dos meninos.

— Você é estúpido, Kalon? Você poderia ter desviado — repreendeu Soren.

— Eu sei que estava escorregadio, mas você esqueceu todo o treinamento? — continuou Bas, Kalon sorriu serenamente.

— Desculpa, desculpa. Eu não achei que aquele gancho fosse ser tão pesado, só... Segurei Devika. — Ao dizer o nome dela, os olhos dele a procuraram, e encontrando a menina sentada mais afastada, ele sorriu. — Você está bem?

— Não era eu que deveria fazer essa pergunta? — Kalon deu de ombros, e ela rolou os

olhos.

Kalon não perguntou mais nada, porque logo estavam contando para ele o que sabiam. A tempestade durou o resto do dia, entretanto, com o passar das horas foi enfraquecendo, e apesar de as nuvens continuarem ao redor deles, a capitã passou para avisar que estavam estáveis, mas que todos eram proibidos no convés.

Aproveitando que Kalon estava acordado, e a tempestade estável, Dareen tomou a liderança do grupo, buscando comida para eles e avisando que ficariam todos juntos até o dia seguinte. Devika tentava não observar Kalon tão descaradamente, porém não conseguia, via como ele ainda estava muito pálido, e mesmo eles tendo descartado a possibilidade de uma concussão, e o corte já estar se curando, ela sentia esse peso em seu peito, que parecia esmagar seu coração.

Quando Kalon pegou no sono novamente, e os garotos organizaram sacos de dormir pelo quarto, Bas chamou baixinho, quando o silêncio se fez.

— Está acordada, Devika?

Ela pensou se deveria responder, tentando não se afundar muito nas suas trevas, decidiu murmurar um sim, também baixo.

— Eu queria te falar algo que já falei para mim, porque eu entendo o que você está sentindo, essa culpa. — Sua voz era imperturbável, e ele não parecia duvidar do que estava dizendo. — Levei muito tempo para aceitar o que aconteceu com meus pais por minha causa, eu ainda não consigo voltar a tocar piano... Apenas aprendi que algumas coisas acontecem por uma razão. — Ele pausou, pensativo. — Não nos machucarmos durante essa jornada não vai ser possível, talvez até você possa se machucar, mesmo conosco ao seu lado, eu sei que vou fazer o possível para que não aconteça e sei que Dareen, Kalon e Soren pensam da mesma forma. Mas não temos como afirmar nada com certeza. Mas no fim do dia, Devika, nós cinco somos um grupo, cuidar um dos outros é o que fazemos por escolha, porque nos importamos um com os outros.

— Eu sou apenas uma carga, Bas.

— Não é verdade, você não disse que seríamos amigos?

Devika suspirou, porque tinha dito mesmo aquilo em um segundo em que acreditava naquelas palavras, mas depois da aldeia, depois de Kalon se machucar para protegê-la, ficava cada vez mais difícil fazer de conta que era apenas mais um deles, quando era alguém que deveria ser cheia de poderes e capaz de salvar o mundo, mas esses poderes tinham a abandonado.

— Vocês não me conhecem.

Basilius suspirou.

— Amizade começa de uma semente, vamos plantar e cuidar, você pode ser uma rosa ou uma erva daninha, ainda assim, vamos continuar com você, porque foi o caminho que nos ensinou quem você é, e enquanto não for sua escolha machucar a gente, não temos razão para te abandonar.

Devika apertou os lábios. Sufocada. Queria chorar e queria gritar. Como era possível que ela se preocupasse com eles, sorrisse com os sorrisos deles, porém não acreditasse que os sentimentos que surgiam neles para com ela fossem os mesmos?

Como não houve resposta da menina, Basilius não insistiu mais na conversa e ficou

calado, até que sua respiração tranquila anunciou que ele estava dormindo.

Devika não conseguiu dormir naquela noite.

Os últimos dias passavam como um filme em sua mente, todas às vezes que cada um deles demonstrou um cuidado ou gentileza com ela - mesmo Soren, que era sempre rude -, todas as tentativas que eles faziam para incluí-la no grupo se destacavam, e como suas respostas eram sempre o que ela *deveria* responder, e não o que *queria* responder.

Lembrou como Dareen, um dia antes de chegarem naquela aldeia, perguntou se Devika gostaria de acompanhá-lo em busca de algumas ervas medicinais, o ruivo sugeriu explicar para ela, e quando Devika sorriu e disse que não queria atrapalhá-lo, ele apenas concordou e seguiu em frente. O que teria acontecido se tivesse aceitado e descoberto novos lados dele?

Ou quando Bas, logo após saírem de Reverie, pegou uma carta em seu bolso e começou a ler. A carta era de Adron, e o sorriso nos lábios do menino era bonito enquanto lia, mas também era triste. Ele perguntou se Devika queria ler a carta, quando notou o olhar dela, entretanto, tudo que ela fez foi sorrir e negar com a cabeça, porque não queria invadir a privacidade dele.

Ainda hoje, antes da tempestade, Soren estava a esperando do lado de fora do quarto, ao passo que todos terminavam de se arrumar, ao vê-la, continuou calado e sem erguer os olhos, entregou para Devika um pedaço da fruta que ele comia. Por que ela não perguntou como ele estava? Ou brincou com a mesma leveza que os garotos brincavam entre si?

E tinha Kalon. Virando o rosto para o lado, observou o jovem Descendente do deus do sono dormindo com uma respiração suave, as mãos relaxadas ao lado do corpo, e o cabelo caindo para o lado, e apesar de sentir uma certa conexão com Kalon, que facilitava as palavras saírem de sua boca, ela não conseguia ser a luz que o moreno era para todos, não entendia como Kalon podia ter passado por tanta coisa, e ainda assim, sorrir com tamanha beleza. E ainda assim, continuar se esforçando para se aproximar dela, que em troca... Não fazia o mesmo.

Quando completou quinze anos, Aleena conseguiu contrabandear um bolo de aniversário para Devika, porque estava ficando com o atual guarda da porta da loira, as duas, junto de Edlynne, fizeram uma pequena festa e sorriram, brincaram e alegraram o dia de Devika, que tudo que podia dar em troca, era seu amor. Aleena, que conhecia todos os pensamentos da melhor amiga, afirmava várias vezes que era o bastante. Ela dizia:

“— Para uma reencarnação da deusa, você tem muito pouca fé no que não pode ver — Aleena sussurrou, fazendo um carinho no rosto de Edlynne, que dormia em seu colo. — Minha família me vendeu, eu estava sem ninguém a quem amar... Até conhecer você. E então, eu não estava sozinha. Você me deu tudo, Dev.

Devika lembra de sorrir para Aleena com lágrimas nos olhos, dando em seguida, um leve empurrãozinho, para esconder a vergonha com aquelas palavras.

— Você é muito boa com as palavras, não é à toa que seduz todo mundo — ela brincou, e Aleena deu de ombros.

— Eu não sou bonita à toa, né?

Devika riu, a chamando de boba, e as duas gargalharam, apenas para logo depois baixarem a voz, ao escutarem Edlynne reclamar no sono.”

Essa pequena felicidade se tornou manchada de sangue, quando no dia seguinte, seu tio trouxe para Devika, em uma das mãos, um pacote ensopado de sangue, que mais tarde ela

descobriu serem os dedos do seu guarda, e na outra mão, ele segurava uma Aleena, que tinha os olhos roxos e lábios partidos, a fúria tinha dominado Devika tão rapidamente, que ela chegou a brilhar, mas quando Henrick jogou Aleena em cima da loira, a menina só pôde segurar a amiga com força. Não houve nenhuma mensagem falada, porque era tudo bastante claro, porém Devika sabia que ele tinha feito aquilo por ela amar Aleena.

Devika tentou esconder esse amor, tentou fazer com que Aleena parasse de ser amiga dela, contudo, a amizade delas já era profunda demais, e a personalidade de Aleena forte demais, para ela deixar algo assim acontecer.

No entanto, com aqueles garotos, deveria ser capaz de protegê-los, poderia continuar se mantendo afastada e não significar nada para eles, além de uma carga preciosa, que ao completar seu dever, desapareceria de suas vidas... Só que aquilo começava a doer de verdade nela, porque era egoísta e era humana, e queria se aproximar deles, queria fazer parte de algo.

Ela queria...

Um murmurar sonolento de Kalon chamou sua atenção, viu que o garoto franziu as bonitas sobrancelhas grossas e se mexeu no sono, virando-se para ela, uma mão caindo para fora da cama, esticada em sua direção, e Devika chorou em meio ao sorriso, desejando algo, ao mesmo tempo que tentava se afastar.

Aquele conflito a machucava tanto, que sentou silenciosamente na cama, buscando se agarrar em algo físico, quando a dor era muito mais mental.

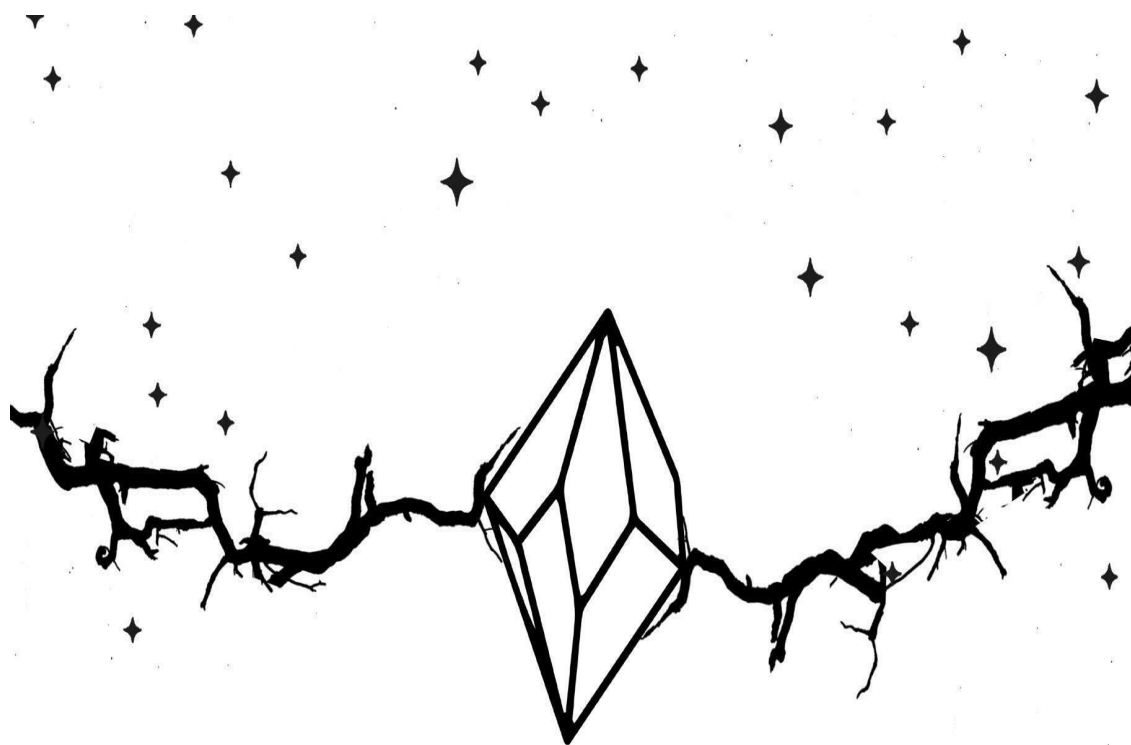
Essa sensação durou por muito mais tempo do que queria, e com o primeiro sinal de que já não estava mais tão escuro do lado de fora, ela ficou de pé e saiu do quarto o mais silenciosamente possível.

Dareen tinha pedido para que eles trocassem de roupa, a fim de ficarem mais preparados para algo, e agora, Devika estava usando uma calça e suas botas, a blusa sem mangas era uma bata grande e que descia até suas coxas, onde tinha dois cortes, para não prender suas pernas. Quando estava chegando na cozinha, notou que a porta do convés estava aberta, e ela foi para lá sem pensar duas vezes.

As nuvens haviam se afastado, só que ainda estava relativamente escuro, apesar de já ser outro dia. Ao seu redor, tinha grandes rochas com torrentes de água descendo pelo seu topo, até o mar escuro abaixo. Vários navios estavam entorno deles, até onde conseguia ver, todos abandonados, vazios e quebrados. Madeiras flutuando no chão, e bandeiras rasgadas balançando com o vento, o mundo estava tão cinza à sua volta, que era difícil descobrir onde estava a saída.

— Onde estamos? — ela murmurou, mais para si mesma do que alguém, mas a resposta veio de trás dela.

— Estamos no cemitério perdido. — Virando para ver quem era, Devika notou Octavian parado na proa do navio, ele virou o rosto para ela. — E vocês estão no meu território.



CAPÍTULO 14

A magia escondida.

Sons assombrosos vinham de todos os lados, das sereias das proas dos barcos destruídos, gritos e risadas vinham, Devika via que as sereias de madeira das proas se desgrudavam do material, como fantasmas atravessando paredes, e saíam flutuando em direção ao mar, duas passaram bem perto do navio em que ela estava, seus sorrisos revelando dentes afiados como o de tubarões, e suas escamas grossas e azuladas. Devika recuou para trás, sem saber o que deveria fazer, enquanto Octavian estava bem no centro do navio, olhando tudo ao redor com satisfação, seus olhos brilhavam num verde sobrenatural. — Quem é você? — ela resolveu perguntar.

— Você pode me chamar de príncipe ou de rei, não faz diferença, o mar é meu império, e aqui é onde os maus navegadores vêm após acenderem a minha revolta ou dos meus filhos.

Devika o olhou, confusa, tentando recordar dos livros que já leu, se havia alguma menção de Octavian ou de um rei dos...

— Você é um deus? — exclamou a menina.

Ele sorriu.

— Até onde me recordo.

— Mas... Eu achei que os deuses estavam adormecidos.

— Ah sim, a maioria deles, a origem de tudo, Leocádia, Nyx e seus filhos, alguns outros também, mas muito de nós preferimos burlar essa regra e ficamos no plano dos humanos. — Ele deu alguns passos para perto dela, Devika se afastou, porém estava muito perto da borda. — Enquanto não atrapalharmos Abaddon, ele permite que as almas dos nossos vão em paz. Mas algo curioso aconteceu há alguns dias, o grande Imperador Abaddon me mandou um recado, ele me concederia um desejo, em troca de encontrar A Salvadora, cujo nome é Devika. — Ele sorriu, parando em frente a ela, Devika bateu contra a borda, e mãos pegajosas agarraram seus braços, olhando para trás, ela viu sereias escalando o navio, quatro estava a segurando, e apenas um puxão a faria cair no mar.

Devika estava, de fato, com muito medo, seu coração palpitava de forma acelerada, e o Poder dentro dela parecia gritar tão alto dentro de seu corpo, pedindo para ser libertado, que ela sentia vontade de tapar os ouvidos. Ainda assim, a loira encarou Octavian de cabeça erguida, os olhos com tamanha tenacidade, que aquele deus acabou se perdendo nas chamas prateadas.

— Você quer a mim? Eu não ligo. — A calma em sua voz deve ter atiçado uma curiosidade em Octavian, porque ele ergueu as sobrancelhas, esperando que ela completasse a frase, porém não havia resto de frase, ela apenas preferia acabar com aquilo, do que ver a cena na aldeia se repetindo por sua causa.

— Se sacrificando? Tão fácil assim?

Devika negou com a cabeça.

— Não é um sacrifício, é uma escolha.

Octavian sorriu, sons altos de passos pesados se aproximaram, e o deus olhou por cima do ombro para ver quem eram, mas Devika sabia.

— *Que merda é essa?* — gritou Soren, seu arco e flecha em mãos e erguido, Bas parou ao seu lado com os olhos furiosos, rondando o deus. Pela porta que vinha da direção da cabine da capitã, Dareen e Kalon saíram silenciosamente, Octavian não demonstrou que tinha os notado, entretanto Devika viu o sorriso que apareceu em seus lábios e gritou:

— Não se aproximem! — mandou com firmeza para todos eles, as sereias a puxaram mais para trás, seus pés sendo quase erguidos, algo pegajoso e avermelhado rodou seu pescoço, olhando para baixo, viu que era um braço de um polvo, e pelo tamanho, deveria ser um animal gigante. O grito ficou preso em sua garganta, quando olhou novamente para Octavian e falou entre dentes: — Se você me tirar daqui, eles vão matar você, e eu não sei como se mata um deus, mas tenho certeza que eles vão descobrir, se não souberem. Esse povo que você quer proteger, vai ficar sem proteção, e Abaddon vai ser o primeiro a se aproveitar disso, porque você escolheu matar uma falsa deusa, que sequer tem acesso aos seus poderes.

Os olhos do deus cintilavam, curiosos e brincalhões.

— Quem falou que eu te mataria? — Ele ergueu a mão, tocando em seu queixo. — E se eu quisesse você para mim? **Não se aproxime!** — ele gritou, e Devika viu que Kalon tinha dado

alguns passos para perto dele, os olhos treinados fixos nos movimentos de Octavian. — Se você se aproximar, ela vai direto para o fundo do mar.

— E você direto para uma fogueira, acredito que seria irônico o deus do mar queimar vivo. — Kalon zombou, o sorriso frio.

Octavian rolou os olhos e observou Devika.

— O que me diz? Se eu levasse você, aceitaria sem lutar?

A menina parou para pensar durante poucos segundos. Sim, ela estava se oferecendo para morrer no lugar daqueles garotos, porque a morte seria fácil, e ela estaria feliz em saber que sua família estava segura, e aqueles quatro, que eram muito mais essenciais e preciosos nessa batalha, continuariam em frente.

No entanto, outra coisa completamente diferente era aceitar ser uma prisioneira, era aceitar estar nas mãos de alguém como uma boneca de decoração. Não de novo. Durante anos, viveu dessa forma nas mãos de seu tio e não pôde lutar mais, porque ele tinha uma ameaça contra ela, só que agora estava sozinha e *já* jamais aceitaria aquilo de novo. Preferiria morrer lutando.

— Não. — Devika não desviou o olhar. — Se você me prender, vou fazer da sua vida um verdadeiro inferno.

Octavian a encarou por longos segundos, e Devika não desviou o olhar hora nenhuma. Ela não sabia disso até agora, mas percebeu que era a mais pura verdade, que não se deixaria voltar para o lugar onde estava e faria qualquer coisa para garantir aquilo.

— Bom — ele respondeu.

Com um gesto de mão, tudo que a segurava se afastou, a deixando sem apoio, ela caiu no chão de joelhos, ofegando e levando a mão à garganta, querendo sentir que estava mesmo livre. Os garotos aproveitaram essa hora para se aproximarem dela, Soren se aproximou com a flecha apontada para a cabeça de Octavian, enquanto Kalon parava na frente de Devika, sua espada erguida em direção ao pescoço do homem, e Bas foi parar do lado dela, a ajudando a ficar de pé.

— Está tudo bem — ela sussurrou. — Ele quer alguma coisa.

— Pelo menos um de vocês é inteligente. — Octavian não parecia perturbado pelas armas apontadas para ele. — Verdade, eu não vou fazer nada, vocês podem abaixar as armas.

— Eu prefiro não — Soren proferiu atrás dele. — Fale o que tem a dizer.

Octavian suspirou dramaticamente.

— De um ano para cá, as trevas que assombravam a superfície, começaram a se infiltrar no mar. Em alguns lugares, se tornou difícil de viver, em outros, plantas e minhas criaturas foram mortas por seres que claramente vieram do último fogo do inferno. Meu povo está com medo de andar sozinho, e ao falar com Abaddon, ele disse apenas que era um pequeno preço a pagar, mas eu acredito que ele está perdendo controle de sua magia.

— E é aqui que eu entro, você prefere que eu feche os portões do submundo, porque agora eles afetam você.

Ele acenou com a cabeça.

— Como falei, o mar é meu domínio, quando seu guerreiro mandou uma mensagem para Nerissa, eu suspeitei que era você e dei um jeito de entrar neste navio. Queria ver seu poder em

ação, mas não esperava que não conseguisse usar — declarou, Devika tentou esconder a vergonha e continuar com o olhar erguido. — Acabei encontrando em você uma força que não é treinada. Acredito que valha a pena te manter viva e dizer para Abaddon que não encontrei com vocês.

Nenhum dos garotos disse nada, apesar de ainda olharem furiosos para Octavian, era Devika quem tinha a palavra nas mãos. Ela poderia escolher começar uma luta por pura desconfiança em Octavian ou tentar confiar no desconhecido e ter certeza que todos vão sair do barco com vida.

— Tudo bem — ela pronunciou, se afastando de Bas e colocando a mão sobre a mão de Kalon, para ele abaixar a arma. — Eu vou continuar minha jornada, como planejado, mas alguma hora você vai ter que decidir se vai ficar do lado de Abaddon ou vai fazer a escolha certa.

— O que te faz ter tanta certeza que você é a escolha certa?

— *Eu* não sou — Devika declarou. — Mas Abaddon também não é. — O sorriso saiu dos lábios de Octavian, enquanto ele encarava a menina com um tanto de choque. — Agora, já que você nos trouxe para lugar nenhum, nos leve para Loch o mais rápido possível.



Devika não disse nada à medida que eles voltavam para seu quarto, todos se mantiveram calados quando Octavian concordou com o que ela disse.

Assim que eles entraram no quarto, no entanto, Devika quase desabou.

— Opa — Kalon falou, e ele e Soren seguraram cada um em um braço dela. — Tudo bem?

Devika concordou, se afastando deles, talvez depressa demais, e virou de frente para os quatro garotos, que esperavam o que ela tinha a dizer. Contudo, ela não sabia. Sequer sabia o que tinha dado nela para ser tão coerente.

— Você parecia uma deusa — Dareen comentou suavemente. — Eu não acho que nenhum de nós teria lidado com a situação tão bem quanto você.

— Não é verdade, eu...

— Devika, você pode pensar que porque não consegue acessar seus poderes ainda é um peso nessa viagem, mas hoje você provou o contrário e agiu como nossa líder — Basilius disse de forma gentil, porém firme.

— Eu vou amar te ter como líder — provocou Kalon, e aquilo tirou um sorriso, e um

rolar de olhos da menina.

— Não se acostume — falou, cruzando os braços, então se lembrou do machucado dele, e seus olhos arregalaram. — Você está bem?

— Como novo.

— Vaso ruim não quebra — Soren falou, se jogando na cama em que Kalon dormia. — E eu estou exausto de dormir no chão, porque você acordou tão cedo e saiu sozinha, Devika? Você tem noção de quantos xingamentos Kalon proferiu quando viu?

Ela olhou para o moreno, que estava olhando distraído demais para o teto do quarto, Basilius soltou uma risada e puxou Devika pela mão, para sentarem na sua cama.

— Era por causa disso que você disse que ele não era para mim, Soren? — perguntou Devika, e todos os olhares foram parar no garoto.

Ele bufou.

— Não.

Os olhares continuaram sobre ele, porém Devika se lembrou de algo.

— Eu não senti a energia nele como em vocês.

— O núcleo de energia normalmente se forma naqueles que são Herdeiros ou Descendentes, criaturas trazem uma certa vibração, mas deuses? Eles são a própria força, não acho que teria como detectar — explicou Dareen, seus olhos atentos, como se calculassem esses novos dados. — Se ele disse que existem mais deuses que não estão adormecidos, quantos estão ao nosso redor?

— E quantos não estarão contra nós? Se o que ele disse é verdade, e Abaddon colocou um cartaz de “procura-se” em Devika, talvez seja mais difícil do que tínhamos pensado — lembrou Bas.

Devika escutava a conversa deles sem de fato opinar, encolheu as pernas na cama, dando espaço para Bas e Kalon, que estavam sentados ao seu lado, e encostou a cabeça no travesseiro. Os garotos começaram a debater se deviam procurar feiticeiros para criar feitiços de camuflagem para eles, entretanto Dareen disse que precisavam se abastecer de poções de cura e só conseguiriam no mercado negro, que era muito caro. Suas vozes logo foram se misturando e tendo um efeito calmante, que Devika não esperava, e em poucos minutos, ela já estava no mundo dos sonhos.



— Eu realmente não acredito que fizemos essa viagem em dois dias — Nerissa disse, assim que avistaram Loch.

Como descrito nos livros, a entrada de Loch era composta de dois muros que percorriam o mar durante muitos quilômetros, circulando a cidade e a mantendo protegida. Os portões dourados, que se abriam para os barcos com autorização, eram cobertos com água que escorria do seu topo ao fim, como uma cachoeira, ao longe, muitos barcos pequenos de pescaria estavam

perto da praia de areia, que brilhava como pequenos diamantes, as gaivotas e outros pássaros exóticos de diversas cores sobrevoavam a cidade com prédios que pareciam, em sua maioria, baixos. A única construção que tinha vários andares era o castelo, que ficava em uma montanha elevada no litoral da cidade.

— Eu não sei o que vocês fizeram — continuou Nerissa, olhando para Devika e seus companheiros. — Mas nos ajudaram em uma tempestade e salvaram minha parceira, sendo assim, estamos quites. — Ela parou para pensar um pouco e acrescentou: — Emocionalmente falando, agora paguem o que devem e saiam do meu navio.

O pequeno grupo sorriu, e Dareen foi até ela pagar o combinado, enquanto eles seguiam para a prancha que foi colocada até o cais de entrada da cidade. Estavam saindo, quando Octavian se aproximou de Devika.

— Diferente de mim, outros podem não estar tão a favor do que vocês querem fazer — ele disse baixo. — Não confiem em ninguém, além de um nos outros.

— Certo — Devika respondeu apenas e virou-se para continuar a descer do navio, porém ele segurou seu braço, Kalon colocou a mão sobre sua espada, e Soren apertou os olhos.

— Espero que quando nos virmos de novo, Devika, você esteja ainda mais poderosa.

— E eu espero que você tenha decidido lutar pelo que quer — respondeu de volta, e com um sorriso de Octavian, e um aceno de cabeça, o grupo desceu do navio a caminho da cidade.

Conforme eles andavam pela cidade portuária do reino de Loch, Devika notou que a principal fonte de renda lá deveria ser frutos do mar, todo tipo de peixes e algas eram encontrados em diversas lojas, enquanto eles andavam, Devika notou também muitas bandeiras com um peixe-voador dourado no centro, que deveria ser o brasão do reino. A maioria das pessoas tinha a pele escura como a de Soren, e soldados de armaduras douradas eram vistos patrulhando hora ou outra, no centro de uma praça em que eles passaram tinha uma placa com o aviso de “Procura-se Rebelde” e também mensagens sobre os impostos a serem pagos, ao decorrer da cidade, Devika viu vários panfletos de proibido o uso de magia e que qualquer pessoa com o sinal de ser um Herdeiro, deveria procurar imediatamente as autoridades.

— O que acontece com as pessoas que vão até as autoridades revelar que têm poderes? — perguntou Devika baixinho, Soren estava atrás deles, usando um capuz para se manter mais escondido.

— Se Abaddon não tem controle sobre essas pessoas, elas não servem para ele, e se qualquer cidadão esconder uma pessoa com poderes, ela é sentenciada automaticamente à força.

— E os feiticeiros?

Feiticeiros foram uma raça criada muito tempo atrás, eram, em sua maioria, descendentes dos seres do submundo e por muito tempo foram considerados malignos, até que Nyx declarou que qualquer feiticeiro era seu protegido, e assim, não poderiam ser tocados. Quando os deuses foram embora, os feiticeiros ficaram desprotegidos e foram caçados por Abaddon, dizem que seu calabouço é repleto de feiticeiros, que são obrigados a criarem coisas mirabolantes para ele, mas ainda existem feiticeiros que vivem escondidos e conseguem sobreviver de contrabando.

O que era exatamente o que estavam procurando.

— O Ancião Conselheiro me disse que em Loch tinha um amigo dele, Feiticeiro, trabalhando em uma livraria.

Devika sorriu, porque apesar de tudo, dar um passeio em uma livraria era algo que ela sempre desejou fazer.

Dareen conferiu o mapa que Cassiel deu para ele, e seguiram em direção às ruas movimentadas, passando por alguns restaurantes que tinham um cheiro muito bom, lembrando-a que estava com fome, e foram seguindo para um local de residências, casas pequenas de um andar, onde pareciam viver mais pessoas do que o cabível lá dentro, os rodeavam. Muitas roupas estavam penduradas nas janelas e entre prédios, entrando em um beco, onde um grupo de crianças parecia brincar de “fuja das sombras”, encontraram uma placa, que se não fosse pelo mapa, teriam deixado passar batido, onde havia escrito: “Livros da Maren”.

O grupo entrou junto, os sinos de boas-vindas que anunciavam a chegada de visitantes imitavam o canto de um passarinho, e eles logo foram recebidos por muitos livros.

— Não estou vendo ninguém aqui pra atender — comentou Dareen. — Vou dar uma olhada ao redor.

Eles concordaram, e Devika começou a divagar pela loja. O cheiro maravilhoso de livros era misturado com um gostoso perfume de baunilha, algumas das estantes estavam tortas ou com prateleiras faltando, mas os livros estavam organizados, porque Devika tinha passado por uma sessão de livros sobre plantas, e em seguida, livros de romance. Ela ergueu a mão, pegando um dos livros de romance, que tinha apenas um título e uma capa rosada, abrindo em uma página qualquer, o seu rosto ficou totalmente vermelho, ao entender do que se tratava a cena.

— Esse é um dos meus favoritos. — Uma voz veio detrás da estante em que ela estava, e virando na direção, notou uma mulher de seus vinte poucos anos sentada no chão com vários livros ao seu redor.

Os cabelos da mulher batiam na altura da sua cintura em um tom castanho, os olhos da mesma cor estavam focados nos livros, ainda assim, ela notou quando Devika se aproximou e ergueu o rosto para a menina com um sorriso.

— Você precisa de algo, querida?

— Estávamos procurando por alguém, mas eu não sei o nome. — Devika olhou ao redor, escutava a voz dos meninos por perto. — Vou chamar meus amigos.

A mulher ficou de pé, sacudindo a poeira do vestido que ia até seus joelhos, usava uma pequena bota de salto, que a deixava do tamanho de Devika, e sorriu, Devika notou que na verdade ela tinha olhos de duas cores diferentes: um castanho e um preto.

— Você é a Feiticeira.

Ela sorriu e fez um gesto com a mão, a estante que estava atrás dela se desfez, transformando-se em uma porta de madeira.

— E você é A Salvadora — a mulher disse. — Gostaria de conversar?

Devika sentiu a proximidade de Kalon, quando ele parou atrás dela, olhando por cima dos ombros, viu que os outros também tinham se aproximado, olhando com desconfiança para a Feiticeira, Devika achava que eles não estavam prestando atenção nela, porém estava enganada.

— Vamos, vamos, para que tanta desconfiança? Vamos tomar um chá com biscoitos,

Devika está com fome.

A loira franziu a testa.

— Como você sabe disso? — perguntou, enquanto seguiam a mulher até a porta misteriosa, ao entrarem lá, o local se revelou um jardim cheio de rosas até a altura dos seus tornozelos, e uma mesa na sombra com exatas seis cadeiras ao redor, o chá e biscoitos já em cima da mesa.

— A deusa Jinx ainda vem nos sonhos de suas preciosas filhas, ela nos conta muita coisa que fica sabendo durante o seu profundo sono.

A deusa Jinx, se Devika se lembrava corretamente, era uma deusa menor, encarregada das feiticeiras mulheres. Ela foi criada por Nyx para proteger as pequenas feiticeiras, que assustavam as pessoas mais do que os feiticeiros homens, mesmo que compartilhassem os mesmos poderes, e era claro que assustavam, porque uma mulher não deveria ser capaz de derrubar um homem com apenas alguns gestos.

— E o que ela contou sobre nossa vinda? — perguntou Bas.

A mulher, que deveria ser Maren, sorriu para o menino.

— Muitas coisas, jovem sombrio. — Ela olhou para Kalon. — O menino dos sonhos tem muitas perguntas, não é verdade?

— Não.

Ela riu, e Devika sentiu que Kalon estava mentindo.

— Mas para você, Devika, Jinx deixou uma mensagem, já que ela nunca gostou de Abaddon e estava louca para o seu nascimento. — Maren cruzou as mãos debaixo do queixo, olhando fixamente para Devika, e as palavras flutuaram direto para sua mente.

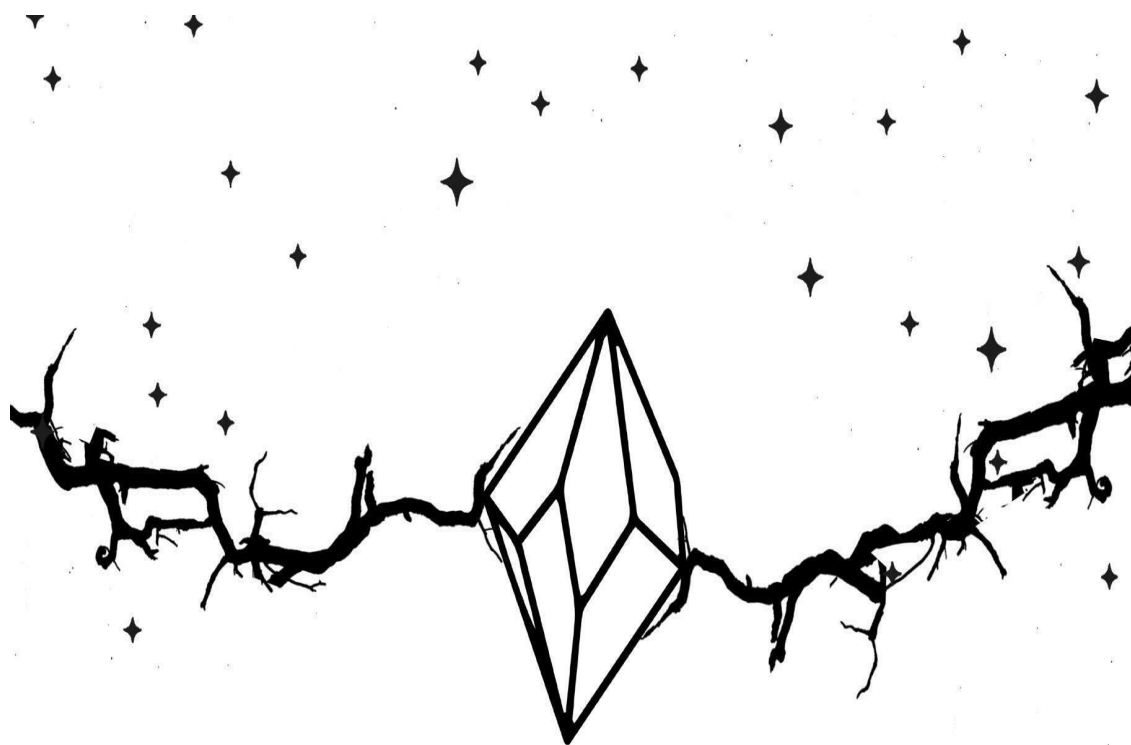
“Mais precioso do que a chave que você procura, é aquilo que você não procura e nunca teve. Seus passos vão te levar até uma bifurcação, e você tem mais escolhas do que sequer sabe, a criança da noite vai querer te salvar, mas você vai aceitar? Por agora, está no caminho certo, a primeira chave reapareceu no tempo previsto, mas você já não é a única querendo encontrar. Estou curiosa, Devika, muito curiosa com o que você promete.”

Um tanto em choque, Devika piscou os olhos diversas vezes, derrubando no chão a xícara que segurava, sem sequer perceber.

— Devika? — chamou Kalon, porém ela não respondeu.

Maren sorriu, erguendo outra xícara para ela.

— Agora que já respondi o principal, quanto de ouro vocês estão dispostos a pagar pelos meus bombons que aceleram a cura?



CAPÍTULO 15

Sussurros na noite.

Quando eles saíram da livraria, foram procurar uma estalagem onde pudessem passar a noite e também comer algo após o longo dia. A estalagem que escolheram foi com base em quanto tempo as patrulhas passavam e preferindo ficar o mais longe possível de soldados reais, o local era na beira da praia, perto de uma aldeia de pescadores, que segundo Dareen, deveriam subornar os soldados para fazerem vista grossa com as mercadorias que eles encontravam perdidas no mar, como pedras preciosas ou ingredientes do mar, que eram usados em feitiçaria.

O restaurante da estalagem estava relativamente cheio, com pessoas bêbadas cantando, gritando e gargalhando, as duas garçonetes que trabalhavam lá pareciam gêmeas, ambas com uma linda pele escura e cabelos longos azuis. Soren sussurrou que elas deveriam ser descendentes de ninfas do mar, que desapareceram durante os anos, porque os monstros das sombras costumavam ser atraídos por seres de descendência mágica.

— Você ainda não nos contou o que a feiticeira disse — sussurrou Kalon, depois que

uma das garçonetes pegou o pedido deles e se afastou.

Devika pensou seriamente se deveria contar em detalhes a mensagem que recebeu em sua mente e não era bem que queria esconder aquilo deles, mas parecia muito pessoal.

— Nada demais, falou que estamos no caminho certo.

— Vou fingir que acredito. — Ele soltou um muxoxo. — Dareen, lembre de dividir os bombons.

As poções de cura eram literalmente pequenos bombons que pareciam de chocolate, segundo Maren, era para ser colocado debaixo da língua quando algum deles estivesse machucado, ajudaria a acelerar o processo de cura, porém se fosse algo profundo demais, não teria como salvar a vida de nenhum deles.

— Eu acho que a gente deveria beber — soltou Devika distraidamente.

Os quatro garotos pararam de falar e a olharam, chocados.

— Como?

Olhando para eles, ela sorriu um tanto animada.

— Sempre quis provar álcool, e não é como se fôssemos atrás das chaves ainda essa noite, então por que não aproveitamos uma pequena folga?

Eles se entreolharam pensativos, e Basilius foi o primeiro a dar de ombros.

— Ela não está errada e, tecnicamente, Devika que manda.

Com aquilo, Devika soltou uma gargalhada breve, sua mão sobre seu peito, e os cabelos caindo para trás quando ela mexeu a cabeça.

— Você está rindo. De verdade — Kalon falou, surpreso, os olhos brilhando.

Devika ainda estava com os olhos enrugados do sorriso e deu de ombros para ele.

— Aparentemente, é algo que sei fazer — brincou, e o moreno riu.

— Muito bem, então. Garçonetel! Traga cervejas! — ele gritou, e várias pessoas gritaram juntas, empolgadas, mesmo que as cervejas não fossem para elas.



— Pelos deuses! Que bebida horrível — Devika exclamou, após dar o seu primeiro grande gole de cerveja, as risadas em conjunto dos garotos vieram logo em seguida, cada um já tinha dado um grande gole em suas canecas. — Por que as pessoas gostam disto?

— A perda de controle pode ser bem divertida às vezes — confessou Dareen, apesar de parecer bastante sóbrio, ele estava mais relaxado do que nunca.

A visão do seu tio bêbado, a agarrando pelos cabelos e levando-a até o seu escritório, onde estavam seus convidados tão bêbados quanto, obrigando Devika a utilizar seus Poderes como entretenimento, veio à sua cabeça. Ela não queria tirar a pequena alegria em que o grupo se encontrava, então manteve um sorriso no rosto, apesar de não alcançar seus olhos.

— Quando Dareen tinha 16, e eu 15, levamos um Bas de 13 anos e um Soren de 14 para um bar lá da cidade, Dareen e eu tínhamos apostado quem vomitaria primeiro, e deixamos os dois beberem à vontade, mas no final da noite, Dareen foi o primeiro a vomitar — gargalhou Kalon, relaxado na cadeira. Ele tinha tirado a capa e dobrado as mangas da camisa até os cotovelos.

— Depois disso, virou uma verdadeira batalha entre a gente. Bebíamos escondido do Ancião Guerreiro e apostávamos quem conseguiria ser melhor durante o treinamento. — Bas riu, os olhos brilhavam com alegria honesta, enquanto olhava para sua família.

Devika continuou sorrindo, escutando as conversas do que suas versões mais jovens aprontavam juntas. Sua mente vagava entre escutá-los e lembrar de todas as vezes em que Aleena entrava de fininho em seu quarto, trazendo doces de fora, as duas deitavam na cama de Devika e listavam todas as coisas que elas estariam fazendo mundo afora, as aventuras que teriam, e os corações que partiriam.

Às vezes, a saudades de sua amiga era tão sufocante, que Devika sentia como se não fosse voltar a respirar.

Sua espiã, como Devika a chamava, que sempre contava para ela como era um pedaço do mundo do lado de fora.

— Devika nunca viu nossas competições, acho que deveríamos fazer em sua honra — Kalon falou, gesticulando para trazerem outra rodada de bebidas para eles, Devika mantinha a sua intocada.

— Se você quer ficar bêbado, não precisa usar Devika como desculpa — alfinetou Soren.

— Na verdade, eu adoraria ver vocês bêbados, sinto que seria uma experiência divertida.

— Viu? — Kalon apontou para Devika, sorrindo de orelha a orelha ao piscar para a menina. — Está decidido. Vamos beber até tarde hoje!

As rodadas foram trazidas, e enquanto Devika tinha passado a noite toda bebericando a mesma cerveja, até ficar quente, os garotos viravam de uma vez, gritando e apostando quem terminaria primeiro. Devika gargalhou quando Dareen, já bastante alterado, ficou de pé e mostrou que ainda estava sóbrio, tentando se equilibrar em apenas uma perna, sendo derrubado quando Soren pegou uma pequena concha que encontrou no chão e jogou no meio da testa do ruivo.

Gargalhando, Basilius chamou Devika para dançar com ele, girando ao som da música que ainda tocava, e ele foi o primeiro a cansar, deitando a cabeça no ombro de Devika no meio da dança. Procurando por Kalon, a menina viu que ele estava na mesa ao lado, conversando com dois pescadores que ainda estavam com suas varas de pescaria, o moreno perguntava, muito concentrado, como fazer para conseguir um peixe dourado. Rindo de seus companheiros, Devika foi até a dona da estalagem, pedindo as chaves dos quartos que Dareen tinha reservado mais cedo, dois quartos com portas compartilhadas, onde os meninos desabaram no primeiro quarto, sem sequer terem tempo de se dividirem.

Com um sorriso presente no rosto, Devika tentou deixá-los o mais confortáveis possível — um tanto difícil, com Dareen tendo desabado no tapete do quarto —, ela deixou garrafas de água à disposição para eles e seguiu para a porta lateral, que daria para o segundo quarto.

Assim como o primeiro, uma grande janela dava vista diretamente para a praia, Devika retirou suas botas e o espartilho e pulou a janela para o lado de fora. Seus pés tocaram na areia macia e que estava gelada durante a noite, ela afundou os dedos, olhando para o mar, e o som tranquilo que fazia. Era mais gelado do que ela esperava ali do lado de fora, ainda assim, a sensação do vento contra sua pele, da areia em seus dedos e o barulho das ondas em seus ouvidos, era simplesmente deliciosa. Andando até ficar a alguns passos do seu quarto e mais perto do mar, Devika sentou na areia, esticando as pernas e apoiando as mãos. O vento bagunçava seu cabelo de tal forma, que depois de alguns minutos, ela desistiu de deixar seus cabelos parados e apenas os deixou flutuar do jeito que queriam, assim como sua mente divagava.

Essa deve ter sido a noite mais divertida que ela teve em mais tempo do que conseguia lembrar, a maneira como os garotos estavam relaxados e brincalhões, fez Devika realmente se sentir parte do grupo e ela amou aquilo... E odiou também, porque uma parte sua sentia que estava traindo Aleena, afinal, tudo que vivenciou hoje, era algo que as duas prometiam que fariam juntas um dia. Pensar na sua amiga a fazia querer gritar para o mundo, queria chorar e também queria manter a esperança de que ela estava viva, e a encontraria em breve, porque não poderia aceitar esse luto, se sofresse de verdade, conformando-se com o fato de que Aleena não estava mais nesse plano, ela estaria perdendo mais uma parte de si, a qual recusava a perder.

O mundo já tirou tanto dela e estava na hora de devolver algumas coisas. Esses supostos deuses que tinham marcado seu destino, se eles eram tão poderosos assim e estavam em dívida com Devika, poderiam pagar trazendo Aleena para ela.

O vento acariciou suas bochechas, tentando trazer paz para a menina por alguns segundos, querendo refrear seus pensamentos, antes que ficassem nebulosos demais.

— Você parece uma miragem.

Devika deu um pequeno pulinho de susto ao escutar a voz de Kalon, não tinha prestado atenção em seus passos ou sua energia, mas lá estava ele, desabando ao seu lado, jogando a cabeça para trás e deixando aquele vento tocar nele.

— Eu achei que você estava bêbado demais para acordar ainda hoje.

— E estou — ele concordou, dobrando as pernas e olhando para o mar. — Mas vi você de longe e achei que era um sonho, tinha que me aproximar antes que você flutuasse para longe.

Devika não escondeu o sorriso, Kalon ainda estava claramente muito bêbado. Os cabelos castanhos escuros voavam para todos os lados, o queixo reto parecia tão afiado quanto sua espada, e seus olhos estavam inebriados com aquele violeta caloroso, a camisa que ele vestia estava aberta até metade da barriga, e vendo de perto assim, quem parecia uma miragem era ele.

— Você acredita que alguém pode ser amaldiçoado? — perguntou baixinho, e ainda olhando para ele, esperou que o garoto continuasse, antes de respondê-lo. — Uma vez falaram para mim que eu era a própria maldição.

O sorriso de Devika se desfez.

— Quem falou? Seu pai?

Ele negou vagarosamente com a cabeça, fechando os olhos, porque deve ter ficado tonto.

— Suponho que em parte seja culpa dele, já que ele queria testar o quão fundo eu poderia entrar no subconsciente de uma pessoa. Eu conseguiria plantar uma sugestão? Um medo? Um amor? — Kalon tremeu com a última palavra, Devika se aproximou mais dele, inconscientemente. — Ele me mandou fazer aquilo com a filha de uma das funcionárias que trabalhava no castelo na época, tinha visto o quão próximo eu estava dela, queria me ensinar uma lição, eu não sei, mas a verdade é que eu gostava dela, então eu desobedeci a meu pai e parei de entrar na mente dela para plantar a ideia de que ela gostava de mim. Eu queria saber se era real, porque para mim era...

— O que aconteceu?

Kalon riu, a risada saiu amarga, e ele abaixou a cabeça, escondendo-a em suas mãos.

— Ela me odiou. — A confissão parecia lhe partir como se estivesse acontecendo agora. — Meu pai disse que a culpa era minha, por confiar no amor de alguém quando eu poderia tomar, mas eu não liguei para nada do que ele disse. Eu ainda via Rhosyn me chamando de monstro, dizendo que ela odiava cada vez que seguramos as mãos, porque no fundo da sua mente, sua vontade ainda estava lá, e eu sei, sei que o que eu fiz não tem perdão, eu nunca fiz nada além de segurar a mão dela, porque não podia, até ter certeza de que era real. Só tínhamos dezesseis anos, e eu destruí qualquer sombra de carinho que ela tinha por mim, porque sou amaldiçoado, eu sei que sou, eu... — Kalon engasgou.

O coração de Devika se partiu com o tom quebrado da voz de Kalon, nunca tinha visto o menino assim, e uma parte dela estava se perguntando quantos mais segredos ele escondia dentro de si, apenas para se punir severamente. Ela sabia que tinha mais, porque também tinha dentro dela.

Devika se ajoelhou na frente de Kalon e colocou uma mão em cada lado de sua bochecha, erguendo o rosto dele para ela. O moreno não chorava, mas parecia uma criança solitária e perdida.

— Kalon — chamou, e ele hesitou alguns segundos antes de focar os olhos nela. Ele já tinha dito várias vezes para Devika como ela era linda, porém ao olhar para Kalon tão de perto, entendeu o que era beleza, e não vinha apenas de fora, não quando aquele garoto estava sofrendo tanto e ainda assim, sorria todos os dias.— Eu olho para você e sinto uma estranha sensação de conforto, eu me pego querendo ver você sorrindo, porque é como se você quisesse dar força para todos nós sem dizer uma palavra. E eu sei que você está machucado, porque... — Ele provavelmente não lembraria dessa conversa no dia seguinte, e aquilo foi o bastante para Devika mirar seus olhos e ser honesta. — Porque eu também estou, e dói tanto às vezes, que eu gostaria de desaparecer, mas você, Kalon? Você nasceu para dar vida às pessoas ao seu redor, e eu não entendo de maldições, mas sei que você é o oposto disso.

Kalon não falou nada, enquanto olhava para Devika tão profundamente, que ela sentia que ele estava arrancando todos seus segredos, ela sentia que *queria* dar para ele todos os seus segredos, se ele continuasse a sorrir, e uma lágrima escorreu pela sua bochecha, quando percebeu a sinceridade daquele pensamento.

O moreno colocou suas mãos em cima das dela, que estavam em suas bochechas, e se aproximou, beijando a solitária lágrima, o rosto tão próximo, as respirações tão combinadas, que por um segundo, Devika desejou que ele se lembrasse disso no dia seguinte.

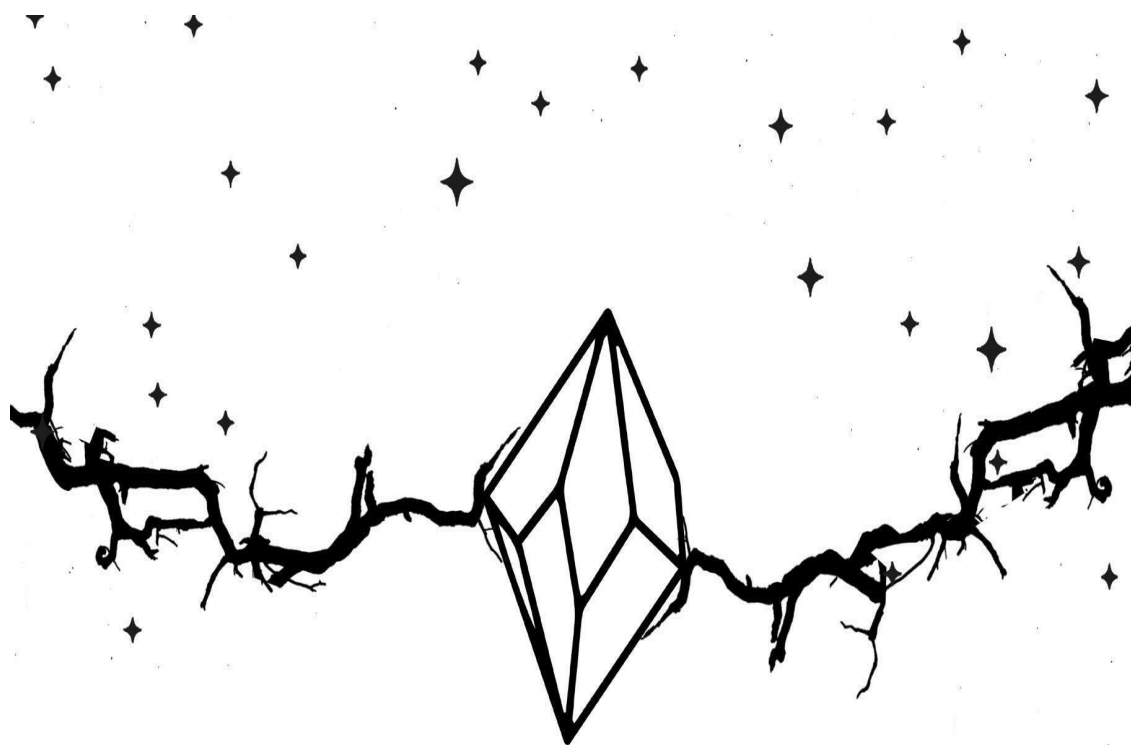
Quando ele se afastou, não o suficiente para ser considerada uma distância comum, ele

sussurrou:

— Estou com sono.

Ela sorriu e se afastou de Kalon, ficando de pé e oferecendo a mão.

— Vamos, seu bêbado.



CAPÍTULO 16

14 anos atrás.

Seus pés descalços pisavam nas gramas e galhos caídos, enquanto ele corria animadamente, ouvia as risadas harmoniosas das ninfas da floresta, elas entravam nas árvores e se escondiam, e quando o pequeno garoto aparecia, pulavam na frente dele, tirando uma risada gostosa da criança.

A matriarca da floresta, uma ninfa que aparentava ter mais de cinquenta anos, quando na verdade, tinha muito além, estava sentada em um tronco, seus cabelos longos eram prateados, e sua pele esverdeada, mas o sorriso sempre trazia paz para Soren, quando ela abriu os braços e chamou o menino até ela.

— Você não acha que está na hora de dormir, meu querido? — perguntou para o menino, colocando os cabelos brancos dele atrás da orelha.

As ninfas nunca foram crianças, nasceram da natureza já adultas e apenas envelheciam lentamente, tirando sua força da floresta. Soren não lembra de um dia sequer da sua vida em

que teve uma família normal, desde que se lembra, estava lá, com aquelas ninfas que encontraram o pequeno bebezinho berrando no centro da floresta delas.

Soren cruzou o braço, fazendo bico, queria brincar mais.

Contudo, foi nessa hora que sua paz desabou. Gritos das ninfas vieram de todos os lados, ele se afastou da matriarca, mesmo quando ela gritou, mandando-o se esconder, porém o menino era esperto, e pegando o arco e flecha que tinha ganhado delas quando mais novo, correu em direção aos gritos.

Um grupo de soldados reais atacava a floresta, tocando fogo em árvores e atirando flechas ensopadas com beladona para machucar as ninfas. De longe, Soren conseguiu acertar dois soldados, antes que notassem sua presença, mas assim que foi avistado, um soldado, que parecia ter controle sobre o vento, ergueu a mão, sufocando-o e o obrigando a soltar suas armas.

De trás do homem adulto, uma criança apareceu, não deveria ter mais que doze anos, os cabelos curtos eram brancos como os de Soren, a pele escura do mesmo tom que a de Soren, e os olhos: dourados como os de Soren.

Em meio ao sufoco, ele arregalou os olhos.

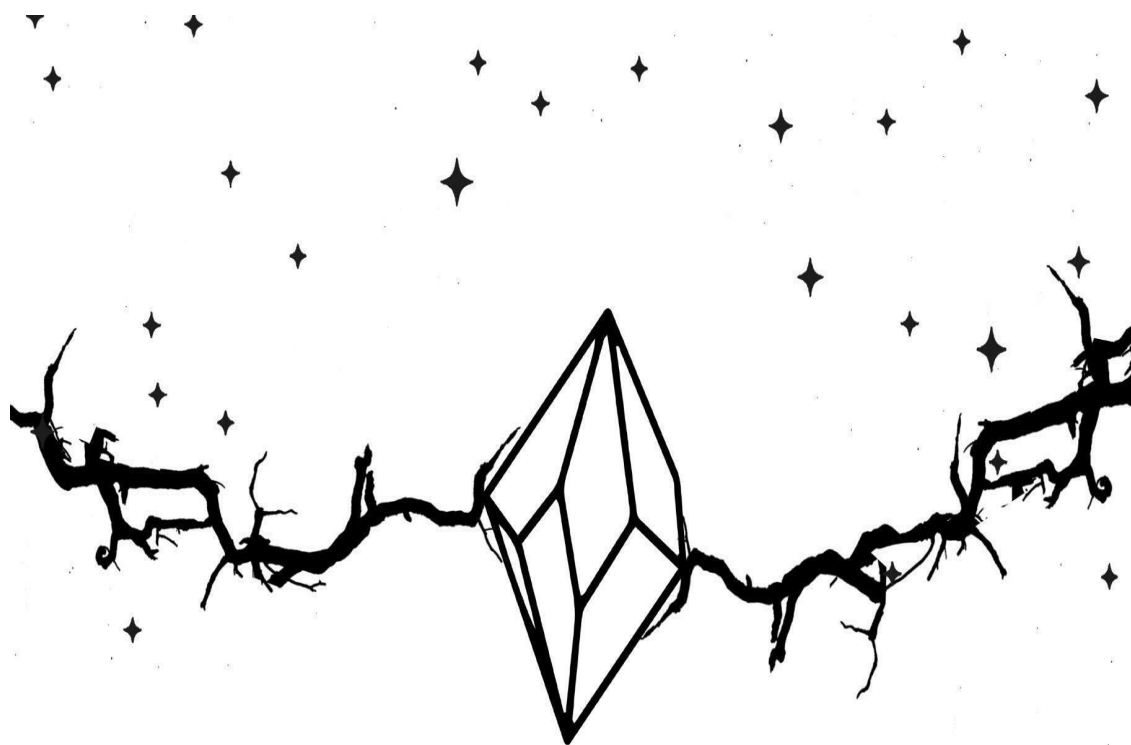
— Então você é o bastardo — a criança falou, a voz muito mais madura do que deveria ser para alguém de sua idade. — Meu querido irmão, vim trazer notícias tristes. — Ele se aproximou de Soren, um tanto mais alto que o mais jovem. — Nosso pai veio a falecer, eu sou oficialmente o novo rei de Loch, e você é um problema para mim.

A criança mais velha tirou uma adaga da calça e se aproximou. E durante o segundo em que Soren buscava por ar e fechava os olhos, tudo ocorreu muito rápido. Os soldados foram caindo um a um, Soren foi derrubado no chão, quando voltou a conseguir respirar, e atrás daquele que se dizia seu irmão, tinha uma criança de aparência nobre, os olhos violetas eram sagazes quando ele colocou ambas as mãos no pescoço do novo rei e disse:

— Hora de dormir. — Com aquilo, o garoto desabou no chão, desacordado.

Soren olhou ao redor, havia com ele outra criança, de cabelos vermelhos, e um homem que era claramente um guerreiro, se a cicatriz na sua cabeça queria dizer algo. Olhando com desconfiança para eles, Soren esticou seus braços em busca do seu arco e flecha, porém o garoto de olhos violetas ergueu a mão para ele.

— Estávamos procurando você, vamos te levar pra casa.



CAPÍTULO 17

Corra.

Devika foi a primeira a acordar e olhando para Kalon, que dormia esparramado na cama ao lado da dela, a menina sorriu.

Na noite passada, ele se recusou a voltar para o quarto onde estavam os garotos, dizendo que ele tinha que proteger Devika e ela não podia ficar sozinha, e cinco segundos depois, já estava dormindo.

Ela, por alguma razão, conseguiu dormir mais rápido do que estava acostumada.

Devika pediu um café da manhã para eles e assim que chegou, ela abriu a porta que separava os dois quartos e gritou, batucando a madeira:

— Acordem, acordem. O dia já começou!

Os grunhidos foram altos e em conjunto, Bas, que deveria ter achado a cama em alguma hora da noite, rolou dela, caindo no chão, Soren tentou buscar uma coberta para o seu rosto, e Dareen abriu apenas um olho, a encarando. No quarto onde ela estava, Kalon se ergueu pelos

cotovelos e apertou os olhos para ela.

— Eu tenho quase certeza que você é quem deveria estar de ressaca.

— Vocês provavelmente não perceberam depois de um tempo, mas eu bebi só um copo a noite toda. — Ela sorriu. — Vamos tomar café juntos na praia.

Depois que tomaram um café, os garotos ficaram muitos mais despertos e dispostos. O dia estava bastante quente, e mesmo que tivessem achado uma sombra na praia, ainda fazia bastante calor, os fazendo optarem por menos roupas, os garotos tinham as camisas dobradas até os cotovelos, e Devika tinha escolhido um vestido esverdeado que descia até pouco abaixo dos seus joelhos, e as mangas curtas caíam pelos seus ombros.

— Eu acho melhor apenas Dareen e eu tentarmos sondar como está o penhasco que Devika viu — comentou Kalon, enquanto jogava os cabelos para trás, suor grudando várias mechas, ele parecia tão diferente do que revelou na noite anterior, e Devika não via sinal de que ele se lembrava da conversa que tiveram. — Soren é a cara do seu irmão, fora os olhos da nobreza, vai ser difícil esconder.

— Se Soren é Descendente do deus Erix, quer dizer que o rei de Loch também é?

— Tecnicamente sim — concordou Dareen, Soren não se intrometeu, mordendo uma fruta. — Mas não quer dizer que ele tenha as mesmas habilidades que marcam Soren como o verdadeiro Descendente.

Devika inclinou a cabeça para o lado, confusa.

— A gente não sabe exatamente o porquê, Cassiel sempre estudou esse assunto mais a fundo, tentando descobrir o que acontecia, o porquê de apenas um nascido da herança dos deuses receber essas habilidades — Bas explicou. — Cassiel chama de “reencarnação dos deuses”, uma vez que somos considerados semideuses.

— Quando seu pai criou Reverie, um dos pedidos que ele fez para os deuses, antes que eles fossem dormir, é que deixassem um Descendente deles para proteger sua cidade, quando a profecia foi realizada, era como se seu pai já soubesse disso. E o que era para proteger a cidade, era para proteger a futura reencarnação da deusa — continuou Kalon. — Claro que com os anos, às vezes acontecia da gente se desencontrar, a última reencarnação do deus Erix, em algum ponto durante esses anos, saiu de Reverie, sabíamos que o rei de Loch continuava tendo o sangue do deus, então esperamos até um Descendente nascer e foi quando soubemos de Soren.

Devika olhou para Soren, tentando desvendar sua expressão em relação a uma parte da sua história sendo contada, no entanto, ele parecia relaxado, como se aquilo não fizesse realmente parte dele.

— Bas, você fica com eles, tudo bem? — falou Dareen. — Quanto menos gente for, melhor, não queremos chamar atenção.

Basilius confirmou com um aceno de cabeça.

— Qualquer coisa, você manda Nova até a gente — ele comentou.

O garoto sempre carregava um apito consigo e onde quer que estivesse, se ele apitasse, o pássaro vinha o mais rápido possível.

Acabando o café, eles arrumaram tudo e voltaram para os quartos, Kalon e Dareen colocaram o sobretudo para esconder as armas, eles explicaram também que o tecido se adaptava ao ambiente, então não sentiriam tanto calor.

— Se comportem enquanto os adultos estão fora — lembrou Kalon, brincalhão, recebendo o dedo do meio de Soren, o moreno riu, e seus olhos seguiram até encontrar Devika, o sorriso se tornou mais suave. — Voltaremos em breve.

Ela concordou.

— Se cuidem.

Assim que os dois saíram, Bas fechou a porta e virou para os que sobraram, batendo uma palma e sorrindo animadamente.

— Então, o que vamos fazer?



Os três seguiram para o bar, que a essa hora do dia, estava completamente vazio, mas ali era um bom local para observar o movimento da cidade e quem entrava e saía, a garçonete acabava de servir bebidas para eles, quando Bas sugeriu algo, enquanto bebericava sua bebida.

— Eu acho que a gente deveria fazer alguma coisa.

Devika e Soren se entreolharam e encararam o garoto. A menina sentia um pouco de pena de Basilius por ter sido deixado com os dois menos comunicativos do grupo.

— Hm, eu estava pensando que gostaria de aprender arco e flecha. — Devika olhou para Soren timidamente. — Como aprender a lutar vai ser mais difícil, talvez se eu ficar de longe e ajudar de alguma forma...

— Você pode ajudar aprendendo a utilizar do seu Poder — Soren cortou.

Devika não gostou da arrogância dele e muito menos do seu tom.

— Se você não sabe ensinar alguém, é só falar, não precisa ser grosso.

— Eu não estou sendo grosso, estou falando um fato, se você tivesse usado seus poderes naquela tempestade, talvez não tivéssemos caído na armadilha daquele deus.

— Exato! Ele era um deus!

— Você também é!

A essa altura, os dois estavam gritando, e Bas ergueu as mãos, tentando fazê-los parar, sem sucesso. Devika perdeu a paciência, levantou-se da mesa e disse que voltaria para seu quarto, andando depressa para lá com tal velocidade e intensidade, que se seus passos pudessem deixar fumaça, eles teriam deixado.

Batendo a porta com força, a menina sentou-se em sua cama, mas após duas respirações profundas, ela tinha se acalmado. Que briga estúpida, já tinha notado que Soren era uma pessoa

com opiniões fortes e sem filtro, estava muito claro que uma hora ou outra, eles bateriam de frente, só que...

Ela só queria se aproximar mais dele.

Uma batida suave na porta, e em seguida, o som dela sendo aberta, Devika ergueu a cabeça e notou Soren entrando um tanto envergonhado, os cabelos longos estavam presos em um coque, deixando em destaque o rosto quase perfeito.

— Bas me explicou que eu estava, na verdade, sendo grosso sim e deveria me desculpar.

Devika o encarou de canto, um sorriso querendo aparecer.

— Eu realmente não consigo acessar meus poderes — ela respondeu, apenas. — Não é que eu não queira, é só... Muito difícil.

Aquilo foi o bastante para Soren entender que ele poderia se aproximar dela, fechando a porta do quarto atrás dele, o garoto sentou-se na cama onde Kalon dormiu.

— Até meus oito anos, eu fui criado apenas pelas ninfas da floresta, quando meu irmão tentou me matar, e Kalon me resgatou junto de Dareen e o Ancião Guerreiro, eu era um tanto... Selvagem — ele murmurou, a contra gosto. — Eu continuava passando muito tempo na floresta, mesmo em Reverie, só que Kalon foi paciente. Ele vinha até mim todos os dias e ficava comigo, mesmo se eu não dissesse uma palavra. Às vezes, ele trazia Dareen consigo, e eu ficava tão entediado com as explicações de Dareen, que resolvia falar só para ele calar a boca. — Os dois riram. — Eu sei que sou difícil às vezes, mas nunca é minha intenção, hm, magoar você.

Devika observou Soren por alguns segundos, vendo como aquilo, realmente, parecia difícil para ele. Se abrir não era de sua natureza, porém apenas o fato de que ele estava tentando por causa dela, era o bastante.

— A forma como meu tio me obrigava a usar meus poderes, ele dizia que eu estava fazendo um bem, mas não parecia. Eu acho que, no fundo, não quero ter contato com aquilo que me fez tão mal — ela decidiu confessar, uma história em troca de outra história.

Soren concordou com um aceno, ele não ofereceu palavras de conforto ou confiança, apenas queria mostrar que tinha compreendido e aceitava a confissão dela.

Eles não puderam trocar mais confissões, porque no mesmo segundo, a porta do quarto foi empurrada com tal força, que as dobradiças soltaram, Soren se colocou imediatamente na frente de Devika, os dois olhando alertas para os soldados de armadura dourada que entraram no quarto, e quando Soren deu um pequeno passo para frente, dois soldados foram vistos atrás dos outros, e entre eles estava Bas, desacordado.



— O que você tanto pensa, Kalon?

A voz de Dareen invadiu seus pensamentos, conforme eles saíam de uma loja turística da cidade.

Kalon não respondeu de imediato o que estava na cabeça dele, porque não sabia sequer organizar seus pensamentos de forma correta. A noite anterior estava uma bagunça de borrões e bebedeira, mas havia uma clara luz no final disso, visões de Devika ao seu lado, falando alguma coisa que ele não sabia exatamente o que era, só que o confortava de uma forma, que essa onda de sentimento desconhecido vinha com força, navegando entre suas veias.

— Estou pensando que já passou da hora do almoço, e tudo que descobrimos até agora é que seríamos loucos de viajar para aquele lado.

Dareen era esperto demais para acreditar naquilo, porém não disse nada sobre.

— Não acho que vamos encontrar muita coisa. Desde que a floresta das ninfas foi tomada, deve ser uma zona perigosa, acho melhor a gente partir no fim da noite.

Kalon concordou e algo chamou sua atenção em uma barraquinha. Um delicado colar com um pingente de lua e ao seu lado, um frasquinho, que deveria servir para as pessoas colocarem feitiços de proteção ou algo do tipo, entretanto ele pensou que poderia colocar um sopro do seu poder e dar para Devika.

Dareen parou ao seu lado, o observando atentamente, como se quisesse dizer algo.

— O quê? — reclamou Kalon.

— Você nunca olhou bijuterias femininas, nem mesmo quando tinha seus casos que a gente fazia de conta não saber.

Kalon sorriu.

— E eu sabia que vocês sabiam — disse, na verdade, esses casos não passavam de uma noite, onde ambos estavam cientes de que não rolaria mais nada além disso.

— Você sabe que Soren consegue ver as auras das pessoas, principalmente em relação ao amor...

Kalon fechou as mãos em punhos na lateral do corpo. Ele sequer ousava pensar naquilo. Alguém como ele não podia...

— Só estou olhando um colar, Dareen — resmungou e erguendo o rosto, notou dois homens do outro lado da barraca, eles conversavam baixinho, e ele precisou se esforçar para escutar a conversa.

— Capitã Nerissa precisa rever sua tripulação, eu soube que ela expulsou mais um, porque ele ofereceu uma pista sobre algumas pessoas para os soldados reais.

Kalon ficou tenso e percebeu ao seu lado, Dareen olhar sutilmente ao redor, também prestando atenção na conversa.

— Eu mesmo vi mais cedo uma grande movimentação de soldados em direção às casas na praia, será que...

O resto da conversa ficou no ar, porque, em conjunto, os dois guerreiros dispararam o mais rápido possível de volta para a pousada. Todas as cenas possíveis passando pela mente de Kalon, e uma voz ao fundo o xingando, porque não tinha pensado nisso. Assim que avistaram a

pousada, do lado de fora, parecia tudo calmo, sem sinal de nenhum soldado, e ele realmente pedia a qualquer deus que escutasse, que seus amigos estivessem seguros e bem lá dentro, logo que passaram pelo restaurante, que estava vazio, os dois desaceleraram os passos, pegando suas armas. O alerta de que algo estava errado corria alto em seus sangues, ao chegarem no corredor dos quartos, notaram que as portas estavam abertas, e seus ouvidos captaram um barulho. Gesticulando para que Dareen fizesse a volta e o encontrasse do outro lado, Kalon avançou para o quarto, notando que só havia uma única pessoa de costas, embainhando a espada, puxou uma adaga e agarrou a mulher pelos ombros, a colocando de pé com a adaga contra seu pescoço. Pelo canto de olho, viu Dareen se aproximar e balançar a cabeça negativamente, sem sinal de mais ninguém, e aquilo incluía seus amigos.

— Você tem dois segundos para dizer onde estão meus amigos ou eu vou banhar esse tapete com seu sangue. — Sua voz não deixava dúvida para questionamentos.

— E-eu juro que não fiz nada! — a mulher exclamou, chorosa. — O-os soldados reais me mandaram co-colocar sonífero nas bebidas deles e os levaram embora. Falaram que eram criminosos!

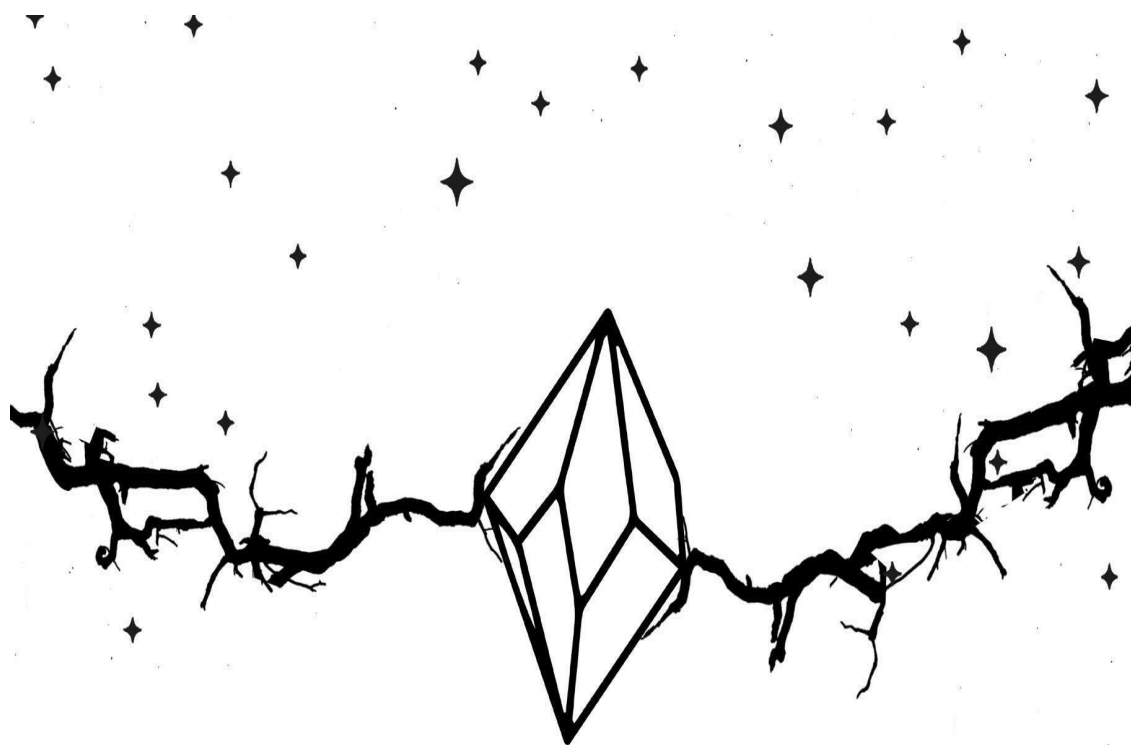
Kalon precisou contar até dez para se acalmar, ele não queria machucar alguém que era inocente, mas também não podia esquecer o fato de que essa mulher ajudou a levarem seus amigos de lá.

Dareen colocou a mão em seu ombro, os olhos rubros sérios, e o moreno afastou a adaga do pescoço da mulher, colocando sua mão e a desacordando.

Ele não foi tão gentil quanto gostaria, quando a deixou cair no chão.

Dareen observou Kalon, querendo confirmar que ele estava mais calmo, porém ele não teve como esconder o pavor em sua voz, quando falou:

— Amir está com eles.



CAPÍTULO 18

Conto de fadas falso.

A primeira coisa que os soldados fizeram foi colocar uma corrente de ferro com um diamante no pescoço, mãos e pés deles, Devika sabia o bastante para entender que aquilo cortava o fluxo de energia, impossibilitando que os garotos usassem seus poderes. Basilius continuava desacordado, quando foi jogado dentro da carruagem, seguido por Devika e Soren, a porta foi trancada pelo lado de fora, e eles começaram a se movimentar.

— Você está bem? — perguntou Soren, os olhos ferozes.

— Estou.

Na verdade, ela estava tentando não entrar em pânico, o local fechado e apertado a deixava sem ar e com dificuldade de raciocinar, as algemas em suas mãos e pescoço passava uma mensagem de que ela não estava mais livre, e a vontade de gritar era enorme. Devika tentou conferir se Bas despertaria logo, mas o menino parecia completamente apagado, contudo, ainda respirava, e com ajuda de Soren, deitou Bas entre eles de forma mais confortável, e se

encostaram lado a lado. As mãos dela tremiam, e a respiração se tornava pesada a cada segundo.

— Devika — chamou Soren, ela olhou para ele, e o guerreiro ergueu as mãos, afastando o cabelo dela do rosto. — Respira fundo.

— O que vai acontecer agora?

— Provavelmente, vamos ter uma conversa com meu irmão, mas não se preocupe, Kalon e Dareen já me salvaram dele uma vez e vão salvar novamente.

Devika tentou respirar fundo, de verdade, mas quando olhava ao redor, tudo que via eram as paredes se fechando e seu tempo se esgotando. Ela olhou para Soren e suplicou:

— Se eles me prenderem, por favor, me mate, Soren. Eu prefiro morrer a ficar presa novamente.

Os olhos dourados do garoto arregalaram, ele não sabia o que falar para consolá-la, se fosse Kalon ali com ela, Devika sentia que ele teria dito algo para tirá-la do desespero, porém Soren estava tão sem palavras quanto a menina, e sendo assim, eles ficaram em silêncio.

Durante meia hora, apenas se escutava a respiração pesada de Devika, ouviram um grunhido e a atenção dos dois foi para Basilius, que começava a abrir os olhos muito azuis, ele piscou algumas vezes, mas então sentou com tudo, olhando para suas mãos acorrentadas.

— Merda. — Ele olhou de Soren para Devika, examinando-os com os olhos e ao ver que estavam bem, soltou um suspiro. — Desculpa, gente, aconteceu tudo muito rápido, quando eu senti o sonífero bater, levantei para avisar, mas os soldados já estavam lá. Tentei prendê-los, mas a visão começou a embaçar...

Devika tocou em seu joelho.

— Não é sua culpa — sussurrou. — Eu só estou feliz que você está bem.

Basilius acenou com a cabeça, entretanto, parecia perdido em pensamentos muitos profundos, enquanto observava o local em que estavam. Olhando para Soren, trocaram um olhar que esperavam que Devika não percebesse, contudo, ela percebeu.

Eles estavam encrencados.

Quando a carruagem parou de andar, e a porta foi aberta, eles foram arrastados com força, e Devika acabou caindo, um soldado agarrou seu braço com tamanha brutalidade, que ela sentiu a dor do aperto, e como resposta ao seu gemido, houve uma movimentação, Soren esquivou-se dos soldados que o seguravam e acertou uma cabeçada naquele que apertava Devika.

— Eu vou gravar o rosto de cada um de vocês que machucar meus amigos e vou caçá-los assim que me ver livre — ameaçou, os olhos dourados pareciam ouro derretido e serviram o bastante para assustar os guardas, que demoraram alguns segundos para reagirem de volta.

Os soldados conseguiram segurar nele novamente, e o que tinha recebido a cabeçada, voltou a segurar em Devika, mas nenhum deles estava empurrando mais.

Na frente deles, estava um castelo que tinha o triplo do tamanho do de Reverie, as portas de entrada seguiam para cima, alcançando pelo menos de 6 a 7 metros de comprimento. Havia soldados para todos os lados, e apesar da corrente estar colocando aquele poço de poder dentro dela para dormir, ela ainda conseguia sentir muitas energias fortes ao seu redor: ali dentro tinha

Herdeiros, e talvez até Descendentes.

Os três foram levados por escadas e corredores até uma grande sala do trono, não havia nenhum outro lugar para se sentar, além da alta poltrona de madeira de costas para a única janela do local, nas paredes, durante todo o caminho, havia retratos pendurados do que deveriam ser os antigos reis e suas famílias, um homem muito parecido com Soren foi retratado em uma das últimas pinturas, na sua frente um garotinho, que apesar de também parecer Soren, não era ele.

Não, esse garotinho tinha virado homem e estava agora, sentado no trono, as pernas jogadas sobre o braço do assento, usava uma calça preta assim como uma camisa da mesma cor, mas por cima da roupa, tinha uma longa capa presa no pescoço de um dourado brilhante, os cabelos brancos eram curtos, e o olhar, apesar de ser da mesma cor que o de Soren, não tinha o mesmo espírito, ela conseguia sentir um nível de energia vindo do rei, não era mesmo um Descendente - não possuindo o DNA dos deuses -, mas era um Herdeiro poderoso.

— Olha quem voltou após todos esses anos — o rei falou. — Meu querido irmãozinho.

Soren não respondeu, porém um soldado, que tinha uma energia muito forte, empurrou atrás do joelho dele, o obrigando a se curvar.

— Sabe, Amir, logo você vai perceber que foi um erro me trazer para debaixo do seu teto. — Soren sorriu para o homem com um ar muito maldoso, e Devika não tinha que conhecê-lo muito para saber que a arrogância vinha com o medo por trás.

Amir não respondeu, o olhar entediado se manteve e seguiu até Basilius, que se mantinha erguido e calmo.

— Você não parece aquele que conheci 14 anos atrás. — Quando Bas não respondeu, o rei bufou dramaticamente, ficando de pé, o olhar agora preso em Devika. — E você deve ser a famosa Salvadora, chamada Devika.

Quando ele se aproximou mais dela, Bas e Soren reagiram imediatamente, entretanto eles estavam presos, e com os soldados presentes, foi fácil mantê-los no lugar.

— Gostaria de falar que é um prazer conhecê-lo, mas estaria mentindo. — Devika deveria ter controlado sua língua, só que não tinha muito a perder, quando já estava refém desse homem.

Amir sorriu, erguendo a mão, uma energia dourada e crua disparou direto para Soren, o arremessando do outro lado da sala. Os olhos de Devika arregalaram, e a menina se mexeu para tentar fazer algo, mas Amir ergueu a mão, a mandando parar.

— Guardas, levem meu irmão e esse daqui para o calabouço, acredito que Devika vai ser boazinha, agora que já sabe o que acontece se não for.

Bas não se mexeu enquanto era arrastado, seu olhar encontrando o de Devika, tentando passar calma e dizer que eles voltariam em breve, Soren foi outra história, ao passo que tentava se soltar com força e dizia para Amir:

— O que você precisa dela? Fale comigo, Amir, resolva comigo, mas deixe-a em paz.

O rei fingiu bocejo e não disse uma palavra para o irmão, quando ele e Bas eram arrastados para fora da sala, seu olhar focado em Devika, com um sorriso que dava calafrios

nela.

— Vamos jantar juntos. Levem minha convidada para se arrumar.



Devika não sabia o que pensar disso.

Levaram-na para um grandioso quarto, onde lhe deram banho, tiraram as correntes e trouxeram um vestido novo em folha para ela. O vestido dourado descia até o chão, arrastando ao seu redor, o corpete era justo e realçava seus seios, o vestido não tinha nenhuma manga, entretanto, deram para ela luvas brancas, que subiam até acima de seus cotovelos, e prendendo o cabelo da menina em um coque alto, a guiaram para uma sala de jantar.

E apesar de ter sido bem vestida e decorada, sentia como se fosse uma boneca, e raiva queimava dentro dela, gostaria de rasgar a roupa em pedaços, aproveitar que estava sem amarras e correr, e correr, até seus pés não aguentarem mais.

Porém, não podia abandonar Soren e Basilius.

A sala de jantar para qual ela foi levada era tão grandiosa quanto o castelo, um pensamento começava a lhe ocorrer, que era uma compensação de uma criança mimada, para demonstrar que era bastante poderosa.

E lá estava a criança mimada, sentado na ponta de uma mesa longa e posta com mais comida do que eles dois poderiam comer juntos em uma semana, o rei segurava uma taça de vinho, a lareira estava acesa, assim como as velas na mesa, contudo, com as janelas abertas, o vento frio da noite não deixava fazer calor. Eles estavam bastante no alto, Devika conseguia ver de longe, uma floresta encoberta pelas nuvens.

— Por favor, sente-se Devika — não era bem um pedido, e sim, uma ordem.

Devika obedeceu, porque sabia não ter outra escolha, sentando-se à mesa, um serviçal encheu seu copo de vinho, e em seguida, o rei fez um gesto para todos saírem da sala.

— Onde estão meus amigos? — perguntou, sem tocar em nada.

— Bem, por enquanto, não pretendo matar meu irmão logo de cara de novo — Amir respondeu, com os olhos fixos na loira. — Se passaram tantos anos, mas ouvi boatos sobre ele através do império, o arqueiro de olhos dourados, acredito que ele tenha se tornado útil.

— Ele não é um objeto para você encontrar utilidade — Devika proferiu, tentando não cuspir as palavras.

Amir riu.

— Minha querida, todos somos úteis para alguém, sem utilidade, qual a razão de ter

alguém por perto? — As mãos da menina se fecharam em punho por cima do vestido, ela queria discutir com ele, dizer que não era verdade, mesmo que às vezes pensasse assim, porque sentia-se sem razão para ser amada. No entanto, quando pensou naqueles quatro garotos, em Aleena e sua família, ela não ligava para nada, além de querê-los por perto. Amir riu, como se percebesse o que ela estava pensando. — Estou te desagradando com essa conversa?

— Você pode falar o que quiser, eu não ligo para o que você pensa.

— É mesmo? — Devika viu a sobrancelha direita dele, tremer, aquilo atçou alguma coisa. — E se eu falar que posso mandar uma mensagem para o Imperador Abaddon agora mesmo? Você liga se eu falar isso? — Quando ela não respondeu, o rei arrogante pareceu satisfeito. — A questão é, apesar do que você pensa sobre utilidade ou não. *Você é útil para mim.*

A menina riu, não teve como segurar, rindo ainda mais alto quando ele a olhou de forma confusa.

— Você acha que eu consigo usar meus poderes? Se eu conseguisse, você seria o primeiro a saber. — Sua voz baixou um tom, com firmeza, sem desviar os olhos dele.

O rei a observou durante alguns minutos, em silêncio, talvez querendo saber se era verdade ou recalculando seus pensamentos, agora que sabia disso, porém quando abriu a boca, o tom arrogante e relaxado estava de volta.

— Tudo bem, vou encontrar outras utilidades, não preciso de dinheiro, então usar seu sangue para vender é ridículo para mim. — Devika não queria admitir, entretanto, aquilo era um alívio e deve ter transparecido no seu rosto, porque ele acrescentou: — Você não precisa ficar preocupada, não vou te machucar, ao contrário disso. Vou dar tudo o que você desejar, e isso inclui um título.

— Desculpa?

Ele ficou de pé, se aproximando de Devika a passos lentos, a menina escondeu as mãos nas saias do vestido, tentando não demonstrar que estava assustada. Tudo que ele representava, era tudo que ela odiava: homens que queriam poder às custas de qualquer coisa. Contudo, a loira tentou manter a cabeça erguida e o olhar fixo nele, porque durante muitos anos apenas curvou a cabeça, e aquilo não a levou para lugar nenhum, porém, assim que Amir parou na sua frente, se aproximando dela e segurando seu queixo, quando Devika tentou desviar o olhar, seu coração disparou de forma medrosa.

— Vou fazer de você minha concubina, não posso te tornar rainha, porque Abaddon poderia descobrir, mas se você me der filhos poderosos, vou assumi-los. E uma vez que eu dobrar Soren, vou até deixá-lo sair para se divertir com você, o outro, infelizmente, não me serve de nada e vou ter que matá-lo, mas...

Devika puxou o rosto com força, arrastando a cadeira para trás e ficando de pé.

— Você é louco, se pensa que isso vai funcionar.

Ele pareceu genuinamente ofendido com aquilo.

— É claro que vai funcionar, eu sou o rei, eu matei meu pai aos doze anos porque ele preferiu uma amante à minha mãe, porque ele queria fazer o seu filho bastardo de rei, e se eu digo que você vai me servir, não tenha dúvidas. É. O. Que. Vai. Acontecer.

Amir se aproximou de Devika, agarrando seus dois braços com força e prendendo-a

contra a parede, sua perna se enfiou entre as pernas da menina, e seu olhar era quase ensandecido, quando seus lábios avançaram para a boca da loira, e ela entrou em pânico.

Muita coisa já foi tirada dela.

No entanto, seu primeiro beijo não seria com aquele rei louco.

A faca que ela tinha pegado da mesa de jantar e escondido entre sua saia ainda estava em sua mão, e assim que Amir avançou, o hálito dele encostando em sua boca fechada, ela virou a mão de forma a enfiar com força a faca na lateral de sua barriga. O rei rugiu assim que sentiu a dor, soltando Devika e se afastando, atordoado.

Os olhos prateados da menina estavam esbugalhados, em choque, conforme via a camisa branca do homem manchar em vermelho, olhando para sua luva direita, que segurava a faca, notou o sangue respingado nela e deixou o objeto cair no chão com um baque mudo.

Quando ouviu os xingamentos do rei, que estava caído no chão, se arrastando para pegar o sino e chamar pelos guardas, Devika precisou trancar o seu choque bem fundo e pensar no que fazer. Havia duas portas na sala de jantar, uma por onde tinha entrado, e a outra na lateral, ela correu até uma cadeira, a arrastando e colocando contra a maçaneta da porta por onde entrou, para ganhar tempo, e em seguida, correu em direção a próxima, tentando se concentrar e ver se sentia alguma energia, assim que percebeu que não, abriu a porta, trancando atrás dela.

Devika tentou respirar de forma mais regular, a mão em seu peito enquanto contava até dez inúmeras vezes, foi quando sentiu um baque atrás dela e percebeu que Amir preferiu caçar a menina pessoalmente a chamar por um guarda, que ela se afastou da porta, olhando ao redor e pensando o que faria a seguir. Como acharia os garotos? Ela teria que lutar para chegar até eles? Talvez pudesse conseguir uma roupa de empregada e usar para entrar no calabouço sem ser notada.

Daria tempo?

Sua mente voava rapidamente com as alternativas do que poderia fazer, e a única solução que encontrava, era que teria que matar Amir se quisesse passar despercebida pelo castelo, porque no segundo em que ela saísse dessa sala, ele avisaria para os guardas que ela estava a solta.

Entretanto, matar alguém? Seria capaz?

Sim, já havia imaginado e sonhado com todas as formas que mataria seu tio quando estivesse livre das amarras dele, pediu para Kalon uma promessa de vingança e não estava mentindo quando disse aquilo, só que ao pensar na real possibilidade de matar uma pessoa, sentia como se a escolha mais fácil fosse morrer, do que enfrentar as consequências disso.

A janela do escritório em que estava fez um barulho com o vento que a assustou, mas também lembrou que o tempo estava correndo e precisava encontrar uma arma. Amir estava fraco por causa da perda de sangue, porém em breve, conseguiria juntar energia o bastante para arrombar a porta e terminaria o que começou ou mataria Devika de uma vez, e em seguida, mataria Soren e Bas, apenas esse pensamento fez seu corpo se mexer, e ela correu até a mesa, jogando papéis para os lados e abrindo gavetas urgentemente, mechas de seus cabelos caíam para fora do seu coque com a pressa, e quando uma enorme fresta da porta foi aberta, Devika encontrou um cortador de cartas e rezou para que o objeto fosse afiado o bastante para fazer estrago.

Ela se posicionou debaixo da mesa do escritório, abraçando o corpo e esperando que o ataque surpresa ajudasse. Suas mãos não paravam de tremer, e quando a porta foi finalmente aberta, a voz de Amir veio até ela como um monstro em seus pesadelos.

— Devika, não sabia que as preliminares com você eram tão violentas. — Sua voz estava fraca, mas sanguinária. — Posso ser violento também.

Ela tentou forçar suas mãos a pararem de tremer e manterem-se firmes, porém, apenas queria acabar com aquilo de qualquer forma, torcendo para que fosse forte o bastante para não decepcionar Bas e Soren.

Ouviu os passos dele se aproximarem da mesa, Devika se encolheu, quando Amir aparecesse em sua frente, ela teria que ser rápida e atacá-lo com toda sua força. O rei se aproximou dela, assobiando, e para espanto de Devika, se ajoelhou exatamente onde ela estava, e os dois segundos que levou para criar coragem, foram o suficiente para ele agarrar seus pulsos com força.

— Sua vez acabou, agora é a minha.

Ela não conseguiu gritar quando ele tentou arrastá-la debaixo da mesa, Devika escutou o barulho muito alto da janela batendo contra a parede, e em seguida, Amir estava longe dela, e tudo que ela fez foi se encolher de volta, apesar de ter sentido de quem era a energia da pessoa que apareceu. O barulho de carne batendo contra carne a assustava, e era como se ela não passasse de ser aquela garotinha que sempre foi, covarde e fraca, apesar da promessa de ser tão poderosa. Devika não tinha coragem de se erguer e ver se Kalon estava precisando de ajuda, porque afinal de contas, que ajuda ela poderia oferecer?

Foram quatro longas respirações, e Kalon apareceu em sua frente, os olhos violetas foram a primeira coisa que ela notou, selvagens e poderosos, enquanto observava cada canto do corpo e rosto de Devika.

— Ele te machucou? — perguntou, erguendo as mãos para ela, sem saber onde ou se poderia tocar, seus olhos vagaram até a luva suja de sangue e os respingos no vestido, e ele perguntou com desespero: — Você está sangrando?

Devika não respondeu, não conseguia, e a vontade de se sentir segura falava muito mais que sua racionalidade, foi por essa razão que ela jogou os braços ao redor do pescoço de Kalon, escondendo o rosto nele, ela sentiu o cheiro que lembrava os sonhos, característico dele.

Kalon não demorou a envolvê-la em um abraço, os braços grandes e fortes a apertando contra seu corpo, como se quisesse mantê-la com ele para sempre. Devika não sabia o que Kalon estava pensando ou sentindo, mas ela sentia como se tivesse voltado ao seu lar depois de muito tempo, aquecida e protegida, queria gritar e chorar, porque não parecia real e ao mesmo tempo, por não entender esses sentimentos.

Ele afastou a menina com delicadeza e depositou uma mão em seu rosto, enquanto a outra estava sobre as saias afundadas do vestido.

— Você precisa me responder, está machucada?

Ela negou com a cabeça e sussurrou:

— Eu quase o matei, Kalon, eu deveria ter matado e não... — Ela engasgou.

— Ei, Devika — ele chamou, querendo que a menina o olhasse nos olhos, um sorriso confiante apareceu nos lábios do garoto. — Enquanto você tiver a mim, não precisa fazer nada

que não queira.

O moreno ficou de pé, segurando com leveza nas mãos de Devika, a afastando debaixo da mesa e erguendo-a do chão. Ela notou finalmente que a espada dele estava presa em suas costas, usava o uniforme resistente de calças pretas, botas de combate, e o casaco preto que descia até pouco acima de seus joelhos, se encontrava fechado. Ele veio para lutar, e aquilo deixou Devika mais tranquila, enquanto segurava com força na mão dele.

— Por sorte, ele não anunciou para os soldados o que estava acontecendo. — Kalon falou, colocando-a atrás dele com gentileza, Devika viu o rei jogado no chão, adormecido, ele não estava sangrando mais, mas estava com os lábios partidos e um olho roxo. — Além disso, ele esvaziou o corredor, esse bastardo pretendia... — Ele engasgou com a palavra, apertando a mão dela com força e pigarreou. — Ele não queria público, o que pra gente é bom. Dareen já deve estar no calabouço, libertando Soren e Bas. — Ele olhou ao redor da sala, procurando algo e quando encontrou uma capa pendurada em uma poltrona, se virou para Devika, colocando sobre ela, ele sorriu quando puxou o capuz para cobrir o rosto dela. — Não se preocupe, vamos ser rápidos e silenciosos, e logo estaremos longe desse lugar.

Segurando novamente a mão dela, Kalon abriu a porta devagar, conferindo o corredor e como tinha dito, estava vazio.

Eles começaram a correr, passando pelos corredores grandes do castelo vazio, ajudava muito que era noite, e qualquer pessoa da corte deveria estar recolhida em seus quartos. Devika conseguiu se acalmar o bastante para sentir as energias ao seu redor, e quando estavam descendo as escadas, ela puxou a mão dele.

— Tem duas pessoas virando a escada.

Kalon não perguntou se ela tinha certeza, fez um gesto para ela esperar e andou na frente, e como Devika tinha sentido, dois guardas estavam andando juntos e pegaram suas espadas, correndo na direção de Kalon, que desviou de um ao passo que batia na espada do outro, jogando-a longe, ele girou sobre os seus pés e chutou um com força contra a parede, e pegando uma adaga da sua calça, ele arremessou contra o pescoço do atacante no segundo em que seus punhos ficaram enormes para bater em Kalon, ele caiu no chão, segurando a garganta.

O que ainda estava de pé, segurava uma bola de fogo na mão, ele jogou contra Kalon, porém o fogo bateu contra uma parede invisível, que Devika notou tremeluzir em uma luz violeta quando ele avançou contra o homem do fogo, parando atrás dele e empalando suas costas com a espada, para depois empurrá-lo no chão.

Devika viu tudo aquilo em completo choque, não porque estava com medo de Kalon, ele era um guerreiro e fez o que tinha que fazer. Mas sim, porque ele continuava lindo, quase parecendo um ser divino, conforme se movimentava.

Quando Kalon terminou, virou-se para Devika e ergueu a mão para ela se aproximar dele, deram dois passos, quando encontraram uma janela aberta, e Dareen estava apoiado nela.

— Venham por aqui, já limpamos os fundos.

Kalon puxou Devika para a janela, e Dareen foi para o lado de fora, segurando na cintura da menina para lhe ajudar a descer a janela, o vestido era um empecilho muito grande, e ela estava começando a ficar irritada. Assim que pisou nos jardins, conseguiu notar vários corpos de soldados jogados no chão, ao longe, segurando três cavalos, estavam Soren e Basilius, e ela correu até eles.

— Vocês estão bem? — questionou, afobada, e Bas segurou em sua mão com delicadeza.

— Estamos, eles apenas nos prenderam no calabouço e nos deixaram lá, Amir não nos visitou o dia todo, e estávamos mais preocupados com você.

Devika negou com a cabeça, não era uma conversa para agora, e ela não sabia se seria algum dia. Notando o olhar de Soren sobre ela, o menino disse:

— Aquele bastardo fez algo? — perguntou, notando o sangue nela.

— Na verdade, eu fiz — murmurou.

Soren sorriu, satisfeito.

Dareen e Kalon se aproximaram, graças a um feitiço nas coisas deles, que compraram com Maren, as bolsas já estavam nos dois cavalos, e Devika mal podia esperar para tirar esse vestido extravagante e colocar uma roupa mais confortável.

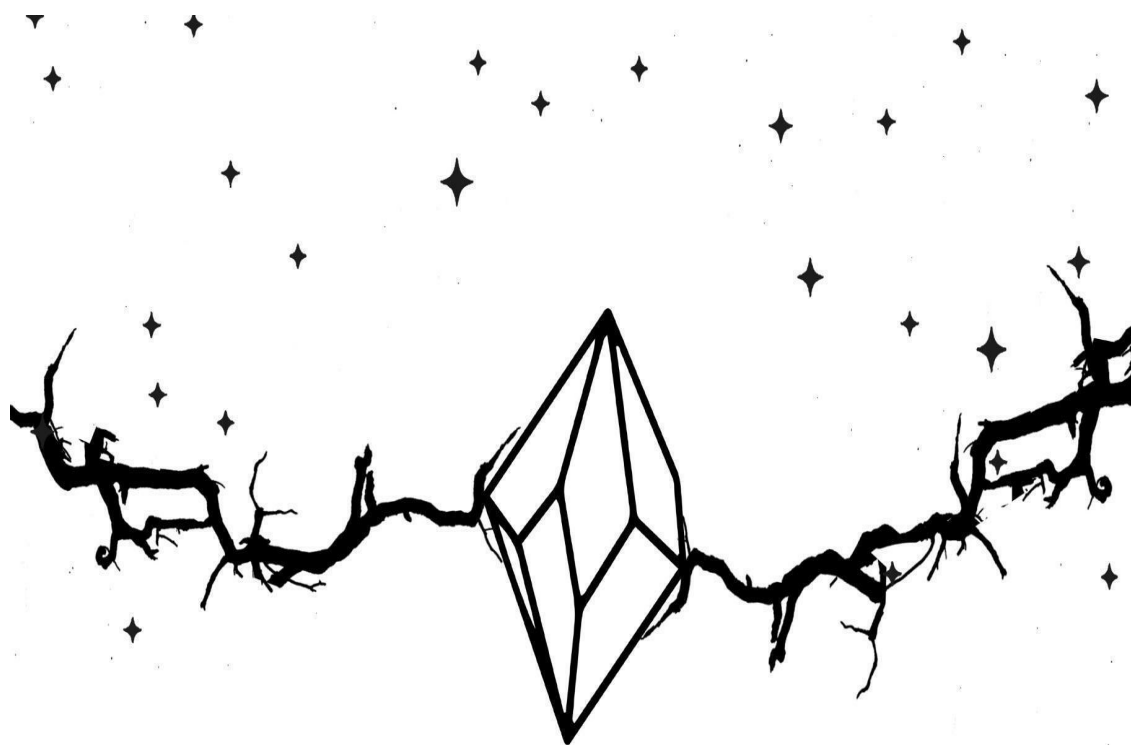
— Temos que nos apressar — falou Dareen, enquanto subia em um cavalo, Bas e Soren dividiram o segundo, e antes que Devika sequer pensasse em algo, Kalon a agarrou pela cintura, erguendo-a para o cavalo, ela jogou as pernas e montou, com o menino subindo atrás dela.

— O problema é que vamos ter que seguir pela floresta, vamos tentar evitar onde o Vazio se encontra — Kalon falou mais alto, para todos escutarem, e então partiu para cavalgar.

Assim que eles entraram na floresta e foram encobertos pela proteção da natureza ao seu redor, Devika sentiu a adrenalina se esvaindo do seu corpo e se inclinou contra Kalon com os olhos pesados. Estava quase adormecendo com o ritmo padrão dos cavalos, quando o som de uma trombeta irrompeu a floresta, o som se seguiu por vários outros, e olhando para trás, ela viu as luzes do castelo se tornando mais fortes.

— Eu acho que eles já sabem da gente — comentou Kalon tranquilamente, à medida que acelerava os passos.

Em breve, todo o reino estaria atrás deles.



CAPÍTULO 19

Juntos.

Eles cavalgaram a noite toda, tentando se manter o mais distante possível do castelo e da repreensão que o rei Amir mandaria atrás deles. Quando estava amanhecendo, eles começaram a deixar a proteção das árvores para trás e pisavam em um terreno completamente aberto, ao longe, eles conseguiam ver um desfiladeiro, não viam o quão próximos estavam, mas do outro lado, havia uma floresta, e Devika só sabia daquilo por causa das altas árvores, porque na frente da floresta, havia um emaranhado de névoa negra, como se fossem várias nuvens da tempestade mais escura que abrigava aquele local.

E foi quando Devika escutou o vento cantando em seus ouvidos, um som rítmico e poderoso, como anjos tocando instrumentos divinos, seu sangue ferveu, e ela franziu a testa.

— Vocês estão escutando?

Kalon segurou nas rédeas do cavalo para desacelerar, os meninos fizeram o mesmo,

prestando atenção ao redor.

— O que você está escutando? — quis saber o moreno.

— Um som, uma música, não tenho certeza. — Ela olhou ao redor, tentando ver se alguma coisa chamava sua atenção, de onde esse som vinha, porém ainda estava longe. — Estamos perto, mas não tanto.

— Você acha que é a chave? — questionou Dareen, e quando ela concordou, o ruivo apontou para o desfiladeiro. — Vamos chegar mais perto. Precisamos parar e comer algo de qualquer forma, acho que estamos longe o bastante por enquanto.

O grupo concordou, e eles seguiram para mais perto do penhasco, parando os cavalos, desceram e foram montar um breve acampamento. Ao passo que os meninos faziam aquilo, Devika andou até a ponta, escutando a música mais alta dessa vez, soando uniformemente em seus ouvidos, era como se a chamasse, pedindo para que ela se jogasse, e sem perceber, deu um passo para frente.

— O que está fazendo? — A voz de Soren a acordou, conforme ele segurava em seu braço, a puxando para trás. — Tome cuidado, um passo em falso, e você pode cair.

— Eu só estava observando — murmurou, olhando para a mão que ainda a segurava, Soren se afastou com pressa, mas ela ainda encarava, e não era ele, e sim as luvas em seus braços.

A noite anterior tinha mesmo acontecido.

O que teria acontecido com ela se Kalon não tivesse chegado a tempo?

Arrancando as luvas com pressa, Devika as embolou, atirando longe no desfiladeiro, que estava escondendo o que tinha com as várias árvores que cobriam o chão.

— Desculpa não ter te mantido segura.

A voz de Soren veio tão baixa e triste, que por um segundo, ela achou que estava imaginando coisas. Olhou para o menino e viu que os olhos dourados miravam a grande queda à sua frente, e isso não parecia assustá-lo, porém Devika tinha o visto assustado ontem, quando ela e Bas se encontraram em perigo.

— Vocês, apesar de serem bastante fortes, ainda podem cometer erros. Eu sei que existe essa crença e necessidade de vocês me protegerem contra tudo. Mas por mais que tentem, nem sempre vão ter sucesso.

Não era a primeira vez que aquele pensamento vinha na sua cabeça. Quando aceitou acompanhá-los, foi exclusivamente com a motivação de ter um local seguro para sua família viver, porque não ligava para o que acontecia com ela. Após realizar aquilo, achou que poderia ser uma bússola para eles, encontrar as chaves, fechar os portões e finalmente viver em paz, contudo, tudo mudou quando chegou naquela aldeia e viu aquelas dezenas de pessoas mortas, apenas como uma mensagem para *ela*, e não para eles.

E houve muitos outros testes, o encontro com Octavian e aquele teste para ela, o fato de que Amir queria fazer ainda pior que seu tio e tomar absolutamente tudo dela. Tudo aquilo estava marcado em sua memória e a mudando, antes que pudesse evitar, no entanto, a maior mudança que a fazia manter-se em frente, eram aqueles garotos, ela não sabia quando, mas cada um deles tinha se aproximado dela e estado lá durante esse tempo todo como mais do que apenas seus protetores.

Não sabia se eles ainda se viam como sendo apenas guardiões dela, queria ter coragem o bastante para dizer o que começava a sentir, porém ela não sabia como a história dela terminaria e se terminaria bem, não poderia ter mais pessoas a quem pudesse desapontar.

— Devika, nós treinamos durante toda nossa vida...

— Por suas próprias razões — ela cortou Soren, completando seu pensamento. — Vocês podem ter sido informados que tinham uma tarefa e um destino a cumprir, mas eu sei que cada um se tornou forte por razões que eu desconheço, talvez apenas pelo amor de um aos outros e a vontade de manter essa família segura. E isso eu entendo, e quando tudo acabar ainda estarão juntos, e eu...

Ela não soube mais o que dizer, o cabelo que há muito estava solto dos cachos voava atrás dela com o vento forte que passou, a música a chamando, e o desejo de fazer parte daquela família nascendo nela.

Soren suspirou pesadamente.

— Quando você vai acreditar na gente?

Devika o encarou, surpresa, o silêncio que fazia chamou sua atenção, e ela notou, tarde demais, que todos os garotos ouviam a conversa. Devika poderia recuar, poderia pedir desculpa, mas optou pela verdade.

— Quando vocês vão me tratar como uma de vocês e não como uma encomenda preciosa?

Quando nenhum deles respondeu, chocados com a pergunta, Devika pegou sua mochila e se afastou a passos pesados do grupo, procurando um local mais escondido, onde pudesse se trocar e pensar.

Acabou que Devika não foi muito longe, devido ao fato de que não tinha nada por perto onde pudesse realmente ficar fora da vista dos garotos, porém eles respeitaram sua privacidade, ficando longe, e ela conseguiu achar uma rocha grande o bastante para se abaixar atrás e tirar aquele vestido, chutando para longe. Achou na bolsa seu par de botas e a calça uniformizada, entretanto, acabou pegando a primeira blusa que alcançou, sendo ela uma camisa de botões e de mangas longas, Devika não tinha certeza que era dela, já que ficou longa e um pouco folgada — talvez fosse de Bas, que era o mais esguio, qualquer roupa de um dos outros três teria ficado gigante nela -, mas de só mudar de roupa e ter conseguido trançar seu cabelo, a deixou mais calma e relaxada, e parecendo menos com uma boneca ou donzela em perigo.

Ela sentou no chão, após ter feito uma cena, ainda não estava com coragem de voltar para lá e encarar os garotos. Tinha exagerado? Eles não foram nada além de bondosos com ela durante as últimas duas semanas em que estão juntos, e de fato, Devika se pegou várias vezes sentindo como se fizesse parte deles, como se eles realmente fossem seus amigos, só que às vezes, ela se sentia como uma estranha olhando de fora.

Aquilo era culpa dela ou deles?

Odiava, de verdade, essa parte dela, porque tinha que ser tão quebrada a esse ponto, de não conseguir diferenciar seus pensamentos e seus traumas do que era realmente real?

Talvez um dia pudesse ser uma pessoa normal, tudo que seu tio tinha tirado dela, não precisava ficar perdido para sempre.

Vasculhando sua bolsa, encontrou uma garrafa de água e deu graças aos deuses quando

entornou ela, estava com fome também, só que toda comida que eles levaram estava nas coisas de Dareen, que tratava de cuidar e organizar as viagens deles.

Escutando passos se aproximando, ergueu a cabeça quando Dareen chegou perto dela e estendeu algumas carnes secas, que Devika pegou sem pensar duas vezes.

— Você estava certa — ele murmurou, a pegando de surpresa. — Te tratamos com cuidado, só que não é pela razão que você pensa.

Devika ergueu as sobrancelhas, curiosa.

— E por qual razão seria?

O garoto se jogou na sua frente, esticando as longas pernas e depois dobrando, para ficar mais próximo dela.

— Desde que nascemos sempre existiu essa necessidade de proteger os mais fracos... Não, eu não estou falando que você é fraca, me deixe concluir — ele a interrompeu, quando a menina abriu a boca, e ela sorriu, porque era exatamente o que estava para falar. — Conforme procuramos por você durante todos esses anos, eu sempre achei que a sensação de te proteger fosse a mesma que a do resto, mas à medida que fui te conhecendo... O dia em que eu vi você falando com Octavian, aquilo foi poderoso, e eu me senti orgulhoso, o mesmo orgulho que eu tenho das pessoas próximas de mim. Foi quando percebi que era como se sempre tivesse faltado algo, que não sabia o que era, mas agora sei que é você. — Suas bochechas estavam vermelhas, aquilo era o máximo que ela já tinha visto Dareen falar. — Ainda não passamos tanto tempo juntos, nós cinco, então ainda não sabemos qual o seu ritmo ou o que você gosta e não gosta, e eu sei que falo por todos os outros também, é que apenas temos essa sensação de que se algo acontecesse com você, destruiria a gente.

Devika não respondeu por alguns segundos, porque sinceramente era aquilo que ela sentia desde que os conheceu, essa fé, confiança e necessidade de estar por perto. Se os deuses do destino tinham armado para que Devika e esses garotos fossem feitos para serem uns dos outros, ela não sabia, mas eles haviam se tornando rapidamente alguém que ela queria proteger. E droga! Ela reclamou com eles justamente essa questão, quando sentia exatamente a mesma coisa.

— Será que se eu voltar para lá agora, eu vou ser muito zoada?

Dareen sorriu, ficando de pé e sacudindo a sujeira de sua calça.

— Não posso fazer promessas.

Ela sorriu em resposta e o seguiu até os meninos, que conversavam tranquilamente enquanto comiam carne seca e bebiam água, tentando recuperar o fôlego. Ela viu que eles tinham alimentado os cavalos também e quando se aproximou o bastante para ser notada, Soren soltou:

— Você não precisa de mais um tempo sozinha? Talvez queira dar um tapa na cara de alguém para aumentar o drama.

Devika rolou os olhos.

— Soren, deixa ela em paz — Kalon defendeu, porém assim que os seus olhos encontraram os de Devika, ela percebeu que vinha mais. — Ela provavelmente está passando pela crise dos 20, ouvi dizer que é muito difícil.

— Kalon, você é mais velho do que eu — pontuou Devika, se sentando entre eles, apesar das brincadeiras, se sentia grata por eles não terem levado para o coração suas palavras.

Kalon abriu a boca para retrucar, só que Dareen deu um tapa em sua cabeça, ao sentar do seu lado.

— Chega, vocês vão ficar nisso por horas. Temos que criar um plano.

— Dareen está certo — lembrou Bas, entregando mais comida para Devika. — Não vai demorar muito para virem para esses lados. Você disse que o som vem do desfiladeiro, Devika?

— Tenho certeza.

— Então precisamos achar uma forma de descer — constatou Dareen.

Kalon já estava de volta ao papel de líder, seu olhar pensativo, enquanto pensava nos próximos passos deles.

— Bas, Soren, peguem dois cavalos e vão procurar uma forma segura de descer, não entrem na floresta com o Vazio e a qualquer perigo, disparem um sinal de energia — mandou e quando os dois acenaram com a cabeça, ele continuou: — Dareen, Devika e eu ficaremos aqui e vamos montar os equipamentos para escalada, como plano B — Kalon terminou de falar e guardou o resto da comida de volta na bolsa. — Devemos ter pelo menos umas duas horas antes de nos alcançarem, sejam rápidos e tomem cuidado.



Uma hora se passou, e ainda não tinham sinal de Soren ou Bas, mas os três que ficaram, tinham separado as cordas para escalar, e Dareen separava pequenas bolas de ferro redondas que ele tinha construído e que ao apertar no botão do centro, criavam quatro garras, que eles poderiam encaixar nas rochas durante a descida e prender as cordas, para criar um apoio mais seguro para eles.

Dareen explicava para Devika que usou uma mistura alquímica para endurecer o ferro e tornar mais resistente, podendo assim, aguentar o peso de qualquer um deles.

Estavam acabando de arrumar as coisas, quando sentiram a terra tremer, seguido do som de vários trotes de cavalos se aproximando. Todos ficaram em pé na mesma hora, e Kalon xingou.

— Eles têm rastreadores, merda. — Jogando as bolsas que ficaram no cavalo restante, ele virou-se para Dareen e Devika. — Vão, encontrem Bas e Soren, eu vou atrasá-los e depois me encontro com vocês.

— Kalon, eu...

— É uma ordem, Dareen, vá — ele falou, sério, já desembainhando sua espada e a enfiando na terra.

Uma onda de energia arroxeadada flutuou de onde ele estava até o grupo que estava saindo das árvores, quando os alcançou, derrubou os cavalos e todos que estavam em cima deles.

Kalon já andava para mais perto deles, se afastando de Dareen e Devika, as costas largas nunca pareceram tanto com as costas de um guerreiro, seus cabelos flutuavam para o lado com seu poder percorrendo o corpo puramente, e ele não olhou para trás nenhuma vez, e apesar das mãos de Dareen se fecharam em punhos, seu olhar tinha se tornado decidido e obediente, quando subiu no cavalo e estendeu a mão para ajudar Devika.

— Vamos — Dareen chamou, mas Devika ainda encarava Kalon, que mantinha os guerreiros afastados com sua energia pura, ganhando tempo para eles escaparem, só que Devika não conseguia se mexer e tomou sua decisão, quando balançou a cabeça negativamente para a mão de Dareen. — O quê? Devika, não temos tempo, Kalon vai ficar bem.

— E eu também, porque vou estar com ele — declarou, Dareen abriu a boca para contestar, e ela foi rápida. — Você vai ser mais rápido sem mim. Encontre Bas e Soren, e depois encontre a gente.

— Devika...

— Vá! — ela gritou e bateu na traseira do cavalo com força, que disparou antes que Dareen pudesse dizer mais alguma coisa, e a menina agradeceu por Dareen ter entendido o que ela queria fazer e não ter retornado.

Quando Devika virou-se para ver o que Kalon estava fazendo, ficou confusa por um segundo. Havia muitas energias se misturando, seus sentidos gritavam que tinham muitos Herdeiros, e ela não conseguia focar em apenas um.

Pelas suas contas, tinham em torno de dez pessoas, todas lutavam com Kalon ao mesmo tempo, porque sempre que uma tentava passar por ele, o moreno era mais rápido em fazê-la recuar. Kalon era extremamente habilidoso, seu ritmo era constante e quase coreografado, seu equilíbrio era perfeito, e a aura violeta ao seu redor fazia parecer que era uma obra de arte, e apesar de já ter derrubado três, Devika conseguia ver que o poder de outros transpassava seu escudo ocasionalmente, os soldados também pareciam avisados sobre não deixarem Kalon encostar neles, porque se mantinham o mais afastados possível.

Ela tinha que pensar em alguma forma de ajudá-lo e rápido. Maldição. Se apenas conseguisse acessar seus poderes de alguma maneira, essa era a hora, e enquanto fechava os olhos e tentava acessar os seus poderes, porque precisava deles para proteger Kalon, uma voz conhecida flutuou até ela, e seus poderes se esconderam ainda mais fundo.

— Devika, nos encontramos de novo.

Olhando para o lado, viu que o rei Amir estava em seu cavalo com dois guardas, um de cada lado dele, ele parecia em perfeito estado, como se a noite anterior não tivesse acontecido.

Kalon escutou aquilo, olhando por cima do seu ombro, e notou, em choque, que Devika estava lá, ele girou sua espada acima da sua cabeça, coletando energia, e quando atacou, uma onda vibrante voou em direção a mais dois, os arremessando no chão. O moreno aproveitou a surpresa dos soldados e agarrou um pelo pulso, colocando sua mão em seu pescoço e sussurrando algo no ouvido dele. Devika viu a luz violeta emanar da mão de Kalon, fazendo o soldado que estava de refém gritar muito alto, conforme as veias em seu corpo eram destacadas,

mas ao invés de aparecerem na cor normal do corpo humano, estavam brilhantes em violetas.

Kalon o soltou, e para espanto de Devika, aquele soldado começou a atacar os companheiros, o moreno se aproveitou daquilo para chegar até Devika, porém era tarde demais, a sua falta de atenção ao observar Kalon, foi o que bastou para que o rei a agarrasse na frente dele, a mão apertando seu pescoço, e Kalon freou, ofegante, os olhos selvagens.

— Eu deveria ter te matado nas duas chances que já tive.

— Verdade, por que não matou?

— Não gosto de matar presas fáceis. — Ele deu um sorriso de canto, seu olhar voltando para Devika, que escutava seu coração batendo muito alto em seus ouvidos, seu olhar suavizou para a menina, tentando passar segurança, e a menina acenou minimamente com a cabeça. — Agora, que tal soltá-la?

— Não — o rei disse simplesmente e falou para seus soldados: — Matem-no.

Os dois soldados avançaram para Kalon, e pela energia que Devika conseguia sentir, era provável que fossem Descendentes de algum deus.

— Você e eu vamos terminar o que começamos ontem — Amir falou em seu ouvido, Devika se debateu, entretanto, ele apertou sua garganta com mais força. — Não se preocupe, você vai pagar caro pelo que fez.

Aquilo não podia ser verdade. Ela ficou para ajudar Kalon, mas acabou sendo presa por aquele homem e ainda estava vendo seu amigo se desgastar cada vez mais com os soldados ao seu redor. Ela observou, paralisada, quando um dos soldados que o atacava soprou uma flecha semitransparente em direção à Kalon, o tom esverdeado a alertava de algum veneno, e seu grito escapou quando Kalon se curvou, batendo um joelho no chão e agarrando seu braço.

— Vamos ver se ele vai conseguir lutar durante mais tempo — Amir disse e agarrando Devika pelo braço, puxou-a em direção ao seu cavalo.

Devika viu o olhar de Kalon enquanto voltava a lutar, a selvageria em seus golpes era como uma afirmação de que ele não a deixaria, e Devika se recusava a deixar que ele lutasse sozinho, aproveitando o descuido de Amir, enquanto a puxava atrás de si, a loira pegou a adaga escondida em sua bota e enfiou na mão do rei que agarrava seu braço, ele gritou, espantado, soltando-a, e Devika mirou a adaga, dando um novo corte em seu peito. Ele tentou reagir, ela sentia a energia dele piscando e mirou mais um corte em seu pescoço, mas ele virou a tempo, acertando sua bochecha. Ela não parou para pensar, não sentiu o pânico, não refletiu em absolutamente nada, além de que Kalon estava logo atrás dela, precisando de ajuda, e dando uma joelhada na barriga de Amir, empurrou-o no chão e enfiou a adaga em sua mão, prendendo-o na grama, o sangue escorreu direto para a grama verde, os vários cortes que ela tinha feito no homem, o enfraquecem, e um sorriso apareceu em seus lábios quando pensou que Aleena ficaria orgulhosa dela. Se afastando para ficar de pé, olhou para Amir uma última vez.

— Você nem vale a pena matar — Devika cuspiu.

Ela não sabia o que ele estava vendo nela, porém parecia aterrorizado e não se mexeu, quando a garota virou-se para correr até Kalon, notando em pânico que ele respirava de forma ofegante, seu rosto começava a ficar muito pálido, e seu pé estava a um passo do desfiladeiro, ele conseguiu fazer um corte no tornozelo de um dos soldados, o derrubando no chão, contudo, quando o segundo o empurrou para trás, o fazendo tropeçar para o desfiladeiro, Devika gritou,

correndo o mais rápido que conseguia e empurrando o homem com seu próprio corpo, o arremessando longe.

Ela caiu de joelhos na grama, correndo para a beira, vendo que Kalon estava uns cinco centímetros abaixo da beira, sua mão agarrando algumas pedras que se desprendiam aos poucos. Não aguentariam o peso dele por muito tempo.

Devika se aproximou mais da borda, esticando os dois braços e segurou no pulso dele, o moreno ergueu o rosto, ele pareceu aliviado ao ver que ela estava bem, e Devika quase o xingou naquela hora, por estar preocupado com ela.

— O que você está fazendo, Devika? — ele falou o mais alto que conseguia. — Vá embora, eu dou um jeito.

— VOCÊ NÃO VAI DAR UM JEITO! — Até ela se espantou com seu próprio grito, sua garganta apertada com aquele medo irracional que a dominava. — Eu não vou te soltar.

Kalon escorregou mais alguns centímetros, e ela foi arrastada junto, tentando fazer força nos pés para se manter no lugar.

— Devika — o moreno chamou, suavemente, os olhos calmos ao verem as pequenas lágrimas que caíam dos olhos prateados dela. — Por favor.

Ela balançava a cabeça negativamente, toda sua força estava focada em segurá-lo e trazê-lo de volta para cima, para o seu lado. Sua visão periférica captou que o soldado que ela tinha derrubado estava se erguendo, se aproximando e então não teria outra escolha: veria Kalon caindo, e ela seria levada com ele.

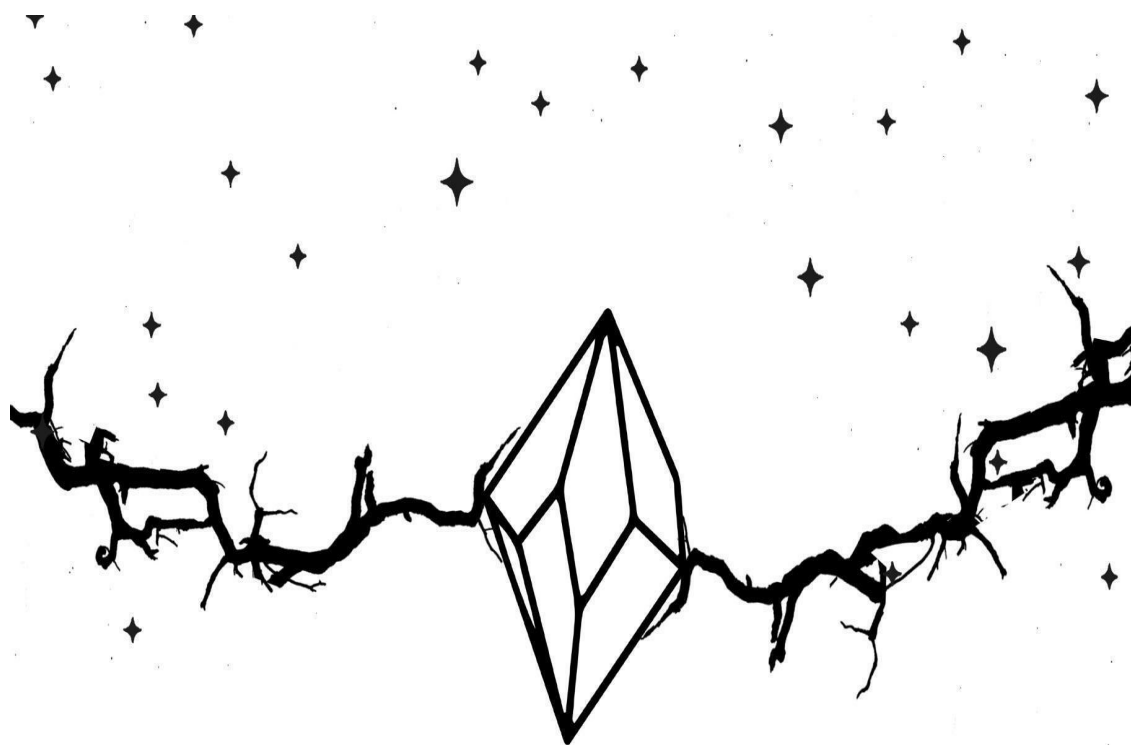
E tomou sua decisão.

Tudo que ela precisou fazer foi olhar para aqueles olhos violetas que passaram a lhe trazer paz, e apesar de sentir que ele queria negar, queria pedir de joelhos para que ela corresse, acatou a decisão dela.

— Juntos? — perguntou, erguendo a mão do braço ferido para segurar as mãos dela.

— Juntos.

Devika concordou e se jogou do penhasco junto do seu guerreiro.



CAPÍTULO 20

A primeira marca.

— Por que você não acorda, princesinha?

A voz calorosa do seu pai chegou até Devika, que esticou os braços preguiçosamente, abrindo os olhos devagar e combatendo a luz do dia, ela apertou as vistas, notando o homem ajoelhado na sua frente refletindo a luz do sol em seus cabelos dourados.

— Onde eu estou?

— O Descendente de Erden estava com medo que você sofresse e colocou um sonho em você.

Erden?

O deus do sono.

Devika ofegou, erguendo-se com pressa e desfocando o olhar de seu pai, ela olhou ao redor, não encontrando o garoto.

— Kalon? Onde ele está? — Suas mãos vagaram na grama em que ela estava sentada, em busca de algo ou alguém. — Quem é você? Diga!

Ele se aproximou mais dela, e Devika pôde ver com clareza os olhos prateados que espelhavam a si mesma.

— Eu sei que você não está entendendo e gostaria de ter tempo para explicar, mas eu não podia perder essa oportunidade.

Confusa, Devika não conseguia ligar os pontos do que era realidade e o que não era, do que estava acontecendo e o que não estava, sua mente vagava em um estado adormecido, como se estivesse ali e ao mesmo tempo não.

Sonhando, ela estava sonhando.

— Pai? É você mesmo? — sussurrou.

Ele sorriu, puxou a menina para um abraço e apoiando a cabeça no topo dos cabelos dela, o homem suspirou profundamente.

— Você cresceu tanto, Devika. — Sem saber o que responder ou se deveria retribuir o abraço, Devika se manteve parada, aceitando o aconchego do seu pai, o homem que ela não encontrava há dez anos.

Aquilo estalou algo nela, e se afastou dele.

— Você me deixou.

Choque e tristeza passaram pelo rosto do homem.

— Não, não é verdade. — Ele tentou se aproximar dela, mas Devika se afastou, seu pai deixou o braço cair, um sorriso triste. — Vamos nos reencontrar, Devika.

Ela abriu a boca para dizer algo, só que nesse segundo, seu pai ficou de pé, atrás dele, Devika conseguia ver, saindo da terra como se fossem enormes vermes, emaranhados de sombras se arrastando pelo chão e até o homem, Devika ficou de pé, gritando para ele tomar cuidado, porém tudo que seu pai fez, foi sorrir para ela quando as sombras o cobriram.



Devika arregalou os olhos, encontrando um teto coberto com folhas e galhos, o cheiro de ervas inundou seus sentidos, e ela olhou ao redor, tentando saber se aquilo era outro sonho ou realidade, entretanto, quando sentiu as leves dores em seus membros e notou uma mulher de costas para ela, Devika sentou-se com tudo, tentando ignorar a dor e se arrastou para trás, procurando qualquer arma.

— Quem é você? Onde está Kalon?

A mulher que estava com ela levou um susto, ao se virar, Devika viu que tinha a pele

esverdeada e cabelos curtos azuis, uma beleza etérea dando sinal de que ela não era humana.

— Você está machucada, se acalme — pediu.

Devika notou que usava uma túnica leve de cor verde, estava descalça, e sua bolsa e roupas não estavam em nenhum lugar perto. Contudo, ela também notou que estava com curativos nas partes que pareciam doer mais, e uma compressa verde caiu da sua testa, quando ela se levantou.

— Onde está Kalon? — repetiu novamente.

— Prim, está tudo bem. — Uma voz veio da entrada da tenda, uma mulher ergueu o pano que fechava a tenda e olhou para Devika com um sorriso. — Venha, vou te levar até ele.

Devika hesitou, mas dado ao fato de que não tinha muita escolha, levantou e seguiu a mulher. Não mulher, a ninfa, que aparentava ter uns 70 anos em anos humanos, os cabelos prateados e longos eram finos, e a pele esverdeada.

— Vocês são ninfas da floresta — constatou Devika.

Assim que saíram da tenda, foram recebidas por um local cheio de vida, havia ninfas andando por todos os lados, algumas estavam em cima de árvores, comendo frutas, e outras estavam cuidando de jardins que plantavam ou ensinando o que pareciam ser ninfas mais novas sobre ervas. Era como uma pequena aldeia, com a diferença de que elas pareciam dormir nas árvores ou até mesmo no chão, porque tinham apenas duas tendas, que talvez elas tenham montado especialmente para os visitantes.

A mulher levou Devika em silêncio até a segunda tenda, logo que entraram, e Devika viu Kalon desacordado em cima do que pareciam folhas, a menina avançou até ele, ajoelhando-se ao seu lado.

Suas mãos se ergueram sem saber onde tocá-lo, o moreno estava bastante pálido e sem camisa, da cintura para baixo, apenas com uma coberta. Sua cabeça estava enfaixada, assim como o seu braço, onde ela o viu receber a flechada. Havia também uma enorme faixa ao redor do seu tronco e pequenas marcas arroxeadas.

— O que ele tem? Ele está bem? — perguntou para a que parecia ser a líder.

Ela sorriu docemente.

— Ele vai ficar bem — concordou, se ajoelhando do outro lado dele, onde tinha uma bacia com água e pano, ela pegou o pano molhado, espremendo na boca do garoto. — Quando vimos vocês caindo daquela altura, tentamos pedir ao vento que diminuísse a velocidade, as árvores também protegeram sua queda, e esse guerreiro segurava você de tal forma, que ele garantiu que o maior baque acontecesse com ele. Trouxemos vocês para cá faz duas horas, e graças à mãe natureza, vocês dois vão sobreviver. — Ela apontou para a marca da flecha. — O veneno é o pior, tiramos do corpo dele, mas ainda está sob efeito.

Devika finalmente suspirou aliviada, abaixando a cabeça e deixando seus cabelos esconderem seu rosto e expressão, ela observou Kalon, erguendo a mão e tocando sua bochecha com as pontas dos dedos.

— Obrigada.

— Você não perguntou, mas você também vai ficar bem, apesar de alguns cortes terem voltado a sangrar — a ninfa comentou, e Devika olhou para o seu braço, onde a túnica tinha

subido, e viu um machucado sangrando. — E está tudo bem, eu devo muito a esse menino. Quatorze anos atrás, ele nos salvou e salvou um dos nossos. — Devika franziu a testa, aquela história era familiar. — Acredito que você conheça meu filho adotivo, Soren.



Após ter certeza de que Kalon estava sendo bem cuidado e não acordaria por agora, Devika acompanhou a matriarca das ninfas, chamada Amadrya, até a beira de uma árvore com flores baixas rosas, que salpicavam no chão ao redor delas, a mulher pediu para trazerem frutas e água para Devika se alimentar, e assim que limpou o curativo que sangrava, falou:

— Após o ataque do rei Amir, aquele menino, que agora é um homem, entrou na mente de todos os soldados, apagando a localização de onde estávamos, jurou proteger Soren e levá-lo para um lugar onde pudesse crescer forte. Foi muito triste ter que ver meu pequeno ir para longe de mim, mas até eu sabia que ele precisava crescer entre os seus. — A ninfa sempre sorria carinhosamente ao falar de Soren. — Me diga, como ele está?

— Ele... — Devika ainda estava meio confusa, um som estranho ecoava em seus ouvidos. — Ele deve estar por perto, procurando por nós.

— Ah, os guerreiros — ela concordou para si mesma e respondeu à pergunta estampada no rosto da menina. — As árvores me informaram que havia um grupo de guerreiros descendo o desfiladeiro, se eles virão para essa direção, sinto lhe dizer que é mais de um dia de viagem.

— Eles ficarão bem? Os soldados do rei foram embora?

— Os soldados do rei estavam muito machucados, assim como o seu rei, ao verem vocês caírem, acharam que terminaram com tudo e foram embora. Vocês estão bem.

Devika concordou, aquilo era menos outra coisa para se preocupar, só que ainda era difícil se concentrar com esse som ecoando.

— Desculpa, mas que barulho é esse?

Amadrya a olhou como se ela estivesse falando outra língua, e dois segundos, depois seus olhos arregalaram, e ela segurou nas mãos de Devika, olhando tão profundamente em seus olhos, que Devika se sentiu desconfortável.

— Você é A Salvadora da profecia.

— Todo mundo sabe dessa profecia, menos eu?

Amadrya sorriu docemente para ela e ficou de pé, erguendo a mão para que Devika a acompanhasse. Agora que ela sabia que foram essas ninfas que tinham criado Soren, se sentia muito mais relaxada e não hesitou em acompanhar a ninfa.

Ninguém tinha dado um sapato para Devika, no entanto, tinha algo sobre andar descalça na grama que era muito relaxante, as ninfas ao seu redor não pareciam ter nenhum tipo de problema, havia várias que dormiam juntas e abraçadas, e outras que treinavam arco e flecha, e apesar da precisão, os olhos de diversas cores eram nada além de bondosos e relaxados.

Elas não eram guerreiras, mas podiam ser.

— Cinco anos atrás, as sombras começaram a tomar conta da nossa floresta, tentamos combater, usamos de tudo ao nosso alcance para continuarmos no nosso lar, mas logo as árvores que conhecemos se tornaram apenas sombras, e os animais, que eram nossos companheiros, se transformaram em criaturas ferozes e cruéis — ela começou a contar, o som ficava cada vez mais alto enquanto andavam. — Várias das nossas pereceram, e não tive escolha a não ser tirar todas as outras de lá, queríamos ficar perto de casa ainda, então viemos parar aqui, ainda assim, não é o mesmo, nossa vitalidade e magia está enfraquecendo — ela murmurou, olhando para sua mão, a pele enrugada e envelhecida. — A profecia que os humanos ouviram e que nós ouvimos, provavelmente é a mesma, mas de formas diferentes. — A ninfa parou de andar e saiu da frente, para que Devika pudesse ver.

Tinha um grande baú de madeira no centro do local, flores subiam por suas laterais, e uma luz dourada pulsava dele, parecendo um coração palpitando.

— ***“Quando a luz renascer, vai precisar crescer por conta própria e escolher seu caminho sem interferências. Se as sombras vão tentá-la ou se a luz vai falar mais alto, cabe a ela escolher, e só então poderá ser A Salvadora que vai iluminar esse mundo.”*** — A forma como Amadrya parou de falar, deu a entender que tinha mais.

— O que mais?

A ninfa virou para ela e sorriu.

— Para a gente, termina nesta parte. E é apenas nisso que eu preciso acreditar. — Ela foi até o baú e ergueu a palma da sua mão, fazendo um corte com a própria unha, o sangue que escorreu foi azul. — Muitos e muitos anos atrás, a própria deusa Leocádia deixou na minha mão esse presente e pediu para eu guardar, e agora sei que era pra você.

Ela tirou do baú uma pulseira, suas amarras pareciam serem feitas de fios de madeira entrelaçados entre si, e no centro dela, uma pequena esmeralda brilhante e bela se encontrava, e era dali que o som vinha, mais alto do que nunca, gritando tanto por Devika, que ela não pensou duas vezes antes de erguer a mão e tocar na pedra.

Uma luz dourada irrompeu de sua mão, e a pulseira flutuou até ela, as amarras se desfazendo e grudando em seus pulsos, parecendo marcar sua pele como uma tatuagem, quando a esmeralda tocou em seu pulso, a mente de Devika foi arremessada para algum lugar distante, havia muita neve, e a luz do sol mal conseguia alcançar o chão, ela não reconhecia aquele lugar, porém algo chamou sua atenção: era um labirinto de gelo.

Voltando para o presente, a luz diminuiu, e o som cessou, restando apenas a pulseira tatuada.

Amadrya sorriu.

— Não resta dúvidas de que é você.



A lua brilhava na floresta, luzes esverdeadas estavam acendidas ao redor de toda a aldeia das ninfas, que festejavam hoje em homenagem à Devika.

Não que ela tivesse pedido nada daquilo, observando a tatuagem em seu pulso, não podia deixar de pensar em como, apesar da beleza, talvez fosse mais uma algema a marcando por algo que ela não tinha, de fato, escolhido.

Vena e Nessa, duas das ninfas mais novas, que não chegaram a conhecer Soren, estavam atrás dela, fazendo tranças em seus cabelos e decorando com flores, as duas conversavam animadamente, perguntando à Devika como era o mundo dos humanos e como era conviver com seres masculinos, porque devia ser muito estranho.

Aquilo tirou um pequeno sorriso de Devika, ao perceber que o estranho mesmo era que ela estava com saudades da presença desses meninos, Kalon ainda não tinha acordado, e os outros só chegariam no dia seguinte, segundo a matriarca, mas Devika sentia como se precisasse ter todos eles perto dela. Era ridículo que nunca tivesse vivido com eles e agora sentisse falta da presença constante dos quatro.

Estava focada na dança na sua frente, o pensamento a levando até o sonho estranho que teve com seu pai mais cedo. Aquilo era a sua vontade de reencontrar o homem e ele dizer que não tinha a abandonado, como temia ser a verdade? A profecia que vinha das ninfas sobre ela, falava sobre ela crescer sozinha, será que seu pai sabia disso e tinha escolhido deixá-la por essa razão? Doía muito pensar que aquele homem que parecia amá-la tanto, escolheu deixá-la por conta de uma profecia datada.

Seus pensamentos murcharam quando escutou gritos e sons de coisas sendo derrubadas no chão, ao olhar para trás, notou que o barulho vinha da tenda de Kalon e ficou de pé rapidamente, correndo até lá. Um pequeno grupo estava na porta, observando, e Devika passou por eles, vendo um Kalon muito confuso, o corpo totalmente descoberto, enquanto ele erguia suas mãos, que piscavam em um fraco tom de violeta, ele virava continuamente, olhando ao redor, tentando ver se tinham pessoas atrás dele, e Devika viu as variadas cicatrizes em suas costas, quando a luz bateu lá, e ela travou por um segundo.

— Eu vou repetir: cadê minha companheira? — O seu tom era firme e um tanto assustado.

Devika tratou de espantar a raiva ao ver suas cicatrizes, para se aproximar dele, ignorando a nudez do rapaz, passou na frente de todas, erguendo as mãos para poder ser notada.

— Kalon, sou eu, está tudo bem.

— Devika. — Seus olhos brilharam, aliviados, e ele deu um passo, puxando Devika para seus braços.

Pega de surpresa, Devika mal conseguiu espaço o bastante para erguer as mãos e tocar em

suas costelas, os dedos roçando nas marcas elevadas. O garoto inspirou profundamente e então desabou com Devika no chão, a menina segurando o seu peso e afastando seu rosto, para notar que ele tinha desmaiado.

— Hm, alguém pode me ajudar?

As ninfas ainda pareciam assustadas, mas Vena e Nessa se aproximaram rapidamente, ajudando a deitar Kalon novamente e o cobrindo, ao lado dele, deixaram uma túnica e uma bacia com ervas para diminuir a febre que ele tinha. Devika pediu para saírem, porque não queria que ele acordasse assustado novamente, e sentou ao seu lado, molhando o pano e passando suavemente em seu rosto.

Ela devia ter ficado ao lado dele desde cedo, só porque Kalon aparentava ser forte o tempo todo, não quer dizer que fosse. Deveria ter acordado tão assustado quanto ela acordou, ao ver que estava em um local desconhecido e sem ele por perto.

Devika ficou em silêncio por alguns minutos com Kalon dormindo na sua frente, era a primeira vez que ela podia observar tão atentamente suas feições. O queixo afiado, os lábios grossos, o nariz acima daquela pequena cavidade entre ele e a boca. Os cabelos eram pesados, e o suor os fazia grudarem em sua testa, e Devika jogava para trás passando a toalha, tentando não tocar nos curativos. Kalon era simplesmente belíssimo, mas havia algo sobre sua beleza que era além da aparência, e ela não sabia explicar o porquê ou o que sentia. Seu olhar desceu para seu peitoral largo encoberto com os curativos – ela manteve o olhar acima da cintura, apesar de ter a imagem gravada do resto -, uma pequena tristeza apertou seu peito, ao pensar que ele teria mais novas cicatrizes.

— Eu sei que se você perceber que eu vi suas cicatrizes nas costas, quando acordar vai ficar envergonhado — ela murmurou baixinho, apenas porque queria conversar com Kalon, mesmo que ele não fosse responder agora, principalmente, porque não responderia, talvez. — E eu sei que muitas delas foram feitas pelo seu pai, e Kalon, eu não sabia que era possível eu querer me vingar de alguém além do meu tio, mas o ódio que nasceu pelo seu pai, não é algo que eu pude controlar. — Ela suspirou, olhando para as mãos dele, e segurou em uma com delicadeza, sentindo os calos de anos de treinamento. — Se algum dia você precisar ver as minhas cicatrizes, gêmeas das suas, vai entender que carregam dores parecidas. Mas eu as recebia, porque não tinha coragem de fazer algo a respeito, porque eu... — Ela travou, mesmo com ele dormindo, falar aquilo em voz alta era demais, admitir que ela passou a acreditar nas palavras de seu tio sobre seu valor e sobre merecer cada uma daquelas marcas. — Mas suas cicatrizes, Kalon, são de amor por seus amigos, porque você não queria que eles soubessem sobre suas dores e o vissem apenas como o líder deles. Elas são lindas, e eu quero protegê-las.

Proteger você.

Devika arregalou os olhos, surpresa, quando sentiu a mão de Kalon em sua bochecha, erguendo os olhos para o moreno, notou que ele estava olhando para ela, apesar de ainda parecer sonolento.

— Essa é a segunda vez que você chora por minha causa — murmurou.

— Segunda? — perguntou, confusa, e ao lembrar-se do que aconteceu na praia, suas bochechas se tornaram vermelhas. Kalon soprou uma risada fraca. — Você lembra?

— Não lembrava, mas acho que a queda serviu para algo — brincou, tocando em sua

cabeça, o olhar de dor. — Onde estamos?

— Com as ninfas da floresta, estamos bem. Elas que criaram Soren, reconheceram você e nos ajudaram. — Devika sorriu para ele. — Você nos salvou, obrigada.

— Que bom — sussurrou e tentou se erguer pelos cotovelos, porém Devika o empurrou, para mantê-lo deitado. — Onde estão minhas roupas?

— Primeiramente, não se mexa, você ainda está com febre — falou, enquanto soltava os ombros de Kalon e pegava um copo de água, oferecendo para ele beber conforme continuava a falar. — E tem uma túnica para você logo ali, segundo a matriarca, suas roupas precisaram ser lavadas assim com as minhas, mas ela falou que estão bastante rasgadas e sujas, por causa das árvores.

Kalon concordou com um breve aceno de cabeça, e Devika ficou aliviada que ele não fez mais perguntas sobre sua nudez. Ele fechou os olhos durante alguns segundos, e Devika pensou que tinha pego no sono de novo, quando disse:

— Então você viu as cicatrizes em minhas costas, huh?

— Se você estava acordado, por que não disse logo? — reclamou, cruzando os braços, e Kalon riu.

— Você parecia que estava falando algo muito importante, quem sou eu para te atrapalhar?

— Fico feliz que seu humor não está ferido.

Ele sorriu lindamente, fechou os olhos novamente por dois segundos e soltou:

— Fico feliz que você está bem — confessou. — Foi muita burrice ter voltado por mim. — Devika abriu a boca, incrédula e prestes a xingá-lo, mas Kalon continuou rapidamente. — Só que fico feliz, porque graças a você, estou vivo.

Ela negou com a cabeça.

— Não é verdade, eu não fui de grande ajuda. — Devika abaixou o olhar, lembrando como lutou contra Amir e como jogou aquele soldado longe, tudo aquilo que ela fez foi puro de desespero, para proteger Kalon. Se ela estivesse sozinha, não achava que teria lutado com tanto afinho.

Kalon cutucou seu joelho para chamar sua atenção e seu olhar, quando teve ambos, falou baixinho, para que somente ela, e mais ninguém, escutasse.

— Você, de alguma forma, continua tentando me tirar da escuridão, me dizendo palavras fortes que eu não acho que mereço, mas nenhuma vez ouviu sobre o que eu penso de você toda vez que encontro seus olhos. — Devika estava pronta para desviar os mesmos, só que Kalon foi mais rápido, tocando na ponta do seu cabelo, algumas pétalas de flores caíram na mão do menino, e ele parecia tentado a erguer a mão, e tocar no rosto dela. — Você é a pessoa mais forte que eu conheço, Devika, muito mais forte do que eu, porque você não se esconde atrás de um sorriso, muito além disso, você tenta trazer um sorriso para as pessoas ao seu redor, mesmo que doa dentro de você.

— Kalon, eu não quero falar sobre mim — Devika disse, tentando controlar a vontade de ficar de pé e sair de perto dele. Não estava acostumada com pessoas tentando consolá-la ou dizendo palavras para o bem dela, passou dez anos cuidando de sua família, tinha Aleena ao seu lado, mas as duas faziam o máximo para apagar as dores que o mundo causou nelas.

Contudo Kalon, com aqueles olhos sobrenaturais, parecia querer fazer mais.

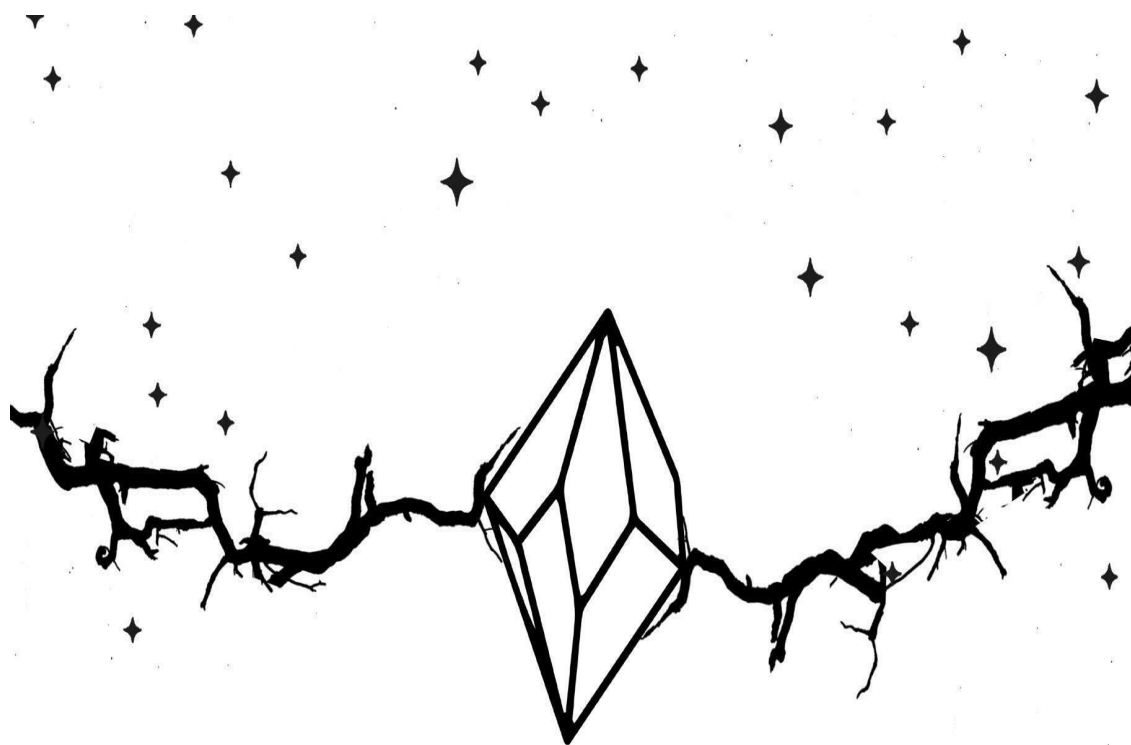
— Devika — Kalon chamou com a voz pesada, e quando ela olhou para ele, o menino travou, ela conseguia ver os inúmeros pensamentos que passavam na sua cabeça, através de seus olhos, e queria decifrar todos eles, apesar de ter acabado de dizer que não queria continuar nesse assunto. Ele parecia estar sofrendo com os pensamentos, tentando criar coragem ou colocar em ordem, ela não sabia, mas decidiu poupá-lo de qualquer coisa que fosse criar agonia.

— Está tudo bem, vou pegar algo para você comer.

Antes que ela ficasse de pé, Kalon agarrou seu pulso, o olhar fraco e necessitado, quando falou:

— Por favor, fique comigo.

Observou o garoto pelo que pareceu uma eternidade, a mão dele era suave contra sua pele, e seu olhar parecia falar muito mais do que apenas aquelas palavras, e mesmo que sentisse seu coração saltitar de uma maneira diferente, Devika concordou com um aceno de cabeça e ficou com ele.



CAPÍTULO 21

Talvez ainda exista esperança.

Kalon não a merecia.

Ele sequer deveria ousar expor os pensamentos conturbados que passavam por sua cabeça. A vontade irracional de protegê-la de tudo, e isso incluía dele mesmo. A vontade de dizer que Devika podia achar que estava lutando contra a escuridão, porém a verdade é que ela era muito mais forte do que ele, porque encarava de frente, ele via os pensamentos que a loira não compartilhava passando por seus olhos às vezes e via também a forma como ela respirava fundo, e parecia pensar: “*só mais um pouco*”.

Ele queria dizer que faria de tudo para entregar em suas mãos tudo que ela precisasse, e se ela precisasse do seu próprio coração, ele arrancaria e daria de bom grado para Devika, porque Kalon sabia que sua vida não valia nada, sabia que ele só estava vivo para protegê-la, seus amigos, seu povo, mas que se ele morresse lutando, seria substituído e esquecido.

E todas as palavras doces que saíam dos lábios de Devika para ele eram como tortura,

porque ele não podia acreditar que era assim que ela o via e não merecia aquilo. Ele merecia as cicatrizes em suas costas dadas pelo seu pai, cicatrizes que seu próprio irmão viu sendo feitas e virou as costas, que sua mãe sequer sabia que existiam, porque tinha o abandonado antes, cicatrizes sobre as quais ele mentia para as únicas pessoas em que confiava, porque temia que eles vissem sua fraqueza e covardia, e não porque queria protegê-los, como Devika achava.

Contudo, todos esses pensamentos pareciam murchar e se esconder quando a via. Quando via seus cabelos dourados balançarem com o vento, a coroa de flores em sua cabeça fazendo-a parecer uma ninfa, o sorriso discreto em seus lábios, enquanto ela contava para ele como era o local onde eles estavam, e que os garotos deveriam encontrar com eles no dia seguinte. Maldição, ela era tão linda, que doía seu peito.

E não era certo ele pensar dessa forma.

— E também, a chave.

Aquilo o fez focar e voltar ao papel de guerreiro, quando Devika ergueu o pulso direito e mostrou uma tatuagem que não estava ali antes, e mesmo com ela reclamando, Kalon sentou-se com tudo, segurando no pulso dela, e por um segundo, ele sentiu o leve choque de energia na tatuagem.

— Você achou?

— Estava aqui esse tempo todo. Quando eu acordei, aquele som estava bem perto, e Amadrya me levou até lá. — Ela virou o pulso algumas vezes, deveria estar estranhando a tatuagem, que era claro, combinava perfeitamente com ela. — Foi tão fácil, que nem parece real.

— Devika — ele chamou, o tom brincalhão aparecendo. — Você, Soren e Bas foram sequestrados, fugimos durante uma madrugada toda, caímos de um penhasco, e eu perdi minhas roupas. Qual parte disso foi fácil?

Ela riu, e Kalon gostou que fosse ele que tirasse sua risada.

— Bom, verdade.

— Deixe-me ver — ele pediu, erguendo a mão, e ela aproximou o pulso dele, Kalon fechou os dedos com delicadeza ao redor, a pele dela era macia e morna, e foi difícil focar na tatuagem em si, mas quando focou, viu que apesar de tudo, era bonita, com a parte de raízes fechando seu pulso até a pedra verde no centro.— Machucou?

— Não. — Ela puxou o braço de volta para si, sem notar que Kalon pareceu perdido sem o seu toque por perto. — Não mudou nada além disso, mas eu sinto essa coisa nova dentro de mim.

Ele acenou com a cabeça.

— Vamos descobrir como funciona.

— E eu acho que tive uma visão também, de onde está a próxima chave.

Aquilo era esperado, Kalon supôs que sempre que encontrassem uma chave, fosse liberado para Devika a próxima. No entanto, ele queria que ela conseguisse respirar um pouco e visse a família, o mundo poderia esperar.

— Tudo bem, temos tempo — ela concordou e soltou um bocejo, sem se controlar, deveria estar cansada, só que ele não queria que Devika ficasse longe dele.

— Tudo bem se eu dormir aqui? Vou me sentir melhor com você por perto, caso algo aconteça — ela pediu tão tranquilamente, sem nenhum outro tipo de pensamento na cabeça, que Kalon sorriu, respirando fundo.

Ela o vencia mais uma vez.

— Por que não vai pegar suas coisas para dormir, enquanto eu me visto?

Quando as bochechas dela ruborizaram, Kalon não controlou a satisfação que ressoou em seu corpo. Devika acenou com a cabeça e deixou-o sozinho na tenda, e foi como se toda luz que estava iluminando-o tivesse sido arrancada dele de repente, e Kalon percebeu que seria capaz de muita coisa, se alguém tirasse aquela luz dele à força.



Devika pegou no sono pouco tempo depois de trazer suas coisas e deitar ao lado de Kalon. E ela se sentiu muito grata por ter uma noite sem sonhos, já que a maioria das vezes eram pesadelos ou sonhos estranhos, como aquele último.

Ao abrir os olhos, lembrou que não tinha perguntado a Kalon na noite anterior, se ele tinha colocado aquele sonho na cabeça dela, não estava com raiva por ele ter usado seu poder para adormecê-la, porque sabia que ele fez por bondade, entretanto estava curiosa sobre aquilo ter sido apenas um sonho ou algo além.

Virando para olhar Kalon, notou que o menino ainda estava adormecido, e graças aos deuses, sua pele parecia menos pálida e recuperava a cor rapidamente. Ela estava se levantando silenciosamente, quando escutou a voz sonolenta de Kalon:

— Já está acordada? — bocejou.

— Estava saindo para buscar café — disse, o observando se esticar e soltar um muxoxo. — Ainda está doendo?

— Um pouco, mas levando em conta que caí de um penhasco, eu diria que estou muito bem — brincou, ficando sentando e tirando um sorriso dela. — Vou te acompanhar, ainda não agradei às ninfas.

Ela concordou e ofereceu a mão para ele se apoiar, ainda estava preocupada se o garoto ia conseguir se manter em pé sem desabar ou sentir muita dor, mas apesar de aceitar sua mão, Kalon parecia muito firme.

— Posso me apoiar em você? — ele perguntou.

Devika acenou com a cabeça, supondo que a despeito de parecer mais forte, ainda deveria estar sentindo muita dor, e quando o moreno apoiou com delicadeza uma mão em seu ombro, Devika o puxou para perto, colocando um braço atrás de sua cintura e andando devagar com ele, porque a respiração dele estava muito pesada, e com certeza estava andando, só porque queria

estar perto dela.

Do lado de fora da tenda, algumas ninfas já despertavam, saindo de dentro de árvores ou pulando de um galho alto para o chão. Todas começavam a sua rotina, e em uma área aberta, estavam Amadrya e outra ninfa mais velha, preparando uma sopa com os vegetais e legumes que colhiam na floresta, e no lugar da panela, era uma casca de bambu, assim que viu Devika e Kalon, Amadrya sorriu, já separando dois pratos para eles.

— Vejo que o guerreiro já está melhor — ela falou, erguendo os pratos de bambu com o líquido quente para eles.

Devika ajudou Kalon a sentar em um tronco abaixado, e ela se posicionou ao seu lado, tomando um grande gole da sopa, que não só cheirava bem, como também tinha um gosto delicioso.

— Eu queria agradecer a matriarca, graças a vocês, estamos vivos. — Kalon colocou a vasilha de lado e apoiou um joelho no chão, para o horror de Devika, porém o menino abaixou a cabeça, reverenciando a mais velha. — Vou ser eternamente grato.

— Você não tem que agradecer, jovem. Estou apenas pagando uma dívida há muito tempo feita.

— Por favor, Kalon, senta direito — mandou Devika, o puxando pelo ombro e o obrigando a se erguer, ele riu.

— Eu deveria me machucar mais vezes, se vou receber toda sua atenção assim.

Devika o olhou de cara feia, e novamente ele riu, foi quando escutaram sons de cavalos se aproximando, e as ninfas deram gritinhos animados, abrindo espaço para os convidados, olhando para matriarca, que acenou a cabeça com um sorriso, Devika sabia se tratar de seus amigos.

Kalon e ela ficaram de pé para recebê-los, os três garotos se aproximaram alertas e parecendo muito cansados, e pela hora que chegaram, deveriam estar cavalgando direto, até encontrá-los.

— Estamos procurando nossos amigos — Dareen anunciou em voz alta. — Não queremos machucar... — Ele parou de falar assim que viu Devika e Kalon se aproximando, o ruivo ofegou, um suspiro pesado saindo de seus lábios, quando ele desmontou do cavalo, correndo até ambos e envolvendo os dois em um abraço. — Graças aos deuses.

— Devika! Kalon! — Bas gritou atrás dele, tanto ele quanto Soren, já estavam disparando para os amigos, Bas se meteu no meio de Dareen, e Soren encontrou o olhar de Devika, dando um sorriso.

Aquilo dali era pertencer? Pertencer a um grupo, uma família montada? Pessoas que fizeram absolutamente de tudo para encontrá-los, e mesmo que seu lado traía quisesse dizer que nada daquilo era para ela, e sim para Kalon, era difícil se importar, quando tinha tantos braços ao seu redor.

— Me desculpem. — Dareen despencou no chão sobre seus joelhos. — Eu deveria ter ficado com vocês. Foi estupidez ter saído e os deixado lá. Eu sinto muit... — A fala de Dareen se perdeu no meio de seus lábios, quando Devika se agachou na sua frente e depositou um beijo carinhoso em sua bochecha.

O menino ficou tão vermelho quanto seus cabelos e olhos.

— Você foi perfeito, Dareen. Obrigada por não duvidar de mim e saber que eu manteria Kalon a salvo.

— Esse papel, tecnicamente, é meu — murmurou Kalon e ainda mais baixo, deixou escapar: — Eu caí de costas de um penhasco e ainda assim, eu não recebi um beijo.

Devika sorriu e deu a mão para Dareen ficar de pé com ela, olhando para Bas, que parecia um filhote com os olhos grandes brilhando emocionados, mas quando olhou para Soren, notou que ele estava olhando para algo atrás dela.

Ou alguém.

— Matriarca?

Amadrya quase flutuou quando disparou até Soren e o envolveu em um abraço. O garoto era tão maior do que ela e mais forte, e mesmo assim, ele pareceu se encolher e se tornar uma criança, quando a envolveu em seus braços.

— Meu querido — a matriarca disse, e várias outras ninfas, que deveriam conhecer Soren, começaram a se aproximar. — Você cresceu tanto.

— E se tornou um lindo homem — uma outra ninfa falou.

— Eu pedi ao Ancião Mestre para que eu pudesse voltar, assim que ouvi sobre o Vazio, estava com tanto medo de que algo tivesse acontecido com vocês — a forma como ele falou, em um choramingo parecido com o de uma criança, fez Devika sorrir docemente.

— Estamos bem, meu filho, e sabíamos que você nos encontraria.

Os garotos sorriram para a cena, e Dareen fez um gesto com a cabeça, para que eles se afastassem e deixassem Soren conversar com sua primeira família. Devika pediu para Bas e Dareen ajudarem Kalon a caminhar, mas o moreno rejeitou, falando que estava bem, e seguiram para a tenda onde eles dormiram.

— Vocês pararam para descansar ou comer? — perguntou Devika, enquanto todos se acomodavam na pequena tenda, agora que tinha mais dois guerreiros, ela percebeu que não tinha espaço o suficiente para todos.

— Um pouco, não se preocupe conosco. O que aconteceu? — Bas quis saber com urgência.

Devika e Kalon se entreolharam.

— Em resumo, Kalon e eu meio que caímos do penhasco, mas as ninfas ajudaram a amortecer nossa queda. E acho que o rei de Loch vai ficar um pouco traumatizado com a gente. — Por “a gente”, Devika se referia a ela e como tinha atacado o homem. Pensou que fosse ter uma chama de arrependimento, porém continuava orgulhosa da sua decisão.

Dareen e Bas piscaram os olhos, chocados.

— Quando voltamos, não tinha ninguém lá, havia sinais de lutas, e chutamos que o único lugar onde vocês poderiam estar, era aqui embaixo — Dareen explicou, suspirando e apertando a ponte entre seus olhos. — Eu realmente estou aliviado que vocês estão bem.

— E tem mais — Devika acrescentou e esticou o pulso, mostrando sua nova tatuagem. — Encontramos a chave.

— Ela encontrou — corrigiu Kalon, com certo orgulho na voz. — Quando eu acordei, Devika já tinha encontrado e já tinha conquistado toda uma aldeia de ninfas.

Devika rolou os olhos, aquilo era muito exagero dele, mas com o sorriso que Bas e Dareen deram, ela escolheu ficar calada.

— Eu também tive uma visão. Eu acho que a próxima chave está em um labirinto de gelo, tinha bastante neve, mas estamos no verão.

— Não em Freyr — Soren informou, entrando na tenda e abaixando a cabeça, ele sentou no espaço que sobrava. — Só que a viagem até lá vai demorar meses.

Freyr era o reino mais distante dos quatro reinos do Império, bom, tecnicamente, Freyr não fazia parte do Império, quando era o único reino que não recebia ordens de Abaddon e mantinha todo o resto do mundo afastado, com muros altos e bem protegidos que circulavam o local.

— Meu primo é o atual rei de lá — lembrou Kalon, a menina o olhou, curiosa, e lembrou que aquele era o reino original dos Descendentes de Erden. — Eu posso mandar uma carta para ele através de Nora e pedir uma entrada segura.

Dareen concordou.

— Antes disso, vamos precisar chamar a feiticeira Maren para criar um portal — ele comentou e parecendo lembrar-se de algo, pegou uma bolsa que estava amarrada no seu cós e entregou para Kalon. — Bombons de cura, não queremos nosso líder enfraquecido.

— Quem é fraco? Vamos lá fora agora mesmo que vou mostra-AA! Que merda, Soren — Kalon reclamou, quando o amigo enfiou o dedo na ferida da flecha em seu braço.

O grupo riu, e Soren continuou:

— Amadrya falou que podemos ficar quanto tempo quisermos, mas não confio nessa feiticeira. Talvez seja melhor mandar a localização para ela na próxima aldeia.

— Eu não quero voltar para aquele reino nunca mais. — Devika olhou para Soren, em busca de saber se tinha o ofendido, porém ele parecia concordar. — O que me lembra, Soren, Amir disse que matou o pai de vocês e que ele queria dar o trono para você.

Soren não respondeu, se manteve em silêncio, enquanto organizava os pensamentos, e todos os presentes deixaram que ele processasse a informação, será que ele queria ser rei? Devika sabia que o amigo seria um rei muito melhor do que o irmão (qualquer um seria), só que ela não queria perder a companhia dele durante sua jornada. Era egoísmo da parte dela pensar assim?

— Eu não ligo — Soren disse, finalmente. — Meu pai me abandonou durante anos, só deve ter dito aquilo para Amir, porque sabia que o filho é um psicopata. — Ele olhou para Devika quando disse a próxima frase. — Ele te machucou, e já é razão o bastante para eu querer matá-lo, mas não quero o trono.

Devika concordou, porque entendia o sentimento, já que Reverie não deveria ser dela? Seu pai governou algum dia, e segundo os garotos, tudo lá era sua herança e seu reino, entretanto, reinar uma cidade era a última coisa que passava na cabeça de Devika. Quando aquilo tudo acabasse, se acabasse e se ela estivesse viva, tudo que queria fazer era realmente viver e tomar suas próprias escolhas, sem pensar no bem-estar de alguém além do dela.

A imagem que passou em sua cabeça era coberta com pessoas que ela amava, sua família, Aleena e esses garotos, todos eles poderiam escolher acompanhá-la ou não, contudo, naquela imagem que ela criou, todos eles estavam felizes e seguros, não precisavam mais dela, e apesar

de uma tristeza assombrar seu coração com esse pensamento, algo aqueceu dentro dela quando pensou que no fim disso, poderia não estar sozinha.

Aquilo era esperança?

Essa era a sensação de sonhar com um futuro e acreditar de verdade que poderia acontecer algum dia?

Observando os garotos conversando animadamente, aliviados de estarem juntos novamente, se perguntou se era esse o significado dela para eles: esperança de um futuro onde pudessem escolher seus próprios caminhos. E a verdade era que ela queria dar aquilo a eles, mesmo que nunca houvesse dado a si mesma.

Devika levantou e disse aos guerreiros que voltava logo, seguindo para os cavalos que estavam equipados com suas coisas, foi até sua mochila, encontrando papel e tinta, e escreveu uma carta para Aleena.

“Onde você está, Aleena? Sinto sua falta todos os dias e ao lembrar de você ao meu lado, sendo secretamente aquela que me colocava para cima todos os dias, eu me pergunto se passei para você essa mesma confiança. Se não, eu sinto muito mesmo por não ter sido uma amiga melhor, mas espero que possamos nos encontrar novamente e preciso ter fé que você está bem e viva em algum lugar. Engraçado, né? Você sempre me lembrava de ter esperança, e agora preciso ter. Eu vou pedir para uma feiticeira que conheci, tentar enviar essa carta para você (Sim, você acredita nisso? Eu conheci uma feiticeira!!!!).

Por favor, esteja segura.

Amo você, sua amiga, Devika.

Ps.: Eu tenho novos amigos queridos, Aleena, e os encontrei graça a você.”

— Devika? Tudo bem?

A menina deu um pequeno pulo de susto, quando escutou a voz de Bas atrás dela, guardando a carta atrás de si, Devika sorriu para ele.

— Estou, eu só... — Ela suspirou, sem entender porque tinha escondido a carta. — Como vocês vão chamar a feiticeira, pensei que ela poderia tentar usar magia e enviar uma carta para mim.

— Aleena, né? — o menino perguntou, fazendo carinho no cavalo, e quando Devika acenou com a cabeça, ele continuou: — Sinto muito que não tenhamos conseguido entrar em contato com ela novamente.

— Não é culpa de vocês. Ela deve estar se escondendo ou... Apenas não precisa mais se preocupar comigo.

— Devika, não é verdade — ele tentou consolá-la, porém isso não era algo que apenas algumas palavras poderiam apagar de sua mente, e ao perceber o mesmo, Basilius suspirou. — Às vezes, as pessoas se afastam para proteger os outros e não por culpa de alguém.

Analisando Basilius, apesar de ele ter dito, que assim como Devika, tinha vinte anos, ele parecia tão novo, com aqueles olhos azuis puros e o sorriso meigo, só que as palavras que saíram de sua boca, pertenciam a alguém que conhecia a dor de um coração partido.

— Se você gosta de alguém, deveria fazer algo sobre.

Ele sorriu timidamente para ela, como uma criança travessa que tinha sido pega no flagra, aprontando, pelos pais.

— É algo que requer mais coragem do que enfrentar monstros.

Devika não sabia sobre aquilo. Nunca tinha se apaixonado – exceto por personagens de livros, e não achava que contava –, e apesar de Aleena sempre contar para ela sobre os flertes ou casos que tinha, admitia que nunca tinha amado romanticamente alguém de verdade, e mais de uma vez, Devika se perguntou qual seria a sensação de se apaixonar, mas aí acordava e a única luz que via era da pequena janela no alto do seu quarto, e lembrava que ela não tinha nascido para tal coisa. E mesmo agora, mesmo livre em certos aspectos, ela se perguntava se algo assim aconteceria com ela.

E como saberia quando acontecesse?

Bas pareceu notar que a loira tinha ido para longe em pensamentos e tomou sua mão, a levando de volta até o seu grupo.



O grupo optou por ficar mais um dia com as ninfas, dessa forma, os três que haviam viajado sem parar desde o dia anterior, poderiam descansar, e Kalon teria mais tempo para se recuperar também.

Soren parecia o mais relaxado que Devika já vira, ajudava as ninfas com a colheita, comida e ensinava as ninfas, que ainda não tinha conhecido, como ele atirava as suas flechas, Bas tinha passado o dia com Devika para ensinar mais formas de como utilizar a adaga – uma nova, já que a anterior ela deixou de presente para Amir – e ensinava alguns golpes de defesa, que Devika pediu para aprender. Kalon observava tudo de perto, tinha colocado um novo par de calças e manteve o torso descoberto, já que ainda estava enfaixado, e quando se ofereceu para ajudar Devika, recebeu dois gritos da menina e Bas, que o mandaram repousar.

Dareen se juntou a eles depois que enviou uma carta para o primo de Kalon, avisando que assim que Nora chegasse, mandaria uma carta para a feiticeira Maren, e eles seguiriam viagem para o norte, segundo as ninfas, encontrariam a próxima aldeia alguns quilômetros à frente, ainda no desfiladeiro, já que não poderiam voltar para a cidade central do reino de Loch, porque deveriam estar sendo caçados lá, era a única opção que tinham.

Soren, Bas e Dareen apagaram logo após o jantar, totalmente exausto, eles mal deram boa noite quando seguiram para a tenda vazia e acamparam lá, sem sequer pensarem em perguntar onde Devika dormiria, e ela adorou aquilo, porque parecia algo que amigos faziam, e não apenas seus guerreiros.

Ela e Kalon estavam do lado de fora da tenda deles, o céu estava lindíssimo naquela

noite, com as estrelas brilhando preciosamente. Devika pensou como seria ter uma estrela para si, se tamanha beleza seria como guardar uma pedra preciosa ou as estrelas brilhavam daquela forma, apenas porque estavam longe de tudo.

— Qual a graça? — Kalon perguntou, e a loira o olhou de esguelha, percebendo que seu sorriso tinha chamado atenção dele.

— Qual será a sensação de ter uma estrela?

Kalon gargalhou.

— Que pensamento mais aleatório — comentou e viu que Devika ainda estava sorrindo, focada naqueles brilhos que ela acreditava serem muito mais lindos do que a luz interna dela, se seu poder fosse tão precioso assim, ela sentiria orgulho de tê-lo? — Se você quiser, podemos nomear uma estrela.

— Nomear? Não é um animal de estimação, Kalon. As estrelas são donas de si mesmas.

— Verdade, mas não quer dizer que eu não possa olhar para, hm, olha lá. — Ele ergueu a mão, apontando para alguma direção, Devika apertou os olhos, tentando entender o que o garoto via. — Está vendo a constelação de Órion, onde parece que tem um homem atirando uma flecha? — perguntou, e Devika sorriu ao encontrar o que ele se referia, e acenou com a cabeça. — Muito bem. Pelos poderes dados a mim, eu declaro que aquela estrela brilhante, logo ao lado dessa constelação, vai se chamar Devika.

Devika não queria, porém não pôde evitar a gargalhada que soltou, sendo recebida por um sorriso brilhante de Kalon, era engraçado que apesar do menino ter tantos sorrisos, esse pareceu ainda mais lindo.

— Que poderes foram dados a você?

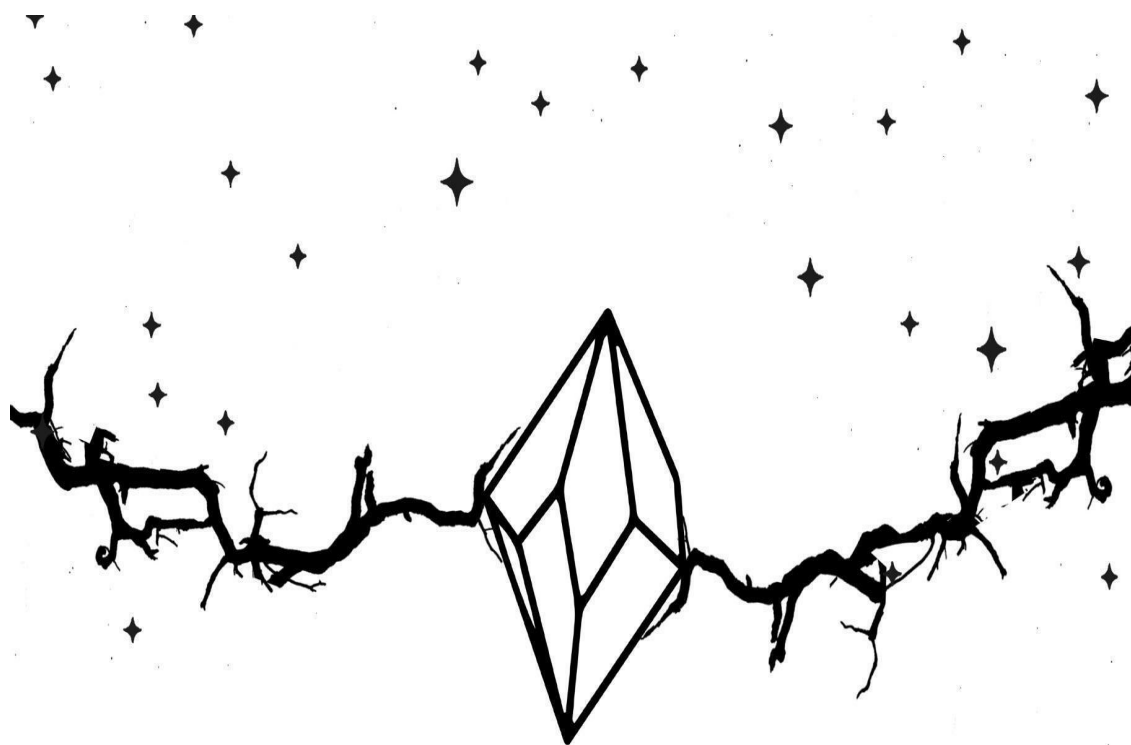
— Se eu posso colocar sonhos nas pessoas, posso colocar nome nas estrelas. — A seriedade em sua voz trouxe a estranha sensação de uma alegria inominada para Devika, e quando Kalon olhou para ela, percebendo com um pequeno choque que a menina estava o encarando, ele murmurou: — Você gosta?

— Muito — concordou. — Obrigada, Kalon.

— De nada, *haya*.

Os olhos da menina navegaram pelos lábios de Kalon, quando ele utilizou a antiga língua dos deuses, ela não sabia o que significava, entretanto o som era bonito e forte, parecendo uma reverência que ele fazia ou talvez um segredo entre eles.

Ela poderia ter perguntado o que significava, sabia que ele responderia, ainda assim, Devika queria manter o sentimento que tomou conta de seu corpo quando ouviu aquela pequena palavra sair dos lábios de Kalon, um sentimento que ela não reconhecia, apenas sabia que era tão precioso quanto as estrelas que eles olhavam.



CAPÍTULO 22

Não existe descanso.

Logo após amanhecer, o grupo estava pronto para partir. As ninfas se reuniram ao seu redor para se despedirem, Vena e Nessa falavam para Devika prometer mandar notícias sobre suas aventuras. Era até engraçado que no meio de tantas mulheres, a beleza dos guerreiros passou despercebida, a maioria das ninfas parecia mais interessada em Devika e nas roupas que ela tinha colocado – a calça e botas.

— Protejam uns aos outros — pediu Amadrya, segurando na mão de Soren. — Agora que você sabe onde estamos, mande notícias.

— Vocês também — ele pediu, se abaixando para beijar as duas mãos da matriarca. — Qualquer coisa, não hesite em me procurar, ok? — pediu, e a ninfa acenou com a cabeça.

Ela segurou na mão de Devika e tocou na tatuagem com um sorriso, acenando com a cabeça, quando o grupo começou a andar.

— Elas vão ficar bem? — Quando Soren demorou a responder, Devika olhou para ele. —

Que foi?

— Amadrya tentou esconder, mas eu notei, ela envelheceu muito em pouco tempo, e a ninfa mais nova nasceu no antigo lar. — Seu tom era preocupado, Bas, que cavalgava com ele, trocou um olhar com Devika. — Eu acho que elas precisam voltar ao seu lar muito em breve.

— Mas o Vazio...

Devika sentiu Kalon atrás dela, acenando afirmativamente com a cabeça.

— Acredito que seja apenas mais um povo que conta com a gente.

Devika não disse nada, porque não sabia o que dizer, e os meninos ficaram em silêncio, respeitando seu processo. Era estranho perceber que, de fato, muita gente estava esperando algo dela, pensar que mortes e ataques poderiam ser evitados, se tudo seguisse de acordo com o que eles queriam fazer. E apesar de essa carga ser para alguns, algo que os fizesse se sentirem especiais e até mesmo motivados, Devika não achava que era tão altruísta assim e achava que a verdadeira razão para ela ainda estar ali era muito simples: se ela ficasse parada, poderia desaparecer.

Viajaram o resto do dia, parando apenas para comer e fazer suas necessidades, era noite quando a floresta começou a ficar para trás, e as primeiras luzes da aldeia chegaram até eles.

O movimento era fraco a essa hora da noite, mas havia tochas e lamparinas acesas a cada meio metro, deveriam estar querendo espantar todas as criaturas das sombras o máximo possível de suas casas.

Dareen os guiou até a maior casa que encontraram, as portas ainda estavam abertas, e deveria ser a única pousada da aldeia, segundo ele, era onde tinha marcado de ir encontrar com Maren, e quando desceram dos cavalos, não esperavam que a feiticeira já estivesse lá, mas assim que entraram, notaram que todas as pessoas estavam paradas em posições estranhas, e no centro do salão estava Maren, sentada em uma cadeira lendo um livro e mexendo os dedos para a colher se mover na sua caneca.

— Vocês chegaram! — ela disse, erguendo a cabeça.

— O que diabos você fez com essa gente? — perguntou Dareen, enquanto se aproximavam dela.

— Vamos chamar de brincadeira de estátua, não dura tanto tempo quanto gostaria, e gastei ingredientes preciosos, mas não podia arriscar alguém me ver com vocês. — Ela fechou o livro com força e ficou de pé. — Vocês têm noção do caos que o reino está? Estão caçando vocês em tudo que é lado, principalmente você, Devika, que furou o corpo do rei não uma, mas duas vezes — a feiticeira tentou com muito afinco falar aquilo de forma séria, porém dois segundos depois, explodiu em uma gargalhada. — Eu devo admitir, você foi fantástica, querida Salvadora.

Devika não achava que esfaquear alguém deveria ser parabenizado, no entanto, ela conheceu Amir e podia entender porque várias pessoas ficariam do lado dela, aquilo tirou um sorriso da loira, que tentou arduamente disfarçar, fingindo que estava tossindo.

— Muito bem, aos negócios. — Maren bateu palmas e ergueu a mão. — Trinta moedas de ouro.

Dareen bufou, entretanto pegou a bolsa de moedas e entregou o ouro para a feiticeira.

— Suponho que vá mandar a gente para lá agora mesmo?

— Vocês têm tudo que precisam já? — perguntou, o pássaro de Dareen tinha encontrado com eles durante a viagem, trazendo em suas garras o passe do rei de Freyr, e as roupas que usavam como uniforme tinham um tecido que se adaptaria ao frio, com a confirmação deles, Maren acenou com a cabeça, tirou um giz da bolsa e começou a desenhar no chão.

A feiticeira pegava ervas da bolsa e colocava em pontos específicos do círculo que se formava, pronunciando palavras desconhecidas. Onde ela terminava, o desenho do chão se acendia em uma luz fluorescente verde, ela continuou esse processo até terminar o círculo e saiu dele com um pulinho.

— Sua carruagem os espera.

Os garotos não temeram quando entraram no círculo, acostumados com qualquer magia que fosse aquela, Devika mal tinha se acostumado com as viagens a cavalo, e a visão daquilo era um pouco assustadora, só que nenhum dos meninos a apressou, até que Maren informou que logo os moradores acordariam. Devika suspirou e quase esqueceu, virando-se com pressa para Maren e puxando a carta de seu bolso.

— Se você puder tentar enviar essa carta. O nome está escrito nela.

Maren olhou para a carta e viu o nome de Aleena na frente, ela deu um sorriso carinhoso para Devika e acenou com a cabeça.

— Vou fazer o possível. — Devika agradeceu e pulou para dentro do círculo. — Aproveitem Freyr. — Maren sorriu, quando seus olhos ficaram tão fluorescentes quanto a luz do círculo, batendo palmas, ela murmurou algumas palavras e jogou um pó em cima deles.

O mundo piscou e girou.

Devika estava com os pés no chão e ao mesmo tempo não estava, sentia seu corpo e não sentia, e um vento frio forte bateu em seu rosto, a forçando fechar os olhos, ao abrir novamente, estava em uma área aberta com poucas árvores sem folhas ao seu redor, e alguns metros na frente dela, havia um muro que não tinha começo nem fim.

As portas de entrada de Freyr.

— Vamos ter que andar — resmungou Soren. — Aquela feiticeira não poderia ter nos deixado mais perto?

— Soren, não reclame. Ainda bem que encontramos uma feiticeira para fazer essa viagem — lembrou Bas, e quando Devika pareceu confusa, ele explicou: — Esse tipo de viagem é um luxo, encontrar um feiticeiro já é muito difícil, mas um disposto a acender magia e chamar atenção de Abaddon? Foram poucas as vezes que conseguimos viajar assim.

— Quer dizer que não é a primeira vez que vocês viajam tanto tempo?

— Não — Kalon respondeu, tirando uma capa da sua bolsa e oferecendo para Devika casualmente. — Apesar de ninguém saber a localização da nossa cidade, qualquer pessoa no Império sabe que existimos, mesmo não podendo falar em alto e bom som.

— Ainda assim, muitos acham formas de entrar em contato conosco para limpar uma cidade que está sofrendo ataques ou às vezes passagem segura por zonas de extremo perigo — completou Soren.

— Nossa — Devika murmurou, realmente chocada. — Vocês são impressionantes.

Ela não sabia que poderia envergonhar quatro guerreiros de uma vez, mas foi o que aconteceu.

— Vamos? — sugeriu Kalon.

Todos concordaram e andaram em silêncio, tentando poupar o fôlego para a caminhada, não estavam assim tão longe dos portões, porém os garotos estavam muito atentos ao seu redor.

Devika.

Um sussurro que arrepiou os pelos de sua nuca fez Devika parar de andar, olhando para trás, não conseguia ver nada além de terra misturando-se com neve e árvores vazias e murchas, entretanto, conseguia sentir algo dentro de si reagindo.

— O que aconteceu? — perguntou Bas, quando notaram que ela tinha parado de andar.

— Vocês estão ouvindo?

Os quatro ficaram atentos e tocando em suas armas, olharam ao redor, tentando encontrar qualquer perigo, contudo, foi Devika que viu primeiro, uma fumaça negra rastejava no chão como uma nuvem seguindo o vento, quando estava perto de Devika, a fumaça piscou, desaparecendo. E dois segundos após, pulou do ar uma criatura que parecia uma pantera, as patas elegantes e fortes tremeluziam, e ela parou a dois passos de Devika.

Os garotos ergueram as armas imediatamente.

— Não. Esperem — mandou Devika e deu um passo para perto da criatura, Kalon ergueu o braço para segurá-la, mas ela se afastou dele, negando com a cabeça.

A pantera se aproximou quando Devika ergueu a mão para ela, o focinho estava gelado quando tocou em sua palma, e ela viu os olhos negros da pantera se transformarem em dourado.

Devika sorriu.

— Eu acho que nem todo ser das trevas é mau — murmurou, ficando agachada e fazendo carinho no rosto do bicho, que sentou sobre as quatro patas.

— Como é possível? — questionou Dareen, incrédulo. — Durante anos, enfrentamos e... — Sua voz se calou de repente, e Devika ergueu o olhar, a tempo de ver que Kalon estava encarando algo, abriu a boca para perguntar o que estava acontecendo, e Bas disse urgentemente:

— Fale para ela sair daqui, os soldados de Freyr se aproximam.

Os olhos dourados da pantera se encontraram com os prateados de Devika, e ela sorriu.

— Nos vemos em breve, vá.

Com sua ordem, a pantera se tornou fumaça novamente e desapareceu no ar. No mesmo segundo, soldados armados até os dentes se aproximaram de armas erguidas, Basilius tomou Devika pelo braço, a escondendo atrás dele, e Kalon ergueu as mãos, andando tranquilamente até eles.

Assim que viram Kalon de perto, ou mais especificamente, seus olhos, os soldados pararam, e o moreno puxou uma carta do bolso, entregando para eles.

— Vim ver meu primo.



O reino de Feyr, apesar de ser o único que não tinha se curvado ao Imperador Abaddon, era muito claro que ele sofria as consequências por causa disso. A cada esquina que andavam, havia Herdeiros e soldados armados, tinham também cartazes nas paredes sobre toque de recolher e a proibição de sair ou entrar no reino sem autorização. As casas não tinham muitas cores, em sua maioria, eram marrons ou cinzas, mas a neve que cobria o chão como se fosse um tapete majestoso dava certo ar de nobreza para a cidade. Bom, isso e o castelo alto e imponente completamente branco no centro do reino, os muros altos e também protegidos, no entanto, os portões estavam abertos, como se o rei desse lugar quisesse dizer que qualquer cidadão seu era bem-vindo a entrar lá.

Assim que as portas enormes do castelo foram abertas com um barulho ensurdecedor, uma mulher estava lá, esperando por eles. Ela era jovem, na faixa dos trinta anos, os cabelos loiros finos presos em um coque muito elegante, e o vestido que se arrastava no chão parecia quente, além de belo.

Os garotos fizeram uma breve reverência, e Devika acompanhou-os, então aquela era a rainha do reino.

— Rainha Thalia.

— Sejam bem-vindos — ela falou com um sorriso, andando até Kalon e apertando suas mãos. — Quanto tempo, primo.

— Muito. — Ele sorriu cortês, soltando a mão dela e erguendo a sua para apontar para trás dele. — Você já conhece meus companheiros, e essa aqui é nossa amiga, Devika.

Thalia se aproximou de Devika, era tão alta quanto a menina, apesar dos saltos a deixaram ainda mais alta, e acenou com a cabeça em reconhecimento.

— Meu marido está em viagem hoje, em um vilarejo mais distante que foi atacado recentemente. Mas ele me avisou que vocês viriam e pediu para recebê-los como os mais estimados convidados. — Olhando para trás de si, Devika notou, apenas agora, que havia três mulheres postadas, esperando a rainha chamá-las. — Elas vão levá-los para a ala norte, todos os quartos estão vazios lá, fiquem à vontade para escolher. Vou pedir para a cozinha preparar uma refeição quente, vocês devem estar exaustos.

Devika observou a elegância da mulher enquanto falava. Thalia era firme e suave, ordenando tudo ao seu redor com uma destreza de quem já estava nesse cargo há algum tempo, e Devika pensou, não pela primeira vez, como esse era um papel que não encaixava nela. Mal conseguia lidar com os quatro garotos ao seu redor, se sentindo várias vezes como uma intrusa.

Governar um reino? Aquilo seria demais.

— Devika? — chamou Kalon, e pelo seu tom, parecia estar chamando há algum tempo. Piscando os olhos, notou que os meninos a encaravam e estavam sozinhos em um longo corredor, ela mal tinha notado que eles já tinham chegado lá. — Tudo bem?

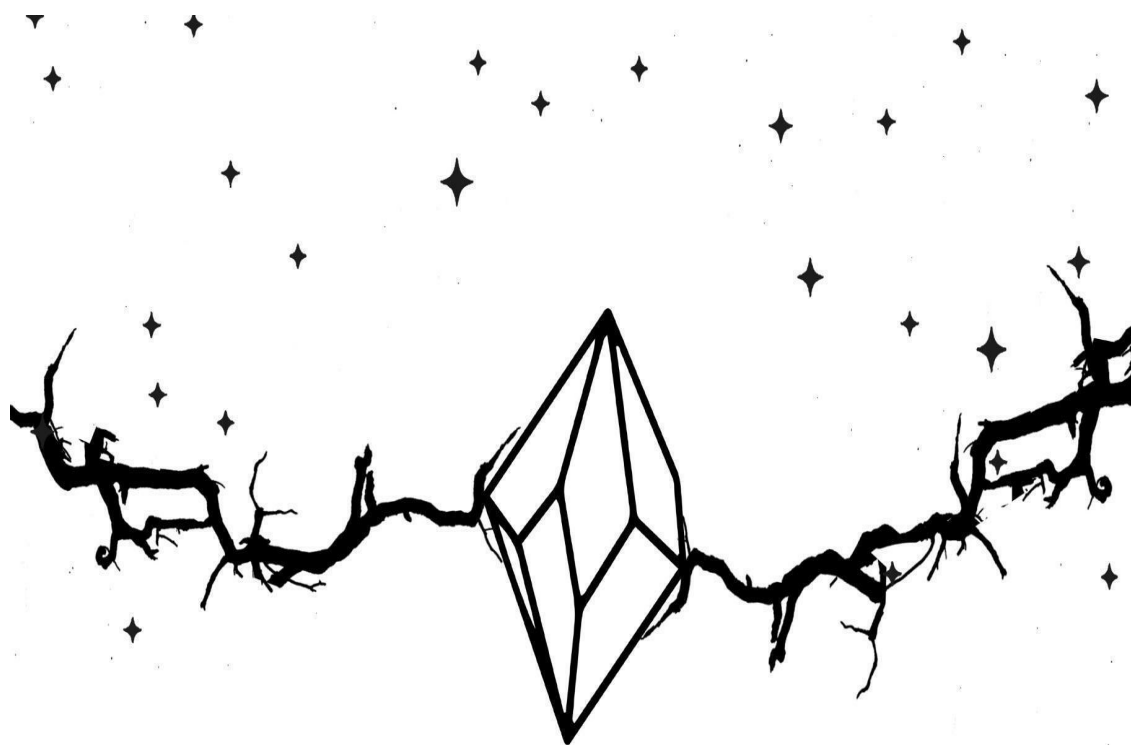
— Tudo, só estou cansada.

— Você vai ficar bem sozinha ou quer compartilhar um quarto?

Ela sorriu.

— Eu já dormi sozinha antes de conhecê-los, Kalon. Vou ficar bem — ela disse isso e supôs que como poderia escolher qualquer quarto, a porta ao seu lado deveria bastar, e entrando lá, acenou para os meninos. — Vejo vocês mais tarde.

Assim que Devika entrou no quarto, correu para o banheiro mais próximo que encontrou e vomitou, suas mãos tremiam descontroladamente, e quando ergueu seu rosto para o espelho, encontrou seus olhos em completo pânico, ao notar que havia duas írises brilhantes a encarando de volta: uma totalmente dourada, e outra totalmente preta.



CAPÍTULO 23

Aguentando firme.

Devika não se sentia bem fazia alguns dias, os pesadelos eram constantes, e ela acordava suando, e gritando, com seu sangue fervendo e chamando por ela, ordenando que ela fosse útil, que fizesse algo, que usasse seu poder para destruir seu tio de qualquer forma. Contudo, ela não queria fazer nada.

Ela queria apenas dormir.

Aleena vinha todos os dias ficar com ela em seu quarto, trazia comida e contava como estava do lado de fora, como estava Edlynne e que a menina queria ver a irmã, mas seu tio tinha proibido, como castigo por causa da fraqueza dela.

Ela estava com Aleena, quando seu tio entrou no quarto.

— Vamos — falou simplesmente.

— Lord Henrick, por favor, Devika ainda não se sente bem, seja o que for... — Aleena começou a falar, segurando no braço de Devika e colocando-a sutilmente atrás de si mesma, e

tudo que Devika conseguiu fazer naquela hora, foi observar a amiga e seu tio, sabendo que tudo seria inútil.

E quando o som do tapa que seu tio deu no rosto de Aleena ecoou no quarto escuro, Devika fechou as mãos em punhos e deu um passo para frente da amiga.

— Tem algo a dizer, Devika? — desafiou, e toda coragem da loira murchou no mesmo segundo, olhando para Aleena por cima do ombro, encontrou forças para dar um sorriso.

— Eu vou ficar bem, confira Ed para mim.

Aleena não pareceu satisfeita, a mão atrás dela deveria estar segurando a adaga que ela escondia debaixo da roupa, porém quando Devika acenou novamente com a cabeça, ela concordou, saindo do quarto na frente deles.

Seu tio pareceu satisfeito o bastante e começou a andar, sabendo que Devika o seguiria. Ele não tinha soldados com ele, não precisava, enquanto tivesse a família da menina em suas mãos, ela não faria nada contra o homem. Conforme seguiram para a sala no fundo da mansão, ela já sabia o que ele queria e precisou controlar a vontade de gritar até a garganta doer.

Ele abriu a porta, que não estava trancada, indicando que já tinha gente esperando, e entrou logo após a sobrinha.

A sala era grande, fria e escura. Havia dois pequenos sofás em frente a uma parede de vidro resistente dando para a sala seguinte, que era onde Devika fazia sua “mágica acontecer”, como seu tio dizia.

Um jovem estava em pé no meio da sala, os cabelos escuros penteados para trás, e os olhos azuis tinham um leve tom que fazia parecer que eram pintados. Ele usava roupas de um nobre – como a maioria que aparecia lá – e estava nervoso, as mãos se mexendo sem parar, e Devika entendeu o porquê ao ver além da parede de vidro.

Um homem mais velho estava lá dentro, os cabelos com vários fios brancos, e a postura forte, seus olhos também azuis encaravam fixamente Devika, e um sorriso lento brotou em seus lábios, a menina não precisava sentir para saber que a alma verdadeira do corpo já tinha partido.

— É ela que vai fazer? — perguntou o rapaz. — Ela é muito jovem.

— Você quer ou não que seu pai descanse em paz? — perguntou seu tio, e quando não teve resposta, ele continuou: — Ela sabe o que faz.

Não, ela não sabia. Queria gritar, o olhar percorrendo o jovem, esperando que, dessa vez, ele seria a pessoa que notaria seu desespero e decidiria ajudar .

E ele notou.

No entanto, como todos os outros, decidiu não ajudar.

Devika teve vontade de rir, qual era o ponto daquilo? Dia após dia, ninguém erguia a mão para ela, ninguém dava uma esperança de que algo mudaria.

— Vá, Devika, use seus poderes para o bem.

Para o bem.

O bem de quem? Era culpa de Devika que o homem dentro daquela sala tivesse o corpo ressuscitado por alguém que ela sequer conhecia? Por que era o dever dela dar um jeito

naquilo?

— Você vai mandá-la sozinha para dentro da sala? — o jovem exclamou.

Seu tio não respondeu e abriu a porta, empurrando Devika para dentro.

O som da tranca veio em seguida.

O ar gelado, que fez seus dentes tremerem, tomou conta dela, ela sentia muito fortemente tudo que estava errado com o homem na sua frente, não era natural e era tenebroso. O sorriso dele se mantinha, quando notou a garota.

— Nos encontramos novamente, Devika. — A voz que saiu do homem era dele e ao mesmo tempo não era.

E era sempre o mesmo, toda vez que ela entrava nessa sala, a pessoa que estava controlando esses corpos vinha falar com ela como um amigo saudoso.

— Não vai falar comigo hoje? — perguntou.

— Não tenho o que falar.

— Sabe, Devika, você poderia aceitar a minha ajuda, vir comigo e não ter que aguentar mais essa vida.

Devika não precisava olhar para trás para saber que seu tio ou o jovem não ouviam aquelas palavras, não, aquilo era somente para ela.

E ela admitia, às vezes, sozinha, se pegava pensando em como a pessoa por trás da voz poderia ajudá-la, só que ao lembrar-se da escuridão podre que rodeava esse ser, ela ainda se recusava. Ainda esperava por algo.

Devika ergueu as mãos roboticamente, concentrando-se no seu centro, para chamar seu Poder.

— E se eu falar que sei sobre seu pai?

Aquilo a fez hesitar.

Devika escutou o grito do jovem do lado de fora, mandando seu tio fazer algo, e quando notou, o homem estava em cima dela, a derrubando no chão. Sua cabeça bateu com força, e o mundo girou por alguns segundos, e quando as mãos dele se fecharam em seu pescoço, ela pensou... Por que não?

Contudo, sabia porque: por causa de Edlynne, de Aleena e de sua mãe.

Então, fechando os olhos com força, soltou a respiração com calma e deixou a luz explodir de dentro dela, enquanto escutava o grito do corpo, e ele se afastando dela. Abrindo os olhos, todo o local, que antes estava escuro, tinha se tornado claro como o dia, Devika seguiu em linha reta até o homem, que se encolhia tentando se esconder da luz, e enfiou a mão dentro do seu peito.

Ela sentiu a coisa podre que vivia lá dentro, assim como também sentiu os resquícios do homem que um dia esteve lá, ele amava aquele jovem do lado de fora e amava seu povo, um reino distante, e apenas por conta desse amor, que Devika fechou as mãos em torno da gosma sombria e puxou para longe do corpo, deixando se desfazer com sua luz.

E quando sua luz apagou.

Devika desejou que pudesse apagar com ela.



Kalon bateu em sua porta algum tempo depois, perguntando se ela não se juntaria no jantar com eles. A menina negou, dizendo que estava com sono, mas a verdade é que não tinha forças o bastante para se erguer da cama, seus olhos tinham voltado ao normal, porém ela ainda estava apavorada.

Ocasionalmente, achava que existia mais sobre si mesma que desconhecia, era como ter um estranho morando dentro do seu corpo, como se fosse uma daquelas coisas que ela extinguiu várias vezes ao longo dos anos, entretanto ela não sabia como tirar aquilo dela. Aquela vontade de fazer o mundo sofrer e sentir sua dor.

Ela escolhia sofrer sozinha. Recebendo essa dor e prendendo dentro do seu corpo, nunca contou à Aleena sobre como, apesar de ela ser a reencarnação da deusa da luz – ou uma parte dela –, Devika se sentia várias vezes como se essa luz pudesse alcançar todo o mundo, menos ela.

Não queria que aqueles garotos que aprendeu a gostar vissem-na no estado de fraqueza em que estava, não queria que eles vissem esse lado tão obscuro dela e, principalmente, não queria admitir que seu poder gritava tanto para ser libertado, que estava começando a doer dentro dela. E continuaria a doer.

Os garotos voltaram a bater na sua porta algumas vezes, mas ela não respondeu, fingindo que estava dormindo e tentou muito mesmo dormir, conseguindo pegar no sono algumas vezes, só para acordar novamente com tudo ainda escuro. Certa hora, durante a madrugada, aquela linda criatura saltou para dentro do seu quarto, o pelo escuro brilhando com a luz da lua, e os olhos dourados perguntando se podia se aproximar, e quando Devika ergueu a mão para ela, a pantera deitou ao seu lado, seu ar frio foi o que ajudou Devika a finalmente pegar no sono.

— Devika?

A voz de Dareen a acordou, se espreguiçando, sentiu imediatamente a falta da pantera, porém viu que já estava de dia e não sabia se o animal conseguia se manter durante o dia.

— Pode entrar. — Pigarreou, sentando na cama sonolenta, os cabelos ainda estavam molhados do banho que tomou na noite anterior.

Dareen entrou no quarto com cautela, vestia o uniforme que usavam, mas também tinha colocado um sobretudo por cima. Parecia relaxado e trazia em uma mão, uma bandeja com o café da manhã.

— Você não foi tomar café — ele comentou, colocando a bandeja na pequena mesa ao lado da sua cama. — Não vou mentir e dizer que não houve uma pequena discussão pra saber quem vinha trazer seu café, mas eu venci por boas razões.

Aquilo tirou um sorriso da menina, e ela viu Dareen erguer a outra mão, que ele estava

mantendo escondida, e revelar um pequeno espelho portátil, cabia na palma de sua mão e era de um tom prateado muito bonito, além disso, tinha algumas runas estranhas, que brilhavam em um tom azulado.

— Eu estava pensando que você deveria estar com saudades de sua família, e como tem muitos magos por aqui, pedi à rainha um favor. — Ele segurou na mão de Devika com suavidade e depositou o objeto na sua palma. — Elas estão esperando já.

Devika virou o objeto na palma e ergueu o rosto para Dareen, apertando sua mão.

— Obrigada.

Ele acenou e a deixou sozinha. Devika suspirou e fechou os olhos, pensando em sua família, sentiu o quentinho gostoso do objeto e em seguida, escutou a voz de Edlynne.

— Dev? Dev, cadê você?

Afastando o espelho, a loira viu o rosto animado de Edlynne, os olhos da pequena se iluminaram assim que viu a irmã, e deu um gritinho animado, chamando pela mãe, que logo apareceu ao seu lado. Devika abriu um enorme sorriso para elas.

— Como vocês estão?

— Com muitas saudades, Dev — sua irmã disse. — Eu comecei a escola aqui, e é muito legal. Tem um menino na minha turma que sabe controlar água, e tem uma garota que faz os desenhos ficarem reais, e eles viraram meus melhores amigos, e eu amo aqui, Dev!

Devika e sua mãe riram da empolgação da menina.

— Que bom, Ed, espero que não dê muito trabalho para nossa mãe.

Ela balançou a cabeça negativamente, e sua mãe suspirou.

— Só é difícil afastar ela do pessoal do castelo, ela está o tempo todo atrás dos guerreiros — sua mãe disse, mas seu tom era doce quando sorriu para Edlynne. — Querida, vá pegar o desenho que você fez para mostrar à Devika.

Edlynne concordou, e Devika viu pelo espelho ela se afastar, assim que tinha saído, sua mãe voltou a atenção para a filha mais velha.

— Como está? Como vai a busca? Você parece pálida, tem comido bem?

— Está tudo bem, a busca vai bem, e vou comer assim que acabar de falar com vocês — Devika disse, recebendo um aceno encorajador de volta. — Está tudo andando bem, eu estou segura.

— Não demore tanto para entrar em contato de novo, já faz mais de uma semana que você está fora — pediu a mulher.

Devika concordou.

— Mãe — chamou. — Você acha que meu pai ainda está vivo?

A mulher demorou um pouco para responder, elas não tiveram muito tempo para conversar sobre a falta do homem desde que ela tinha despertado.

— Eu gosto de acreditar que sim — Noamh suspirou. — Seu pai sempre foi muito misterioso, parecia saber muito mais do que contava, mas eu nunca duvidei do amor dele por mim e nem por você. Aquilo bastava. O dia que ele foi embora, ele disse que era para garantir um futuro a você, eu sei que se ele pudesse, estaria com a gente.

Por causa dela.

Foi o que ela escutou. Seu pai não estava com elas por causa dela.

— Vocês estão felizes?

Sua mãe não demorou a responder.

— O máximo que podemos estar sem você. Volte logo, querida.

Devika concordou e notou o espelho começar a esfriar em sua mão, uma clara mensagem de que a magia estava acabando. Falaram durante mais alguns minutos, e quando Edlynn retornou, Devika se despediu das duas dizendo que as amava e pedindo para tomarem cuidado.

O espelho apagou em sua mão.

Contudo, Devika descobriu algo sobre o qual não sabia o que sentir: sua família não precisava mais dela. Elas ficariam bem, independentemente do que lhe acontecesse.

E aquilo era bom, não era?

Devika decidiu tomar outro banho morno e trocar de roupa, precisava se sentir bem de alguma forma. Como não achava que eles fossem fugir de guerreiros ou cair de penhascos hoje, ela optou por um vestido de mangas compridas. Apesar de estar gostando muito de usar calça e do conforto disso, Devika não queria esconder que amava usar vestidos e agora que podia comprar e escolher, tinha um universo de modelos e cores diferentes que ela queria testar.

O que ela não esperava, é que ao sair, encontraria seus quatro companheiros de viagem do lado de fora do quarto. Eles estavam sentados no chão casualmente, jogando o que parecia ser um jogo de cartas.

— Oi?

— Devika! — Kalon sorriu quando ela apareceu, seus olhos como sempre habilidosos, sondaram a menina. — Você está bem?

— Estou — concordou baixinho, vendo que Kalon não pareceu satisfeito com a resposta dela e acrescentou rapidamente: — Mas o que vocês estão fazendo?

— Estávamos jogando cartas para saber quem pagaria o jantar hoje, pensamos que você gostaria de visitar a cidade — falou Bas.

— Então eu também deveria participar, já que Dareen colocou uma bolsa de moedas bem pesada nas minhas coisas, achando que eu não fosse notar — a menina cantarolou e piscou para Dareen, quando ele ficou vermelho.

No entanto, ela não chegou a se ajoelhar para jogar com eles, porque uma empregada apareceu, dizendo que o rei havia chegado e esperava por eles na sala do trono.

— Não se preocupe, esse rei vai ser melhor do que o último que você conheceu — comentou Kalon, que decidiu andar ao lado dela, acompanhando seus passos. — Você, hm, teve pesadelos essa noite ou algo assim?

— Algo assim — concordou baixinho e quando sentiu a preocupação de Kalon, ela foi rápida em acrescentar. — Eu estou bem.

— Você sabe que pode confiar na gente, né? — Ele usou o mesmo tom baixo de antes,

apesar de Devika apostar que os outros garotos conseguiam escutar a conversa.

Talvez fosse o fato de como ele disse aquilo, em um tom que queria afirmar que qualquer coisa que ela falasse, estaria tudo bem, e quando ela ergueu a mão para ele, e acabou segurando a barra do seu casaco, em um pedido silencioso para que ele parasse, ele fez no mesmo segundo, ela sentia toda a atenção do garoto focada nela, apesar de manter os olhos no chão. Ela faria isso mesmo? Poderia confiar neles? Dizer como estava se sentindo?

— Vão na frente — Kalon pediu aos outros três, que pareceram hesitar, só que Soren, de todos eles, falou em voz alta:

— Ela está bem, vamos.

Kalon tomou a mão de Devika na sua, puxando-a até a primeira sala aberta que encontrou. Se tratava de uma pequena biblioteca – com certeza, aquele castelo enorme tinha uma biblioteca muito maior –, estava completamente vazia, e a janela coberta com neve branca fazia o local parecer estranhamente aquecido.

— Você e eu, somos amigos, não somos? — A pergunta não era bem o que Devika estava esperando e como não sabia o que responder, apenas concordou brevemente. — Se você me falar que quer voltar para casa, que cansou dessas buscas, eu te levo de volta.

Aquilo a chocou, o que a fez erguer o rosto para o moreno, vendo que ele estava falando muito sério.

— Vocês vieram atrás de mim. Disseram que precisavam de mim... Vocês não precisam mais?

— Mais do que nunca — Kalon murmurou em um tom quase secreto, ele olhou para a janela do lado de fora, observando o vasto mundo que ainda esperava por eles. — Eu nunca perguntei se você queria vir com a gente, e talvez seja por essa razão que meu pai se desaponta tanto comigo, mas eu não consigo ser apenas um líder, após conhecer... — Ele travou e olhou para Devika com um sorriso. — Todos.

— Seu pai não está certo em absolutamente nada — Devika disse com firmeza. — E enquanto vocês estiverem nessa jornada, eu vou estar. Porque também não consigo ser apenas Devika, após conhecer vocês.

Ela queria ser A Salvadora, ser a luz da esperança para eles, porque eles não cobravam nada dela, e isso a fazia querer dar tudo que pudesse para ser quem eles mereciam.

— Então, você está bem mesmo?

Devika suspirou, de repente não querendo mentir e dizer apenas a resposta padrão, e com um murmúrio, confessou:

— Não. — Ela precisou olhar para Kalon, ao continuar. — Há muito tempo não.

Olhar aqueles olhos ametistas por longos segundos, quando ela estava sendo honesta sobre si mesma, se provou uma tarefa muito difícil. Devika pigarreou e sorriu, sem dar chance para ele falar algo.

— Vamos, os outros devem estar nos esperando.

E ela disparou pelo lado de fora, se xingando mentalmente por ter exposto mais do que o necessário. Não queria saber qual seria a reação de Kalon, o que ele teria a dizer poderia ser tanto tranquilizador, quanto destruidor, e o medo dessa resposta a manteve andando o mais rápido

possível. Escutou os passos de Kalon atrás de si um minuto mais tarde e virou-se para pará-lo.

— Kalon, não...

Sua voz cessou quando o moreno segurou em seu braço e com o outro, envolveu a sua cintura, apertando-a contra seu corpo. Kalon era puro músculo e força, e ainda assim, quando abaixou a cabeça para afundar o rosto em seu pescoço, um sentimento desconhecido passou por Devika.

Os braços dele eram firmes ao seu redor, trazendo uma sensação de segurança que travou a garganta da menina, e quando ela ergueu os braços para envolver a cintura dele, Kalon lhe apertou com ainda mais força, soltando um suspiro pesado.

Contudo, tudo se desfez, quando sons de passos se aproximaram deles, e Kalon se afastou relutante da menina.

— Conversamos depois — ele prometeu, a esperando acenar com a cabeça, antes de erguer o rosto para ver quem se aproximava, um sorriso animado apareceu em seus lábios. — Conrad! Finalmente você deu as caras.

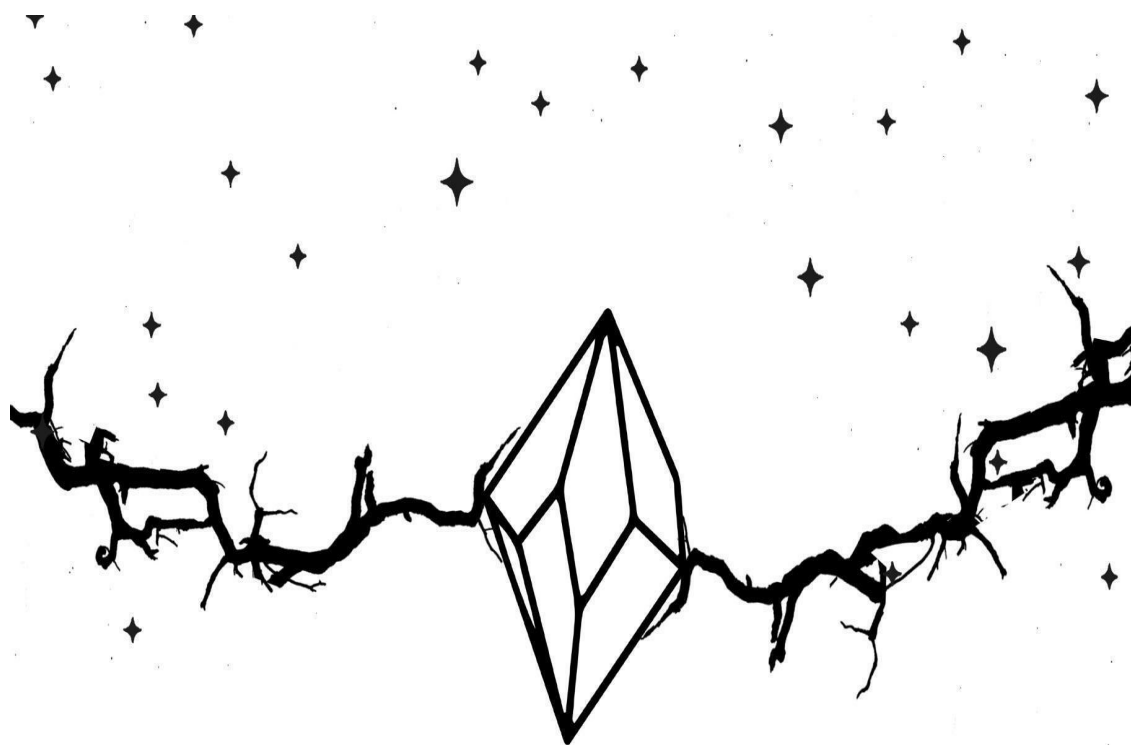
— E parece que você finalmente tem uma bela companhia além desses três.

A voz veio de trás de Devika, ela precisou de um segundo para se virar, ainda sentia o abraço de Kalon e o calor de seus olhos, mas isso era coisa de sua cabeça? Seu tom queria dizer que ele estava preocupado com ela?

Logo que se virou, encontrou um jovem homem, pouco mais velho que os meninos, com cabelos negros e olhos azuis, que assim que viram Devika, se arregalaram em choque.

Devika deu um passo para trás, esbarrando com força em Kalon, notou os olhares de todos sobre ela, estava sufocando, e quando Kalon ergueu a mão para tocar em seu ombro, Devika pulou para longe dele, em puro pavor.

Ao notar o olhar confuso do menino, ela não pensou direito, apenas murmurou uma licença e correu para o mais longe deles. Para o mais longe do jovem rei de Freyr, que poucos anos atrás, foi mais um que escolheu usar dos seus poderes a ajudá-la.



CAPÍTULO 24

Vazia.

Ela estava gelada.

Seu corpo desabou no chão no segundo em que entrou no quarto que usava, mas mesmo com as janelas abertas entrando aquele ar frio, mesmo com o enorme espaço. Devika se sentia presa.

Os pensamentos que assombravam sua mente eram completamente irracionais, e ainda assim, ela os sentia como se tivesse acontecido. Será que tudo não passou de uma armadilha? Ela foi trazida até ali para servir como arma para esse rei? Não é coincidência que eles já se encontraram antes?

Tentando se erguer do chão, derrubou o prato que Dareen trouxe para ela mais cedo e olhando seu reflexo, notou que seus olhos estavam negros e soltou um grito.

— Devika.

Quatro vozes. Vozes conhecidas pelas quais ela criou um carinho.

Era verdadeiro?

— Vão embora — mandou em voz baixa, sentiu as energias deles com mais força do que nunca quando se aproximaram mais e gritou: — **VÃO EMBORA!**

Eles não foram.

As janelas começaram a bater contra suas dobradiças com o vento forte que se formava, uma tempestade estava vindo, escurecendo todo o reino. Sons de coisas caindo no quarto vieram um após o outro, e o som em sua cabeça era ensurdecador, parecia que ela explodiria de dentro para fora e se encolheu, gritando mais uma vez ao segurar a cabeça.

— O que está acontecendo? — Ela ouviu a voz alta de Kalon, não sabia onde ele estava posicionado no quarto, onde nenhum deles estava.

— Eu... Acho que é a **Exaustão?**

— Mas ela não usou seus poderes desde que nos conheceu — Basilius lembrou.

Dareen não soube o que responder, e Devika finalmente abriu os olhos, os encarando com lágrimas escorrendo em desespero, se seus olhos estavam negros, ela ainda não sabia dizer e encontrou os quatro pares de olhos sobre ela, quatro guerreiros, e por um breve segundo, ela viu rachaduras em seus almas que revelavam mais do que Devika sabia.

E então, tudo escureceu.



Quando Devika desmaiou, tudo ficou silencioso.

Kalon não reagiu rápido o bastante, Soren foi o primeiro a se movimentar e tirá-la do chão, levando a loira até a cama, Bas se apressou a fechar as janelas, e Dareen se adiantou até Soren.

— Ela está queimando em febre.

Aquilo despertou Kalon, e ele correu até a garota adormecida. Ela estava respirando pesadamente, gotas de suor começavam a se acumular em sua testa, e seu rosto estava mais pálido do que nunca.

— Ela não usou os poderes. Está sobrecarregada com eles — o moreno murmurou, se ajoelhando ao lado dela. Estava na hora de agir como líder e ergueu o olhar para Dareen. — Precisamos de *Ataxaria*.

Aquela droga era algo usado por Descendentes com muitos poderes quando precisavam treinar equilíbrio ou usada para envenenar armas e atirar em inimigos, já que sua utilidade era absorver poderes.

— Certo, eu vou buscar. Ainda bem que estamos em Freyr, é o único lugar que realmente vende.

— Leve Bas — mandou Kalon, e não houve tempo para reclamação, quando os dois saíram do quarto.

Kalon suspirou, a preocupação muito ardente, enquanto olhava para Devika tão frágil naquela posição. Seu coração murchava, e ele tinha a sensação de que não voltaria a respirar até que ela estivesse bem novamente.

“Não. Há muito tempo não.”

Ele não sabia que palavras poderiam ter um efeito tão grande em si, mas ouvir a fragilidade e honestidade naquilo que Devika confessou... Erguendo a mão da menina, ele colocou em cima da sua, apertando com delicadeza quando sentiu a frieza.

— Kalon — chamou Soren, e por um segundo, ele tinha esquecido que o amigo estava lá. Quando ele ergueu o rosto para o arqueiro, notou que os olhos dourados dele mudaram de pensamento em um instante, e ele continuou: — Ela estava apavorada, por quê?

— É o que pretendo descobrir. — Havia violência em sua voz, só que ainda assim, ele não conseguia se afastar dela.

Não foi necessário, porque logo a porta do quarto foi aberta, e Conrad entrou por ela.

— Ela estava com medo por minha causa — confessou, os dois guerreiros o fulminaram com o olhar, esperando mais detalhes. — Há alguns dias senti que o contrato com o tio dela perdeu a força, então acho que não preciso temer contar.

— Contar. O. Quê? — A citação ao tio de Devika não ajudou Kalon a manter a calma, soltando a mão da menina, ele ficou de pé, dando um olhar de canto para Soren se manter por perto.

— Algo que você não sabe, Kalon, é que quando meu pai morreu, não foi a primeira vez. — O rei cruzou as mãos na frente do corpo, um tanto triste, e em qualquer outra hora, Kalon teria consolado o primo, mas agora ele estava em estado de alerta. — Abaddon reviveu o corpo do meu pai, acho que esperava manter o controle do reino dessa forma, mas eu não podia deixar, eu tinha que dar descanso ao meu pai e proteger o meu reino, e enquanto meus soldados pessoais procuravam por uma maneira, encontramos esse homem que dizia ter uma brilhante Sacerdotisa que usava do poder da luz, eu achei suspeito, mas fui lá mesmo assim. Mas... — Ele travou.

Kalon deu um passo para frente.

— Mas?

— Eu realmente não tinha noção que ela era quem vocês procuravam e eu estava desesperado. Eu vi que ela não queria fazer aquilo, não esperava que seu tio fosse tão cruel...

Sua voz desapareceu quando Kalon perdeu a compostura e avançou contra seu primo, o batendo com tanta força contra parede, que o quadro ao seu lado caiu no chão com um baque. As mãos de Kalon tremiam. Tremiam porque ele via em Devika tudo o que aqueles anos fizeram com ela e escutava repetidas vezes a confissão: “Não. Há muito tempo não”.

— Seu filho da puta! — Kalon prendeu o pescoço do primo com o antebraço, percebeu que o primo não queria revidar, se porque estava envergonhado ou sabia que não era páreo para Kalon, tanto fazia. O pai dele havia falecido fazia quatro anos. Quatro anos que ele sabia da existência de Devika. Devika que era uma jovem de dezesseis anos. Devika que escutou Kalon falando sobre o que passou quando tinha a mesma idade, e ainda assim, o consolou. — Você viu

uma garota aprisionada e não fez nada? Você sabia que estávamos procurando A Salvadora e não avisou para a gente?

— Eu não podia. Tive que assinar um contrato de sangue. Eu não tive escolha, Kalon.

Kalon o bateu novamente contra a parede.

— Sempre existe uma escolha.

Soren, que até então se mantinha calado, tocou no ombro do líder e falou apenas:

— Chega, Kal, precisamos focar em Devika agora.

Kalon olhou com raiva e desgosto para o primo, não era apenas por ter sido Devika – apesar de que no fundo sabia que a maior parte era exatamente por essa razão –, Kalon tinha prometido proteger os mais fracos, e anos antes de conhecer seus eternos companheiros de luta, a única pessoa da sua família que tratava Kalon bem quando estava por perto, era Conrad, seu primo mais velho, que ele um dia desejou ser igual.

Conrad deu um passo para trás, porém para surpresa dele e de Kalon, Soren acertou um soco em seu rosto, antes que ele saísse.

— E vamos embora assim que Devika acordar — o guerreiro negro falou, olhando de cima com os olhos dourados que estavam acesos.

O rei de Freyr não revidou e não disse mais nada ao sair do quarto. Ele poderia chamar toda sua guarda para atacá-los e prendê-los como vingança, chamar todos seus feiticeiros e queimá-los vivos. Só que ele não faria. E aquilo era o que deixava Kalon ainda mais triste.

Retornando para perto de Devika, Kalon puxou uma cadeira para sentar ao lado dela e torcer para que Dareen e Bas retornassem logo. Contudo, foi difícil ficar calado, sentindo o olhar pesado de Soren sobre ele.

— Fala logo.

— Você já parou pra pensar no que Devika significa para você?

Surpreso, Kalon mirou seu amigo.

— Ela significa... — Muita coisa, coisa demais para que ele pudesse nomear, sentimentos demais para que pudesse entender ou sequer merecer. — Eu...

Soren não o forçou a continuar.

— Eu vou buscar um pano com gelo para abaixar a febre. Volto logo.

Kalon concordou, desatento, observando Devika e conferindo sua respiração constante, se perguntando por que quando a viu pela primeira vez, sentiu como se toda sua vida fosse feita para aquele momento? Ele achava que era porque finalmente tinha encontrado A Salvadora, e com ela ao seu lado, eles estavam um passo mais perto de terminar essa guerra.

No entanto, se essa fosse a razão, por que queria levá-la para longe de tudo que a colocasse em perigo?



Devika acordou em alguma hora da manhã seguinte, notou que já era outro dia, porque os garotos estavam todos adormecidos ao seu redor, em cadeiras, poltronas ou sofá.

Tudo nela ainda doía, e a vontade de desaparecer ao lembrar-se de tudo que aconteceu era muito grande. O que será que eles pensavam sobre ela agora? A odiavam?

Ela supôs que seria muito fácil ser odiada. Não é como se estivesse fazendo por eles, o mesmo montante que faziam por ela.

Seu olhar caiu sobre Kalon, que dormia em uma cadeira ao seu lado, e um único pensamento a tomou, enquanto pegava no sono novamente: ele voltaria a abraçá-la como antes?

Quando acordou outra vez, percebeu que já tinha escurecido, e os garotos não estavam mais ao seu redor, respirando fundo e tentando organizar os pensamentos, ela sentiu duas energias por perto. Energias cujas as quais tinha passado tanto tempo ao lado, que sabia pertencerem a Kalon e Dareen.

Seu corpo estava dolorido, mas não tanto, a dor que estava sentindo esses dias tinha passado por completo, e sabia dever aquilo aos guerreiros. Se erguendo silenciosamente da cama, notou que a porta do quarto tinha uma fresta aberta, deixando a luz do corredor entrar, e sombras meio tortas apareciam também. Kalon e Dareen estavam então, bem em frente à porta, e Devika precisava saber o que tinha acontecido desde que apagou, estava se aproximando de lá, quando travou ao escutar seu nome.

— Não vamos falar sobre os olhos negros de Devika? — Dareen perguntou. — Temos que falar para ela o resto da profecia.

— Como? Devika precisa do nosso apoio agora, não de mais uma pressão em seus ombros. — Kalon parecia cansado, e Devika se sentiu muito mal ao ouvir o seu tom, porém continuou em silêncio, porque sabia que eles deixariam escapar a verdade. — **“Nem toda luz significa Salvação, e a Luz que protege pode se apagar, e aquilo que pode ser bom, também pode ser mau. Nem tudo pode ser luz, se A Salvadora não conseguir se salvar.”**

— Você sabe o que significa, tanto quanto eu, Kalon. Devika pode não ser aquela que salva, e sim aquela que destrói.

As palavras de Amadrya sobre o lado da profecia que as ninfas escutaram vieram em sua memória.

“Se as sombras vão tentá-la ou se a luz vai falar mais alto, cabe a ela escolher.”

Esse desejo muito real de se vingar, de destruir ou de desaparecer que Devika sentia muitas vezes, significava algo.

Tudo que eles falaram até então, foi mentira? Eles não estavam com ela porque queriam protegê-la, e sim por que estavam a vigiando? Todas as conversas e falas de carinho e encorajamento sobre eles terem sido feitos um para os outros era apenas tentando fazê-la confiar neles e nunca cair para o outro lado?

Uma sombra sentada no batente da janela chamou sua atenção, ao virar o rosto, lá estava aquela pantera, com os olhos dourados que pareciam saber exatamente o que Devika estava pensando.

Deve ter perdido alguma parte da conversa, porque o que ouviu em seguida, fez sua garganta travar.

— Você não sente medo? — perguntou Dareen.

E ela queria muito que a resposta que Kalon desse fosse qualquer outra, além da que ele deu:

— Sim. Muito.

Com isso, Devika não conseguia mais aguentar firme, todos seus pedaços quebraram, e ela voltou para cama, se encolhendo e esperando que o mundo desaparecesse.

Kalon entrou em seu quarto alguns minutos depois, a chamando pelo nome, quando ela não respondeu, o garoto se aproximou, apoiando as costas da mão em sua testa, e Devika usou toda sua força para não se encolher para longe, até que ele saiu do quarto.

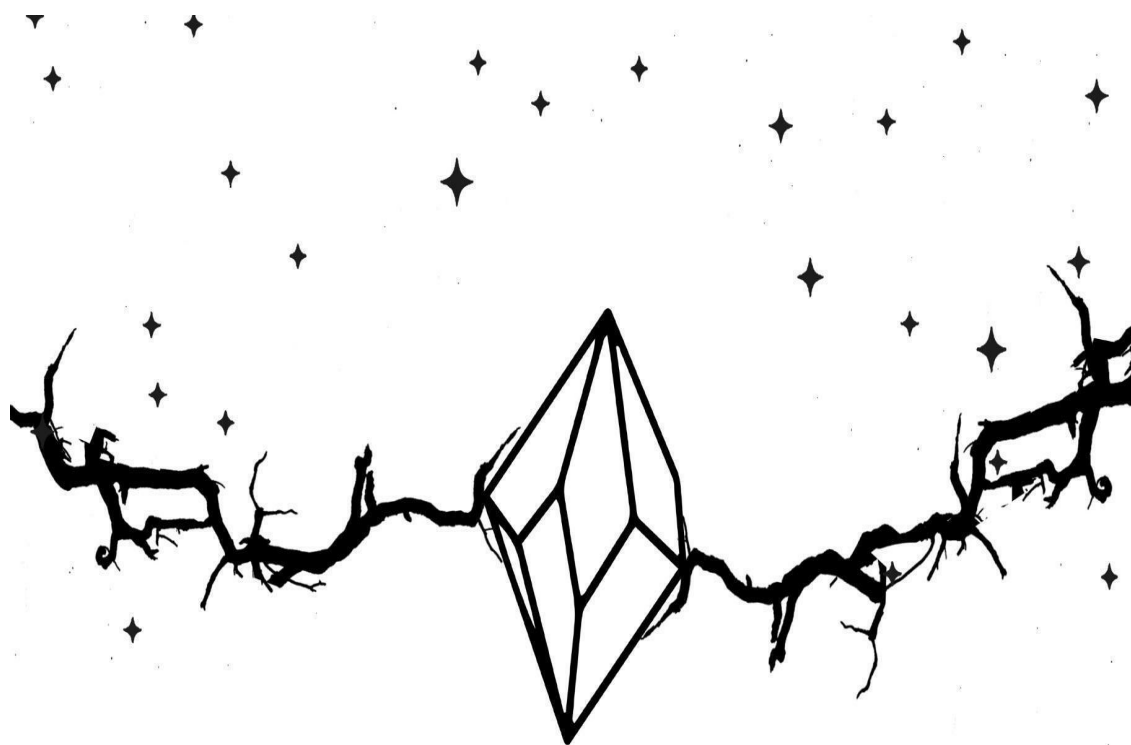
Assim que a porta se fechou, a pantera, que tinha se tornado uma com a noite, reapareceu para Devika, pulando para dentro do quarto e acompanhando os passos da loira, conforme ela tirava o vestido que usava, colocando um par de calças de sua bolsa. Ela conferiu se tudo que precisava estava lá dentro, e puxando um papel e tinta, escreveu rapidamente um recado, deixando no seu travesseiro.

Suspirando, olhou para a pantera.

— Vamos embora.

Montando no animal, que pareceu muito sólido e resistente assim que ela tocou nele, não olhou para trás, quando o felino pulou pela janela com ela agarrada em suas costas, a noite fria recebendo-a, sussurrando que estava esperando por ela, e nada deixado para trás, além de uma simples mensagem.

“Por favor, cuidem da minha família.”



CAPÍTULO 25

Novamente sozinha.

Zane, o nome que Devika deu para a pantera feita de sombras, parecia ter uma habilidade muito especial, que era não ser vista conforme corria pela cidade, era quase como se ela sugasse as sombras criadas pela noite para fazer seu próprio manto de invisibilidade, e enquanto estava montada no animal, o único pensamento que Devika passou para Zane, foi que a levasse para longe da capital do reino e para longe daqueles quatros garotos que Devika tinha considerado seus amigos.

Merda, era claro que ela ainda considerava, e por isso estava fugindo tão desesperadamente. Se eles tinham medo dela, se achavam que ela fosse se tornar tão má quanto o próprio Imperador Abaddon, então ela tinha que se afastar o máximo deles e de todos que amava, até se tornar apenas uma mancha na vida deles.

Estavam se aproximando de um vilarejo, onde apesar da hora, o som de música e festa estava vivo ainda. As chamas titubeavam acima das portas das casas e estalagens, a festa estava rolando no centro do vilarejo, e pessoas de variadas cores e formas dançavam, bebiam e

conversavam. Chutou que fossem Descendentes de algum tipo de ninfa ou qualquer que fosse a magia antiga que Abaddon expulsou do Império. Comunicando-se com o toque, para Zane parar de andar, o felino a esperou sair de cima dele e virou uma bola de fumaça minúscula, caindo nos braços de Devika em forma de um pequeno gato preto.

Ela sorriu.

— Acho que você quer vir comigo ainda.

Olhando ao redor da rua, seus olhos avistaram o que estava procurando, uma placa de hospedagem. Provavelmente a única. E andando até lá, notou que só havia uma senhora, quase dormindo atrás do balcão, porém assim que Devika deu dois tapinhas na madeira, a mulher acordou e sorriu.

— Vou adivinhar. Um quarto?

Devika sorriu, acenando com a cabeça.

— Você chegou bem no dia da celebração da deusa da lua, estão todos muito animados, mas por sorte ainda temos um quarto vago. O que faz uma mocinha como você sozinha por aqui a essa hora? Oh, um gatinho. Olá.

A senhora pareceu não ter freio, enquanto falava e examinava as chaves que sobravam para aluguel, apertando Zane em seus braços, Devika apenas continuou sorrindo, tentando não expressar nada além de simpatia, até ter as chaves em sua mão. A mulher continuou falando sobre como a lua era preciosa para aquele vilarejo, que pediam sempre bons sonhos todas as noites, e Devika mal teve como ser educada o suficiente, quando agradeceu e fechou a porta do pequeno quarto. Zane pulou de seus braços para a cama, e Devika suspirou, jogando a bolsa no chão e andando para a janela relativamente pequena, a fim de olhar a lua, que estava completamente cheia e bem amarela. Parecendo tão perto e tão longe, não pôde evitar lembrar-se de Kalon, que dizia que à noite seus poderes ficavam mais fortes, que tinha olhos da cor de sonhos, mas que tinha aquele sorriso que ofuscava mil sóis.

Devika queria proteger aquele sorriso.

Ela não tinha certeza do que faria agora, que estava sem eles. Talvez depois que resolvesse tudo, que encontrasse todas as outras chaves – caso sobrevivesse sozinha –, ela poderia voltar para sua família e eles, fazer o último passo, que era fechar os portais do submundo, e talvez assim, provar que tinha conseguido. Ela não era má. Não precisavam ter medo dela.

O único problema era que Devika tinha medo de si própria. Ela tinha medo do que podia sentir, tantos sentimentos que nunca vivenciou e começou a experimentar durante as últimas semanas com os quatro guerreiros a lembraram que estava viva e a lembraram também que ainda podia ser magoada, ainda podia sofrer.

Estava tão cansada de sofrer, que a melhor opção parecia ser esconder a sua existência do mundo.

E apesar de saber que eles estavam com medo dela, que esconderam informação essencial sobre quem ela era. Não conseguia sentir raiva deles, estava muito acostumada com a sensação de se sentir sozinha, se sentir como se não fosse nada para ninguém, como se não tivesse utilidade. A verdade é que Devika estava com o que deveria ser considerado um coração partido, entretanto os sentimentos foram verdadeiros, e sua lista muito pequena e exclusiva de pessoas com quem se importava tinha aumentado, quer ela quisesse ou não.

Ela seguiria em frente com o que prometeu, daria um jeito, não de salvar o mundo, mas de salvá-los.

Ela só esperava que a escuridão não viesse por ela antes disso.



Quando amanheceu, estava sozinha de novo, já que Zane havia desaparecido. Ao sentar na cama, encarando o quarto pequeno, e não ter nenhum sinal das vozes ou risadas dos garotos foi uma sensação muito estranha.

Decidiu pegar a bolsa de moedas bem pesada que Dareen tinha colocado para ela. Ele provavelmente colocou ali pensando em ela ter liberdade para fazer o que quisesse com dinheiro, e não fugir deles, porém conseguiria se manter durante um longo tempo, visto que a maioria das moedas eram de ouro. Julgou que deveria descobrir onde o labirinto que viu em sua visão ficava localizado, o vilarejo atual era tão frio quanto a capital do reino, e como o labirinto parecia ser algo coberto de gelo, deveria continuar viajando para o sul.

Será que os quatro já tinham notado seu sumiço? Já viram sua mensagem?

Se Devika fosse pensar muito neles, sentiria uma estranha dor em seu peito, avisando que ela tinha cometido um erro muito grande, mas essa dor era derrubada com sua própria voz dizendo que não aguentaria vê-los com medo dela.

Pegando suas coisas, ela desceu as escadas em busca da senhora que a atendeu no dia anterior. Viu que o restaurante estava cheio, várias pessoas que ficaram para a festa ontem estavam tomando seu café da manhã, e a mulher corria entre eles.

— Desculpa, com licença — pediu Devika, correndo atrás dela.

— Ah! Olá, querida. Dormiu bem?

— Dormi sim. A senhora poderia me dizer quão distante fica aqui do próximo vilarejo?

— Não muito, poucas horas andando, mais rápido a cavalo. Mas uma garota como você não deveria viajar sozinha.

Devika deu um sorriso curto.

— Não estou só. — Depositando uma moeda de prata na mesa, ela saiu do recinto, sendo recebida pelo sol frio.

Ela não sabia andar a cavalo, então teria que simplesmente andar a pé. O dia ainda estava no começo, e chutou que chegaria até o próximo local antes de escurecer, o que importava era se manter ativa e se afastando cada vez mais dos garotos. Devika sabia que eles não iriam imediatamente até o local da sua visão, os conhecia – ou achava que conhecia –, e estariam

focados em procurar por ela. Aquilo daria tempo o bastante para ela achar a nova chave e descobrir onde estava a próxima, e então, eles não teriam mais como saber onde ela ou as próximas estavam.

Deveria ficar feliz, certo? Contudo, não estava.

Aquilo era muito definitivo. Se ela seguisse em frente, não poderia reencontrar com eles durante um longo tempo, talvez nunca mais. E apesar de não ter medo do que pudesse acontecer com ela, tinha medo disso.

O rosto de Kalon veio à sua mente, a forma como ele sempre olhava para ela de uma maneira que parecia enxergar de verdade tudo que ela era, com cicatrizes e quebrada. Ele nunca jogou aquilo contra ela, nunca sequer perguntou mais do que Devika estava disposta a dizer, e pensou, pela primeira vez, que talvez Kalon fosse a pessoa a mostrar-lhe o caminho para a cura.

Para a felicidade.

Não, não podia pensar assim. Ele disse que estava com muito medo, e aquele menino já tinha passado por muito sofrimento para Devika acrescentar outro peso em suas costas.

Desatenta, percebeu que tinha deixado a cidade para trás, a estrada de terra e neve seguiam à frente por vários quilômetros, com nada além da natureza ao seu lado. Suspirando, pegou a fruta que tinha separado e mordeu, enquanto seguia em frente.



Devika já estava andando por uma hora sem parar, suas mãos estavam bem geladas, e ela queria muito se jogar no chão, e descansar um pouco, nem que fosse para calar os pensamentos em sua cabeça, que eram tão exaustivos quanto a caminhada solitária, pensamentos que repetiam que ela tinha saído de perto dos garotos por covardia, que os afastou porque ela sabia que não tinha nenhum valor. Por quê? Se a única coisa que acrescentava eram poderes que sequer tinha acesso e com o bônus de ainda se virar contra eles?

“Você só é útil por conta dos seus poderes.”

“Como alguém como você recebeu tal dom? Que desperdício.”

“Qualquer pessoa perto de você tem a felicidade tirada, minha querida sobrinha.”

Sons de cavalo se aproximando calaram seus pensamentos e chamaram sua atenção, olhando sutilmente para trás, notou que era apenas um cavalo com uma pessoa montada, saindo do meio da estrada, esperava que a pessoa seguisse caminho, mas notou a sombra que se formou do seu lado, quando o cavaleiro se aproximou.

Erguendo o rosto, Devika notou que na verdade, era cavaleira, uma mulher de longos cabelos negros, que emolduravam seu rosto pálido como a neve, uma franja cobria um de seus

olhos, e ela sorriu para Devika.

— Você parece cansada.

— Estou bem — Devika murmurou, continuando a andar, ela acompanhou seus passos.

— Veja, não posso deixar outra mulher sozinha aqui nessa estrada deserta. Me deixe te levar pelo menos até o próximo vilarejo.

Devika parou de andar e suspirou. Se essa mulher fosse acompanhá-la todo o caminho a cavalo, ela deveria, no mínimo, aproveitar e subir no cavalo com ela. Diminuiria horas em sua caminhada.

— Tudo bem, mas saiba que estou armada.

A mulher riu, erguendo a mão para ajudar Devika a montar.

— Não esperava menos — falou, fazendo menos força do que a loira esperava, quando segurou em suas mãos, a puxando. — Sou Phobos.

— Devika.

— Prazer, espero que possamos ser boas amigas.

Devika não deveria ter reclamado sobre seus pensamentos, sentia falta deles, enquanto escutava Phobos falar sem nenhuma pausa. Aparentemente, ela era uma espécie de mercenária e estava atrás da filha de algum nobre, porque a menina tinha se iludido com algum charlatão. Ou algo do tipo. Devika não prestou muita atenção, porque logo após Phobos continuou a falar sobre muita gente ter perdido a noção de como a noite dava medo, disse que Devika não foi a primeira pessoa andando sozinha em um lugar deserto.

— Em minha defesa — Devika finalmente comentou algo. — Eu sabia que chegaria ao próximo vilarejo antes de escurecer, acredite, tenho medo sim, do que o escuro pode trazer.

— Você é sábia então, Devika — a mulher comentou. — Pra onde vai, se posso perguntar?

Devika suspirou, já conseguia ver à distância, as casas se aproximando.

— É uma longa história — disse, e realmente era. — Estou procurando algo.

— Eu vou conferir o local, mas talvez você queira companhia, se vai continuar viajando? — Devika ficou em silêncio, não conhecia essa pessoa, e continuar viajando com ela poderia criar uma aproximação, e mais uma pessoa para ela se preocupar. — Se você quiser, claro. Eu vou estar por aqui, tenho certeza que vamos nos encontrar ainda hoje.

Devika desceu do cavalo e sorriu agradecida para ela.

— Obrigada, Phobos.

Olhando a mulher se afastar, desejou que pudesse confiar nela e seguir caminho até onde desse com uma nova amiga. Contudo, não poderia, já que não sabia o que seria o gatilho que a faria se tornar má, se estava decidido pelos deuses, e não teria como evitar aquilo.

No entanto, e se houvesse como? Se fosse escolha dela, poderia garantir que não iria acontecer, certo? Poderia retornar para...

Bufou.

Todos aqueles pensamentos eram inúteis e não mudavam o fato de que eles não só esconderam aquela informação dela, como também admitiriam que estava com medo. *Kalon* disse que estava com medo dela.

Por que ela tratava a si própria com tão pouco amor? Racionalmente, sabia que tinha exagerado e ainda dava tempo de voltar até eles, se explicar e conversar, e mesmo que eles admitissem, na sua frente, estarem com medo dela, sabia que poderiam resolver. Só que era tão assustador pensar em enfrentar seus pensamentos, era tão assustador pensar em descobrir se os quatro garotos a viam da mesma forma que ela via a si própria, que a melhor opção era fugir.

Devika não teve uma adolescência convencional, não estudou em um local com várias pessoas da sua idade ao seu redor, não teve um primeiro namorado e nem um baile de debutante, onde seu pai a apresentaria à sociedade. Ela foi esquecida pelo mundo.

Entretanto, olhando para a nova tatuagem em seu pulso, percebeu que não foi completamente esquecida, e sim, marcada como um gado, para se tornar a suposta Salvadora que apagaria as trevas do mundo. Que lutaria contra Abaddon. E Devika teve vontade de rir com aquele pensamento, porque ela não conseguia apagar as trevas nem de si mesma.

Soltando um suspiro, se direcionou para a pousada, que era basicamente uma casa com quatro quartos extras no andar de cima. Devika tomou um banho e saiu de lá prendendo os cabelos em um rabo de cavalo, assim que saiu do banheiro, notou que tinha acabado de anoitecer e que Zane estava deitado em sua cama em forma de pantera, as patas esticadas, e se ergueu quando viu Devika.

— Estava com saudades — Devika falou, andando até o animal, e ao tocar no pelo estranhamente sedoso, sentiu que Zane estava agradecido de uma forma que parecia que Devika tinha acabado de lhe oferecer muitos petiscos. — Você espera por mim? Vou pegar algo para comer, e podemos seguir viagem durante a noite. Você pode fazer aquela mágica de se esconder de novo.

Ela jurou que Zane ronronou e aceitou aquilo como um sim, enquanto saía do quarto.

Não era difícil descobrir qual dessas casas era o restaurante, visto que as portas estavam escancaradas, e o cheiro de algum cozido era forte e delicioso. Devika não tinha comido uma refeição decente desde o dia anterior e estava com muita fome. Entrando no local e sendo recebida por uma quentura gostosa, procurou uma mesa vazia e levou um pequeno susto quando alguém gritou seu nome.

Desviando da multidão de pessoas, avistou Phobos em uma mesa ao fundo, a mulher tinha uma refeição quente na sua frente, e uma garrafa de vinho ao seu lado. Devika se encaminhou até ela, sentando na cadeira vaga.

— Que bom que você ainda não foi embora — Phobos cumprimentou, erguendo uma mão para pedir ao garçom que trouxesse mais um prato e copo até a mesa. — Aqui foi um beco sem saída. — Ela cruzou as mãos debaixo do queixo e deixando a cabeça pender para o lado, deu um sorriso para Devika. — Mas sei que estou perto.

Uma sensação estranha apitou no fundo de sua cabeça, Devika sorriu, porém estava tentando sentir alguma energia de Phobos, sem sucesso. O prato de comida foi depositado na frente dela, e Phobos a serviu de vinho.

— Não gosto de álcool. — Devika deu um sorriso triste, lembrando-se dos garotos

completamente bêbados ao seu redor, rindo e fazendo bobagens. Lembrando de Kalon, encontrando com ela na praia tão vulnerável e bonito, e como aquela foi a primeira vez que ela chorou, não porque estavam lhe causando dor ou machucando as pessoas que amava, mas sim porque ela desejava curar as cicatrizes de outra pessoa.

— Vamos, beber sozinha é triste, e além disso, o vinho vai te aquecer.

Devika poderia recusar novamente, entretanto, Phobos parecia ser uma pessoa que continuaria empurrando a bebida até que ela aceitasse, e falar não várias vezes para as pessoas, às vezes era muito difícil e desgastante. E mesmo que no fundo ela soubesse ser errado fazer algo por pressão, Devika já não tinha energia para se impor o bastante.

Ao terminar a primeira taça, ela já não se sentia bem.

Na segunda, ela já estava tonta e falou para Phobos que não queria mais, porém a mulher ignorou, enchendo novamente.

— Me conte, Devika, qual seu maior medo?

— Medo?

— Sim, não falo apenas de medo de escuro ou de baratas, eu digo aquilo que te deixa acordada à noite. Talvez amar alguém e perder a pessoa?

Devika negou com a cabeça.

— Como amar alguém pode ser ruim? Seja o que o futuro aguarde, tudo que eu vivi com aquela pessoa foi real.

— Mesmo que não fosse para ela?

Devika parou de beber e comer, olhando seriamente para Phobos. Pensando seriamente na pergunta. Ela não sabia dizer se o que sentia pelos garotos era amor entre amigos, sabia que eles, de certa forma, a enganaram, mas cada lembrança que teve, foi real o bastante para Devika. A fez seguir em frente e viver coisas que nunca tinha vivido. Ela poderia estar magoada, de coração partido, contudo, as lembranças de tudo que aconteceu, existiam.

Não eram as boas lembranças que construíam o amor?

— Foi real para mim — murmurou Devika. — Eu tenho que continuar.

Ela ficou de pé e sentiu o mundo girar, apoiando a mão na mesa, Phobos gargalhou, andando até ela e a segurando.

— Vamos, te levo até onde está dormindo.

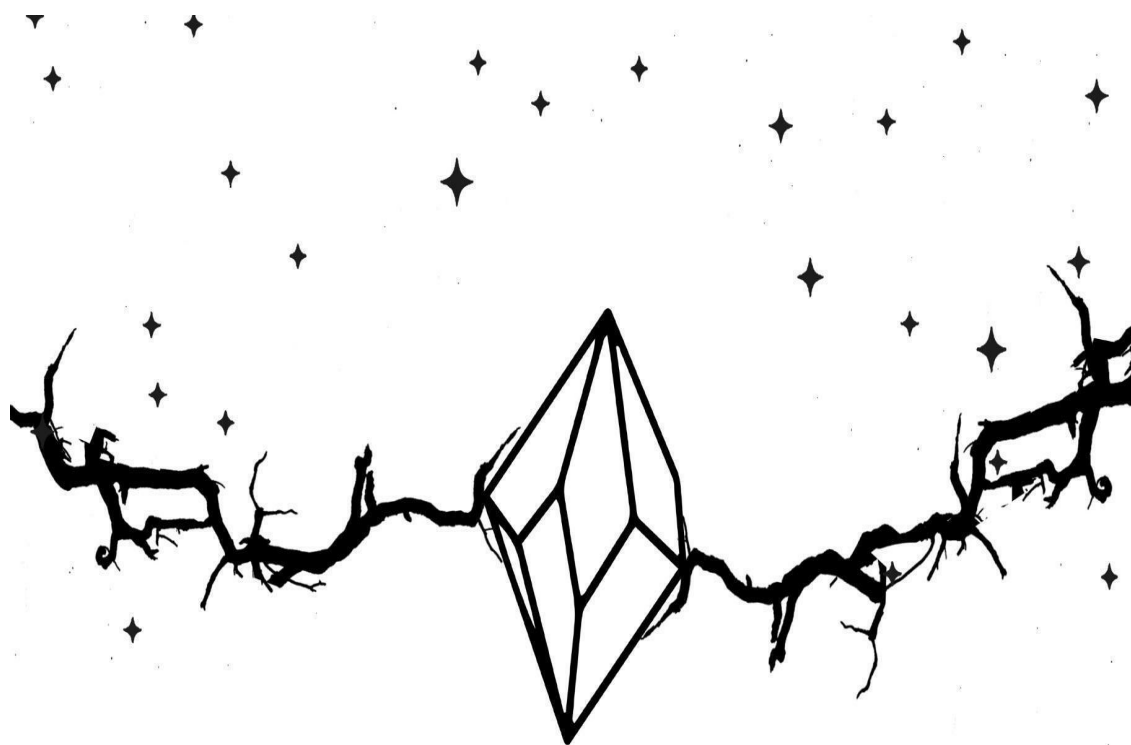
Devika queria recusar e acabou não falando nada com nada, achou que aceitar a ajuda de Phobos até seu quarto não seria um grande problema. Ela provavelmente teria que dormir essa noite e adiar sua viagem, mas tudo bem.

Entrando em seu quarto, que estava completamente escuro, Zane se mexeu, pulando para o chão, Devika esperou que Phobos fosse se assustar com o enorme animal, no entanto, foi Zane que rosnou furiosamente.

— Você tem uma sombra de estimação? — Phobos comentou, estalando o dedo e fazendo Zane virar sombra, e desaparecer no ar.

Devika arregalou os olhos e se afastou dela, cambaleando para trás, viu quando a luz natural da noite iluminou o rosto de Phobos, e a franja que cobria seu olho direito se ergueu,

revelando um globo vermelho. Devika não teve tempo sequer de reagir, antes de Phobos estalar os dedos, e ela cair desacordada no chão.



CAPÍTULO 26

Novamente, escuridão.

Kalon viu Basilius sair de dentro da pequena pousada, seu coração afundando quando não viu Devika ao seu lado.

— A dona pousada falou que alguém parecida com Devika saiu logo depois do café, estava a caminho do próximo vilarejo.

— Já está escuro, mesmo que viajemos a noite toda, não vamos alcançar Devika tão cedo — Dareen constatou o óbvio, ainda assim, Kalon ficou revoltado com ele.

— E você quer o quê? Que a gente vá dormir? — exclamou. — Eu não ligo que horas vamos chegar lá, temos que continuar.

Dareen e Bas se entreolharam, porém foi Soren quem disse:

— Kal, calma — falou, parando na frente do amigo. — Ninguém falou que vamos parar. Mas você precisa respirar.

Olhando para os companheiros, todos tão cansados quanto ele, lembrou de como entraram em pânico quando Basilius - que foi acordar Devika durante a manhã, para saber se ela se sentia melhor - voltou com uma mensagem dela e dizendo que ela tinha desaparecido.

Todos eles se arrumaram e reuniram-se em segundos, sem sequer despedirem-se de seu primo, foram até os portões de entrada do reino e perguntaram se viram alguém sair durante a madrugada. Recebendo uma resposta negativa, perceberam que Devika ainda deveria estar no reino e muito provavelmente a caminho da próxima chave. Sozinha.

Por quê? Por que ela tinha saído sem dizer nada? Deixando apenas um recado para que eles cuidassem de sua família? Será que o encontro com seu primo a apavorou a esse ponto? E pior, Kalon sequer queria pensar naquilo, mas será que Devika achava que eles a levaram para uma armadilha?

Se aquilo fosse verdade, quanta dor ela deveria estar sentindo, achando que foi traída?

Ele precisava achar Devika, dizer para ela que aquilo não era verdade. Certa vez, ao que parecia uma vida atrás, ele disse para Devika que gostaria de encontrar quem causou os machucados nela e fazer pior, e a raiva que sentia do seu primo agora... Mesmo que Conrad tivesse feito algo por conta do desespero, para proteger seu povo, e mesmo que Kalon soubesse que seu primo não era uma pessoa má. Ainda assim, ele privou Kalon de conhecer Devika há quatro anos, e quanta coisa não poderia ter mudado?

Onde eles estariam hoje em dia?

Talvez com uma relação de confiança forte o bastante para que Devika nunca precisasse fugir ou temer qualquer coisa vinda deles.

Kalon deixou esses pensamentos voarem para longe com o vento, enquanto os quatro guerreiros aceleravam seus cavalos em busca da amiga perdida.



Quando chegaram no vilarejo, já passava da meia-noite. Do lado de fora, havia bastante luz, a fim de manter os seres das sombras afastados. Kalon queria dizer para eles que só existia uma luz que poderia afastar esses seres, e era a luz de Devika, no entanto, achou que ter algum conforto era tudo que cada ser humano poderia esperar neste mundo cruel. Com tudo fechado, incluindo a pousada, eles não teriam como saber se Devika estava dentro de um quarto desses, adormecida ou tinha seguido viagem, cada vez mais perto do destino gélido deles.

— Daren. — Apenas o nome era o bastante para que seu amigo entendesse qual era ordem.

Pulando do cavalo, o ruivo seguiu para a porta da pousada e a destravando com rápidos

cliques, ele entrou silenciosamente na casa. Confiava no amigo para olhar de quarto em quarto, se precisasse.

— Kalon — exclamou Soren, o arco e flecha já mirando em algo que ele estava vendo. Olhando para o lado, viu que havia uma criatura das sombras tomando forma e se encaminhando para eles, Soren estava pronto para acertar uma flecha, quando os olhos de Kalon arregalaram, e ele pulou do cavalo.

— Esperem — mandou, correndo até a criatura que tomou forma de uma pantera de olhos dourados, foi o mesmo ser que tinha visto nos portões de Freyr. Que Devika tinha tocado. — Você está aqui com Devika?

O animal o observou com aqueles olhos dourados que pareciam saber muita coisa, ele ergueu a cabeça grande para trás dele e em seguida, olhou novamente para Kalon.

— Ele sabe onde Devika está — Basilius disse, chegando perto dele.

Kalon acenou com a cabeça e soltou um alto assobio, em questão de segundos, Dareen tinha se reencontrado com o grupo e olhava ao redor, atento.

— Mostre onde ela está.

A criatura deve ter entendido, porque não perdeu tempo e correu em direção à floresta escura que ladeava o vilarejo. Os quatro guerreiros seguiram para lá, concentrando energias em suas armas, que ganharam luz, iluminando o caminho, eles correram através de galhos caídos, animais noturnos e neve derretida, desacelerando o passo ao avistarem uma cabana abandonada. O teto estava quebrado, derrubando neve dentro da casa, as portas tortas também faziam pouco para manter o frio do lado de fora, havia uma única luz dentro de lá, fazendo sombras distorcidas saírem das janelas rachadas.

Eles deram mais alguns passos para perto, e através da janela, Kalon a viu.

Devika estava amarrada em uma cadeira, a cabeça pendia para o lado, mostrando que a menina não estava desperta, e os cabelos caíam em seu rosto, escondendo suas lindas feições. Kalon não pensou muito ao disparar para lá, mas no segundo seguinte, seu corpo foi arremessado com força para trás, batendo contra o tronco de uma árvore.

Os garotos ergueram as armas, e todos viram quando uma mulher de longos cabelos negros apareceu na porta da cabana. Um dos olhos vibrando na cor de sangue.

— Não achava que vocês fossem encontrá-la.

— Achou errado — Kalon cuspiu com raiva, se erguendo do chão. — Quem é você?

— Phobos, a deusa do medo — respondeu com um sorriso, dando um passo casual para mais perto deles. — E nossa querida Devika tem muitos deles. E são deliciosos. — Ela abriu os braços, tranquila e sem temê-los. — Quando Abaddon me mandou atrás dela, não achava que fosse encontrar uma fonte tão gostosa. — Phobos olhou para cada um deles. — Assim que eu terminar com ela, acho que vocês vão ser os próximos.

— Terminar com ela? — perguntou Soren, os nós de seus dedos estavam pálidos com a força que ele fazia para não liberar de uma vez a flecha.

— Ah sim, Devika se encontra adormecida. Revivendo cada um dos seus lindos pesadelos.

Kalon travou.

Lembrou das cicatrizes nos braços de Devika, aquelas que ela ainda escondia, o que seu primo disse que aconteceu quando a conheceu. Os pesadelos que ela não contava, e os sorrisos que dava, repetindo que estava tudo bem. De novo, e de novo, até...

“Não. Há muito tempo não.”

Ele avançou, e aquilo bastou para seus amigos seguirem seus passos.

Lutar, era muitas vezes parecido com dançar, quando você dançava há muito tempo com as mesmas pessoas, aprendia quando era hora de girar, segurar e avançar. Soren, Dareen e Bas eram como extensões dele. Kalon conseguia sentir o Poder de Basilius sobressaindo, o mais jovem deles não usava nenhuma arma, porque era ágil com as mãos, porque usava o medo dos inimigos contra si próprios, ele sentiu quando Bas escureceu o ar, criando terror em cima de Phobos para que ela recuasse e hesitasse sempre que usasse seu Poder, e quando o menino agarrou o braço da deusa, a jogando para longe da cabana, Kalon percebeu que estava funcionando.

Contudo, Phobos era uma deusa, ele sentia todos os impactos dos golpes com o triplo de força que normalmente sentia, suas espadas brilhavam e apagavam toda vez que o Poder obscuro da deusa era arremessado contra eles. Atrás deles, Soren jogava flecha após flecha sempre que um deles se afastava de Phobos, Dareen a agarrou por trás, fechando um braço ao redor do pescoço dela e erguendo uma adaga para atacá-la diretamente nos olhos, mas ela era forte, ao erguer uma mão e parar a arma no ar, enquanto lutava contra Dareen, Kalon atacou com sua espada, disparando um corte em sua barriga, girou sobre si para acertar outro corte, porém a mulher explodiu em pavor, jogando-os cada um para um lado diferente, escamas do seu Poder arranharam sua pele, e fizeram um corte em seu braço.

Todos eles pararam e se encararam.

Kalon olhou para Devika. Quanto tempo eles teriam até que fosse tarde demais? Sabia que seriam capazes de derrotar a deusa, eram quatro semideuses treinados desde crianças. No entanto, Devika não era.

— Vocês sequer sabem como matar um deus?

— Podemos testar com você. — Kalon sorriu de canto e disparou para ela novamente junto de seus amigos, ele acertou um corte na perna dela, mas para isso, teve que deixar sua própria perna exposta e recebeu um mesmo corte, Dareen rolou no chão, cuspidando sangue quando a deusa acertou um soco coberto de energia maligna em seu rosto, e Bas conseguiu derrubá-la e afastá-la dos amigos por tempo o bastante para que eles se recuperassem.

Phobos derrubou a árvore em que Soren estava com uma explosão de Poder perverso, o garoto rolou, pulando e caindo no chão, lascas de madeira cortaram seu rosto e rasgaram sua camisa, um tronco enorme voou na direção de Bas, que pulou com agilidade, porém a deusa o agarrou no ar, jogando-o longe e fazendo o Poder de Basilius vacilar, Kalon e Dareen foram para cima dela, cada um agarrando um braço e a puxando para trás, e para a surpresa deles, quando ela girou sobre os pés, entortando um braço de uma forma que não era possível, duas grandes bolas de energia foram jogadas contra cada um. Dareen desviou por pouco, e Kalon conseguiu parar com suas espadas, entretanto o Poder era muito forte, e ele não conseguia mandar de volta para ela. Acabou tendo que pular para o lado, deixando a bola explodir no ar, criando uma explosão de neve, terra e folhas ao redor deles.

Ela estava indo para cima novamente, sem esperar que os garotos tivessem tempo para se recuperar. Contudo, no mesmo segundo, uma adaga voou da escuridão, sem nenhum dono aparente, e acertou a deusa bem no pescoço. Kalon conseguiu ver uma gosma esverdeada na adaga. Veneno. A deusa segurou no pescoço, em choque, olhando ao redor para ver quem era, enquanto desabava no chão.

— Você achou mesmo que eu desistiria de encontrar minha amiga, *vadia*?

Saindo das sombras, uma jovem garota apareceu, suas calças estavam desgastadas e sujas. Sua camisa mal fechava direito, mas ela tinha um casaco pesado nos ombros. Os cachos emolduravam seu rosto bonito, e ela ergueu os olhos para os garotos.

— Aleena? — reconheceu Dareen.

— Vamos, eu não sei se ela vai morrer ou não, precisamos acordar Devika e sair daqui urgentemente.

Kalon não precisava saber porque ela estava lá, o que tinha acontecido ou se Phobos foi mesmo derrotada, tudo que ele precisava era ter Devika em seus braços, e foi com esse pensamento que ele correu direto para a cabana, arrombando a porta com força e ajoelhando em frente à menina. Seus amigos vieram logo atrás, Dareen pegou sua adaga para cortar as amarras que envolviam Devika, e a loira caiu para o lado como uma boneca de pano.

Kalon a segurou em seu colo.

— Eu espero muito que algum de vocês tenha a habilidade de entrar na mente das pessoas — Aleena falou, se ajoelhando do outro lado de Devika, ela ergueu os olhos instantaneamente para os garotos e estalou os dedos. — Agora! Eu não vou perder minha amiga, quando demorei tanto para encontrá-la.

— O que eu faço? — perguntou Kalon.

— A mente de Devika deve estar na mansão do tio, eu conheço lá. Leve nossas consciências para dentro da mente dela, e vamos tirá-la de lá.

Kalon hesitou. Entrar na mente de Devika era algo muito parecido com ele ter entrado na mente de outras pessoas, modificando seus pensamentos e sentimentos, ele não poderia fazer aquilo com Devika.

— Acorda! — gritou Aleena, dando um belo tapa no rosto de Kalon, seus amigos exclamaram em choque. — Pare de pensar e faça agora mesmo.

Olhando para os amigos novamente, viu o olhar deles cheio de confiança nele, e Soren acenou com a cabeça, assentindo.

— Traga Devika de volta.



Estavam em um grande corredor de uma casa que parecia pertencer a um nobre. As tochas na parede clareavam o caminho e revelavam para Kalon que não havia pessoas por perto, de longe, ele viu dois guardas fazendo uma ronda de forma tranquila.

Contudo, um quarto chamou sua atenção, porque a porta era de ferro, não de madeira como o resto, uma tranca pesada do lado de fora.

— O quarto de Devika — comentou Aleena ao seu lado, baixinho, Kalon notou que ela estava com uma roupa de empregada, os cachos bem arrumados, e achou que na mente de Devika, fazia sentido Aleena tomar o papel que sempre teve. Ele, no entanto, parecia estar vestido com as roupas dos guardas que ele viu de longe. Odiou aquilo. — Eu não sei exatamente em quando estamos, precisamos conferir se ela está no quarto.

Kalon assentiu com a cabeça, e os dois se aproximaram da porta, Aleena sacudiu os bolsos e encontrou a chave, abrindo a porta.

O quarto estava totalmente escuro, mas assim que a porta foi aberta, a luz que entrou era o suficiente para ele observar ao redor. Havia uma estante com livros e uma pequena mesa em um canto, nada mais além disso, até chegar à cama no outro canto e a um baú, que deveria estar com as roupas de Devika. Tinha um pequeno banheiro no canto do quarto, porém a única fonte de luz era a janela minúscula, alta o bastante para que Devika não conseguisse alcançar.

— Ah, não! — Aleena exclamou, olhando para ela, Kalon viu que a menina colocou a mão ao redor da boca e olhava em uma direção, um pequeno movimento, e Kalon notou.

Devika.

Ela era uma criança. O rosto jovem demais estava enrugado de dor, os olhos fechados bem apertados, e o vestido grudava em suas costas cobertas de sangue.

Kalon paralisou. Seus olhos em completo choque, enquanto observava a garota e todo aquele sangue, e ele nunca se sentiu tão inútil como agora.

— Dev. — Aleena correu até ela, se ajoelhando na sua frente. — Devika, acorda, sou eu.

Devika gemeu e sussurrou, naquela voz frágil de criança.

— Lena?

Aleena puxou algo do bolso, como se soubesse que estava lá, uma tesoura, e começou a cortar a roupa, ela sussurrou para Kalon:

— Essa foi a primeira surra que seu tio deu nela — explicou, a voz embargada. — Devika tinha treze anos, ainda esperava que o pai retornasse, quando Henrick colocou sua mãe sobre aquele feitiço adormecido. Mais tarde, naquele mesmo dia, ele entrou no quarto de Devika com

um chicote em mãos e completamente bêbado, e...

Ela não conseguiu falar o resto, e Kalon achou bom, pois não conseguiria ouvir. Olhando para a pequena garota, suas mãos tremiam de raiva e dor, ele imaginou que se aquilo não fossem apenas as memórias de Devika, se estivesse em frente ao tio dela pessoalmente... Ele o mataria. Fácil assim e sem piedade.

— Temos que acordá-la. — Kalon pigarreou.

Ao som da sua voz, Devika abriu os olhos com dificuldade e notou Kalon parado sob a soleira da porta. A menina gemeu de dor, se mexendo muito e começou a chorar.

— Não, não.

— Devika, sou eu. Kalon. Você precisa se lembrar. — Kalon se movimentou para perto dela, as mãos erguidas.

Entretanto, o quarto começou a se desfazer, conforme Devika soltava pequenos gritos roucos de dor, Aleena tentou tocar nela, apenas para perceber que a menina tinha se tornado translúcida, e o quarto todo se desfez, como tinta caindo em uma tela.

Kalon apenas piscou e de repente, estava em uma sala maior. Era um grande escritório com várias poltronas e uma lareira, havia muitos homens e mulheres ao redor da sala, vestidos com roupas sociais e segurando taças ou garrafas de bebidas, seus rostos, no entanto, eram irreconhecíveis, como se para Devika tudo não passasse de um borrão ou ela apenas não lembrasse o bastante. Ele e Aleena apareceram em um canto da festa, quase escondidos, como se fossem apenas mais um na multidão. A porta da sala foi aberta, e aquele que deveria ser o tio de Devika, porque era o único que tinha realmente um rosto, entrou, arrastando uma Devika ainda muito jovem pelos braços, ele a jogou no chão e gritou para os presentes:

— Com vocês: a atração principal. — Ele olhou para Devika com desprezo. — Vamos, faça sua mágica.

Devika olhou para ele, apesar de Kalon notar que suas mãos tremiam levemente, ela manteve o olhar desafiador erguido. Seu tio ergueu a mão para ela, e Kalon não pensou, apenas agiu, avançando pela festa e segurando a mão do homem com força.

Devika o encarou, tão jovem a menina estava, ela piscou suavemente, surpresa que algo assim tivesse acontecido.

— Olá. — Kalon sorriu para ela. — Por que não levanta do chão?

Devika não se ergueu de imediato, mas Aleena andou até a amiga, colocando-a de pé com delicadeza.

— Estava com saudades — sussurrou, abraçando a versão mais jovem de Devika, que pareceu muito confusa com o que estava acontecendo.

— Que diabos vocês estão fazendo? Saiam da minha frente! — o tio de Devika gritou, e Kalon tentou controlar sua raiva, aquilo não era real, porém se era tudo que teria por enquanto, seria o bastante.

Soltando o braço do homem, acertou um soco no seu estômago e em seguida, o segurou pelo pescoço, o arremessando para longe de Devika, contra a parede e no meio daqueles convidados, tão nojentos quanto ele.

— O que vocês estão fazendo? — Devika sussurrou. — Aleena, quem é ele? Você sabe

que meu tio vai se vingar de mim, não podemos...

— Dev. — Aleena apertou suas mãos, chamando a atenção dela. — Você está dormindo. Presa. Esse dia já passou há muito tempo, não se lembra disso?

— Eu... — Ela engasgou, observando Kalon, e ele conseguia ver o esforço que ela estava fazendo, enquanto lutava contra lembranças e realidade. — Kalon?

— Estava procurando por você. — As palavras, as primeiras que ele falou para ela, saíram em um tom muito diferente do que Kalon esperava. Não tinha humor, nem calma, era urgente e saudoso, e quando seus olhos encontraram os de Devika, notou que estava sentindo as mesmas emoções confusas. — Por que você fugiu, Devika?

— Não temos tempo para explicação agora — Aleena cortou ambos, lançando um olhar desconfiado para Kalon. — Devika, temos que sair daqui, ok?

A loira ainda parecia confusa, mas parecia confiar o bastante na amiga para concordar com ela e segurando em sua mão, seguiram para a porta, no entanto, antes que saíssem, ouviram um choro de uma criança, e Devika virou o rosto para trás ao mesmo tempo que eles. Na frente de seu tio, uma menininha com seus quatro ou cinco anos chorava muito, e mesmo com o rostinho de bebê, Kalon reconheceu Edlynne.

— Se você sair por essa porta, quem vai pagar vai ser ela — ameaçou seu tio.

— Dev, não o escute. Edlynne está bem. — Aleena tentou puxar a mão da amiga, porém Devika já tinha recuado, com uma expressão de tristeza e desistência.

— Devika — chamou Kalon, segurando no braço dela.

Ela se encolheu para longe e fechou os olhos.

— Vão embora.

A cena se desfez novamente diante de seus olhos, Devika se afastava dele outra vez. Foi o que ela fez, não é? Quando fugiu, estava com medo, estava se afastando porque temia que coisas como aquela fossem acontecer de novo. Ser um brinquedo na mão dos outros.

Eles estavam de volta no quarto dela, Devika não estava no quarto, mas a porta do banheiro estava aberta. Uma pequena vela iluminava o cômodo, e a sombra de Devika os alcançava, assim como seu choro sufocado e doloroso. Kalon sentiu tudo dele se quebrar com aquilo. Faria qualquer coisa para que ela não precisasse sofrer, entretanto, nada ele podia fazer sobre algo que já tinha acontecido, e aquilo parecia uma tortura. Enquanto se aproximavam dela, que ainda não os tinha notado, Kalon viu algo brilhante em sua mão, e quando a luz do lado de fora bateu em seu rosto coberto de lágrimas, ele viu Devika erguer o objeto cortante em direção ao seu pescoço, conforme um choro desesperado escapava dos seus lábios.

O mundo de Kalon pareceu desabar, quando ele percebeu até onde o desespero vivido por Devika chegou.

— Não. — Ele não soube como sua voz saiu tão fraca, quando sentia estar gritando por dentro.

Devika finalmente os notou, parecia mais velha, talvez dezessete anos. As lágrimas escorriam pelo seu rosto angelical, e o olhar prateado estava completamente exausto.

— Dev! — Soluçou Aleena, dando um passo para ela, Devika deu outro para trás, ainda com a faca contra o pescoço. — Eu não sabia que você tentou... Você nunca me contou, por

quê?

— O que você poderia fazer, Lena? Eu não queria te dar o pensamento de que eu poderia ser salva — Devika murmurou com a voz firme, a consciência parecia estar meio ciente do que estava acontecendo. — Eu não tenho salvação.

— Como você ousa dizer uma coisa dessas? — Aleena exclamou. — O que seria de mim sem você? Minha melhor amiga! O que seria de sua família?

— E foi por causa disso que eu desisti de seguir em frente — ela confessou, as mãos tremendo fizeram um pequeno corte em seu pescoço, Kalon viu a gota de sangue escorrer pelo seu pescoço, parecendo uma ilusão. — Mas eu deveria ter seguido em frente, se eu soubesse... Se eu soubesse que minha escuridão poderia destruir tudo, teria feito.

Foi então que Kalon entendeu.

— Você escutou.

Os olhos de Devika focaram-se nele, e Kalon se perguntou como algo tão triste, poderia ser tão bonito?

— Você tem medo de mim.

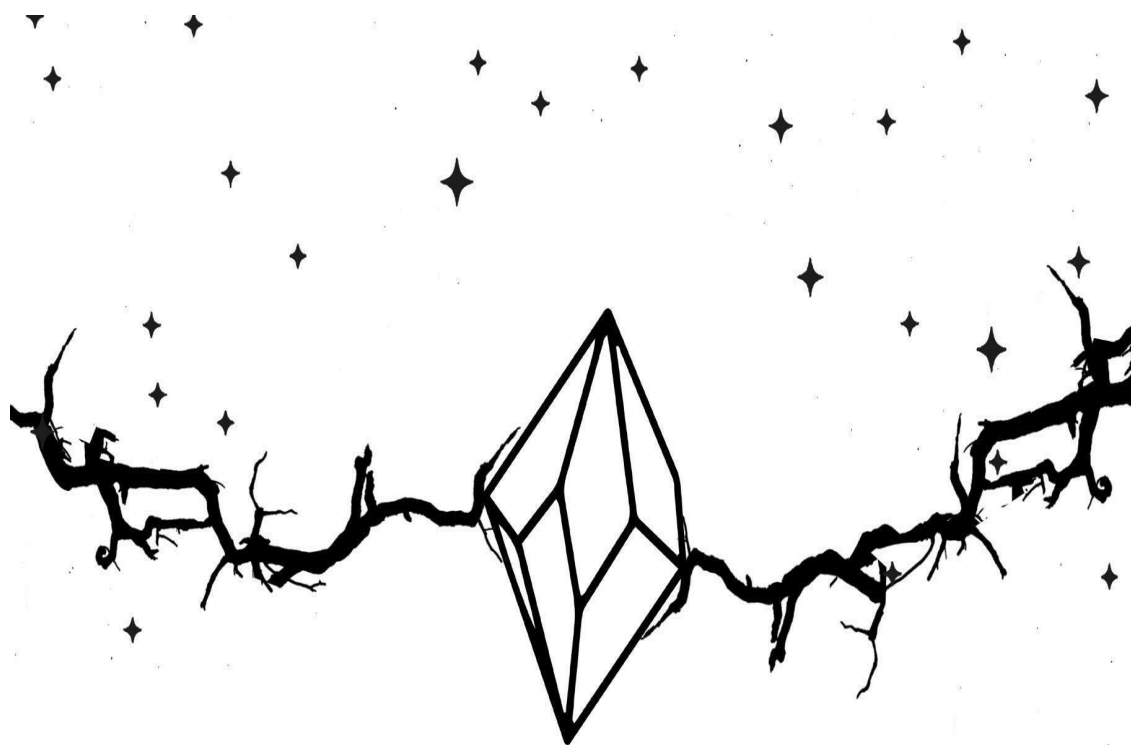
A conversa que teve com Dareen voltou à sua memória, tentando saber em que momento tinha dado a entender que tinha medo dela, e lembrou-se da pergunta de Dareen sobre ele ter medo do que os aguardava, e ele respondeu:

“— Sim. Muito. — O olhar desafiador de Dareen sobre ele, tirou o resto da verdade que ele guardava. — Tenho medo de falhar com Devika.”

Olhando para a menina na sua frente, como ela parecia mais velha, mais como a versão que ele conhecia no presente, pensou em como ela deve ter se sentido, achando que eles tinham medo dela, do que poderia acontecer. Devika não conhecia a verdade? Que ela tinha criado raízes em sua alma, de uma forma que ele era completamente submisso a ela, que mesmo se aquela profecia fosse se realizar, e ela se tornasse qualquer coisa perto de destruir o mundo... Kalon o destruiria com ela, antes de pensar em destruí-la.

Ele ergueu a mão para poder tocá-la, mostrar que ele era real e tentar alcançá-la com seus sentimentos, de alguma maneira.

Contudo, Devika desapareceu novamente, como uma sombra que nunca, de fato, existiu.



CAPÍTULO 27

Marcada pelos deuses.

Ela estava presa novamente.

Como tinha vindo parar aqui de novo? O mundo do lado de fora clamava por ela. Devika lembrava de sorrisos e pessoas que a receberam de braços abertos, mas então os rostos deles se borravam como neve derretida, e a única coisa que sobrava eram os olhares assustados direcionados a ela.

Ela não suportaria esses olhares novamente.

As paredes fechavam ao seu redor, enquanto o único som que se ouvia eram seus joelhos batendo no chão ao cair. A luz vinha da única janela do quarto, o qual ela conhecia tão bem, e seus olhos miravam os dedos de suas mãos sem realmente focar em nada, sentindo o chão frio e o vento gelado.

— Por que todos eles têm medo de você, minha querida?

A voz veio de um canto escuro da parede, as sombras pareciam brincar naquela

escuridão, e seu peito se apertava ainda mais ao pensar que elas estavam em busca de cobrir cada pedaço da sua alma.

Era isso que aconteceria, não é? Devika sabia que não era forte o bastante, sabia que agora que não tinha que se preocupar com a segurança de sua família e era responsável apenas por si mesma, a melhor escolha que poderia tomar era terminar o que tentou anos atrás.

— Quem é você? — foi com sacrifício que aquela pergunta saiu de seus lábios, quando sua garganta parecia arranhada, como se ela gritasse há horas.

E ninguém lhe ouvia.

— Você esqueceu a voz do seu pai, criança? — A criatura das sombras saiu de lá, e a garota ergueu o rosto, para se deparar com aquele sorriso dourado que tanto sonhou em reencontrar.

— Pai?

Ele aumentou o sorriso e abriu os braços para ela ir até ele, letárgica, ela se ergueu aos poucos do chão, seus joelhos tremiam, como se para segurar-lhe no lugar.

Então veio a voz, chamando seu nome.

— Devika!

Tudo parou com aquele som que ela reconhecia tão bem, seus movimentos antes lentos, agiram rápido quando seu corpo virou parcialmente para a porta, desejando que aquele som fosse real.

— Devika! — a voz repetiu, desesperada e urgente, os punhos socando a porta de ferro do seu quarto como se pudesse atravessá-la com a própria força. Seu nome sendo chamado por ele, ela sabia quem ele era... Quem?

Alguém que tinha medo dela?

— Você não precisa dar atenção a ninguém mais, não precisa de ajuda, eu estou aqui agora, minha filha.

A pessoa do lado de fora deve ter escutado aquilo, porque o rugido de agonia foi muito real, seus socos ficaram mais urgentes, de uma maneira que Devika conseguia visualizar aquelas mãos fortes se machucando, o sangue escorrendo, e ele não se preocupando com aquilo, porque o foco era chegar até ela. Aquilo fez algo dentro de Devika tremer e reagir.

Ele veio atrás dela, porque não estava com medo. Por que *precisava dela*? Ou porque *queria* protegê-la?

Conseguia ver o sorriso brilhante e aquecido dele. Várias vezes, desde que o conheceu, se pegou pensando que ele era sol e beleza, enquanto ela era apenas tempestade e escuridão. Deveria se manter longe dele para não destruir aquilo.

— Devika, abra a porta, por favor — a voz sussurrou, como se ecoasse dentro dela mesma.

— Por quê? — ela soprou, via de canto de olho seu pai se aproximando.

— Porque *sem você*, eu não tenho *razão* para voltar. — Sua sincera confissão quebrou algo dentro de si, e ela deu aquele primeiro passo, para que, de alguma forma, conseguisse responder a ele.

Kalon.

Kalon que a encontrou na escuridão da floresta. Kalon que, mesmo aos pedaços, confessou segredos para ela ao som do mar. Kalon que não queria que Devika se machucasse e ainda assim, aceitou sua vontade de cair em um penhasco com ele. Kalon, que queimando de febre e fraco, acordou e a primeira coisa que fez, foi procurar por ela.

E ela, que ao acordar, a primeira coisa que fez, foi procurar por ele.

Quando deu um passo em direção à porta, seu pai agarrou seus braços, suas sombras lembrando-a de onde ela vinha.

A dor veio de dentro dela, o peso do seu corpo a levou ao chão. Tudo em sua vida foi imposto a ela, de uma forma que cada respiração que dava, era controlada e pensada. Precisava sobreviver e proteger. Sofrer e não reagir. Escutar e não responder.

Se esconder.

Contudo, ao olhar para a porta, a luz ametista que vinha de lá clareando seu mundo, pensou que Kalon sempre sorriu para ela, enquanto escondia tudo que sofria dentro dele. Pensou em Dareen, Bas e Soren recebendo-a daquela maneira que você recebia um amigo precioso e de quem sentia muita falta. Eles nunca pediram para ela se esconder.

E imaginar a dor que os faria passar se desaparecesse, era demais para ela. Precisava reagir.

E foi nessa hora, que a luz mais brilhante estourou, pronta para iluminar o mundo.



Quando Devika abriu os olhos, a primeira coisa que viu foram aqueles lindos olhos violetas a observando atentamente. Kalon parecia exausto, mas assim que a viu acordar, o sorriso mais lindo de todos apareceu em seus lábios.

— Bem-vinda de volta.

Devika retribuiu o sorriso, poderia ter perdido horas sentindo os braços de Kalon ao seu redor, seu peito contra sua bochecha, e o som de seu coração batendo era uma música calma para Devika.

— Dev — um grito conhecido, e um par de mãos puxou a menina para outro corpo, Devika franziu a testa, se afastando tempo o bastante para reconhecer a amiga.

— Aleena?

Aleena deu aquele sorriso que só ela sabia dar, e Devika engasgou, sem acreditar que sua amiga estava mesmo ali, na sua frente. Viva.

Tantas cenas vieram em sua mente naquele milésimo de segundo, a saudade que ela sentia de sua irmã de alma, que a protegeu e a acolheu sempre que necessário. A garota que encorajava Devika a sonhar com um futuro melhor, mesmo que também estivesse presa com ela naquele lugar.

E agora as duas estavam ali, no mundo de fora. Sujas e suadas.

Mas livres e juntas.

Devika viu em sua memória, duas garotas de quatorze anos deitadas juntas em uma cabana feita de cobertas, a vela no meio delas, enquanto um livro com desenhos de lugares do reino estava na frente de ambas, e as duas apontavam para vários lugares, prometendo que um dia viajariam juntas para lá.

Aquilo não podia ser falso, todos seus sonhos eram pesadelos, e aquilo era a mais bela realidade, e quando Aleena encostou sua testa na dela e sussurrou um: “Eu recebi sua carta”, Devika jogou os braços ao redor dela, afundando o rosto nos cachos pesados.

Aleena riu em meio às lágrimas, quando quase caiu para trás, nenhuma das duas ligou muito para a plateia ao seu redor, e a garota se afastou para observar o rosto de Aleena.

— O que aconteceu com você?

Aleena deu de ombros.

— Uma vaca que se chama de deusa achou que me caçar fosse levá-la até você, eu demorei muito até conseguir despistá-la.

— Phobos? — Devika perguntou, olhando de Aleena para Kalon, que acenou com a cabeça. — O que aconteceu?

— Você vai receber uma bronca muito em breve, é o que aconteceu. — Ao ouvir a voz de Bas, se afastou de Aleena apenas um pouco, para encarar os outros três meninos, todos ao seu redor com expressões de alívio puro. Sua pequena família que foi criada.

Olhou novamente para Aleena e apertando a mão dela, soltou um soluço, deixando lágrimas silenciosas caírem.

— Eu estava brincando! — Bas falou em pânico, e Devika soltou uma risada anasalada.

Ela não conseguia dizer que não era aquilo, mas sim que ela estava, de alguma forma... *Feliz*. Talvez esse não fosse o melhor adjetivo, só que Devika não podia acreditar que estava novamente com aqueles garotos e que Aleena estava viva, e firme, segurando sua mão com força e entendendo, como sempre, de onde vinham as lágrimas de sua melhor amiga.

— Que belo reencontro.

Os garotos viraram agilmente para a porta, armas em mãos, Aleena e Kalon ajudaram Devika a ficar de pé, cada um segurando um braço dela, e mantiveram as mãos perto da menina. Devika não pôde deixar de notar como Kalon respirava pesadamente, o rosto um tanto pálido.

Ele estava gravemente machucado?

— Pelo amor dos deuses, você não morre? — exclamou Aleena com raiva, na mão que não segurava Devika, apareceu uma adaga. — Ela destruiu a casa do seu tio, o que foi bem legal, apesar de eu pretender fazer o mesmo. Desculpa, Dev, eu não podia deixar seu tio sair livre, mas aí, ela começou a me caçar! Que deusa chata! — Devika apertou a mão de Aleena, para lembrar que as duas estavam novamente juntas. — Tive que me fingir de morta para ela me deixar em paz!

— Aparentemente, vou ter que te ensinar melhor, já que não está. — Phobos pigarreou,

passando a mão na garganta, marcas de sangue seco estavam presentes no pescoço. — Aquilo doeu.

Ela entrou na cabana e deu um passo para perto deles.

Tudo aconteceu ao mesmo tempo.

Soren soltou uma flecha dourada direto na cabeça de Phobos, e ela lançou chamas vermelhas na direção deles. Os meninos foram um para cada lado da sala, e Kalon empurrou Devika e Aleena para trás.

— Se escondam — mandou urgentemente.

Aleena puxou Devika consigo, e foram para o fundo da sala, atrás de uma mesa caída, Kalon iluminou suas espadas com sua cor, porém Devika percebeu que elas estavam falhando, quando ele avançou contra Phobos. A deusa tinha um braço erguido coberto por chamas vermelhas, que usou como espada enquanto trocava faíscas com Kalon.

Eles batiam e desviavam, rodavam em círculo tão rapidamente, que era difícil conseguir observar seus passos. Basilius ergueu as mãos, e Devika conseguia escutar uma nota musical percorrer o ar, quando Phobos travou, colocando as mãos nos ouvidos e deixando sua guarda aberta para que Soren atirasse uma flecha em suas costas. Kalon pulou para longe bem a tempo da deusa cambalear para frente, e Devika viu quando Dareen pulou para lá, ao lado de Kalon, segurando-o pelos braços.

— Ele está bem? — murmurou Aleena, o olhar atento dizia que ela queria ajudá-los de alguma forma, mas mesmo que ela fosse muito boa com a adaga, não seria de ajuda em uma luta onde poderes brilhavam e eram trocados como socos.

O braço de Devika esquentou, uma ardência estranha, que não queimava, entretanto era o bastante para chamar sua atenção.

Olhando para a marca em seu pulso, notou que os desenhos pareciam vibrar na sua pele, o diamante, que era a estrela da marca, pulsou uma, duas vezes, naquela luz pura dourada que Devika reconhecia desde que tinha nascido.

Os deuses haviam jogado com sua vida, a marcaram para que fosse A Salvadora, mas os deuses também davam. Eles tinham que ser equilibrados e justos, e também a marcaram como aquela que poderia destruir.

Seja o que futuro reservasse.

E mesmo que os deuses a tivessem marcado, a partir de hoje, ela faria suas próprias escolhas e protegeria as pessoas que estavam ali ao seu lado.

— Se proteja — sussurrou Devika para a amiga, Aleena agarrou seu braço, quando ela começou a se mexer, e a loira deu um sorriso firme para ela. — Está na hora de eu usar o meu poder com o que quero.

Aleena não precisou mais do que aquilo para compreender. Soltando seu braço, deu apenas um aceno duro com a cabeça.

Devika deixou seu poder fluir por suas veias, faíscas vibravam em seus dedos e erguiam seus cabelos, Phobos, que estava se preparando para lançar uma explosão de energia contra Dareen e Kalon, que eram os mais machucados, exclamou de dor quando Devika ergueu a mão, transformando a energia dela em *sua* energia.

Phobos caiu no chão trincando os dentes, Devika deixou que seu Poder se transformasse em poeira luminosa, pequenos vagalumes dourados encheram o recinto, clareando cada canto.

— Você já machucou quem me pertence demais — declarou Devika.

Phobos riu.

— A pequena deusa acordou?

— Sim — respondeu apenas.

A sombra que Devika tinha notado e reconhecido atrás de Phobos tomou a forma do seu animal, que era feito de trevas, mas também de luz. Zane pulou nas costas de Phobos, derrubando-a no chão com um baque e segurando-a no lugar, até que Devika se aproximasse.

O felino veio até sua dona, esfregando o corpo em sua perna, e Devika abaixou a mão para fazer um carinho em sua cabeça, deixando seu Poder fluir para ele e vendo os olhos ficarem ainda mais dourados. Devika entendeu, então, que Zane se alimentava de seu poder, e ela não poderia ligar menos.

— Você fez bem, Zane — falou para ele.

— Você nomeou a sombra? — exclamou Aleena, que se aproximava de Dareen para ajudar a segurar Kalon.

Devika sorriu para ela e em seguida, virou-se para Phobos, erguendo suas mãos, correntes douradas apareceram nas mãos da deusa, e Devika se ajoelhou ao lado dela.

— Chega de usar do medo das pessoas.

— Ele está vindo! — ela exclamou, alto demais. Quase um grito. — Ele está vindo, Devika! Já é tarde.

— Para você.

Devika enfiou a mão no peito dela como já fez tantas vezes antes, para tirar a escuridão de corpos sem almas, e Phobos tinha uma alma, manchada de impurezas que a distorciam e faziam-na feliz por aterrorizar as pessoas. Devika pôde visualizar quantas pessoas Phobos prendeu em pesadelos, como fez com ela naquele mesmo dia que pareceu durar um ano. E ao espalhar sua luz no corpo da deusa, deixar iluminar a noite como se fosse dia e correr por cada canto do corpo de Phobos, sentiu quando a vida da deusa se esgotou e ao retirar a mão, seus olhos estavam parados e fixos no nada.

Devika ofegou, muito cansada de repente, tentou ficar de pé e cambaleou para trás, sendo segurada por Soren. Ele sorriu para a amiga.

— Você foi divina.

Devika não teve tempo de responder, porque Basilius assobiou alto da porta, chamando a atenção deles e dando dois passos para dentro da cabana. Ele ergueu os olhos para os presentes.

— Tem alguém vindo.

Devika olhou para além das árvores, vendo que lá a escuridão se tornava profunda como um oceano, todo resto de luz que pertencia a ela, se apagava assim que a escuridão a tocava, criaturas distorcidas andavam como um exército ao saírem da floresta, e no meio de todos eles,

havia um homem.

Alto. Nobre. Lindo.

Os cabelos dourados caíam ao redor do rosto angelical, os lábios grossos estavam em uma linha reta, e ao encontrar seus olhos, Devika reconheceu os espelhos dos seus e exclamou:

— Pai?

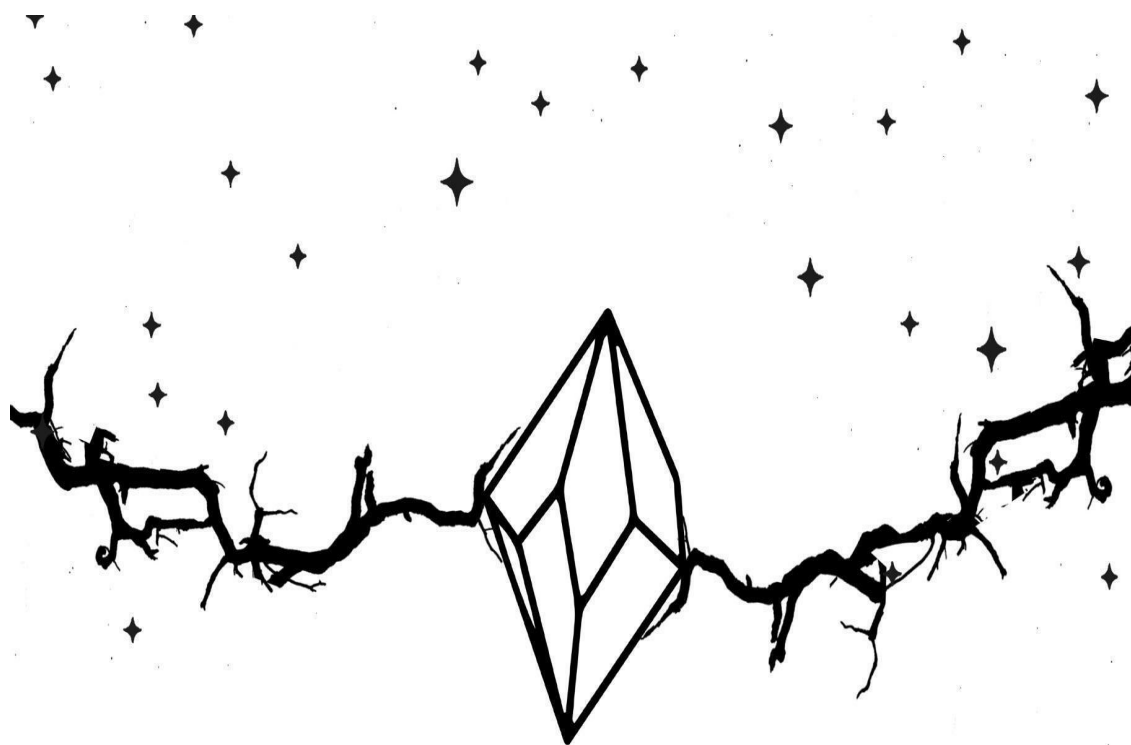
— Devika — sussurrou Kalon, que tinha se aproximado dela com os outros. Uma parede sólida de suporte e proteção ao seu redor. — Aquele...

— Aquele é meu pai, aquele... — Devika tentou andar até ele, hipnotizada e descrente de que aquilo estava acontecendo, mas Soren apertou seu braço.

— **Aquele é Abaddon, o deus das trevas.**

Devika observou novamente o homem a alguns metros dela e tudo que ela via era o rosto de seu pai, aquele que a carregou nos braços e beijou seus machucados, aquele que a ensinou a ver beleza nas pequenas coisas e prometeu que voltaria por ela.

E então, Abaddon olhou diretamente em seus olhos e sorriu para ela.

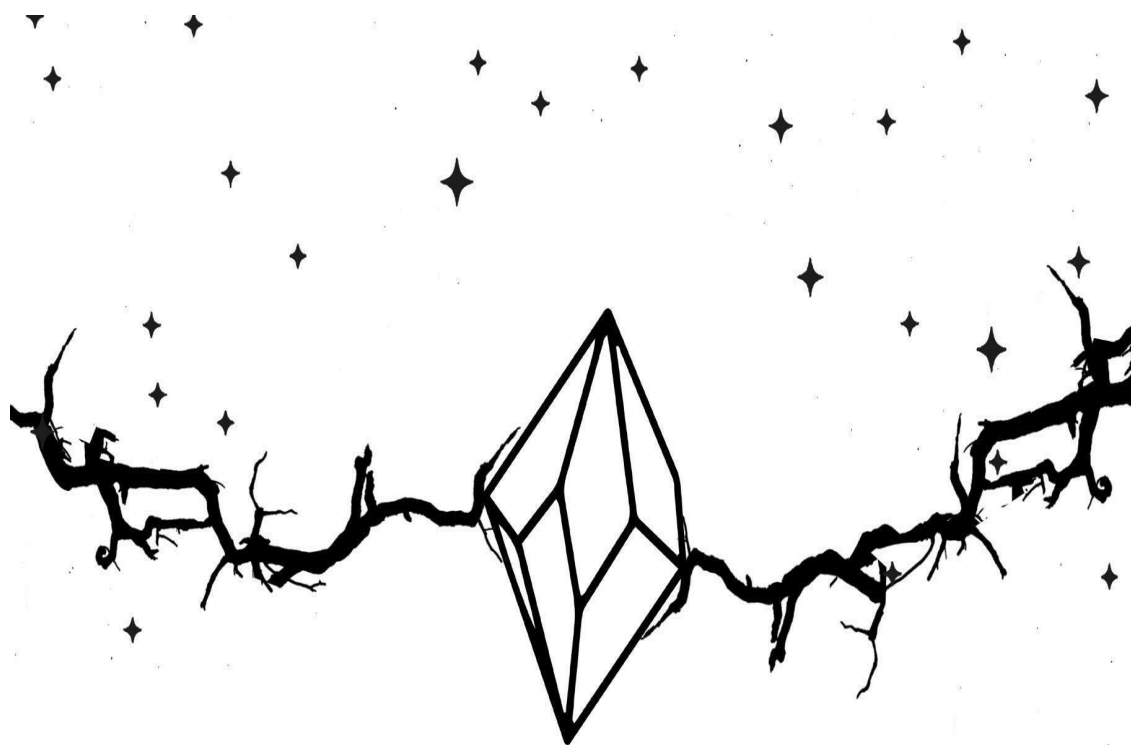


SOBRE A AUTORA:

Nascida em Salvador, Vitória se apaixonou pela escrita aos treze anos com toda a febre de Crepúsculo e finalmente podendo ler a saga de Harry Potter. Começou escrevendo fanfic no Orkut e depois de um tempo decidiu fazer faculdade de Publicidade e Propaganda apenas porque viu Redação na grade curricular.

Sempre foi mais sonhadora do que cabia em uma única cabeça e precisava voltar a colocar as palavras para fora nascendo assim seu primeiro livro oficialmente lançado: Marcada Pelos Deuses.

Vocês podem encontrá-la no seu Instagram de autora: @vidadeautora



AGRADECIMENTOS.

Eu vou tirar logo esse agradecimento da frente, então vamos: vou começar a agradecer a ninguém mais e ninguém menos do que a mim mesma KKKK Vocês não têm noção de como foi difícil tomar o primeiro passo para lançar um livro após tantos anos apenas deixando tudo acumular no computador.

Agora vamos aos agradecimentos de verdade:

Laura, eu não teria outra pessoa para começar agradecendo que não fosse ela porque sem ela não teria nenhum livro. Ela foi minha beta, minha agente, minha design, meu local de desabafo. Me ajudou em absolutamente todos os passos e esteve o tempo todo segurando minha mão para que eu não desistisse, de verdade, eu não tenho palavras o bastante para agradecê-la nem em mil anos. Enquanto eu terminava os detalhes faltando algumas horas para a publicação, Laah estava comigo em ligação, me ajudando, dormindo tarde para adiantar as coisas para mim, foi uma loucura, mas eu fiquei muito feliz e agradecida de não estar totalmente sozinha nisso. Desejo que todos autores tenham uma Laura em sua vida para tornar o caminho mais fácil e uma jornada menos solitária. E mesmo que na dedicatória não esteja seu nome, esse livro é pra você porque eu não sei o que teria feito se estivesse sozinha. Espero que eu consiga fazer tudo que você fez por mim e muito mais quando lançar seus livros e obrigada por ser a

melhor SM que eu poderia ter. Te amo muito.

Ju, que está sempre em mil contas me apoiando, que foi a primeira leitora que tive e está comigo até hoje. Sei que você vai perguntar cadê o hot, mas obrigada por tudo e prometo que no próximo livro vou te chamar para betar também. Te amo.

Mariana, uma fotógrafa melhor eu não poderia pedir, obrigada por ter perguntado dez mil vezes durante os muitos anos de amizade: “cadê seu livro?”. Breno, que vai finalmente ler um livro depois de mil anos KKKK obrigada por torcer por mim mesmo não gostando de ler. E obrigada pelo eterno apoio dos dois sempre, amo vocês.

Meus amigos sobreviventes da faculdade: Damile, Háron e Becca. Vocês não têm noção sobre o que eu escrevo, nem o que era o livro, mas gritavam toda vez que eu dizia estar um passo mais perto de lançar como se estivessem escrevendo juntos. Agradeço todas as conversas, os sonhos profetizando coisas boas - amém - e acima de tudo agradeço por estarem comigo. Amo vocês.

Lor, não esqueci de você que está comigo desde a época de AFNA, muito obrigada pelos anos de amizade.

Para as meninas que ajudaram à esse livro tomar forma: Ste, melhor revisora que eu pudesse sonhar em ter, que me ajudou tanto e apoiou. Muito obrigada. Minha capista, Grazi, maravilhosa e atenciosa que conseguiu realizar o que eu queria, também a Tai, essa ilustradora cheia de talentos que pegou a essência de cada personagem e Andy que sei que vai finalizar esse livro como eu sonho mesmo que ao escrever essa mensagem ainda não tenha visto o resultado final. Obrigada meninas.

E por último, mas não menos importante, para minha mãe que leu uma fanfic minha anos atrás e falou para uma jovem menina que ela escrevia bem (apesar de ter sido uma fanfic muito ruim), amo você.

E para vocês que chegaram até aqui, muito obrigada por terem escolhido meu livro e espero que tenham gostado. Vejo vocês em breve.